CELSO DINIZ NOBRE

# Memórias do Renascer de São Luiz do Paraitinga

GRADUS
EDITORA

Celso Diniz Nobre

# Memórias do Renascer de São Luiz do Paraitinga

GRADUS
EDITORA

GRADUS EDITORA
Escritório - Escritório Regional do Governo/Sala Unesp
Avenida Cruzeiro do Sul, 13. Bauru - SP.
www. GRADUSEDITORA;com

NOBRE, C. D. Memórias do renascer de São Luiz do Paraitinga. 1a ed: Gradus Editora. Selo Memória e Identidade. Bauru, 2026. ISBN: 978-65-81033-92-7.

CDD: 370.00

EQUIPE TÈCNICA:Editor-chefe: Lucas Almeida Dias.
Revisores: Maria Rita Aprile e Rosa Elisa Mirra Barone
Diagramação: Bruno Gogolla
Capa: Lucas Rafael Silva
ISBN: Câmara brasileira do Livro

**Vista da inundação de São Luiz do Paraitinga (2010) –** O Estado de São Paulo - Disponível em: http://blogs.estadao.com.br

**Vista panorâmica de São Luiz do Paraitinga (1950/1960) -** Arquivo da Superintendência do IPHAN – SP.

**Vista parcial de São Luiz do Paraitinga após a reconstrução -** ELEKTRO - Disponível em: <https://ri.elektro.com.br>

---

Todos os Direitos Reservados a GRADUS EDITORA.

*Ao meu pai* ***Diniz de Souza Nobre*** *(in memoriam) que me ensinou a traçar objetivos, mostrando que somente seriam alcançados com muita dedicação e perseverança.*

# Agradecimento Especial

Aos luizenses entrevistados, que me concederam o seu tempo para a realização das entrevistas, me receberam e se dispuseram a compartilhar suas memórias, tão significativas e essenciais na realização do estudo:

***Benito Euclides Campo***

*Olha, se não fosse ajuda de fora, São Luiz não existiria mais! Teve muita colaboração, todas as cidades se mobilizaram, inclusive cidades que não eram da região, emprestando maquinários.* [ ] *Acredito que a inundação trouxe grandes ensinamentos, acho que a população luizense está mais conscienciosa em relação a vários aspectos, a força em termos políticos que o nosso povo teve em muitos momentos da reconstrução, o respeito maior ao meio ambiente, a valorização da nossa cultura e patrimônio.*

***Carmen Nunes Siqueira***

*É a nossa Capelinha reconstruída e agora enfeitada com as luzes!* [ ]*Veja é a nossa São Luiz do Paraitinga renascida! Essa imagem representa a superação de toda a tragédia, que a cidade e os luizenses viveram em 2010.*

***Elena Martha Kacharovsky***

*Essa foto me faz recordar o desespero das pessoas faz naquele dia e dos muitos luizenses que vieram até a porta de casa pedindo uma oração para monsenhor Tarcísio.* [ ] *É a Igreja Matriz totalmente destruída, aos pedaços, realmente é chocante, é de doer o coração, recordar aqueles dias.*

***Hélio Alexandre de Souza***

*Em outro ponto da cidade, crianças estavam receosas de subirem no bote. Parei um instante de remar e comecei a cantar: 'Quem me ensinou a nadar, quem me ensinou a nadar... Foi, foi marinheiro... Foi o peixinho do mar'. Funcionou, pois as crianças foram embarcando no bote.* [ ] *Pratico rafting desde 1998! Depois da enchente nós ficamos conhecidos como anjos do remo ou anjos do rafting.*

***José de Arimatéia***

*Acho que a Igreja Matriz é o lugar de oração, mas também de festa pra toda gente luizense!* [ ] *Com a água na altura que estava não tinha outra maneira de sair sem o pessoal do rafting!*

***Judas Tadeu de Campos***

*Essa imagem de São Luiz é do final dos anos de 1950 e começo dos anos de 1960, eu era garoto nesta época, mas consigo lembrar muitas coisas, essa casa aqui próxima da ponte era do meu bisavô.* [ ] *Essa foto aqui traz dor e tristeza, talvez um dos dias mais tristes que a cidade viveu e que nenhum luizense vai esquecer.*

***Luiz Alberto Polla Baptista***

[...] *a praça é o local de encontro pra nossa população, para paquerar, para bater papo, para festas folclóricas e religiosas, é o nosso ponto de encontro.* [...] *Depois do almoço, aconteceu a queda da Matriz como um todo. Foi tão marcante que até hoje, não esqueço os gritos de desespero das pessoas que estavam do meu lado. O sentimento de dor, de medo e a tristeza eram imensos naquela hora. A cidade estava desaparecendo!*

***Maria Letícia Donizete Galvão***

*Capelinha das Mercês! Nossa, vejo essa imagem e me lembro das comemorações do Domingo Ramos, é o que vem na minha mente!* [ ] *A gente foi para o alto do Morro e não enxergava nada, só água e aí passa um monte de coisa pela cabeça, será que um dia a cidade vai voltar ao normal.* [...]

***Rosa Maria Antunes***

*Senti um aperto no meu peito, tinha algo que estava diferente naquela passagem de ano, os fogos não tiveram o mesmo brilho dos anos anteriores e também não conseguimos assistir toda a queima, porque a chuva não deixou.* [ ] *A lama foi o que mais ficou na minha lembrança, até hoje ainda tem marcas em algumas casas da cidade.*

***Tânia Maria Moradei Gouveia***

*Esta Praça nova representa o recomeçar de São Luiz do Paraitinga.* [...] *A Igreja Matriz é a nossa referência de que a cidade conseguiu ser reconstruída!*

# Prefácio

## Palavras iniciais

*Em boa hora, a Gradus Editora, ampliando o escopo de seus títulos, dá início ao selo "Memória e Identidade", dois eixos fortemente* articulados e presentes no debate acadêmico e em diferentes vivências individuais, coletivas, institucionais e territoriais.

*Sob essa perspectiva, estudos, trabalhos e registros diversos, fundados na memória individual, coletiva e/ou cultural de um grupo, de uma determinada comunidade ou território, ou ainda na memória social e/ou na memória familiar configuram o núcleo da proposta deste Selo. Ademais, abarca também a relação entre os diferentes tipos de memórias e a constituição de identidades, quer local e/ou institucional, dentre outras.*

*Nessa direção, acolhe estudos e trabalhos de diferentes matizes, produzidos por autoras/es com diferentes formações, que expressam, de formas distintas, elementos entre o fato, o dito e o vivido.*

*Ao trazer para o debate a questão da memória, é preciso resgatar aspectos discutidos na literatura, com destaque para as ideias de Bosi* (1994, p. 50)[1] *de que "a memória não é sonho, é trabalho* [...]. *A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual".*

*Importa lembrar que cada um de nós lida com suas memórias de modo parcial, uma vez que se apresentam impregnadas de emoções ou de conhecimentos adquiridos, depois de cada ocorrência.*

*Nessa direção, o direito à memória e de sua preservação é uma forma de promover justiça social e inclusão, aspectos que se articulam à noção de identidade, que se refere a processos socioculturais. Ou seja, o exercício da memória tem implicações na constituição da identidade que decorre de diferentes práticas discursivas e de representação presentes em contextos históricos e sociais específicos.* (Hall, 2006)[2].

*Não é demais lembrar ou relembrar que "a história se distingue da memória por pressupor uma reflexão sobre a distância que nos separa do passado, expressa por meio de um gênero literário chamado historiografia.*

---

1 BOSI, Eclea. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

2 HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade.* Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

*História deriva da palavra grega pesquisa; memória, por sua vez, reporta-se a ritos e cerimônias numa chave eminentemente afetiva".* (Mello e Souza, 2024)[3]

*A obra* ***Memórias do Renascer de São Luiz do Paraitinga****, de Celso Diniz Nobre, que inaugura esta linha de publicações da Gradus Editora, contempla as dimensões de memória e identidade sem perder de vista aspectos fundamentais da história local ancorados em ampla revisão da literatura com destaque para a pesquisa de campo expressa prioritariamente em documentos públicos e em relatos obtidos junto à população por meio de procedimentos metodológicos específicos da história oral.*

*O autor complementa sua investigação com farto material fotográfico, permitindo ao leitor maior imersão no contexto estudado: os impactos da enchente ocorrida no réveillon de 2010, na cidade de São Luiz de Paraitinga, destruindo suas construções históricas e os principais símbolos da cidade, isto é, "edificações que integravam um dos mais importantes conjuntos de fachadas remanescentes do planejamento ilustrado do país".* (Nobre, 2018)[4] *Nesse contexto, grande parte da população foi atingida, conforme os relados coletados pelo autor, vivências ainda presentes nas memórias: individuais e coletiva que conformam e fortalecem a identidade local.*

*O estudo que deu origem a esta obra, ainda que realizado no final da década de 2010, guarda atualidade e centralidade no cenário contemporâneo fortemente marcado pela crise climática e seus efeitos globais e, em especial, na vida de cada cidadão.*

*Parabenizamos o autor e desejamos uma boa leitura a todos e todas!*

*Maria Rita Aprile*

Doutora em Educação – PUCSP
Curadora do Selo Memória e Identidade – Gradus Editora

*Rosa Elisa Mirra Barone*

Doutora em Educação – PUCSP
Curadora do Selo Memória e Identidade – Gradus Editora

*Lucas Almeida Dias*

Geógrafo, Mestre em Educação Escolar – Unesp
Editor Gradus Editora

3 MELLO e SOUZA, Laura. Como brasileira se tornou 1a mulher a receber Prêmio Internacional de História**.** Entrevista concedida a Naief Haddad**.** Ilustradíssima**.** *Folha de São Paulo*. 27 out. 2024.

4 NOBRE, Celso Diniz. *Memórias do Renascer de uma Cidade: São Luiz do Paraitinga após o verão de 2010*. Tese (Doutorado em História Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP, São Paulo, 2018.

# Sumário

**Apresentação** ..... 13

**Introdução** ..... 15

**Capítulo 1 – Memórias, Fontes Orais e Fotográficas** ..... 21

**Capítulo 2 – Memórias de São Luiz do Paraitinga: de Vila a Cidade Patrimônio Cultural** ..... 39

**Capítulo 3 – Memórias de uma Inundação: São Luiz do Paraitinga e a noite em que a cidade desapareceu** ..... 67

**Capítulo 4 – Memórias do Renascer de uma Cidade: São Luiz do Paraitinga após o verão de 2010** ..... 95

**Conclusão** ..... 123

**Referências** ..... 127

**Anexos** ..... 137

# Apresentação

Este livro é resultado do estudo desenvolvido, no período compreendido entre 2015 e 2018, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/ SP, na tese de Doutorado intitulada **Memórias do Renascer de uma Cidade. São Luiz do Paraitinga após o verão de 2010**, sob a orientação da Profa. Dra. Yvone Dias Avelino.

Os primeiros passos para a realização do estudo ocorreram em uma viagem a São Luiz do Paraitinga e na troca de ideias com estudiosos e pesquisadores quanto à viabilidade de um estudo sobre os impactos da enchente de 2010 entre os moradores da cidade. Nessas "trocas", o incentivo recebido sinalizava em à elaboração de um projeto de pesquisa. E para a realização dessa empreitada, foram iniciadas as leituras. E o meu envolvimento com a temática ganhava cada vez mais magnitude, pois a busca por informações tornava o desafio apaixonante e indicava que o caminho a trilhar não tinha volta e seria finalizado somente com a apresentação deste estudo na Banca de Defesa.

Com o projeto elaborado e sendo aceito no Programa de Pós-Graduação em História da PUC/SP, iniciei as leituras e a busca de referências teóricas para o prosseguimento da pesquisa, as quais se ampliavam em diferentes áreas do conhecimento.

Contudo, o incentivo da orientadora veio no sentido de privilegiarmos a pesquisa, prioritariamente a empiria, dada à especificidade do tema, o que nos permitiria coletar um acervo documental que, hoje, se mostraria muito diferente se não tivesse priorizado as entrevistas com as pessoas na "emoção dos fatos acontecidos".

Ao longo do processo, o aprendizado tomou corpo a partir dos depoimentos dos moradores que vivenciaram e enfrentaram as dificuldades decorrentes da enchente que marcou para sempre a vida da cidade. Ao todo, foram realizadas 10 entrevistas com pessoas que vivenciaram, não somente o momento da enchente do réveillon de 2010, mas, e, sobretudo, as consequências daquele evento climático: Benito Euclides Campos, Carmen Nunes Siqueira, Elena Martha Kacharovsky, Hélio Alexandre de Souza, José de Arimatéia, Judas Tadeu de Campos, Luiz Alberto Polla Baptista, Maria Letícia Donizete Galvão, Rosa Maria Antunes e Tânia Maria Moradei Gouveia.

Desnecessário salientar o quanto foi importante para a realização deste estudo a memória dos entrevistados em relação à tragédia vivenciada e superada, bem como seus desdobramentos na identidade constituída ao longo de suas histórias.

Ao mesmo tempo, os depoimentos explicitam a necessidade do cuidado, da atenção e da proposição de ações direcionadas à preservação ambiental frente à urgência da questão climática e considerando as gerações atuais e futuras.

# Introdução

*Fisicamente habitamos um espaço,*
*mas sentimentalmente,*
*somos habitados por uma memória.*

José Saramago, 2008

O encerramento de um ano, bem como as primeiras horas e dias do "Ano Novo", que se inicia, representam momentos significativos na vida das pessoas. Sempre com a expectativa de melhores tempos são realizadas reuniões com amigos e familiares, momento em que os sentimentos se renovam na esperança de um novo ano pautado pela alegria.

Em São Luiz do Paraitinga, na passagem do Ano Novo de 2010, esse clima de alegria podia ser notado nas esquinas da cidade, na praça iluminada, no presépio montado no coreto, na queima de fogos e nos sons musicais que ali se ouviam. Porém, mais tarde, enquanto a cidade adormecia naquela primeira madrugada do novo ano, a natureza preparava-se para entrar em cena de uma maneira que ninguém imaginava ou desejava.

O excessivo volume de chuva, que já havia precipitado em toda a Bacia do Rio Paraitinga, durante o mês de dezembro, acentuara-se na última semana do ano, provocando a elevação do nível das águas. Desse modo, ao romper a alvorada do primeiro dia de 2010, centenas de luizenses já se davam conta que a cidade viveria mais uma das enchentes costumeiras do período chuvoso de verão. Geralmente, bem pacato, o rio estava prestes a causar a maior inundação, já ocorrida na história do município: o rio Paraitinga, que corta toda cidade, incluindo seu Centro Histórico, subiu mais de dez metros acima de seu nível normal.

O relato abaixo faz parte dos muitos que foram divulgados por diferentes mídias e mostra as lembranças e percepções dessa última enchente: a "enchente do réveillon de 2010". O relato descreve, de forma impressionante e dolorosa, o vivido por centenas de pessoas que vivenciaram aquele evento:

> São Luiz do Paraitinga, não existe mais! Os moradores da pequena cidade histórica, no interior de São Paulo, não se cansam de repetir esta frase desde a inundação que castigou a região, a partir da madrugada do dia 1º de janeiro. E, de certa forma, eles não estão errados. [...] – 80% do centro histórico praticamente desapareceram –, especialistas explicam que grande parte do valor do patrimônio foi embora com a enxurrada que jogou a localidade num pesadelo. Da população de pouco mais de doze mil habitantes, cinco mil ficaram desabrigados. O Centro, tombado pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico (Condephaat), ruiu. Duas escolas municipais, o prédio da Prefeitura, Cartórios e Correios,

> além de um dos grandes símbolos do município, a Igreja da Matriz, foram reduzidos a uma ou outra parede mais resistente e a uma enorme pilha de entulho. Ouvíamos dos moradores mais antigos que - na pior enchente de São Luiz - a água chegou ao terceiro degrau da Igreja da Matriz. Dessa vez, a água cobriu o prédio inteiro, e ele veio abaixo. (Leimig, 2010, p 37-40).

Localizada na Serra do Mar, a cerca de 200 km da capital paulista, entre as cidades de Ubatuba e Taubaté, São Luiz do Paraitinga faz parte do conjunto das 39 cidades que compõem a Região do Vale do Paraíba do Sul Paulista e Litoral Norte.[5] A região tem empresas públicas e privadas que desenvolvem tecnologia de ponta, no país, nas áreas aeroespacial, automobilística e química, com atividades industriais ligadas aos setores diversos de aeronáutica, telefonia móvel, automobilístico, petroquímico entre outros. Ao mesmo tempo, está em pleno desenvolvimento também, em algumas cidades do Vale, o turismo dos tipos: ecológico, balneário, histórico e arquitetônico.

**Figura 1 – Localização do Vale do Paraíba do Sul e de São Luiz do Paraitinga**

Fonte: SANTOS, 2015, p. 39.

Nesse cenário, São Luiz do Paraitinga pode ser considerada uma típica cidade de interior brasileiro devido às suas características arquitetônica e histórica e às práticas culturais e religiosas de seus habitantes. O município é reconhecido por dispor do maior conjunto arquitetônico construído nos tempos áureos do café, incluindo algumas fazendas que ainda permanecem conservadas. No que se refere às cheias do rio Paraitinga, há na história da cidade momentos marcantes, como a primeira enchente de que se tem registro e que ocorreu em janeiro de 1863, causando alguns prejuízos, como a destruição de sobrados e de algumas casas.

5 Cf.: figura 1.

Na segunda grande enchente, ocorrida em fevereiro de 1971, os registros mostram a elevação da água do rio em mais de seis metros na região urbana, causando a destruição da ponte que liga São Luiz do Paraitinga a Ubatuba, fato que provocou a interrupção do acesso entre essas cidades por um mês.

Posteriormente, em fevereiro de 1996, as águas do rio chegaram até a Praça da Matriz, tendo sido considerada, até aquele momento, a enchente que causara maiores prejuízos à população. Todavia, em janeiro de 2010, a enchente revelou-se ainda pior, destruindo construções seculares e deixando a cidade em um cenário de destruição e tomada pela lama.

Do conjunto dos 426 imóveis tombados no município, 65 foram danificados, e 16 deles totalmente arruinados. Dentre os atingidos e/ou destruídos, estão os principais símbolos da cidade: a Igreja Matriz de São Luís de Tolosa, do século XIX; a Capela de Nossa Senhora das Mercês, do início do século XVIII; o sobrado do "Grupo Escolar", do século XIX e um sobrado datado de 1858.[6]

Conforme Pereira (2011), as perdas decorrentes da inundação, acima referenciada, não devem ser encaradas apenas em seus aspectos materiais, mas também como perdas da memória de uma comunidade, visto que os bens são o suporte da memória.

Dentre os bens arruinados, encontra-se a Igreja Matriz, um dos principais sustentáculos da identidade luizense e palco de acontecimentos mais marcantes na vida daquelas pessoas. É, na Matriz, que ocorrem reuniões de uma comunidade fortemente católica, as missas de domingo; é o local onde foram batizados, onde se casaram e batizaram seus filhos. Ali, também ocorriam as cerimônias de entrega dos diplomas de conclusão do ensino médio e fundamental. Ou seja, os principais acontecimentos da vida pessoal de cada luizense aconteceram dentro daquela construção.

Dessa forma, é possível considerar que os desabamentos de locais simbólicos para os moradores provocados pela enchente de 2010, tiveram implicações no desaparecimento dos sustentáculos de memória coletiva dessa comunidade. Se até o momento do desmoronamento da Igreja Matriz, a inundação promovia perdas individuais, após a sua queda houve uma grande desaparição coletiva. Além dessas desaparições coletivas, registraram-se, de forma não menos significativa, as perdas individuais de cada luizense.

Os estragos provocados pela água na cidade e os escombros deixados por ela ainda podiam ser visualizados, após alguns anos. Porém, uma visão mais detalhada do que representou a enchente para a população ainda está presente nas lembranças e nas falas dos moradores.

À época deste estudo, foi possível ouvir descrições minuciosas sobre a catástrofe ocorrida em São Luiz. As narrativas possibilitaram reflexões sobre o imaginário e as vivências dos moradores nos primeiros dias, após a inundação, perambulando pelas ruas destruídas, falando sobre suas perdas, sobre a destruição das igrejas, a perda do comércio, a escassez de alimentos e outras situações que vivenciaram. Esses aspectos foram rememorados e estiveram estampados no semblante de uma senhora enquanto relatava a inundação e suas perdas pessoais: objetos, móveis, roupas, livros, fotografias, documentos que carregavam a sua história de vida e de toda sua família.

Esses são aspectos que constituem, segundo Bosi (2003, p. 147-148), objetos biográficos e além de uma sensação estética ou de utilidade, são responsáveis por dar um "assentimento posição" das pessoas no mundo, à sua identidade. Ademais, os objetos que sempre estiveram presentes falam à alma numa língua natal, são objetos que envelhecem com o seu proprietário e se incorporam à sua vida, representando uma experiência vivida, uma aventura afetiva.

Os elementos apontados pela autora contribuíram para reflexões e indagações presentes neste estudo que tem como referência um ponto de vista subjetivo: as memórias da população luizense que viveu a "enchente do réveillon de 2010" em São Luiz do Paraitinga.

Ao refletir sobre a memória, Bosi esclarece que,

6 Dados disponibilizados pelo CERESTA. Disponível em: <www.saoluizdoparaitinga.sp.gov.br>. Acesso em: 21 mar. 2015.

> Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, 'tal como foi', e que se daria no consciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida, que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado, *no presente*, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista. (1998, p. 55).

Ou seja, a memória se constrói com o passar do tempo, utilizando para isso novos fatos e a experiência adquirida. Porém, muitas vezes as memórias são as únicas testemunhas de determinados acontecimentos e, por isso, elas se fazem necessárias para que se possa compreender os fatos em sua maior magnitude, mesmo quando recobertos e retrabalhados de experiências adquiridas.

## Sobre a pesquisa realizada

A partir dos elementos anteriormente destacados, este estudo buscou respostas para algumas questões consideradas significativas no processo de reconstrução e renascimento de São Luiz do Paraitinga: como as memórias do alvorecer do ano de 2010, do dia 1º de janeiro, permaneceram presentes entre os moradores de São Luiz do Paraitinga? Ou seja, em que medida os acontecimentos marcaram a retomada da cidade e a construção dos novos lares?

Dessa forma, buscou-se conhecer e analisar as percepções acerca das perdas e, ao mesmo tempo, compreender como o sentimento de solidariedade em face de toda dor vivida pela população se construiu. A reflexão e análise sobre uma determinada realidade somente pode ocorrer na medida em que se faz conhecida, pois a aparência dos fenômenos nem sempre é a sua essência. É preciso conhecer e estudar a realidade para não só entender, mas para chegar até a sua essência e poder conhecer o sentido de sua transformação.

Esses são os aspectos presentes na justificativa deste estudo fundado, sobretudo, nas memórias e experiências sociais dos moradores de São Luiz de Paraitinga atingidos pela enchente de 2010, recorte que possibilita uma gama de trabalhos e interpretações, como também aproxima o pesquisador da realidade vivenciada por eles. Ao mesmo tempo, possibilita uma reflexão mais elaborada sobre a temática ao buscar compreender como os luizenses interagiram e reagiram aos inúmeros problemas enfrentados durante e após o evento.

Ademais, a realização deste estudo, de certa forma permitiu, e permite, contribuir no resgate e na valorização das memórias pessoais e coletivas dessa comunidade, patrimônio imaterial tão significativo e relevante, quanto ou mais que o tangível e, de modo particular, que os fez ressaltar o que se tem conquistado a cada dia de trabalho na reconstrução do município.

No cenário contemporâneo, a reflexão da temática é relevante socialmente uma vez que as políticas de proteção ao patrimônio no Brasil estão cada vez mais ligadas às práticas sociais e memórias coletivas. De acordo com os pesquisadores Scifone e Ribeiro (2006), a identificação dos valores do bem a ser preservado leva em conta as relações do grupo com o lugar e as práticas socioespaciais.

Nesse sentido, levando em consideração a relevância do debate proposto, vale destacar as ações que orientaram a elaboração do estudo: a identificação e a análise das memórias dos luizenses que vivenciaram a "enchente do réveillon de 2010" e a contribuição e importância dessas memórias para a reconstrução da cidade.

Para sua realização, o estudo contou, inicialmente, com levantamento da bibliografia acerca das reflexões sobre memória e, dentro desse campo, destacam-se as análise paradigmáticas de Maurice Halbwachs (1877-1945); Michael Pollak (1948-1992); Walter Benjamin (1892-1940); Ecléa Bosi (1936-2017) e outros.

No tocante aos pressupostos metodológicos, o estudo insere-se no campo da pesquisa qualitativa. Para obter resultados satisfatórios na pesquisa de campo, foi privilegiada a estratégia de aplicação de entrevista oral e a coleta de relatos pessoais, os quais foram tratados por meio das metodologias qualitativas.

Em relação a essa opção, vale ressaltar, conforme Thompson (2002, p. 197), que "toda fonte histórica derivada da percepção humana é subjetiva, mas apenas a fonte oral permite-nos desafiar essa subjetividade: descolar as camadas de memória, cavar fundo em suas sombras, na expectativa de atingir a verdade oculta".

Ou ainda, como destaca Lang (1996), as fontes orais podem assumir a forma de histórias ou relatos orais de vida, ou depoimentos orais, no que se convencionou resumir às entrevistas. Nas duas primeiras, a referência consta na própria vida e experiência do narrador e, na última, em fatos que presenciou ou sobre os quais detém informações:

> [...] o importante a ressaltar é o fato de que o indivíduo, que conta sua história, ou dá seu relato de vida, não constitui, ele próprio, o objeto de estudo; constitui o relato a matéria-prima para o conhecimento sociológico que busca, através do indivíduo e da realidade por ele vivida, apreender as relações sociais em que se insere em sua dinâmica. (p.37)

A utilização da História Oral como metodologia permite compreender melhor os momentos fundamentais de subjetivismo dentro da história da cidade, fazendo reinterpretações do passado a partir de uma situação motivadora totalmente diferenciada, isto é, o processo de sua reconstrução. Em consonância com as fontes orais, as fontes fotográficas também fazem parte da documentação visual cujo conteúdo é a um só tempo revelador de informações e detonador de emoções. Para o fotógrafo e historiador Boris Kossoy (2001):

> [...] as fontes fotográficas são uma possibilidade de investigação e descoberta que promete frutos na medida em que se tentar sistematizar suas informações, estabelecer metodologias adequadas de pesquisa e análise para a decifração de seus conteúdos e, por consequência, da realidade que os originou. (p.32)

O livro está estruturado em quatro capítulos, além da introdução e da conclusão, O Capítulo 1, "Memórias, Fontes Orais e Fotográficas", apresenta uma reflexão teórica quanto aos aspectos relativos à memória, embasada nas contribuições de diferentes estudiosos e pesquisadores. Trata, também, do debate sobre a relevância da História Oral como metodologia de pesquisa e o seu enlace com as fontes fotográficas. Ainda neste capítulo, destacam-se aspectos do percurso realizado na construção do estudo.

O Capítulo 2, "Memórias de São Luiz do Paraitinga: de Vila à Cidade Patrimônio Cultural", tem como foco aspectos e análise da origem da cidade de São Luiz do Paraitinga, considerando o processo do povoamento "pombalino" e a presença dessa normativa à produção da cidade, mesmo antes de sua fundação, fato esse que mostra como o espaço organizado foi sendo apropriado como suporte de memória da população luizense. A análise visa identificar as diferentes fases econômicas pelas quais passou a cidade, desde a sua fundação até os dias que antecedem a inundação de 2010.

"Memórias de uma Inundação: São Luiz do Paraitinga e a noite em que a cidade desapareceu", título do Capítulo 3, trata da grande enchente de 2010, o episódio considerado até hoje como o mais marcante na história da cidade, um desastre natural que causou imensa destruição. O capítulo apresenta as memórias dos luizenses a respeito da própria inundação, o resgate da população no alvorecer do dia primeiro de janeiro de 2010, e o desabamento do principal símbolo da cidade, a Igreja Matriz São Luiz de Tolosa. Há, ainda, uma análise referente ao "mapa da destruição" e às diferentes perdas.

O Capítulo 4, "Memórias do Renascer de uma Cidade: São Luiz do Paraitinga" após o verão de 2010, tem como eixo a reflexão sobre as memórias dos luizenses no contexto do renascimento da cidade. Para tanto, são analisados os diferentes elementos que contribuíram para a reconstrução de São Luiz do Paraitinga, como as ações de solidariedade, a atuação dos Órgãos Patrimoniais e outras entidades que foram criadas e participaram de todo o processo.

Por fim, a Conclusão, apresenta uma síntese dos temas apresentados e trabalhados e suas articulações com os objetivos elencados para a realização do estudo.

# Capítulo 1

# Memórias, Fontes Orais e Fotográficas

*Relembrar o passado é crucial para*
*nosso sentido de identidade:*
*saber o que fomos confirma o que somos.*

David Lowenthal, 1998

Toda reflexão a respeito de memória adentra um terreno movediço que requer cautela, uma vez que as memórias não estão isoladas do contexto e nem de influências externas, que se tornam manipulações conscientes ou inconscientes a atuar sobre os atos mnemônicos.

Esse processo reflexivo conta com muitas e diferentes definições para o conceito de memória. Ao longo das épocas, o conceito de memória passou por constantes e complexas modificações, variando conforme a esfera histórico-cultural. Ou seja, em cada época a conceituação emoldurou-se sob parâmetros específicos.

Na perspectiva do historiador Henry Rousso (1998),

> [...] seu atributo mais imediato é garantir a continuidade do tempo e permitir resistir à alteridade, ao *tempo que muda* as rupturas que são o destino de toda vida humana; em suma, ela constitui um elemento essencial da identidade, da percepção de si e dos outros. (p. 95)

A pesquisadora Zilda Kessel (2016, p. 4-5), ao focalizar o modo como se concebeu a memória em épocas diferentes, esclarece que essas tentativas de explicação se davam por meio de metáforas compreensíveis, embasadas em conhecimentos característicos de cada momento histórico. Na contemporaneidade, a metáfora do computador tem sido utilizada para explicar como a memória dos humanos funciona. O conceito e, sobretudo, o funcionamento da memória ganhou importantes aportes das Ciências Físicas e Biológicas que, ao lado das Ciências Sociais e da Psicologia, mostram a presença da memória individual e da memória coletiva como um de seus campos de investigação. Nessa perspectiva, conforme Bosi (2003, p. 145-146), os estudos envolvem necessariamente os conceitos de retenção, esquecimento, seleção e, como elaboração a partir de diversos estímulos, a memória é sempre uma construção feita no presente a partir de vivências/experiências ocorridas no passado.

Das reflexões acerca da memória, bem como dos vários aspectos que lhe estão relacionados, como lembranças, percepções, representações, imagens e outros, surgiram, ao longo do século XX, amplas explicações que foram edificadas sobre diferentes bases epistemológicas. Nesse cenário, destacam-se nomes como: Sigmund Freud (1856-1939); Joseph Conrad (1857-1924); Henri Bergson (1859-1941); Marcel Proust (1871-1922); Maurice Halbwachs (1877-1945); Michael Pollak (1948-1992); Pierre Nora (1951), pensadores que se debruçaram sobre seu intricado campo de abrangência.

No Brasil, a obra de referência sobre o tema é "Memória e Sociedade – Lembranças de Velhos", da pesquisadora e psicóloga Ecléa Bosi (1998). Utilizando-se da referência de três autores em seu estudo: Henri Bergson, Maurice Halbwachs e Frederic Bartlett, a autora considera a memória como uma construção social constituída por meio da articulação e relação de diferentes polos, como: indivíduo/sociedade; passado/presente; consciente/inconsciente.

Em seu estudo, Bosi (1998, p. 14) faz uma reflexão acerca das diferentes conceituações a respeito da memória. Detém-se na teoria de Henri Bergson, a qual consiste em provar a espontaneidade e a liberdade da memória em oposição aos "esquemas mecanicistas" que instalam a memória em algum canto escuro do cérebro, fazendo com que o passado se conserve íntegro e independente do espírito, sendo que o seu modo próprio de existência se apresente de uma forma inconsciente.

Pensar a forma como os moradores de São Luiz de Paraitinga contam suas lembranças, particularmente em relação ao vivido na "enchente do réveillon de 2010", o modo como as interpretam em sua vida cotidiana e as articulam ao presente, proporciona um vasto leque de possibilidades para que se compreenda como essas pessoas se vêem no grupo social, e se percebem politicamente em face de todo o processo de destruição, reconstrução e renascimento da cidade.

Para analisar as narrativas dos moradores, este estudo está ancorado em autores que centraram suas reflexões na memória, como: Maurice Halbwachs e Michael Pollak, bem como nas análises de Walter Benjamin sobre o processo narrativo. A escolha por esses autores está alicerçada no fato de eles apostarem em uma dimensão afetiva e também política da memória, considerada, portanto, apropriada a um estudo que tem como foco compreender como a população luizense interagiu e reagiu aos inúmeros problemas enfrentados durante e após o evento.

## Memória Individual e Memória Coletiva

Maurice Halbwachs é o responsável pela introdução da memória como objeto de análises nas Ciências Sociais, tendo publicado, na década de 1920, o livro *Les cadres sociaux de la mémoire* (Os quadros sociais da memória), livro que apresentou um novo objeto de pesquisa para a Sociologia.[7]

Com isso, não apenas a Sociologia ganhava um novo tema de investigação, mas, sobretudo, a memória também encontrava uma nova casa, um novo campo de reflexões para ser pensada, discutida e redefinida. Afinal, no âmbito do pensamento ocidental, a memória já havia ocupado a reflexão de importantes pensadores desde a antiguidade, incluindo filósofos como Aristóteles, Santo Agostinho e Henri Bergson.

Segundo Myrian Sepúlveda dos Santos, no livro "Os quadros sociais da memória" (2003), as bases para a constituição de uma abordagem sociológica sobre o ato de rememoração foi lançada por Halbwachs em uma obra na qual ele realiza algo semelhante ao que Durkheim fizera no livro "O suicídio", ou seja, procura atestar a objetividade das lembranças como fenômeno coletivo por uma abordagem próxima da morfologia social.

As considerações de Halbwachs, em outra obra fundamental: "A memória coletiva" (2006), lançada postumamente na década de 1950, a partir de pesquisas deixadas por ele, também estão presentes nas análises, aqui elaboradas, a noção de que a memória consiste em um fenômeno eminentemente coletivo, ou seja, em vez de ser um fato puramente individual – como o defendido pela filosofia, pela psicologia e pelo senso comum da época – a memória se dá por uma construção social, constituindo-se a partir das relações mantidas entre indivíduos e grupos.

Desse modo, em vez de tratar a memória isoladamente, Halbwachs busca compreendê-la na relação homem-sociedade; não estudando a memória em si, mas os "quadros sociais da memória". Sua análise se

7 Maurice Halbwachs nasceu em Reims (França) em 1877. O sociólogo foi aluno de Henri Bergson durante alguns anos, mas rompeu com seu pensamento filosófico para seguir o próprio caminho em busca da ciência. Posteriormente, se tornou discípulo e colaborador de Émile Durkheim.

detém sobre a herança arquitetônica, de monumentos e também de costumes, se ocupando dos patrimônios materiais e imateriais.

Em sua reflexão, as relações que serão determinadas já não se limitam ao mundo da pessoa, e sim à realidade interpessoal das instituições sociais. Dessa forma, a memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a classe social, a escola, a igreja, a profissão, a família, os grupos de convívio e os grupos de referências peculiares a esse indivíduo.

Nessa perspectiva, pode-se dizer que o ato de lembrar constitui uma ação coletiva, pois, embora o indivíduo seja o memorizador, a memória somente se sustenta no interior de um grupo, de uma "comunidade afetiva". Portanto, a reconstrução do passado irá depender da integração do indivíduo em um grupo social que compartilha suas experiências e é esse grupo que dará sustentação às suas lembranças.

No esquema analítico de Halbwachs, o indivíduo isolado não produz lembranças, ou pelo menos não é capaz de sustentá-las por muito tempo, pois necessita do apoio dos testemunhos de outros para alimentá-las e formatá-las. Assim, a origem dos sentimentos, lembranças e recordações que acreditamos ser individuais na realidade é inspirada pelo grupo. Logo, os indivíduos somente se lembram porque são seres sociais e vivem em conjunto:

> Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em certa quantidade de pessoas que não se confundem. (Halbwachs, 2006, p. 30)

Ao mesmo tempo, segundo esse autor, há uma relação intrínseca entre a memória individual e a memória coletiva, visto que não é possível ao indivíduo recordar lembranças de um grupo com o qual suas lembranças não se identificam. Diz ele:

> Para que nossa memória se auxilie com a dos outros, não basta que eles nos tragam seus depoimentos: é necessário ainda que ela não tenha cessado de concordar com suas memórias e que haja bastante pontos de contato entre uma e as outras para que a lembrança que nos recordam possa ser reconstruída sobre um fundamento comum. Não é suficiente reconstituir peça por peça a imagem de um acontecimento do passado para se obter uma lembrança. É necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente, o que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade. Somente assim podemos compreender que uma lembrança possa ser ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída [...]. (Halbwachs, 2006, p. 34)

Nesse sentido, a constituição da memória de um indivíduo é uma combinação das memórias dos diferentes grupos dos quais ele participa e sofre influência, seja na família, na escola, em um grupo de amigos, seja no ambiente de trabalho. O indivíduo participa, portanto, de dois tipos de memória (individual e coletiva) e isso se dá na medida em que "o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou, mas que toma emprestado de seu ambiente". (Halbwachs, 2006, p. 72)

Ao mesmo tempo, ainda segundo esse autor, "na base de qualquer lembrança haveria o chamamento a um estado de consciência puramente individual" (p.42) que permite a reconstituição do passado, de forma que haja particularidades nas lembranças de cada um. Isso significa que, mesmo fazendo parte de um grupo, o indivíduo não se descaracteriza e consegue distinguir o seu próprio passado.

Na formulação de Halbwachs, a memória é compreendida como construção social, construção que está não somente ligada ao ato de lembrar, mas também ao ato de esquecer. Dessa forma, fatos marcantes retornam ao presente, de maneira nem sempre "clara", todavia presos a um potencial no qual o pesquisador pode

empreender tentativas de adentrar em *memórias subterrâneas*, histórias silenciadas, silenciadas dos registros históricos e por aqueles que escrevem essas memórias, através dessa memória, revisitada.[8]

Embora Halbwachs tenha iniciado suas reflexões sobre a memória entre as décadas de 1920 e 1940, foi somente nos anos 1970 e 1980 que sua obra, então redescoberta, foi revalorizada, efetivando-se como um campo sólido de estudos sobre o tema. Dentre os autores que participaram desse processo, encontra-se Michael Pollak, cujos estudos ocorreram em um momento em que a história procurou encampar a memória como objeto de estudos e fonte de dados.[9]

O conceito de "memórias subterrâneas" é apresentado por Pollak em obra que estabelece um diálogo bem-sucedido entre áreas como a Sociologia, a História e a Psicanálise. Vale destacar que em 1987, em visita ao Brasil, Pollak realizou duas palestras, transformadas e publicadas na forma de artigos, que influenciaram de maneira contundente as pesquisas sobre memórias coletivas no país: "Memória, silêncio e esquecimento" e "Memória e identidade social", cujos pressupostos, ao analisar os processos e atores que influenciam o trabalho de constituição e de formalização da memória, estão presentes nas reflexões, aqui apresentadas.

Em "Memória, silêncio e esquecimento" Pollak destaca e traz à tona a relevância das memórias *subterrâneas* daqueles excluídos pela força de uma memória que se impõe como *oficial*. Diz ele:

> Aplicada à memória coletiva, essa abordagem irá se interessar, portanto pelos processos e atores que intervêm no trabalho de constituição e de formalização das memórias. Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à 'Memória oficial', no caso a memória nacional. [...]. Ao contrário de Maurice Halbwachs, essa abordagem acentua o caráter destruidor, uniformizador e opressor da memória coletiva nacional. Por outro lado, essas memórias subterrâneas que prosseguem seu trabalho de subversão no silêncio e de maneira quase imperceptível afloram em momentos de crise em sobressaltos bruscos e exacerbados. A memória entra em disputa. Os objetos de pesquisa são escolhidos de preferência onde existe conflito e competição entre memórias concorrentes. (1989, p. 4)

Enquanto Halbwachs insinua um processo de conciliação entre a memória coletiva e as memórias individuais por meio de uma espécie de negociação de sua seletividade, resultante da "adesão afetiva do grupo", sendo a memória uma construção social e um fenômeno coletivo, Pollak identifica o seu caráter opressor no âmbito da memória coletiva.

Pollak sublinha que a disputa entre a memória dominante e a memória subterrânea pode ser encontrada na "oposição entre Estado dominador e sociedade civil" e "nas relações entre grupos minoritários e a sociedade englobante". Na sua análise, as memórias dos excluídos estão guardadas e são transmitidas em "redes familiares e de amizades, esperando a hora da verdade e da redistribuição das cartas políticas e ideológicas", podendo emergir de acordo com as desconstruções e reconstruções da memória nacional.

> Essa memória 'proibida' e, portanto 'clandestina' ocupa toda a cena cultural, o setor editorial, os meios de comunicação, o cinema e a pintura, comprovando, caso seja necessário, o fosso que separa de fato a sociedade civil e a ideologia oficial de um partido e de um Estado que pretende a dominação hegemônica. Uma vez rompido o tabu, uma vez que as memórias subterrâneas conseguem invadir o espaço público, reivindicações múltiplas e dificilmente previsíveis se acoplam a essa disputa da memória [...]. (1989, p. 5)

---

8 Acerca dessa questão, Bosi (1998, p. 21) comenta: "Uma lembrança é um diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito [...]. Burilar, lapidar, trabalhar o tempo e nele recriá-lo, constituindo-o como nosso tempo". Nesse sentido, é imprescindível irmos à procura de lembranças e reminiscências.

9 O sociólogo Michael Pollak nasceu em Viena (Áustria), em 1948. Radicado na França, foi pesquisador do *Centre National de Recherches Scienti*fiques (CNRS), ligado ao *Institut d`Histoire du Temps Present* e ao *Groupe de Sociologie Politique et Morale*.

Sob esse prisma, entende-se que memorar é reinterpretar constantemente o passado em razão do presente e também do futuro; e a memória, o resultado de estratégias ou lutas que buscam uma definição para determinadas narrativas, normalmente obscurecidas pela legitimidade de memórias oficiais, que envolve pessoas, grupos e instituições acerca de determinadas categorias sociais.

Com o conceito de "memória subterrânea", o autor enfatiza a perspectiva dos grupos marginalizados e minorias na construção de memórias coletivas e de suas estratégias de sobrevivência. Todavia, longe de querer eternizar o passado, mas sim de entendê-lo como uma construção dinâmica, permeada por representações, lembranças, é possível dizer que a memória se encontra em constante transformação por meio de laços familiares e de amizade.

As memórias têm a finalidade de manter os laços afetivos, reforçando a pertença das pessoas em relação ao seu grupo. De acordo com Pollak (1989):

> A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar [...] em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações etc. A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementaridade, mas também as oposições irredutíveis. Manter a coesão interna e defender as fronteiras daquilo que um grupo tem em comum, em que se inclui o território (no caso de Estados), eis as duas funções essenciais da memória comum. Isso significa fornecer um quadro de referências e de pontos de referência [...]. (p. 9)

O referido autor apresenta, ainda, uma ideia importante para o entendimento dos aspectos que permeiam o estudo da memória: o "trabalho da memória". Com ela, evidencia-se que a experiência se faz com a transmissão oral de geração a geração, que origina o vivido e o favorece com um significado público, compartilhado. Nesse sentido, o passado se cola ao presente: não se trata de um esquecimento propriamente dito, mas da ressignificação da memória no simbólico, nas representações coletivas.

Outro ponto abordado por Pollak refere-se à ligação entre memória e identidade, eixo do artigo "Memória e identidade social" (1992), no qual a memória também é analisada a partir de um viés sociológico. O autor evidencia que a memória, em todos os níveis, é um fenômeno construído social e individualmente e, por isso, tem relação direta com o sentimento de identidade. Esse processo de construção, que pode ser consciente ou inconsciente, ocorre em função das preocupações pessoais e políticas do momento.

Pollak (1992), dá destaque aos elementos constituintes da memória tanto individual quanto coletiva: os acontecimentos, os personagens e os lugares. Conforme argumenta, são considerados acontecimentos tanto aqueles vividos pessoalmente quanto os vividos por associação, ou seja, aqueles vivenciados pelo grupo ou pela coletividade à qual o indivíduo se sente pertencente. As pessoas ou personagens, que podem ser aqueles realmente encontrados no decorrer da vida ou os que indiretamente conhecidos: são aqueles "que não pertenceram necessariamente ao espaço-tempo da pessoa", mas que podem ser sentidos como se seus contemporâneos fossem. Os lugares da memória, por sua vez, são aqueles ligados a uma lembrança, são os locais que estão fora do espaço-tempo da vida de uma pessoa e podem constituir um lugar importante para a memória do grupo e, como decorrência, da própria pessoa, "seja por tabela, seja por pertencimento a esse grupo". (p. 202)

Em síntese, a constituição de memórias envolve não apenas experiências vividas diretamente, mas também experiências herdadas, aprendidas, transmitidas aos indivíduos pelos grupos por meio do processo de socialização. Vale dizer que mesmo acontecimentos, pessoas e lugares que compõem as experiências diretas dos indivíduos e grupos são alterados quando registrados na forma de lembranças, não correspondendo de modo totalmente fiel à realidade. As memórias podem, ainda, envolver elementos que transcendem o espaço-tempo de duração de vida dos indivíduos e grupos, evocando passagens míticas e fantásticas.

Sendo assim, as memórias podem se basear em fatos reais ou não. O processo de constituição das lembranças dá lugar a invenções, confusões, imprecisões, projeções e incoerências, o que pode ou não ocorrer

de modo deliberado; envolvendo ainda silêncios e esquecimentos, que se dão de modo consciente ou inconsciente. A formação de recordações também não precisa se desenvolver a partir de datas precisas: a memória tende a prevalecer sobre a cronologia oficial, apesar de esta última ter relações com interesses políticos, sendo mais bem informada pela historiografia.

Pollak (1992) sublinha, ainda, que a construção da identidade consiste num processo que se produz em referência aos outros e passa por três elementos: a unidade física, a continuidade dentro do tempo e o sentimento de coerência. A unidade física constitui o sentimento de ter fronteiras físicas ou de pertencimento ao grupo; a continuidade dentro do tempo atua no sentido moral e psicológico e o sentimento de coerência serve para tornar evidente o local em que "os diferentes elementos que formam um indivíduo são efetivamente unificados" (p. 203)

Além disso, a construção da identidade passa por critérios de aceitabilidade, de admissibilidade e de credibilidade, que são possíveis apenas por meio da negociação direta com outros sujeitos. Dessa forma, memória e identidade podem ser perfeitamente negociadas e, por isso, são valores disputados em conflitos sociais e intergrupais.

Por fim, o autor também argumenta sobre o conceito de *memória herdada*, ou seja, o fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, muito forte, que pode ocorrer, seja por meio da socialização política ou histórica. Ou seja, para ele, a memória é, em parte, herdada e representa:

> [...] um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coleti- va, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (Pollack,1992, p. 204)

No cerne das questões apresentadas, tanto por Halbwachs (2006) como por Pollak (1992), destaca-se que a memória não é única, mas sim múltipla, complexa, construída muitas vezes pelos silêncios e pelas falas, à medida que a lembrança, assim como, o esquecimento, são elementos constitutivos da memória coletiva.

Nesse sentido, para que se compreenda a memória coletiva e individual junto à população luizense, este estudo utilizou entrevistas e analisou a narrativa de cada sujeito e sua relação com os fatos recordados. Nesse aspecto, o estudo também está ancorado em aspectos do pensamento de Walter Benjamin[10] sobre a arte de narrar sobretudo as ideias presentes no texto "O narrador – considerações sobre a obra de Nikolai Leskov", publicado em 1936.

Benjamin parte do trabalho do escritor Nikolai Leskov para defender a tese de que a arte de narrar histórias está em extinção. De acordo com o autor, os primeiros mestres na arte de narrar podem ser divididos em dois grupos, ou mais precisamente em dois estilos de vida: o narrador viajante, aquele que vem de outros lugares (marinheiro comerciante); e o narrador sedentário, aquele que conhece o lugar em que vive e as tradições desse lugar (camponês).

No entanto, o teórico relembra que foram os artífices que aperfeiçoaram a narrativa elevando-a a arte do homem que sabe dar conselhos, mas evita dar explicações. Desse modo, o narrador relata suas próprias experiências e/ou as experiências dos personagens das histórias que ele conta e as incorpora às experiências de seus ouvintes.

> O senso prático é uma das características de muitos narradores natos [...]. Tudo isso esclarece a natureza da verdadeira narrativa. Ela tem sempre em si, às vezes de forma latente uma dimensão utilitária. Essa utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida - de qualquer maneira, o narrador é um homem que sabe dar conselhos. Mas, se 'dar conselhos' parece hoje algo de antiquado, é porque as experiências estão deixando de ser comunicáveis. (Benjamin, 1994, p. 200)

10 Walter Benjamin nasceu em Berlim, em julho de 1892. Além de filósofo, foi sociólogo e um crítico literário que esteve preocupado com as questões do seu tempo. Sendo judeu, viveu concretamente as perseguições do nazismo. Suicidou-se em 1940, aos 48 anos de idade.

A fim de constatar a dificuldade da sociedade capitalista moderna na troca de experiências, o autor enfatiza o episódio da Primeira Grande Guerra:

> No final da guerra, observou-se que os combatentes voltavam mudos do campo de batalha, não mais ricos, e sim pobres em experiência comunicável. E o que se difundiu dez anos depois, na enxurrada de livros sobre a guerra, não tinha em comum com uma experiência transmitida de boca em boca. (Benjamin, 1994, p. 198)

No decorrer de sua reflexão, o autor nos chama a atenção para o estreito e ingênuo laço que existe na relação entre o narrador e o ouvinte. O narrador vai ao encontro do ouvinte com todos os seus meios expressivos e os orquestra da forma mais precisa e natural, a fim de transmitir a experiência. Contar uma história constitui um gesto de corpo inteiro que busca alcançar a comunidade; sua refinada operação intelectual serve somente ao propósito de utilizar o seu corpo para a transmissão. (Benjamin, 1994, p. 202)

Outro ponto importante na argumentação do autor refere-se à relação entre a narrativa e o trabalho manual. Segundo ele, a narrativa é ela própria uma forma artesanal de comunicação em que o narrador "deixa sua marca" na narrativa contada. Por fim, ressalta que o narrador não elabora suas histórias segundo suas intenções ou suas vivências individuais, mas a história que performa e atualiza é parte de uma cadeia que começou incontáveis gerações antes dele e terminará infinitas gerações depois. (1994, p. 205)

Se a narrativa é concebida por Benjamin como transmissão de experiências entre gerações e baseadas no movimento coletivo de tradições, de sensibilidades, na relação do narrado com o vivido, é possível inferir que não há possibilidade de narrativa sem memória.

Ademais, o autor sublinha que a memória é a "mais épica de todas as faculdades", provocando o surgimento não de "lembranças", organizadas por uma temporalidade única e linear e ordenando os acontecimentos, nem como um sentido único de verdade, e sim de "reminiscências" que rompem a sucessão cronológica dos fatos.

Dessa forma, as contribuições trazidas por Halbwachs, Pollak e Benjamim apresentam discussões extremamente pertinentes para uma reflexão sobre a memória coletiva na atualidade, os percursos para a sua compreensão bem como os diferentes e complexos sentidos que os grupos atribuem às suas experiências.

Esses elementos, além de contribuírem para a compreensão e entendimento das memórias de uma população que viveu e sobreviveu a uma enchente, possibilita aprofundar a reflexão sobre a importância dessas memórias no processo de reconstrução da cidade de São Luiz do Paraitinga.

Dessa forma, e considerando que o objeto de pesquisa deste estudo está focado nas memórias da população luizense, as narrativas foram priorizadas. Partindo dessa premissa, a aplicação da metodologia de trabalho da História Oral tornou-se um caminho natural para a elaboração do estudo. Trabalhar com essa metodologia indica, sobretudo, a opção pela não rendição a uma história totalizante a partir dos depoimentos e tampouco provar uma verdade absoluta. Antes, consiste em dar espaço aos sujeitos anônimos da História. É estar preparado para compreender que nem sempre o ato de rememorar reside numa ação saudável e positiva ao sujeito, pois pode trazer dores e sofrimentos. É escrever a história sem sacramentar certezas, mas diminuindo o campo das dúvidas.

Assim, tanto o uso da História Oral quanto o das narrativas que dela se originam, estimulam a escrita de uma História que não é a representação exata do que existiu ou aconteceu, mas que se empenha em propor uma inteligibilidade (Chartier, 2002, p,276-277) para compreender a forma como o passado chega até o presente.

## História Oral como metodologia de pesquisa

De acordo com Alberti (2005, p. 155-156), não constitui novidade a estratégia de ouvir atores ou testemunhas de determinados acontecimentos ou conjunturas para que possamos compreendê-los melhor: Heródoto, Tucídides e Políbio, historiadores da Antiguidade, já utilizam esse procedimento para escrever acontecimentos de sua época.

Na contemporaneidade, a História Oral surge na Universidade de Columbia, nos Estados Unidos, em fins da década de 1940, como um projeto para registro da memória de pessoas consideradas importantes na história do país. A partir desse marco, diferentes tendências se delinearam, como as pesquisas que se restringiam à área da ciência política, por meio do estudo dos "notáveis", e a história dos "excluídos", pelo resgate da memória e da experiência de grupos à margem da história escrita.

> De toda forma, a ideia de história oral como história dos excluídos expandiu-se para outros países, ganhando adeptos na Inglaterra. [...] A história oral deveria se afirmar como uma contra-história, operando uma inversão radical nos métodos e objetos consagrados. [...] A penetração da história oral na comunidade dos historiadores, apesar de alguns pontos de afinidade com a nova história, que valorizava o estudo dos excluídos, continuou, porém enfrentando fortes resistências. É verdade que nos EUA e na Inglaterra, o uso das fontes orais encontrou maior aceitação, proporcionando o desenvolvimento de uma linha expressiva de trabalho voltada para o estudo das classes trabalhadoras e das minorias. (Ferreira, 2002, p. 324-325)

No Brasil, a História Oral ganhou destaque em meados da década de 1970, tendo maior desenvolvimento após 1983, com a redemocratização do país. O primeiro passo, dado pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), a qual, em 1975, criou um programa de História Oral junto ao Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea (CPDOC), cujo objetivo consistia em obter depoimentos de líderes políticos que atuaram a partir da década de 1920. Por isso, o caminho da construção da História Oral no Brasil não tem como não passar pelas experiências acumuladas pela FGV, cujo acervo conta, hoje, com cerca de duas mil entrevistas, que contabilizam mais de seis mil horas de gravação. (FGV, CPDOC, 2016)

Ao longo da década de 1980, segundo Ferreira e Amado (1998, p. 17-18), formaram-se núcleos de pesquisa e programas de História Oral voltados a diferentes objetos e temas de estudos. Entre 1988 e 1989, um levantamento realizado pelo CPDOC revelou a existência de pelo menos 21 instituições de pesquisa que se dedicavam a trabalhos com História Oral em dez Estados diferentes: Bahia, Distrito Federal, Ceará, Minas Gerais, Pará, Pernambuco, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Santa Catarina e São Paulo. O crescimento continuou nas décadas posteriores e os debates sobre as fontes orais intensificaram-se, tanto que os congressos sobre o tema se tornaram recorrentes.

Em 1994, durante o II encontro Nacional de História Oral, realizado no Rio de Janeiro, criou-se a Associação Brasileira de História Oral (ABHO). Atualmente, a ABHO tem membros de todas as regiões do país e se reúne periodicamente em encontros regionais e nacionais. Dois anos depois, em 1996, criou-se a Associação Internacional de História Oral (IOHA - International Oral History Association), que realiza congressos bianuais.

Conforme destacado por Penna (2005, p. 234-235), houve diferentes classificações para a terminologia História Oral, como método, técnica e teoria, no entanto, há um consenso no meio acadêmico em classificá-la como uma metodologia de pesquisa.

> A História Oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador à fita. Ela consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam acontecimentos e conjunturas do passado e do presente. (Alberti, 2005, p. 155)

Ao mesmo tempo, são muitas as potencialidades da História Oral, como destacam diferentes autores. Paul Thompson (2002, p. 9) afirma que se trata da "interpretação da História e das mutáveis sociedades e culturas através da escuta das pessoas e do registro de suas lembranças e experiências". Raphael Samuel (1990), por sua vez, evidencia a importância da história oral. Diz ele:

> Documentos não podem responder; nem depois de um certo ponto, eles podem ser instigados a esclarecer, em maiores detalhes o que querem dizer, dar mais exemplos, levar em conta exceções, ou explicar discrepância aparentes na documentação que sobrevive. A evidência oral, por outro lado, é infindável, somente limitada pelo número de sobreviventes, pela ingenuidade das perguntas do historiador e pela sua paciência e tato. (p.230)

Mesmo considerando que as potencialidades da História Oral são muitas, seus limites também não podem ser esquecidos, em particular o cuidado sempre necessário na adoção dos procedimentos de pesquisa. A respeito desses limites, Delgado (2010), enfatiza :

> [...] aplicabilidade da metodologia somente as épocas contemporâneas, a história do tempo presente, o predomínio da subjetividade, a influência da conjuntura sobre o documento produzido e a dificuldade de se registrar expressões de rosto e emoções no documento escrito decorrente da entrevista. (p. 19-20)

Esses limites, no entanto, não obscurecem ou desqualificam a sua potencialidade e sua riqueza informativa e interpretativa, mas desafiam e estimulam os pesquisadores que se propõem a trabalhar com História Oral.

Usualmente, os manuais, livros e artigos que se referem aos procedimentos relativos à História Oral identificam dois tipos de entrevista como as mais utilizadas em pesquisas ou projetos de pesquisa que produzem fontes orais: *depoimentos de história de vida e entrevistas temáticas*.

Delgado (2010) apresenta a distinção entre esses dois tipos de entrevistas:

> ***História de vida*** constitui-se por depoimentos aprofundados [...], que objetivam reconstruir, através do diálogo do entrevistador com o entrevistado, a trajetória de vida de determinado sujeito, desde a sua infância até os dias presentes. ***Entrevistas temáticas*** que se referem às experiências ou processos específicos vividos ou testemunhados pelos entrevistados. (p. 21-22) (grifos nossos).

Na realização deste estudo, priorizou-se a realização de entrevistas temáticas, voltadas à investigação das experiências vividas com a inundação. Contudo, em alguns momentos, os depoimentos e as memórias dos entrevistados se mostraram interligados com suas histórias de vida, pois rememoravam a São Luiz do Paraitinga onde nasceram, cresceram ou vivem, há muitos anos.

Dessa forma, vale destacar que os procedimentos para a execução das entrevistas temáticas estiveram pautados na metodologia desenvolvida por Alberti (2013), detalhada em seu Manual de História Oral, segundo a qual o trabalho de produção das fontes orais pode ser divido em três momentos: a preparação das entrevistas, sua realização e seu tratamento. (p. 167)

Cada um desses momentos possui especificidades que devem ser consideradas: o primeiro envolve a elaboração de um roteiro geral de entrevistas e permite preparar as entrevistas individuais; o segundo caracteriza a própria narrativa, que deve ser incentivada por perguntas simples e diretas, além da utilização de um gravador ou câmera; o uso de fotografias e recortes de jornais pode ser útil para reavivar a lembrança sobre acontecimentos passados; o terceiro corresponde ao tratamento a ser dado às entrevistas, e envolve a duplicação da gravação, o trabalho de transcrição e a interpretação e análise das narrativas.

Em consonância com as fontes orais e com respaldo em Alberti (2005, p. 178-179) quanto ao uso de fotografias nas entrevistas, também foram utilizadas fontes fotográficas, visto constituírem uma intrigante documentação visual cujo conteúdo tem o poder de trazer à tona lembranças, sentimentos e histórias, sendo um importante instrumento de pesquisa à recuperação da memória e ao conhecimento do passado.

A importância e o valor dos registros imagéticos na pesquisa histórica são ressaltados por Novaes (2005):

> Imagens, tais como textos, são artefatos culturais. É nesse sentido que a produção e análise dos registros fotográficos, fílmicos e videográficos podem permitir a reconstrução da história cultural de grupos sociais, bem como um melhor entendimento de processos de mudança social, do impacto das frentes econômicas e da dinâmica das relações internéticas. Arquivos de imagens e imagens contemporâneas coletadas em pesquisa de campo podem e devem ser utilizados como fontes que conectam os dados à tradição oral e à memória dos grupos estudados. (p. 110-111).

Kossoy (2005) também dá destaque à relevância do registro fotográfico em relação ao tempo:

> As fotografias, em geral, sobrevivem após o desaparecimento físico do referente que as originou: são os elos documentais e afetivos que perpetuam a memória. A cena gravada na imagem não se repetirá jamais. O momento vivido, congelado pelo registro fotográfico, é irreversível. Os personagens retratados envelhecem e morrem, os cenários se modificam se transfiguram e também desaparecem. O mesmo ocorre com os autores fotógrafos e seus equipamentos. De todo o processo, somente a fotografia sobrevive [...]. (p. 39-40)

Significa, pois, que a fotografia proporciona o transporte da recordação da memória para o real. Ela propicia relações múltiplas: realidade e representações, passado e presente, sujeitos e observadores. Assim, percebe-se as fotos como produto social, ou seja, elas viabilizam o passado e a identidade das relações sociais dos indivíduos.

Nesse sentido, a adoção de fontes fotográficas apresenta-se bastante cabível para melhor compreender as memórias e percepções dos luizenses que viveram a "enchente do réveillon de 2010".

## Os elos entre as fontes orais e as fontes fotográficas

O advento da Revolução Industrial com o intenso desenvolvimento das Ciências possibilitou o surgimento de processos de transformação econômica, social e cultural, explicitados em uma série de inventos que influenciariam sobremaneira os rumos da história moderna. Inserida nesse contexto, a fotografia também surgia e teve papel fundamental como possibilidade inovadora de informação e conhecimento, instrumento de apoio à pesquisa nos diferentes campos da ciência, além de representar uma forma de expressão artística que provocou nova forma de ver o mundo e de o próprio mundo ser.

> A fotografia, do grego 'photos' (luz) e 'graphos' (gravação), nasceu de antigas experiências de alquimistas e químicos quanto à ação da luz. Em 1826, depois de anos de tentativas, Joseph-Nicéphore Niepce produziu a primeira fotografia do mundo, tirada da janela de sua casa. Dez anos mais tarde Louis-Jacques Mandé Daguerre lançou o daguerreótipo, processo em que uma placa de cobre prateada e polida, submetida a vapores de iodo, formava uma camada de iodeto de prata. Exposta à luz numa câmara escura, essa placa era revelada em vapor de mercúrio aquecido, que aderia às partes onde a luz incidia e mostrava as imagens [...]. (Krause, 2003, p. 247)

A fotografia nasceu cara e trabalhosa e, conforme Gisele Freund (1976), a exposição para a sensibilização das chapas metálicas do daguerreótipo poderia durar até meia hora; por isso, inicialmente o invento era consumido unicamente por alguns ricos aficionados e pensadores que podiam adquirir esse "luxo".

> O procedimento de Daguerre era bastante desconfortável. Em primeiro lugar a placa metálica, sensibilizada pela luz, não podia ser utilizada sem uma prévia exposição a vapores de iodo. A dificuldade principal consistia em que não se podia preparar a placa um pouco mais que antes de usá-la e tinha que ser revelada em seguida depois da exposição à luz solar. (p. 29)

Além de não produzir cópias, e sim uma única imagem por exposição, o equipamento era pesado, podendo chegar a pesar 50 quilogramas, e naquele período o gênero de maior demanda era o retrato. No final de 1839, os primeiros aperfeiçoamentos fizeram com que o peso diminuísse para 14 quilogramas e, em 1840, inventores conseguiram reduzir os custos. Freund (1976, p. 30) aponta que "as placas que um ano antes foram vendidas por 3 a 4 francos, custavam agora de 1 a 1,5 francos".

O desenvolvimento e o aperfeiçoamento dos processos fotográficos foram motivados pelo desejo de obtenção de uma imagem permanente, um registro que guardasse com sucesso um fragmento de tempo, um acontecimento ou aspecto familiar: fotografa-se para reter a realidade, uma parte do passado, como se fosse possível reter o tempo e denegar a morte.

Assim, desde a sua invenção, a fotografia tem se prestado ao registro amplo da experiência humana. A memória do homem e de suas realizações tem se mantido sob as mais diferentes formas e meios graças às aplicações da imagem fotográfica ao longo dos últimos 180 anos.

Todavia, apesar de a fotografia representar o que se chama de "memória cristalizada", sua objetividade reside apenas nas aparências, pois as imagens pouco podem transmitir quando seu contexto é desconhecido, conforme destacado por Kossay (2012, p. 153): "Efetivamente não há como avaliar a importância de tais imagens se não existir o esforço em conhecer e compreender o momento histórico pontilhado de nuanças nebulosas em que aquelas imagens foram geradas". Para o autor, a fotografia é um meio de informação sobre o mundo e a vida, sem que, contudo, se possa avaliar a importância da imagem se o indivíduo não a compreender em seu contexto histórico. Vale destacar que o fato de a imagem registrada pela foto ter importância para quem faz parte dela, no momento da foto, não quer dizer que os sentidos presentes nela não sejam relevantes também a outras pessoas.

A fotografia funciona nas mentes como uma espécie de passado preservado, onde a cena é congelada. Lembranças de um momento carregado de conteúdos simbólicos significativos. Ademais, toda fotografia está relacionada ao passado, mesmo aquelas tiradas há poucos dias, pois esse momento vivido não voltará e ficarão apenas registrados na memória ou em forma impressa para a posteridade. Sobre esse aspecto, Etienne Samain (1998) destaca que:

> O aparente da vida registrado na imagem fotográfica pode assim, de quando em quando, deixar de ser unicamente a referência e reassumir a sua condição anterior de existência. O princípio de uma viagem no tempo em que a história particular de cada um é restaurada e revivida na solidão da mente e dos sentimentos. São em geral viagens de curta duração e de marcada emoção; muitas vezes, nos flagramos nessas viagens imaginárias. (p. 45)

Pelo exposto, é possível dizer que a fotografia tem uma série de objetos simbólicos, os quais, todavia, para o indivíduo que não está envolvido na cena não têm qualquer significado. O autor destaca ainda que a representação fotográfica pode, ainda, ultrapassar o caráter afetivo que o retrato mantém por meio de "uma espécie de alucinação na qual a foto adquire vida [...]" (p. 45-46) e, nesse momento, a representação passa a ser ilusão de presença.

A realidade gravada na fotografia se torna a passagem de um momento, da memória do indivíduo, dos costumes, de um fato social, da comunidade ou simplesmente da beleza da natureza. E a pesquisa bibliográfica realizada para este estudo sobre a utilização dos registros fotográficos aliados às fontes orais reforçou que tal proposta está presente em trabalhos desenvolvidos e utilizados por autores das áreas de Comunicação, Antropologia, Sociologia e História.

Dentre esses autores, destaca-se John Collier Junior (1973) que dedicou um capítulo de sua obra "Antropologia visual: a fotografia como método de pesquisa", ao uso de imagens fotográficas durante entrevistas com indivíduos dos grupos pesquisados, focando suas contribuições para os estudos antropológicos. As fotografias, segundo o autor, permitem aos indivíduos contarem a sua própria história espontaneamente, fazendo jorrar um fluxo de informações sobre personalidades, lugares, vivências e artefatos.

> As fotografias estimulam a memória e dão à entrevista um caráter de proximidade com os objetos. O informante regressa a seu barco de pesca, a seu trabalho com as madeiras, ou à realidade de uma habilidade. A oportunidade projetiva das fotografias oferece um sentido agradável de auto-expressão, enquanto o informante é capaz de explicar e identificar o conteúdo e instruir o entrevistador com seu conhecimento. As fotografias apresentadas habilidosamente evitam que o informante se desvie da área de pesquisa. Sem a pressão das palavras, uma outra fotografia retirada de sua maleta trará a conversa de volta para o campo de seu estudo. A foto-entrevista permite uma conversa bastante estruturada sem qualquer efeito inibidor de questionários ou inquéritos verbais constrangentes. (Collier JR, 1973, p. 70)

Ao mesmo tempo, o pesquisador questiona o potencial de qualquer fotografia para uma interpretação significante indagando sobre suas qualidades uma vez que "[ ] quanto mais ricas as fotografias, mais intensa será a reação potencial da resposta projetiva". (p. 72) Afirma, ainda, que entrevistas em grupos podem afetam a qualidade das respostas, possivelmente inibindo a associação emocional dos indivíduos e podendo gerar uma competição entre os participantes.

Collier JR ressalta também que a imagem fotográfica está carregada de um material emocional inesperado que desencadeia um sentimento intenso e divulga a verdade:

> É provavelmente mais difícil mentir diante de uma fotografia do que mentir numa reposta a uma pergunta oral, pois as cenas fotográficas podem causar os sentimentos mais violentos que se revelam no comportamento, no rubor das faces, no silêncio tenso ou nas explosões verbais. As qualidades temáticas que podem ser encontradas no conteúdo fotográfico, nos estudos básicos da vida do informante, evocam declarações emocionais de valor – um 'sim' ou 'não' categóricos. [...]. A foto mais inocente pode criar uma explosão que muda totalmente o caráter da entrevista. (1973, p. 97)

Quanto ao olhar sociológico sobre história oral, o trabalho intitulado "Associação da fotografia aos relatos orais na reconstituição histórico-sociológica da memória familiar", de Maria Christina de Souza Campos e fruto do projeto "Família: Representação e Autoridade", realizado em 1988, apresenta importantes considerações. Nesse estudo, a autora trata das relações familiares nas três primeiras décadas do século XX, em São Paulo, e utiliza a fotografia como técnica de coleta de dados, associando-a ao relato oral de idosos, além da documentação sobre o período. Diz ela:

> É a partir da conceituação do registro fotográfico como ambíguo que podemos compreender a sua riqueza e as suas várias utilizações, uma dupla compreensão, não só como fonte documental de uma época e de um espaço social, nas pesquisas em História, mas também como técnica e fonte de dados em uma pesquisa em Sociologia. À ciência sociológica não interessa analisar um documento frio, que retrata um momento único do passado que o antecede e o vai suceder, além de conter também um contexto de ordem sociocultural implicitamente presente em toda fotografia. (1992, p. 103)

Os estudos de Miriam Moreira Leite mostram também que ao olhar uma imagem não é apenas a ela que se vê, mas outras que se desencadeiam na memória. A partir de uma amostra documental representativa, de álbuns de famílias de imigrantes que chegaram a São Paulo entre 1890 e 1930, a autora desenvolveu um projeto no qual classificou e analisou fotografias, isoladas e em conjunto, coletando depoimentos dos retratados e de seus descendentes. Em seu trabalho, Leite (2001, p.43) explicitou que para esse tipo de pesquisa, há dificuldade de compreensão da imagem por parte de alguém que desconhece elementos representados e a diferença da memória imagem e da memória palavra; além da substituição da segunda pela primeira, quando o entrevistado se lembra da foto, porém não do acontecimento em si: "o texto verbal e o visual são polissêmicos e complementares, sendo cada um mais adequado a determinadas utilizações".

Mais recentemente, no estudo[11], vencedor do Prêmio Capes de Teses, 2010, na área de Ciências Sociais Aplicadas, a pesquisadora e jornalista Fabiana Bruno, que utilizou fotografias de depoentes selecionados para construir o que chamou de *Fotobiografias* destaca que:

> As fotobiografias de pessoas idosas apresentadas nesta tese nasceram de uma proposta metodológica a qual, sem desprezar o verbal, priorizou e deu confiança ao trabalho das imagens. Por serem carregadas de memórias, elas, as imagens, puderam diferentemente do verbal, 'refletir' e 'pensar', 'redescobrir', e 'esquecer', a memória de pessoas idosas. (2009, p. VII)

11 Para detalhamento sobre a tese "Fotobiografia: Por uma metodologia da estética em antropologia" consultar: https://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalhe/470077

O referido estudo teve como propósito oferecer princípios de uma reflexão metodológica em torno das memórias dos idosos, a partir de dois suportes da comunicação: a imagem e a palavra, "a visualidade exposta por meio de imagens guardadas nos 'baús fotográfica' e a verbalidade, oriunda e concretizada a partir de entrevistas". (p. 14)

A pesquisa possibilitou à autora "desvendar a riqueza metodológica da articulação da fotografia com o registro verbal". E as experiências, "até então cravadas no silêncio singular da fotografia, foram se rompendo pelo desvendamento e voz que emergem da memória da pessoa idosa". Algumas imagens, segundo ela, fizeram "'reaparecer', 'ascender' determinadas fotografias por meio de seus comentários, enquanto outras permaneciam como 'esquecidas', 'apagadas' em suas memórias". (p. 28-41)

Ao final do trabalho de campo, que contou com registro em áudio, anotações de diário de campo e eventuais registros fotográficos, a autora realizou filmagens em vídeo dos informantes com suas fotografias, "potencializando" possíveis resultados em torno do processo de escolha e montagem.

Ir além do fato representado pela fotografia, acrescentando novas imagens, lembranças e histórias, constitui objeto de interesse acadêmico do grupo de pesquisa "Comunicação e História", da Universidade Estadual de Londrina (UEL) Esse grupo, além de dedicar-se ao estudo histórico e às trajetórias recentes de municípios paranaenses e paulistas, desenvolveu uma metodologia que alia a fotografia à história oral, transformando-as em ferramentas para a obtenção de novas informações históricas que, em depoimentos comuns, sem o registro imagético, poderiam ficar à margem da memória.

Tal metodologia foi formalizada por Maria Luísa Hoffmann, em sua dissertação de mestrado em Comunicação, intitulada "Guardião de Imagens: 'memórias fotográficas' e a relação de pertencimento de um pioneiro com Londrina", apresentada em 2010. Nesse trabalho, a autora analisa as lembranças individuais do pioneiro londrinense - Omeletino Benatto, promovendo uma discussão sobre memória, identidade e pertencimento.

Integra o rol de estudos realizados no grupo, a dissertação de Mestrado de Juliana de Oliveira Teixeira, que ao utilizar a *fotografia como disparadora do gatilho da memória*, possibilitou inúmeras discussões em torno de sua prática. Segundo Teixeira (2013, p.72):

> [...] a aplicação da fotografia como disparadora do gatilho da memória envolve três procedimentos metodológicos principais: a pesquisa com fontes documentais, a análise e seleção de fotografias produzidas durante o período estudado e a aplicação da história oral.

No estudo, a pesquisadora descreveu minuciosamente o seu trabalho de campo, assim como os critérios para a escolha das fontes orais e imagéticas, e argumenta que o "método, de atuação interdisciplinar, é capaz de trazer um mosaico de perspectivas diferentes, contribuindo para o estudo da memória". (p. 189)

Diante do exposto e pela contribuição trazida de cada um dos estudos analisados para o desenvolvimento de pesquisas com foco no tema da memória, é possível afirmar que o enlace entre as fontes fotográficas e as entrevistas na constituição do documento oral se apresenta como uma proposta de investigação, no mínimo, acolhedora; visto que permite ao pesquisador utilizar diferentes técnicas para aprofundar o conhecimento de um determinado fenômeno em estudo, e, sem perder o cuidado com o registro das entrevistas, usar gravadores de vídeo e áudio, aparatos que legitimam a fonte oral como evidência.

Dessa forma, vale reforçar que todas essas leituras e reflexões teóricas se mostraram fundamentais para o encaminhamento deste estudo.

## O percurso da pesquisa

Os primeiros passos para a realização deste estudo ocorreram em uma viagem a São Luiz do Paraitinga e na troca de ideias com estudiosos e pesquisadores quanto à viabilidade de um estudo sobre os impactos da enchente de 2010 entre os moradores da cidade. Nessas "trocas", o incentivo recebido sinalizava na direção da elaboração de um projeto de pesquisa. E para a realização dessa empreitada, foram iniciadas as leituras e o meu

envolvimento com a temática ganhava cada vez mais magnitude, pois a busca por mais informações tornava o desafio uma vivência apaixonante e indicava que o caminho a trilhar não tinha volta e seria finali- zado somente com a apresentação deste estudo na Banca de Defesa.

Com o projeto elaborado e sendo aceito no Programa de Pós-Graduadção em História da PUC-SP, iniciei as leituras e a busca de referências teóricas para o prosseguimento da pesquisa, as quais se ampliavam em diferentes áreas do conhecimento.

Contudo, o incentivo da orientadora veio no sentido de privilegiarmos a pesquisa – a empiria prioritariamente –, dada a especificidade do tema, o que nos permitiria coletar um acervo documental que, hoje, se mostraria muito diferente, se não tivéssemos priorizado as entrevistas com as pessoas na "emoção dos fatos acontecidos".

Em síntese, vale reiterar que a História Oral surgiu como metodologia primordial para a reconstituição ou, ao menos, a aproximação de muitos registros que se perderam com a inundação. Mas não apenas como um trabalho "arqueológico", de reconstituição, e sim de recuperação de referências para repensarmos o presente e o processo de reorganização da vida de uma comunidade.

As teses, dissertações, publicações de artigos de pesquisadores, reportagens e análises sobre os acontecimentos, dezenas de fotografias, documentários, que surgiam logo após a inundação, e que continuam sendo produzidos, tornaram-se verdadeiros "tesouros", sendo esses registros e sua organização a base documen- tal deste estudo.

Após a fase do levantamento bibliográfico e da análise documental, ocorreram duas ações, realizadas concomitantemente: a) a escolha das imagens utilizadas nas entrevistas, que contribuiriam para disparar o *gatilho da memória* dos entrevistados ao *mergulharem* nas realidades fotográficas; b) a elaboração da ficha/roteiro de entrevistas a ser usado no trabalho de campo.

O processo de pesquisa e seleção das fotografias ocorreu nos dois primeiros anos da pesquisa (2014-2015), e se realizou em diferentes sítios (institucionais, informativos, comunitários e outros), nos quais foi possível levantar aproximadamente 50 imagens. Desse conjunto de imagens, foram excluídas as que não estavam nítidas, quando colocadas em formato maior, outras demasiadamente parecidas e aquelas que não tinham nenhuma informação. Restaram, assim, 15 imagens, constituindo um portfólio de fotografias no formato 13x18cm, com o qual foram realizadas as entrevistas.

Cabe destacarmos que o conjunto de fotografias apresenta imagens da cidade de São Luiz do Paraitinga, em uma perspectiva panorâmica, e dos principais símbolos do município totalmente destruídos na enchente, como: a Praça Oswaldo Cruz, o edifício do "Grupo Escolar", a capela de Nossa Senhora das Mercês e a Igreja Matriz de São Luiz de Tolosa.

Durante as entrevistas, esse conjunto de imagens foi dividido em três subgrupos, definidos da seguinte forma: fotos das construções anteriores à enchente, apresentadas em preto e branco; fotos dos edifícios destruídos, coloridas; e fotos dos edifícios reconstruídos, as igrejas iluminadas. As fotografias foram enumeradas para que pudessem ser identificadas durante as entrevistas e depois na transcrição das falas e organizadas em uma pequena caixa. A cada apresentação de uma imagem para o entrevistado, o seu respectivo número era registrado na gravação, obedecendo à ordem numérica de apresentação estabelecida.

No tocante à elaboração da ficha/roteiro de entrevistas, o mesmo contou com questões que envolviam aspectos e vivências que circundavam tópicos, como o desenvolvimento urbano da cidade, o impacto da inundação nesse ambiente e na sua vida e o significado da reconstrução de São Luiz do Paraitinga, entre outros.

Finalizadas essas atividades, chegou o momento das atividades de campo, para realizar as entrevistas e coletar informações. Considerado um dos elementos fundamentais da pesquisa empírica, o trabalho de campo é definido como "um trabalho *no* campo da ciência, constituído por complexos contextos de interação que envolve distintas dimensões e aspectos dentre os quais sobressai à posição dos interlocutores colocados em comunicação". (Lopes, 2010, p. 43)

Nesse contexto, procurando maior interação e imersão no espaço urbano de São Luiz do Paraitinga, houve a participação do pesquisador de atividades socioculturais que surgiram com o renascimento da cidade, tais como: a 4a Festa da Cozinha Caipira, evento que ocorre entre os meses de julho e agosto e visa resgatar e fortalecer as tradições e gastronomia da região; e o II Balaio das Artes, atividade que procura difundir diversidade cultural luizense. Presenciar esses eventos mostrou-se de grande importância para o contato mais próximo entre a figura do pesquisador e os luizenses.

A partir desses primeiros contatos informais com a população, registrados no "caderno de campo" com algumas opiniões sobre perdas materiais e simbólicas da cidade diante da tragédia de 2010, foram elaborados critérios para definir a escolha dos entrevistados para as primeiras entrevistas formais, prática de pesquisa fundamentada em uma etnografia contemporânea que se propõe a compreender o modo pelo qual "as lógicas universais se encarnam nas vivências locais". (Montero, 1991, p. 116)

O procedimento de escolha dos entrevistados baseou-se, primeiramente, na observação do pesquisador sobre as pessoas que condensavam as múltiplas experiências e informações do objeto pesquisado. Contudo, houve certa dificuldade na aplicação, pois ao realizar a conversa informal e a solicitação de um agendamento para a entrevista gravada, a pessoa se dispunha de agenda para tal, mas na data e o horário agendados, os propensos entrevistados desmarcavam a entrevista, não aceitavam a gravação ou não eram localizados.

Diante da dificuldade em realizar as entrevistas, outro procedimento foi definido: em conversa informal com alguns moradores, foi solicitado que indicassem uma pessoa para ser entrevistada. Após a realização dessa entrevista, o sujeito entrevistado indicava até três pessoas para novas entrevistas.

Por meio dessa prática, foram identificadas referências na comunidade de São Luiz Paraitinga. E, a partir da referência dos próprios entrevistados, foi possível coletar informações de vários sujeitos em diferentes localizações na cidade. Ao adotar essa ação foi estipulado que pelo menos uma pessoa das áreas mais afetadas pela inundação deveria ser entrevistada.

Desse modo, foram realizadas dez entrevistas, entre o segundo semestre de 2015 e o ano de 2016, registradas em áudio com um gravador Panasonic modelo RR-US470. As indicações configuram a seguinte relação bairro/pessoa:

a) Centro Histórico, área onde se concentram em torno de 400 edificações históricas entre casas e sobrados, a igreja Matriz de São Luiz de Tolosa, a capela de Nossa Senhora das Mercês e igreja de Nossa Senhora do Rosário; configurado por um conjunto significativo de imóveis históricos: aproximadamente 150 edificações que apresentaram problemas na estrutura ou foram destruídas; informalmente foram contatadas cinco pessoas, das quais entrevistamos quatro.

b) Bairro Benfica, área próxima ao Centro Histórico, possui o primeiro conjunto habitacional construído no município; a inundação alagou todo o conjunto habitacional e destruiu várias casas em seu entorno; houve contato com três pessoas, das quais duas concederam entrevista.

c) Várzea dos Passarinhos, bairro adjacente ao Centro Histórico, localizado na entrada da cidade no sentido de Ubatuba-Taubaté; teve grande parte das edificações destruída pela inundação, pois o perímetro do bairro margeia o rio Paraitinga; foram contatadas três pessoas e duas delas foram entrevistadas.

d) Bairro São Benedito, área localizada um pouco mais distante do Centro Histórico, na entrada da cidade pela estrada de Lagoinha; nessa área não houve grandes abalos pela enchente, visto situar-se distante do rio Paraitinga e na parte alta da cidade; o conjunto habitacional da Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano, para abrigar prioritariamente os desabrigados da enchente, foi construído nesse bairro; de três pessoas indicadas, uma pessoa foi entrevistada.

e) Bairro Alto do Cruzeiro, localizado nas áreas de morros da cidade, acima do Centro Histórico; acessamos duas pessoas oriundas do bairro e que estavam morando em outro ponto da cidade; foram contatadas quatro pessoas, mas apenas uma concedeu entrevista.

O quadro-síntese, que objetiva apresentar as fontes orais, mostra informações dos entrevistados (nome, data de nascimento, profissão) e outras considerações:

**Quadro 1 – Fontes orais - Pesquisa de campo**

| Nome | Data de Nascimento | Endereço | Profissão | Considerações |
|---|---|---|---|---|
| Benito Euclides Campos | 07/04/1952 | Monsenhor Ignácio Gióia, xxx | Funcionário Público aposentado | Artista plástico, criador dos grandes bonecos no carnaval da cidade |
| Carmem Nunes Siqueira | 15/02/1950 | Perobas, xxx | Comerciante | Proprietário de um dos comércios mais antigos da cidade |
| Elena Martha Kacharovsky | 30/01/1936 | Coronel Domingues de Castro, xxx | Professora aposentada | Membro da organização das celebrações religiosas de São Luiz do Paraitinga |
| Hélio Alexandre de Souza | 23/05/1975 | Coronel Manoel Bento, xxx | Fiscal do Parque Estadual da Serra do Mar | Membro do grupo de *rafting* no salvamento das pessoas nos primeiros dias de 2010 |
| José de Arimatéia | 21/03/1962 | Santa Terezinha, xxx | Pedreiro | Pedreiro muito solicitado para os projetos de restauro na reconstrução |
| Judas Tadeu de Campos | 26/09/1944 | Monsenhor Ignácio Gióia, xxx | Professor Universitário aposentado | Pesquisador da história da cidade |
| Luiz Alberto Polla Baptista | 24/12/1962 | Capitão Antonio Carlos, xxx | Microempresário no Setor Hoteleiro | Membro dos principais conselhos criados na cidade durante a reconstrução |
| Maria Letícia Donizete Galvão | 18/12/1981 | Monsenhor Tarcísio de Castro Moura, xxx | Recepcionista | Moradora que teve sua casa totalmente destruída |
| Rosa Maria Antunes | 16/08/1955 | Via de Acesso João Romão, xxx | Professora aposentada | Coordenadora da organização de eventos na Capela das Mercês |
| Tânia Maria Moradei Gouveia | 15/09/1971 | Barão do Paraitinga, xxx | Jornalista | Moradora que teve sua casa totalmente destruída |

Fonte: Elaborado pelo autor

Importa ressaltar que todos os entrevistados contribuíram de modo diferente com este estudo. Além disso, as entrevistas em duas etapas: na primeira, a conversa ocorreu por meio de perguntas e respostas (seguindo a ficha/roteiro de entrevistas) até que o entrevistado encerrasse as suas colocações. Na segunda etapa, a caixa contendo as fotografias era apresentada e o entrevistado ficava livre para contar novas histórias e discorrer sobre cada uma das fotografias. Com as imagens em mãos, eles falaram de acordo com seus filtros culturais e sociais, a partir de suas experiências pessoais. Conforme destaca Bosi, "quando se trata da história recente, feliz o pesquisador que se pode amparar em testemunhos vivos e constituir comportamentos e sensibilidade de uma época". (Bosi, 2003, p. 16-17)

Dessa forma, por trazer lembranças e acontecimentos vividos, as imagens despertavam sentimentos e emoções, principalmente no que se refere aos lugares de vivência da cidade do passado.

> É a fotografia um intrigante documento visual cujo conteúdo é a um só tempo revelador de informações e detonador de emoções. Segunda vida perene e imóvel preservando a imagem-miniatura de seu referente: reflexos de existências/ocorrências conservados congelados pelo registro fotográfico. Conteúdos que despertam sentimentos profundos de afeto, ódio ou nostalgia para uns, ou exclusivamente meios de conhecimento e informação para outros que os observam livres de paixões, estejam eles próximos ou afastados do lugar e da época em que aquelas imagens tiveram origem. Desaparecidos os cenários, personagens e monumentos, sobrevivem, por vezes, os documentos. (Kossoy, 2001, p. 30)

Os cenários, a cidade e sua arquitetura podem criar espaços que geram no sujeito sentimentos e relações de afeto, uma aparente simpatia com o mundo vivenciado, e que pode ser descrita como sentimento positivo pelo ambiente, que faz o indivíduo querer experimentá-lo no plano do imaginário, mais uma vez!

Consoante o geógrafo Yi-fu Tuan (1980), o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico, difuso como conceito, vívido e concreto como experiência pessoal, é denominado *topofilia*, cuja "consciência do passado é um elemento importante no amor pelo lugar". (p.114)

As fotografias dos lugares de vivência do passado, utilizadas no estudo, contribuíram para gerar no indivíduo emoções e reconhecimento de sua própria história. Na concepção antropológica, o lugar é recortado afetivamente, emerge da experiência, é um "mundo ordenado e com significado", enquanto o não-lugar é amplo, desconhecido e temido. (Tuan, 1980, p. 65)

Portanto, é possível observar que, nessa perspectiva, o lugar é tido como um local de pertencimento, onde o sujeito se reconhece, tem enraizamento e vivência. Em oposição, o não-lugar constitui o local onde o sujeito não se reconhece, ou não se identifica, são locais de passagem, impessoais, que aparentemente não significam, ao menos para os que visitam provisoriamente. Ou seja, locais históricos de uma cidade de nascimento ou de vivência podem ser reconhecidos por seus "filhos" e não reconhecidos por turistas, por exemplo.

Dessa forma, seja através das lembranças de um acontecimento da cidade ou dos lugares em que se vive e fomos criados no passado, reavivadas por meio da imagem visual (a fotografia) e do depoimento oral, é possível identificar a relação do homem com o lugar de vivência, o sentimento de pertencimento e o afeto pelo lugar, importantes na constituição da identidade e muito pertinentes na reflexão e análise desta pesquisa: memórias evocadas por imagens do passado, que operaram e ainda operam de forma definitiva na construção da identidade de si e do outro.

Por fim, vale destacar que as entrevistas duraram aproximadamente 90 minutos e coletamos um total de 20 horas de gravação; todos os entrevistados receberam o pesquisador em suas residências, o que fez com que se sentissem mais seguros e à vontade; a data e o horário foram definidos pelas fontes; e na aproximação e abordagem tivemos de criar laços de aproximação com o entrevistado, a fim de

> [...] criar um clima propício para a narrativa, ou seja, a pré-disposição para o depoimento evitando-se situações de desagravo, insegurança e tensão por parte de ambos os lados. Espontaneidade e confiança são condições mínimas para a obtenção de um testemunho rico em fragmentos de lembranças. (Carneiro, 1996, p. 275)

Para tanto, foram respeitados os procedimentos éticos, firmados o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e Declaração de Cessão[12]. Na sequência, os entrevistados receberam os resultados das transcrições das entrevistas para a apreciação de cada um dos participantes e, ainda, uma cópia dessas transcrições foi doada à Biblioteca Municipal de São Luiz do Paraitinga.

Como as entrevistas aconteceram de forma aleatória e seguiram um processo de indicação prévia pelos pares, foi possível entrevistar pessoas de diferentes segmentos sociais e atividades de trabalho, aspecto que reforça a hipótese inicial: esse procedimento ampliou a possibilidade da investigação das representações nos diversos segmentos sociais.

Diante desse mosaico de informações construídas, foi possível contextualizar e compreender melhor o processo histórico, econômico e cultural de formação da cidade; e por meio das memórias individuais e coletivas de sua população, vinculadas às fontes visuais, levantar informações significativas quanto ao conjunto de peças que contribuiu para a reconstrução e o renascimento de São Luiz do Paraitinga. Toda essa reflexão está registrada nos capítulos que integram este estudo.

12 Cf.: Anexo A.

# Capítulo 2

# Memórias de São Luiz do Paraitinga: de Vila a Cidade Patrimônio Cultural

*O destino da cidade*
*como meio físico construído pelos homens,*
*como ambiente condicionado de sua existência social,*
*é o de ser diversa e cambiante segundo a missão*
*que lhe cabe desincumbir.*

Nelson Omegna (1971)

Para entender o renascimento de São Luiz do Paraitinga, faz-se necessário conhecermos os elementos da história da cidade, os quais constituíram a base primordial de apoio para que a população luizense começasse o processo de reconstrução após a enchente que ocorreu no início de 2010. Durante as entrevistas realizadas, as pessoas lembraram que a cidade "sempre foi um município muito rico", destacando que a referência desse passado tão rico seria um dos principais incentivos para que toda a população enfrentasse o desafio de superação do evento e pudesse iniciar a reconstrução do município.

Nos estudos sobre a evolução urbana de São Luiz do Paraitinga, o arquiteto Luís Saia e o historiador Jaelson Bitran Trindade (1977) descrevem o papel de "entreposto comercial" exercido pelo Vale do Paraíba especificamente entre o final do século XVIII e início do XIX, o qual, sem deixar de ser importante, difere bastante da clara riqueza assumida pelos luizenses.

Já perto do final do século XVIII, os autores classificam a região vale-paraibana como a "mais importante da capitania" (p.7) mesmo sem corresponder a uma real riqueza material. Ou seja, nem por isso suas características deixam de ser muito importantes no processo de constituição de uma identidade histórica rica, que será fundamental nos momentos de crise que a cidade enfrentou, como no caso da inundação, pautando a constituição de uma forte memória coletiva e referenciada por todos.

Os acontecimentos históricos nunca farão sentidos por si mesmos, afinal, os conceitos só são incorporados nas experiências sensitivas quando estão acompanhados de significados e símbolos de identificação para cada um dos envolvidos. A memória representa a reprodução de um passado guardado, porém sempre preservado de uma forma especial. Simbologias presentes no cotidiano de uma cidade que tradicionalmente celebra festas populares, símbolos culturais, patrimônio material e, principalmente, imaterial são fundamentais para perpetuar significados coletivos entre os que a vivem e que dela participam.

Por isso nesse capítulo busca-se compreender como se deu a produção do espaço da cidade de São Luiz do Paraitinga, desde a sua fundação, como parte de uma política de ocupação da capitania de São Paulo, até os dias que antecedem à inundação de 2010, enfocando as principais passagens de transformação da cidade: de Vila a Imperial Cidade; de Imperial Cidade a Cidade Estância Turística; de Estância Turística a Cidade Patrimônio Cultural.

Com suporte em estudos desenvolvidos por Brandão (1995), a história da povoação[13] da Vila e da Cidade de São Luiz do Paraitinga principia no século XVII, quando, em 05 de março de 1686, o capitão Matheus Vieira da Cunha obtém do Capitão-mor de Itanhaém, Felipe Carneiro Alcaçouva e Souza, provisão régia para adentrar o "sertão de Paraitinga". Posteriormente, em 1769, a fundação da Vila teve incentivo do Governador e Capitão-Geral da Capitania de São Paulo, D. Luís Antônio Mourão, o Morgado de Mateus, como parte de uma ampla política de organização territorial e dinamização da economia implantada pelo Marques de Pombal, em 1765, visando impor ao território maior controle por parte do governo português.

Segundo o historiador João Rafael Coelho Cursino dos Santos (2008), era fundamental para a crescente economia de um país em formação a organização do espaço e das relações sociais, tendo em vista um maior controle do Estado. São Luiz do Paraitinga encontrava-se localizada numa região estratégica para o escoamento de grande parte da produção paulista rumo ao litoral nos séculos XVIII e XIX.

Com o advento da atividade aurífera na região das Minas Gerais, a necessidade de caminhos mais organizados e seguros para o escoamento dessas riquezas se intensifica e passam a contar com a Estrada Real do Sertão, Caminho Velho das Minas, Novo Caminho de São Luiz do Paraitinga, Caminho da Independência e outros. Nesse sentido, a fundação de novos núcleos urbanos, ao longo desses caminhos, cresce, pois eles permitiriam maior controle no domínio do território por parte da Coroa Portuguesa, além, é claro, de melhorar a qualidade do transporte. A Figura 2 mostra esse percurso.

O referido autor ressalta, ainda, que com a aproximação do fim do século XVIII, a região do Vale do Paraíba passa a ser considerada a mais importante da Capitania de São Paulo, pelo fato de ter sido uma das principais rotas dos bandeirantes na exploração do território, por exercer função fundamental no escoamento do ouro, sobretudo sob o esquema de tropas, chegando ao século XIX como a região mais povoada da capitania. (p. 32)

**Figura 2 – Antigos caminhos de São Paulo**

Fonte: Pereira, 2011

13 De acordo com Brandão, "[ ] povoação é um agregado de famílias de agricultores e outros 'homens simples' de serviços e negócios locais que, por vizinhança de terras, casas e laços entre parentes e vizinhos, se reconhecem como sendo do mesmo lugar [...]. Por outro lado, a vila e, depois cidade, são desigualmente a morada do poder [...] a autoridade local. Um povoado surge e uma vila se erige [...]"(1995, p. 26).

O jornalista Judas Tadeu de Campos, que escreveu 'A Imperial São Luiz do Paraitinga: história, educação e cultura', descreve que Paraitinga era uma povoação já estabelecida. Mas apenas de fato. De direito ainda não existia. Isso porque, naquela época em face do sistema patrimonialista e centralizador que desde a Idade Média havia em Portugal, as povoações só eram reconhecidas após receber uma carta concedida pelo rei ou pelo governador. Depois desse reconhecimento oficial é que eram nomeados seu fundador oficial e o capitão-mor (posto equivalente a major) que atuaria como o seu regente. (Santos, 2011, p. 23).

Ao tempo em que se sucedeu a maioria dos fatos, aqui mencionados, a Região do Vale do Paraíba, próxima à vila que viria a se formar, já havia sido povoada em alguns pontos, a saber: Guaratinguetá, em 1657 (de seu desdobramento veio a antiga Freguesia do Facão, em 1795); Taubaté, em 1636 (de seu desdobramento veio São Luiz do Paraitinga em 1769); e Pindamonhangaba, em 1713. A Figura 3 mostra esses desdobramentos.

**Figura 3 – O Vale do Paraíba no período da fundação de São Luiz do Paraitinga**

Fonte: Monteiro, 2012, p. 169.

Em 08 de maio de 1769, a povoação recebeu o nome de São Luís e Santo Antônio do Paraitinga, e o Capitão-mor Manuel Antônio de Carvalho, um português nascido em Monforte e residente em Guaratinguetá, foi incumbido de fundá-la oficialmente e governá-la. Os primeiros habitantes eram famílias sem bens; gente sem possibilidade de propriedade rentável, colonos que estiveram antes em Minas Gerais, ou viviam ali na região, nas vilas mais antigas, como Guaratinguetá, Taubaté e Pindamonhangaba e, dessa forma, dedicaram-se à agricultura de subsistência, com o predomínio do milho e do feijão.

Para uma ideia melhor da configuração da povoação, é importante lembrar-se da imponente presença da Mata Tropical Atlântica que recobria a maior parte do "mar de morros"[14] e compõe todo seu território. O denso manto florestal só se enfraquecia nos sulcos que formavam os tortuosos caminhos abertos pelas tropas de carga, na zona urbana e nos arredores das habitações rurais, onde a lavoura e as queimadas acabavam praticamente com toda a vegetação nativa do local.

Poucos anos depois, na data de 31 de março de 1773, São Luiz do Paraitinga elevou-se à categoria de Vila[15], embrião do espaço urbano, antecedendo a formação da cidade, que se constituirá quase um século depois.

Del Omo (2000), no estudo "Vila, Vida e Mercado: São Luís do Paraitinga 1800-1820", ressalta que "a vila de São Luís do Paraitinga representou pelo momento e pela forma como foi fundada, um, dentre muitos dos esforços da metrópole portuguesa, de impor um sentido e uma racionalidade iluminista a sua colônia" (p. 53).

Desse modo, a Vila de São Luís do Paraitinga surge no contexto e na perspectiva do "planejamento ilustrado" ou na projeção de "cidade iluminista". O conceito de "cidade iluminista", ou "planejamento ilustrado", utilizado, desde 1982, pelo historiador português José Eduardo Horta Correia, tem como referência a Vila Real de Santo Antônio, no Algarve, localidade inteiramente planejada e construída em menos de dois anos, por determinação do Marquês de Pombal, para centralizar e dominar as atividades da pesca da sardinha.

O mesmo sentido é dado à reforma urbana da cidade de Lisboa, reconstruída após o terremoto de 1755. Por extensão, são qualificados dessa forma os numerosos planos desenhados para as vilas fundadas em todo o Brasil, por determinação governamental, entre 1753-1777, sob o comando do Marquês de Pombal, numa política de povoamento conduzida pelos governadores que nomeou às diversas capitanias.

De acordo com José Eduardo Horta Correia (1985, p 43-44), a arquitetura e o urbanismo pombalino foram marcados por valores, como a uniformidade, a ordem, a sobriedade e padronização totalmente inseridos em uma conjuntura ideológica, filiada ao iluminismo reformador, o qual procurava o fortalecimento do poder do rei por meio da intervenção em vários setores da vida, entre eles, da vida urbana.

A política portuguesa, que tinha como princípio a transformação de povoado para vila e, em seguida, para cidade, obedecia a normas rígidas quanto à presença de marcos estruturais importantes de poder: a grande Praça Central, onde deveriam ser construídos: a Igreja Matriz, símbolo do poder religioso; a Casa da Câmara e a Cadeia, símbolos do poder civil; o Pelourinho, para o castigo dos criminosos e açoite dos escravos, colocado no centro da Praça da Matriz; e o Mercado, símbolo do comércio colonial.

Segundo José Benedito Prado (2005, p. 28), a Carta Régia era o documento da Coroa Portuguesa que determinava a criação e a instalação de uma Vila. Anexado a esse documento, estavam as recomendações do Conselho Ultramarino de Lisboa, o qual elencava as características da estrutura urbana que a Vila deveria apresentar; o desenho de como seria a Vila, a largura das ruas, a extensão da praça, a localização dos edifícios públicos e os tipos de casas residenciais que externamente deveriam ser iguais e ter a mesma tipologia. Definida a localização da praça, no entorno dela dever-se-iam construir os edifícios públicos, a Igreja Matriz,

---

14 A expressão "mar-de-morros" foi criada, no final da década de 1930, pelo geógrafo francês Pierre Deffontaines, fundador da cadeira de Geografia na Universidade de São Paulo, em 1935. Posteriormente, essa noção foi desenvolvida pelo geógrafo e professor da USP Aziz Ab'Saber que, em 1966, publicou o estudo *O domínio dos "mares de morros"*. Geomorfologia, 2, IG-USP. São Paulo. Ab'Saber era natural de São Luiz do Paraitinga.

15 Vila: unidade político-administrativa autônoma equivalente ao município. O termo era empregado na colônia em lugar de município, pois este só podia ser utilizado na metrópole". PRADO, José, Benedito. *Taubaté*: Cidade, educação, cultura e ciência. São Paulo: Noovha América, 2005, p. 30.

a Casa de Câmara, a Cadeia, o Pelourinho e oficinas necessárias ao serviço da Vila. A Figura 4 mostra a estrutura urbana descrita.

Perante essa política imperial, as ações para o desenvolvimento urbano consistiram em esquadrinhar as disposições geográficas da Vila: arruamento das vielas, construção de espaço público livre (a praça), modificação da tipologia das edificações e programação de uma reforma que transformaria o local de forma radical, demarcando nos espaços, com as edificações, a materialização dos poderes político, jurídico e religioso.

Vale apontar que os elementos estruturantes da malha urbana de São Luiz do Paraitinga tiveram o Rio Paraitinga como principal eixo de sua organização. Esses elementos compõem um plano traçado em forma de tabuleiro, com regularidade geométrica. Nessa conjuntura de normatização urbana, ganha relevância a Praça como grande eixo viário, um retângulo que se estende desde as margens do rio até o sopé do morro, hoje chamado de Morro do Cruzeiro.

**Figura 4 – Desenho da Vila de São Luiz do Paraitinga, por Roxales de Souza e Silva, datado de 1850**

Fonte: AESP – Arquivo Público do Estado de São Paulo. Ofício de 06 de abril de 1850.

Vale, ainda, destacar que na implantação da Vila de São Luiz do Paraitinga foram estabelecidas duas praças centrais, espaços de forte caráter simbólico: a Praça Principal e a Praça do Paço da Câmara e da Cadeia Pública. A definição de duas praças com funções distintas também está presente em planos fornecidos na mesma época, pelo poder público, às novas vilas criadas em outras capitanias, como a Vila de São José de Macapá, no Amapá, em 1761; e a Vila Viçosa, na Bahia, em 1769.

Segundo Manuel Correia Teixeira (2006), ao longo da história urbana brasileira a praça vai adquirindo uma importância cada vez maior e isso ocorre em razão da busca crescente pela regularização dos traçados, expressão da proeminência da racionalidade da cultura urbana europeia e brasileira.

Essa diretriz se revela presente quando da adoção arquitetônica de a praça ser de origem portuguesa; no entanto, é preciso destacar que a aceitação desta referência urbana se deu devido ao hábito que os povos indígenas possuem de se reunirem em um espaço livre, rodeado pelas "malocas". Esse hábito dos povos originários se transpôs aos espaços livres urbanos.

No caso de São Luiz do Paraitinga, a praça sempre teve função político-administrativa com uma importância funcional e simbólica. Funcional porque, em seu entorno, concentraram-se imóveis com arquitetura colonial, os órgãos públicos e a organização viária, sendo, por isso, elemento dominante da malha urbana. Simbólica, em razão de que nela se festeja, namora-se, conversa-se, encontra-se, reza-se. Um lugar por excelência onde o espaço concebido foi apropriado como espaço vivido.

Na apresentação da primeira fotografia repassada aos entrevistados, tendo uma vista da Praça Oswaldo Cruz, foi possível resgatar lembranças diversas e aflorar diferentes sentimentos.

**Fotografia 1 – Vista panorâmica da Praça Oswaldo Cruz**

Fonte: Arquivo da Superintendência do IPHAN em São Paulo.

> *A imagem desse coretinho aqui da praça, só conheço por foto né, porque eu acho que essa imagem tem mais de 50 anos, então eu não vivi essa realidade. Agora, olhando para a praça nesse estilo antigo, é um pouco do que eu falei há pouco, a praça é o local de encontro pra nossa população, para paquerar, para bater papo, para festas folclóricas e religiosas, é o nosso ponto de encontro, sempre foi... As novidades na cidade, ficamos sabendo na praça*. (Luiz Alberto Polla Baptista, 2015)

> *Praça Dr. Oswaldo Cruz, com o coreto antigo. Aqui o marco da cidade e aqui o obelisco do Oswaldo Cruz que agora está do outro lado. Nesse muro aqui, agora, a gente tem um supermercado, essa casa aqui agora é um sobrado. Quantas lembranças, do tempo de adolescente, os primeiros namoros, os passeios com as amigas, os encontros de domingo* [...]. (Rosa Maria Antunes, 2016)

> *Ah! Essa foi à única praça realmente bonita que São Luiz teve. Essa casa aqui ao fundo, foi do meu bisavô, essa imagem deve ser do fim dos anos 1940, início dos anos 1950. Onde você conseguiu essa foto? Essas matas no alto do morro desapareceram, eu me lembro de que puseram fogo aqui para fazer pasto, eu me lembro disso queimando e os bichos fugindo*. (Judas Tadeu de Campos, 2016)

No tocante às ações da administração colonial portuguesa de priorizar uma Igreja junto à construção da Praça, como forma de reforçar o papel da religiosidade nesses povoamentos nascentes, tem-se inicialmente na Vila a edificação de uma Igreja, com invocação a Nossa Senhora dos Prazeres.[16]

Tal invocação, segundo Monteiro (2012, p. 222).constituía uma imposição do próprio governante Morgado de Mateus, o qual tinha na Nossa Senhora dos Prazeres, a virgem de sua adoração pessoal. E batizou-se com esse nome a tal fortaleza de Paranaguá, ainda hoje existente na Ilha do Mel, no Paraná; e o mesmo nome dado à vila de Nossa Senhora dos Prazeres das Lajes em Santa Catarina.

No estudo de Nery (2014), "São Luiz do Paraitinga - Reduto de Gente Bandeirante", a autora comenta que os "Autos de Ereção da Igreja Matriz na nova povoação" são datados de 03 de abril de 1773, e que a capela erigida como Matriz, no final do século XVIII, esteve no local onde hoje fica a Igreja do Rosário. (p. 32) Esta Igreja serviu de Matriz por boa parte do século XIX, sendo demolida em 1915, e o novo prédio construído, solenemente inaugurado em 1921.

Por isso, a Igreja em homenagem a Nossa Senhora dos Prazeres, construída de forma extremamente simples e hoje desaparecida, figurou como um dos únicos edifícios construídos rapidamente, o que mostra a dificuldade de povoamento enfrentada pela administração colonial na nova cidade vale-paraibana. Aliás, sabemos o quanto essa situação está longe de ser uma exclusividade da história luizense: em todo o país, o governo régio enfrentava imensas dificuldades de administração.

No contexto das construções e edificações religiosas realizadas na Vila, destaca-se a Capela de Nossa Senhora das Mercês, construída, ao que se parece, entre 1809 e 1814. Nery (2014) recupera uma história manuscrita em 1913, que se encontra arquivada no Departamento de Arquivos do Estado de São Paulo, onde se lê:

> Em 1808, chegaram a Villa Nova de São Luiz do Parahytinga a velhinha Maria Antonia dos Prazeres e sua filha por nome Izabel, que vinham da VilIa de Guaratinguetá para residirem aqui. Maria Antonia dos Prazeres, cheia de fé, trouxe religiosamente uma imagem de N. S. das Mercês. Em 1809, Nhá Antonia ajudada pela Família Pereira e devotos, começaram a edificação de uma Capella, o Conselho Municipal fez a doação do terreno e em 1814 foi inaugurada a Capella. (p. 34)

Dentre as três igrejas católicas da cidade, a que foi totalmente destruída com a inundação é a que apresenta o menor tamanho; porém, desde a sua inauguração tornou-se usada para ofícios religiosos mais particulares, como confissões, batizados, novenas e outros.

A imagem da padroeira do templo, feita de barro e policromada, ocupa o cimo de um trono de três degraus e está assentada em um nicho no alto do altar. A sua origem é atribuída a Boaventura dos Santos, santeiro que, no final do século XVIII, morava em Guarulhos e fez várias imagens para outras localidades do Vale do Paraíba. Por ter um ventre avolumado, sua figura sugere uma Nossa Senhora grávida. A capela adquiriu, então, por suas singularidades, um lugar privilegiado na memória da população luizense.

Diante da segunda imagem, apresentada aos entrevistados, com a fachada da capela de Nossa Senhora das Mercês, houve a rememoração de várias lembranças que são marcadas por diferentes vivências e emoções:

16 Na história religiosa local, tem-se uma grande dúvida quanto ao desaparecimento e a invocação à Nossa Senhora dos Prazeres. Hoje, São Luiz de Tolosa é o padroeiro oficial da cidade e não há explicação clara, segundo o próprio clero local e também dos luizenses, da supressão desta Santa como símbolo religioso de São Luiz do Paraitinga.

**Fotografia 2 – Capela Nossa Senhora das Mercês, erguida do final do século XVIII**

Fonte: Arquivo da Superintendência do IPHAN em São Paulo.

> *Capelinha das Mercês! Nossa, vejo essa imagem e me lembro das comemorações do Domingo Ramos, é o que vem na minha mente! Porque todo Domingo de Ramos, acompanhava a minha avó pra ajudar fazer os mações de ramos, e todo mundo se reunia aqui no largo da Capelinha para benzer o ramo e depois sairmos em procissão até a Igreja Matriz. É linda essa Capelinha!* (Maria Letícia Donizete Falcão, 2015).

> *É a Capelinha das Mercês! A foto não está colorida, mas me recordo que ela era azul e branca, uns 30 anos antes, inclusive essa ladeira não era nem calçada, ela era de terra. Para mim, do ponto de vista do marco de religiosidade em São Luiz é essa Capelinha. É o que tem de mais antigo na cidade e no meu modo de pensar, a representação de São Luiz antiga, tá aqui na Capelinha das Mercês* (Luiz Alberto Polla Baptista, 2015).

> *Ah, a Capelinha! Aqui o mastro que é trocado todo ano quando tem festa junina. Eu casei aqui, numa quinta-feira às 08h00 da noite, como a Capela é pequena, não coube todo mundo né, já viu, aí ficou um povo aqui fora no largo, um amigo do Zinho, meu marido, soltou um pistolão e o outro tocou o sino. Meu Deus, quantas lembranças! Mas, ela é uma belezinha né? Era feita toda de taipa* [...] (Rosa Maria Antunes, 2016).

De acordo com a descrição de Saia e Trindade (1977, p. 13-14), a Vila de São Luiz não passou de um povoado bastante acanhado nos seus primeiros trinta e tantos anos de existência, com uma agricultura de "roça", parte comercial, parte para consumo. No que se refere à venda dos produtos, esse comércio era custoso em razão do estado ainda precário do caminho de Ubatuba; plantavam fumo e algodão, produziram toucinho, mas tinham de levá-los ao porto de Parati, mais distante, onde pagavam alta taxação e eram inconstantes a venda e o transporte marítimo.

O primeiro momento de expansão de São Luiz do Paraitinga se deu na segunda metade do século XIX, momento em que a economia local ganha consistência com o crescimento do mercado interno da região Sudeste. resultado da transferência da Corte Portuguesa para a cidade do Rio de Janeiro. Houve, então, aumento da demanda de alimentos naquela capital em crescimento e, também, em razão da abertura de todos os portos do Brasil ao comércio, o que ocasionou maior circulação de embarcações no litoral.

Há, ainda, o registro de ampliação nos investimentos por parte de vários fazendeiros e sitiantes na produção de mantimentos (cereais e porcos) e em engenhos de aguardente e,consequente, aumento de mão de obra, pela aquisição de mais trabalhadores escravos. Com base nessa produção, e ainda apostando no cultivo do fumo, os lavradores locais foram conformando a pequena Paraitinga, preenchendo-a de edificações.

Nesse processo de expansão, em 30 de abril de 1857, a designação de "Vila" no nome de São Luiz do Paraitinga, deixou de ser utilizada, pois, elevada à categoria de comarca, passou a ser chamada de cidade.

Vale lembrar que todas essas transformações ocorreram em consonância com o período de desenvolvimento da cafeicultura na região do Vale do Paraíba, cujos benefícios econômicos daí advindos fizeram com que o núcleo urbano se expandisse e se transformasse num importante centro urbano regional.

No decorrer do século XIX, a região do Vale do Paraíba começou a sofrer profundas transformações: onde antes dominava o cultivo da cana-de-açúcar, passou, cada vez mais, a ter no cultivo do café a sua sustentação econômica. Porém, mesmo São Luiz do Paraitinga fazendo parte desse contexto, localizada às margens do principal corredor de produção cafeeira do país à época, a cidade não passou por esse processo de substituição de cultivo, pois nunca contou com uma produção de açúcar relevante.

As primeiras mudas de café chegaram ao Vale do Paraíba trazidas pelas mãos dos agricultores mineiros. A fertilidade do solo, aliada a um contexto econômico bastante favorável e marcado pelo alto valor e procura pelo produto no mercado estrangeiro, principalmente europeu, fez com que o café se espalhasse rapidamente por todo o vale do Paraíba. Em São Luiz, não foi diferente. Com a expansão da lavoura cafeeira, o município passou a contar com grandes fazendas, com a monocultura em larga escala, que, aos poucos, vão tomando o lugar das rústicas construções rurais.

Em 1959, o geógrafo Pasquale Petrone (1959) publicou um extenso estudo, dedicado exclusivamente à região de São Luiz do Paraitinga. Após breve descrição das características físicas da região, o autor apresenta uma análise sobre o "povoamento e a evolução da paisagem":

> A riqueza decorrente da lavoura cafeeira motivou, naturalmente, o aparecimento de ricas sedes de fazenda e de sobrados em São Luís. A humilde e tosca casa de pau-a-pique do agricultor, que quase sempre apenas se preocupava em produzir o necessário para a sua subsistência, foi substituída, nas propriedades cafeicultoras, por sedes amplas, de um ou dois pavimentos, com numerosas dependências [...]. As instalações mais complexas de uma fazenda vieram substituir o chiqueirinho, o paiol e, algumas vezes, a engenhoca. Surgiu o terreiro, frequentemente de grandes proporções, espelhando o vulto da colheita anual. (p. 258)

Transformações significativas também foram registradas no núcleo urbano, que cresceu e progrediu com relativa rapidez, se transformando, em fins do século XIX, em um centro urbano belo e bastante movimentado. Para termos uma ideia do poder de transformação da cafeicultura na sociedade luizense, a população, que era de menos de mil habitantes no final do século XVIII, ultrapassava seis mil em 1836, chegando, em 1900, ano do auge do café no município, à impressionante marca de 30 mil habitantes![17]

Com a riqueza proporcionada pelo comércio do precioso grão, São Luiz ergueu igrejas e prédios públicos, como o Grupo Escolar e o Mercado Municipal além de sobrados e casarões senhoriais de vultosas proporções

17 Para efeito de comparação, segundo a estimativa do IBGE para 2016, São Luiz do Paraitinga contava com 10.735 habitantes. Dados do Censo de 2022 mostram uma ligeira diminuição no número de moradores - 10.337 habitantes e, em 2025, a estimativa é de 10.487 pessoas. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/sp/sao-luiz-do-paraitinga.html

para a realidade da época, possibilitando à cidade uma fisionomia muito próxima daquela vista nos dias atuais, na área denominada de "Centro Histórico". Dentre as importantes construções realizadas tem relevância, a partir de 1830, a edificação da nova Igreja Matriz, finalizada em 1840. Construída em um terreno inclinado, a obra demandou um árduo trabalho de terraplanagem o qual envolveu grande parte da população luizense. Ademais, vale destacar que o templo foi construído no sistema de taipa apiloada, tal como foram construídas muitas das edificações presentes na cidade, e o longo [18] longo tempo para a sua construção demonstra as dificuldades para erguer o edifício naquele período histórico. Ao final da sua construção, o Santíssimo Sacramento, símbolo paroquial, pôde ser transferido da Igreja Nossa Senhora do Rosário para o novo templo.

A construção inicial tinha apenas uma torre, na qual, em 1875, foi instalado um relógio; já a segunda torre da Igreja foi construída em 1894. Além disso, duas grandes reformas, em 1925 e 1945, foram realizadas no edifício Igreja Matriz

Segundo Judas Campos (2011, p. 54), essas duas reformas estiveram sob as orientações do Monsenhor Ignácio Gióia, nascido na Itália, e vigário de São Luiz do Paraitinga entre 1912 a 1961. Na reforma de 1925, executou-se nova adaptação no templo, substituindo-se o beiral de estilo colonial por platibandas; os pináculos em forma piramidal, colocados sobre as platibandas, complementavam a reforma; trocados os antigos altares de madeira entalhada por outros de alvenaria, revestidos de mármores importados de Carrara, na Itália.

De acordo com o historiador Daniel Messias dos Santos (2016), a reforma, iniciada em 1925, durou aproximadamente três anos, e foi paga por meio de doações e contribuições de muitos luizenses, e contou também com generosidade do próprio vigário:

> Em 1927, uma nova Matriz começa a ser entregue aos paroquianos com corredores laterais, altares de mármore, mesas de comunhão e púlpito. [...] Monsenhor Gióia teve muita dificuldade para pagar as contas da reforma da Matriz. Encontrou famílias que colaborassem, mas ainda assim, algumas dívidas ficaram. Uma delas era a dos altares de mármore, que girava em torno de 20 mil réis (moeda da época) e que era uma razoável importância. Uma visita de um alemão a São Luiz do Paraitinga, hospedado na casa paroquial, fez com que um jogo de prata que Monsenhor Gióia trouxera da Itália, que era de sua família, despertasse interesse no estrangeiro. O valor sentimental era incalculável, mas o amor por São Luiz era imensurável. Calculou o preço... 20 mil réis (o valor da dívida dos altares). O negócio foi concretizado e Monsenhor Gióia pagou o que faltava da colocação dos altares na Matriz com uma pequena herança de família. (p. 65)

Em relação à reforma de 1945, Judas Campos (2011, p. 55) aponta que a mesma esteve voltada a novas pinturas e decoração interna, realizadas por Domingos de Rocco, artista natural de Campinas. Em 1972, quando era vigário da paróquia o Monsenhor Tarcísio de Castro Moura, foram executadas outras obras, dessa vez nos afrescos, sob a responsabilidade do pintor Álvaro Pereira, de Taubaté. Em 2010, antes de seu desabamento, a Igreja Matriz recebeu as últimas obras de manutenção. Esse cenário está vinculado ao debate sobre a simbólica queda da Igreja Matriz de São Luiz de Tolosa e a sua reconstrução, como expresso nos capítulos posteriores.

A Igreja Matriz constitui o principal ponto de sociabilidade de São Luiz do Paraitinga, pois representa o palco dos acontecimentos mais marcantes na vida dos moradores; é o local de reunião dessa comunidade, fortemente católica, nas missas de domingo; é o local onde foram batizadas, onde se casaram e batizaram seus filhos. Por outro lado, constitui o espaço onde são realizadas as cerimônias de entrega dos diplomas de

18 Duas técnicas dominaram as construções paulistas até o século XIX, a taipa apiloada e o pau a pique. A primeira constituía em socar terra com pilão de madeira em grandes formas retangulares chamadas taipais, e após a secagem da primeira camada se sobrepunha à ela a mesma forma para a execução da próxima camada colada à primeira e assim sucessivamente até completar a parede. Essa técnica construtiva, uma marca registrada dos paulistas, também pode ser verificada em outras localidades, como em Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso e Paraná, e isso se deve à dispersão decorrente do bandeirismo e do tropeirismo. Já o pau a pique se constitui num entrecruzamento de paus amarrados ou presos a uma estrutura mais firme, que servia de alicerce, e era preenchido com barro, posteriormente alisado com a mão. Essa técnica, mais frágil em comparação à taipa de pilão, tornou-se a mais usada nas construções populares.

conclusão do ensino médio e fundamental. Todo luizense tem uma lembrança, uma história para contar em relação a acontecimentos, da vida pessoal e social, que tenha vivido ou ocorrido no interior de suas instalações.

As recordações despertadas na apresentação da terceira fotografia, com a fachada da Igreja da Matriz São Luiz de Tolosa, traduzem o quanto essa construção é repleta de significados na memória coletiva da população luizense:

**Fotografia 3 – Igreja Matriz São Luiz de Tolosa – São Luiz do Paraitinga**

Fonte: Acervo da Prefeitura Municipal de São Luiz do Paraitinga.[19]

> *Olhando para essa imagem da Igreja Matriz de São Luiz, fico imaginando o quanto ela simboliza pra todos nós luizenses,* [...], *sobretudo as pessoas da minha geração, 90% foram batizados lá, crisma lá, casamento lá, missas, tem gente que canta no coral, tem gente que não canta e vai lá para ouvir. Então essa Igreja tem um simbolismo muito forte para toda a gente daqui* (Luiz Alberto Polla Baptista, 2015).

> *Ah, a Igreja Matriz fica bem atrás da casa que nasci e morei! Minha casa ficava deste lado. Desde a minha infância frequentei muito essa Igreja, fiz o catecismo, a minha missa de formatura também foi na Matriz. Depois assisti muitos casamentos aqui, essa Igreja faz parte da minha história e de toda a minha família* (Tânia Maria Moradei Gouveia, 2015).

> *Essa Igreja faz parte de toda a minha existência, quando moleque vinha nas missas de domingo com meus pais. Fiz o catecismo, à primeira comunhão e a crisma. Tudo na época do Monsenhor Tarcísio. Acho que a Igreja Matriz é o lugar de oração, mas também de festa pra toda gente luizense* (José de Arimatéia, 2016).

> *Ao ver essa foto da Igreja Matriz, afirmo de coração, a Igreja pra mim é tudo! Sempre fui muito católica e trabalhei pela Igreja, ajudando o Monsenhor Tarcísio em diferentes atividades, na organização do altar, na ornamentação das imagens, na decoração das festas de batizados, crisma, primeira comunhão e também nas campanhas que a Igreja realizava. Lembro que a gente não tinha muito material, mas nas campanhas eu costurava de dia e de noite fazendo pijama de flanelas* (Elena Martha Kacharovsky, 2016).

19 Disponível em: <http://www.saoluizdoparaitinga.sp.gov.br>. Acesso em: 21 dez. 2016.

> *Meu Deus, a Igreja Matriz, aqui também já foi celebrado tantas coisas boas! Sabe o que está vindo à minha memória agora? Uma festa que foi feita para Monsenhor Tarcísio do lado de cá, aqui é um morrinho né, então foi feito um palco de madeira e a gente fez uma festa para ele na rua quando ele fez 25 anos de sacerdócio* (Rosa Maria Antunes, 2016).

Após a instalação da nova Igreja Matriz, as atividades de abastecimento dos chamados "gêneros da terra" na cidade passaram a ocorrer ao redor do templo, nas manhãs de domingos, então denominada "quitanda domical". Entretanto, em 1873, o cônego Benjamim de Toledo Mello, o vigário da cidade, enviou uma carta ao Conselho Municipal denunciando o tumulto causado pela "quitanda" no período da missa e exigindo o encerramento da atividade naquele local, que, segundo ele, atrapalhava as celebrações religiosas.

Em 1875, como providência e resolução ao conflito, foi construído o Mercado Municipal, num terreno próximo ao rio. Além de ponto de escoamento da produção agrícola da região, o Mercado era, a princípio, o local onde os proprietários vendiam e trocavam seus escravos.

O prédio construído possuía um pátio central descoberto circundado por galerias em arcadas. A edificação, preservada até hoje em suas características essenciais, enriquece o conjunto urbano tradicional de São Luiz, e é um dos mais antigos mercados públicos remanescentes no estado de São Paulo, juntamente com os de: Paraibuna (1886), Cunha (1913), São José dos Campos (1896) e outros.

O jornalista e pesquisador Felipe Guerra (2010, p. 22), relata que no processo de desenvolvimento da cidade, e também no auge da produção cafeeira na região, D. Pedro II homenageou centenas de fazendeiros, políticos e personalidades do Segundo Império com títulos de barão. Dos 900 homenageados, um deles era de São Luiz do Paraitinga: o fazendeiro e político Manoel Domingues de Castro, que nasceu e viveu na cidade, entre 1810 e 1887, agraciado com o título de Barão do Paraitinga em 1871.

O Barão do Paraitinga, considerado um dos chefes políticos mais respeitados de São Paulo, pela influência que tinha em boa parte da região norte da província, morou em um dos sobrados do Centro Histórico de São Luiz do Paraitinga – o único que continha uma flor-de-lis, símbolo da nobreza imperial, esculpida acima da porta principal da propriedade.

O casarão do Barão figura, atualmente, como uma das mais belas construções da cidade; sua fachada e estrutura externa foram totalmente reformadas por seu antigo proprietário, no final da década de 1990. Mesmo passando por uma reforma, o casarão continua apresentando os mesmos usos do período em que fora construído, com comércio na parte inferior e residência na parte superior.

Todavia, o fato de maior relevância para a consolidação desse momento histórico como destaque na identidade do luizense, consiste no recebimento do título honorífico de "Imperial Cidade", concedido por Dom Pedro II, em 11 de junho de 1873.[20] Com essa denominação, São Luiz do Paraitinga alcançava projeção no tocante a sua importância econômica e, conjuntamente, fortalecia a construção de uma conjuntura marcante para uma futura identidade assentada na valorização de um passado áureo e próspero sob o ponto de vista das dificuldades de protagonismo econômico de cidades como São Luiz do Paraitinga no mundo atual, mesmo que a história mostre que não tenha sido bem desse jeito.

O título "Imperial Cidade" também está presente na memória afetiva da população luizense:

> *É um título importantíssimo, faz aumentar a nossa riqueza cultural para o estado de São Paulo e até para o Brasil. Isso envaidece a gente e muito né!* (Carmem Nunes Siqueira, 2015).

> *São Luiz do Paraitinga recebeu esse título porque lá atrás na sua história, a cidade tinha um papel importante na economia do nosso País, em um mundo completamente diferente de hoje [...] O título foi dado por D. Pedro, pela importância que teve o cultivo do café na história de São Luiz e por isso a questão da Cidade Imperial* (Benito Euclides Campos, 2015).

20 O título foi também agraciado às cidades que se destacavam no progresso do Império, como Ouro Preto, Belém, Recife, Vassouras e Salvador (AZEVEDO, Paulo de Campos. *Paraitinga no meu tempo*, São Paulo: Sangirardi, 1986, p. 12).

*Esse título enobrece a nossa cidade, me sinto uma pessoa nobre por morar em São Luiz do Paraitinga* (José de Arimatéia, 2016).

*São Luiz do Paraitinga Cidade Imperial foi o título dado à cidade por D. Pedro. Conta à história que ele passou por aqui e pernoitou na cidade. São Luiz era uma cidade importante na região do Vale do Paraíba, possuía grande riqueza com a agricultura do café. Essa riqueza fez a cidade receber esse título. Tem até música que fala sobre esse título!* (Judas Tadeu de Campos, 2016).

No contexto das edificações que foram surgindo no período de dinamismo pelo qual passou o espaço urbano, destaca-se também a instalação do Grupo Escolar de São Luiz do Paraitinga. Até 1891, as oito escolas que existiam funcionavam em classes isoladas, sendo quatro para cada sexo. Porém, em 08 de setembro de 1893, o governador paulista Bernardino José de Campos Junior sancionou a Lei nº 88, regulamentada pelo Decreto nº 144-B, de 30 de dezembro do mesmo ano, agrupando as classes isoladas em um único prédio.

Após esse agrupamento, no dia 24 de novembro de 1895 teve início o primeiro Grupo Escolar da cidade e o segundo do Estado de São Paulo. A cidade passou então a ter uma escola de acordo com os, então considerados, modernos paradigmas educacionais, ou seja, agrupadas num único prédio.

Até 1897, respondeu pela escola o inspetor literário Pedro Augusto Calazans, quando tomou posse o primeiro diretor, professor Justiniano Ferreira da Paz. Conta-se que a iniciativa da Lei que regulamentou o ensino em São Paulo partira de um dos políticos mais influentes da região, o deputado e coronel Manoel Jacinto Domingos de Castro, filho do Barão de Paraitinga.

Inicialmente, o Grupo Escolar funcionou em um grande casarão, que, depois, em 1960, foi destruído. Em 1902, a escola foi transferida para outro imóvel, comprado pelo governo do Estado, ao lado da Igreja Matriz, cujo prédio foi adaptado pelo escritor Euclides da Cunha. Foi neste imóvel que a EMEF "Coronel Domingues de Castro" funcionou até o início da década de 1990, quando foi transferida para o edifício que ocupa atualmente.

Da mesma forma que as duas igrejas, a edificação do antigo Grupo Escolar ficou totalmente destruída com a inundação, conforme será explicitado nos capítulos posteriores desse trabalho. Grande parte da população luizense estudou no Grupo Escolar, e na apresentação da imagem da antiga instituição aos entrevistados, foram resgatadas vivências guardadas na memória de cada um, no que tange aos diferentes aspectos que constituem o universo escolar nos anos iniciais de educação.

**Fotografia 4 – Sobrado do antigo Grupo Escolar de São Luiz do Paraitinga**

Fonte: Arquivo da Superintendência do IPHAN em São Paulo.

> *O antigo Grupo Escolar, quanta lembranças, minha família inteira estudou aqui. Tinha um primo ou um irmão em cada sala. Estou me lembrando dos nossos uniformes, saia cinza e camisa branca para as meninas e para os meninos calça comprida e também camisa branca, todos de sapatos pretos. Hoje tudo é diferente, ninguém quer usar mais uniforme* [...]. (Carmem Nunes Siqueira, 2015).

> *Essa foi a escola que estudei o primário! Então essa escola aqui, foi o meu Anglo, meu Objetivo! Sempre digo pra minhas filhas e sempre brinco dizendo, foi aqui que estudei. Na verdade, para as pessoas da minha geração esse prédio é um marco, não só um marco arquitetônico, mas um local aonde a gente ia pra poder aprender um pouquinho de cidadania e virar gente grande. Dessa escola tenho boas recordações. Lembro-me dos professores, funcionários e colegas. Estudava de dia e tinha um amigo que os pais vendiam salgadinho e na hora do recreio eles iam para a escola vender e eu gostava de ajudá-los. Lembro-me da época em que deu um terremoto na cidade, um pequeno abalo acho que foi em 1968, saiu gente correndo, pulando pela janela* (Luiz Alberto Polla Baptista, 2015).

> *Ah, essa era a escola da minha rua! Minha casa era do outro lado da rua, aqui que eu estudei, eu atravessava a rua para ir para aula, então eu podia acordar cinco minutos antes e estava lá e quando eu pensava em faltar à professora chamava: Tânia, você não vai vir? Então eu não podia faltar!* (Tânia Maria Moradei Gouveia, 2015).

> *Minha mãe foi professora aqui, depois quando ela casou ela parou de trabalhar e passou a ser costureira e trabalhar em casa, mas eu fiz meu curso primário aqui, fiz meu ginásio aqui, depois trabalhei aqui desde 1963 até 1991* [...]. *Eu tenho um sentimento muito grande por esse prédio, esse prédio aqui foi projetado por Euclides da Cunha.* (Judas Tadeu de Campos, 2016).

> *Os meus estudos iniciais e a minha infância, foi toda nessa escola, estudei aqui, estudei nessa sala debaixo e nessa sala do lado. Depois quando a escola primária passou para a Prefeitura, trabalhei nela, dava aula em todas as salas. Já era de quinta a oitava, agora tem o nono ano. Lindo o prédio né, agora só saudade.* (Rosa Maria Antunes, 2016).

Em São Luiz de Paraitinga, em decorrência da lavoura de café, se formou não só uma elite financeira, mas, também, uma elite cultural. Conforme o dinheiro chegava da Europa, chegavam também valores culturais, expressos na arquitetura e no interior das casas, no gosto pelas artes e na etiqueta rebuscada que as elites cafeeiras sempre tentaram reproduzir e ostentar.

Tal realidade é apontada no estudo de Petrone (1959), que descreve:

> A vida na cidade era relativamente intensa. As principais datas cívicas ou não, religiosas ou profanas, eram festejadas e, para isso, concorria à existência de duas corporações musicais: S. S. Sacramento e a Santa Cecília. Existia na cidade um conjunto dedicado a recitais de teatro, o Grupo Dramático Luizense e, às vezes grupos de outras cidades apresentavam peças de seus repertórios. (p. 319)

Além da importância do café na produção do espaço urbano tradicional de São Luiz do Paraitinga, a expansão cafeeira no Vale do Paraíba, de forma indireta, contribuiu para a constituição de um entreposto comercial, visto que toda produção de café da região e do sul de Minas tinham de passar pela cidade nos lombos dos burros para acessar o Porto de Ubatuba.

Para corroborar a afirmação, recorremos novamente ao estudo de João Santos (2008), que:

> [...] reforça o papel de São Luiz do Paraitinga como entreposto comercial, qualificando a rota que passava por esse município como sendo a segunda mais movimentada à época, com um fluxo de aproximadamente de 78 mil animais transportando centenas de milhões de arro- bas de café. (p.59)

Nesse sentido, a riqueza gerada pelo café em São Luiz do Paraitinga não se concentrou de maneira tão intensa, como ocorreu em outros municípios da região, apenas nas mãos dos "barões do café", mesmo que esses estejam fortemente presentes no imaginário da população local. A riqueza também esteve nas mãos de comerciantes e pequenos produtores de gêneros alimentícios que abasteciam a região e tropeiros que passavam pela cidade. E a sua vocação de entreposto comercial, ora de tropas que transportavam ouro, ora de tropas que transportavam café, ora no abastecimento de gêneros alimentícios, estimulou a fundação e expansão desse núcleo urbano.

Assim, a inserção de São Luiz do Paraitinga no sistema econômico do Vale do Paraíba, como caminho obrigatório e produtor de gêneros básicos, garantiu um período de estabilidade, embora de curta duração, na medida em que a lavoura cafeeira se desloca para o interior e o oeste paulista.

Com a consequente decadência dos portos do litoral Norte de São Paulo, principalmente o de Ubatuba, associada à construção da estrada de ferro D. Pedro II, a famosa Central do Brasil, em fins do século XIX, São Luiz do Paraitinga entrou em um período de estagnação econômica, pois ficou localizada fora do eixo de escoamento da produção do Vale.[21]

Mediante essa conjuntura de fortes transformações, a cultura cafeeira entrou em acentuado declínio. Entre os anos 1912 e 1922, a queda na produção de café do município de São Luiz intensificou-se e 1.200.000 pés de café foram abandonados. A decadência prosseguiu implicando na erradicação de outros cafezais, até que a grande crise econômica de 1929 encerrou definitivamente a produção na cidade, e os poucos cafezais que restaram foram, gradativamente, destruídos. (Petrone, 1959, p. 320-321)

## De Imperial Cidade a Cidade Estância Turística

Com a estagnação econômica do município após o declínio da cafeicultura e sem atrair imigrantes que chegavam ao Brasil após a abolição da escravatura, São Luiz do Paraitinga praticamente perdeu sua importância e quase desapareceu. No entanto, tal fato, associado a uma agricultura tradicional ainda muito forte, conferiu ao município certa originalidade dentro do Estado, o que justificou a sua inclusão em uma área denominada de "cultura caipira" de São Paulo.

A expressão "cultura caipira" remete a um sentido muito próximo ao adotado por Antonio Candido, em seu clássico estudo sobre os caipiras paulistas no livro: "Os parceiros do Rio Bonito", publicado em 1964, conforme destacado por André Luiz da Silva (2011). Diz ele:

> Qual seja, o modo de ser, o tipo de vida próprio da população rural paulista tradicional que teve como característica principal a fusão no passado, de heranças da cultura portuguesa, indígena e posteriormente africana [...]. Características que se prolongaram, de certo modo, na agricultura itinerante de subsistência, sobretudo naqueles locais em que a população se encontrava praticamente isolada como foi o caso de muitos municípios do Vale do Paraíba do Sul, no estado de São Paulo, em especial a partir do século XIX, quando a economia cafeeira começou a entrar em franco declínio. (p. 45)

Segundo dados do Dossiê São Luiz do Paraitinga, publicado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 2010, as marcas da expressão da cultura caipira conferem à cidade um legado

21 Vale lembrarmos também que a produção de café em São Luiz do Paraitinga estava apoiada na mão de obra escrava e, em 1888, "Com a Abolição, numerosos fazendeiros do Vale do Paraíba viram-se definitivamente arruinados. Uns sem número de propriedades ao longo do Vale foram abandonadas. Os ex-escravos, recém-libertados, negavam-se a continuar no mesmo local. E esta situação tornava-se ainda mais grave no Vale do Paraíba, pois, às vésperas da abolição, muitos fazendeiros arruinados possuíam como única riqueza os seus escravos que chegavam a representar 75% de seu patrimônio" (CARDOSO, Maria Francisca Thereza Cavalcanti. Organização e reorganização no vale do Paraíba do Sul: uma análise geográfica até 1940. In: *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro: IBGE, 1991, p. 107).

cultural singular no território paulista, abrangendo os saberes e fazeres, as manifestações religiosas e profanas, as músicas e as danças. (2010a, p. 29-30)

Prova desse legado é a ocorrência na cidade, ainda hoje, de festas como a do Divino, momento em que o lavrador agradece a Deus pelas boas colheitas; as Festas Juninas, em comemoração a Santo Antônio, São João e São Pedro; a Festa dos Santos Reis, quando se comemora a visita dos Reis Magos ao Menino Jesus, dentre outras. Durante essas festas são realizadas danças, como a Dança de Fitas e a Catira, além da realização dos folguedos, em que se destacam a Cavalhada, a Congada, o Jongo e o Moçambique.

Todas essas manifestações, segundo Ikeda e Pellegrini Filho (2008, p.49), têm origens remotas: são formas vivas e dinâmicas que se apresentam e se renovam em suas funções, formas e significados; eventos que marcam as comunidades de seus praticantes; instrumentos valiosos de salvaguardar a memória desses grupos. Vale, ainda, destacar um dos principais sustentáculos de identidade coletiva: aqueles relacionados ao paladar, pois em poucos lugares no estado de São Paulo é possível saborear um afogado, um arroz com pato ou suã de porco, um bolinho de farinha, uma canjiquinha com entrecosto, um pastel de angu ou uma paçoca de carne-seca. E todas essas comidas típicas podem ser saboreadas em um dos edifícios mais simbólicos da cidade, o Mercado Municipal.

Em 1982, diante de toda sua riqueza cultural e de seu expressivo conjunto arquitetônico, constituído por casas térreas, igrejas e grandes sobrados, representativos da fase áurea do café na economia paulista, São Luiz do Paraitinga foi tombada pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico Arqueológico Artístico e Turístico do Estado (CONDEPHAAT). Após esse ato, a cidade foi reconhecida como Patrimônio Cultural do Estado de São Paulo, sendo considerada: o maior conjunto arquitetônico tombado do estado.[22]

Na Resolução de Tombamento, porapresentarcaracterísticas distintas, a cidade foi dividida em dois setores:

> Centro Histórico I – Área de grandes sobrados, predominantemente do século XIX, no alinhamento do lote e com influências do ecletismo. O conjunto é formado por 171 edificações, em sua maior parte, de uso residencial.
>
> Centro Histórico II – Constituído de 262 casas populares, de um ou dois pavimentos, de uso residencial e pequeno comércio. (SÃO PAULO, 1982, p. 51)

Conforme destacado, além do estabelecimento das duas zonas de proteção, demarcadas em função dos correspondentes valores artísticos, estabeleceram-se graus de proteção individual para cada imóvel, levando-se em conta o seu estágio de conservação, usos, manutenção dos espaços internos e o período da construção, determinando-se os seguintes graus de proteção:

**Quadro 2 – Grau de proteção dos imóveis tombados pelo CONDEPHAAT**

| | |
|---|---|
| **GP1** | Construções anteriores ao século XX, que desempenham as mesmas funções ou funções análogas às originais, e possuem os espaços internos preservados. Essas deveriam ser conservadas integralmente. |
| **GP1-a** | Construções anteriores ao século XX, que desempenham as mesmas funções ou funções análogas às originais, e possuem os espaços internos preservados. Essas passaram por algum tipo de descaracterização, contudo passíveis de restauração. Elas deveriam ser conservadas integralmente, além de passar por um processo de restauração. |
| **GP2** | Construções anteriores ao século XX, que desempenham as mesmas funções ou funções análogas às originais, estas passaram por algumas descaracterizações impossíveis de ser restauradas devido à indisponibilidade dos elementos primitivos. Assim, essas edificações deveriam ter a fachada, cobertura e volumetria preservadas. |

22 O processo de tombamento teve início em 1969 e sua conclusão, por meio da Resolução 55, de 13 de maio de 1982, inscrevendo a cidade no Livro do Tombo do Estado de São Paulo. GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Resolução SC-55/82 – Dispõe sobre o Tombamento de São Luiz do Paraitinga. São Paulo: Diário Oficial do Estado de São Paulo, de 28/05/1982, p. 21.

| | |
|---|---|
| **GP3** | Imóveis construídos no século XX. Essas deveriam ser preservadas para se manter o visual do conjunto, podendo ser reformadas, desde que mantido o equilíbrio urbano. |
| **GP4** | Novas edificações. Aqui a resolução de tombamento salienta que deveriam ser evitadas soluções que conduzissem à imitação do antigo, porém, respeitando a homogeneidade do núcleo urbano, seja em sua volumetria, utilização de cores ou na relação com a paisagem. |

Fonte: CONDEPHAAT - Bem Tombado Centro Histórico de São Luiz do Paraitinga, 1982.

Conforme descreve Guerra (2010, p. 30-31), com o tombamento os luizenses entenderam que São Luiz do Paraitinga poderia se tornar um lugar atraente, o que eventualmente acarretaria uma economia baseada no turismo e serviria como alternativa aos problemáticos modelos econômicos anteriores.

O estudo de Natalia dos Santos Moradei (2016) sublinha que a implantação do Núcleo de Santa Virginia, no Parque Estadual da Serra do Mar (NSV-PESM), em 02 de maio de 1989, cuja sede administrativa encontra-se em São Luiz do Paraitinga, representou um dos incentivos ao desenvolvimento do turismo no município, pela extensão do território e pela riqueza da fauna e flora preservada no local.

> O objetivo fundamental do NSV é proteger parte da maior porção de florestas intactas do Vale do Paraíba. Além disso, preserva também o Rio Paraibuna, que é formado por diversas cachoeiras e corredeiras muito visitadas por turistas em busca de aventura e da prática de *rafting* em águas límpidas e despoluídas. O NSV possui ainda seis trilhas abertas ao público. (p. 31)

O reconhecimento à cultura luizense, os seus atrativos naturais, além do patrimônio arquitetônico, então já tombado, contribuíram para a consolidação de sua vocação turística e permitiram que, pela lei Estadual nº 11.197 de 05 de julho de 2002, a cidade recebesse a denominação de Estância Turística de São Luiz do Paraitinga. (São Paulo, 2002)

De acordo com informações referentes ao ano de 2017 da Secretaria de Turismo do Estado de São Paulo, o estado tem 70 cidades legalmente consideradas estâncias (entre balneárias, climáticas, hidrominerais ou turísticas). São cidades que recebem anualmente verbas do Departamento de Apoio ao Desenvolvimento das Estâncias (DADE) que devem ser aplicadas em obras que melhorem sua estrutura e capacidade para receber turistas. Na definição da referida Secretaria, "Estâncias Turísticas são cidades com muitas tradições culturais, patrimônios históricos, artesanatos, lindas paisagens, centros de lazer, além de ótimos serviços de gastronomia".

No contexto do governo federal, em 2012, houve o reconhecimento do patrimônio cultural e histórico de São Luiz do Paraitinga, com o tombamento pelo IPHAN, pouco antes do lançamento do Programa de Ação Cultural/Cidades Históricas 2 (PAC), por meio do qual a cidade passou a receber verbas para projetos pontuais. Para esta etapa a requalificação urbanística do Centro Histórico e da margem do Rio Paraitinga foi privilegiada.

O Programa, em sua primeira fase, derivou de uma ação conjunta dos Ministérios da Cultura, das Cidades, da Educação e do Turismo, além de agências, como Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e Caixa Econômica Federal. De acordo com o divulgado pelo programa, a promoção da requalificação urbana tinha por objetivo "estimular usos que garantam seu desenvolvimento econômico, social e cultural".[23]

23 BRASIL. Ministério da Cultura. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. IPHAN. Patrimônio, Desenvolvimento e Cidadania. Brasil, 2009, p. 21. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/baixaFcdAnexo.do?id=1332?>. Acesso em: 14 fev. 2017.

Carlos Murilo Prado Santos (2006), em sua dissertação de mestrado "O reencantamento das cidades: tempo e espaço na memória do patrimônio cultural de São Luiz do Paraitinga/SP", ao discorrer sobre a atividade turística na cidade, ressalta:

> [...] ao transformar o Centro de São Luiz do Paraitinga em patrimônio e, em seguida, em Estância Turística do Estado, temos o início de uma nova forma de relação entre a sociedade e este território, agora em processo de valorização com o desenvolvimento do turismo. (p.19)

Após São Luiz de Paraitinga ter recebido a titulação de Estância Turística diferentes ações passaram a ser realizadas visando impulsionar a atividade econômica no município, com a busca por incentivos privados para a restauração de bens patrimoniais públicos, caso da restauração parcial da Casa de Oswaldo Cruz, e a criação da Festa do Saci e Seus Amigos.

Em 2005, foi realizado o projeto de restauração de partes da Casa de Oswaldo por meio de uma parceria entre a Escola Oficina de Restauração da cidade de Santana do Parnaíba-SP e uma instituição financeira privada. A intervenção contou com a reabilitação do telhado, que estava comprometendo o estado do piso, a restauração de algumas paredes de pau a pique e a pintura do interior da casa e da fachada.

Criada em 25 de outubro de 2003, a Festa do Saci e Seus Amigos teve a aprovação da Câmara dos Vereadores, numa iniciativa que partiu de alguns vereadores indignados com a crescente presença da cultura estadunidense entre as crianças de São Luiz do Paraitinga, principalmente na época do *Halloween* (Dia das Bruxas) nos Estados Unidos. A escolha do dia mostrou-se proposital, já que em 31 de outubro é o dia da comemoração da festa estadunidense que, a cada ano, parece atrair mais crianças brasileiras.

Para a organização do evento, foi criada a Sociedade dos Observadores de Saci (Sosaci), que declara ter, entre seus objetivos "promover o desenvolvimento de projetos relacionados à valorização da cultura popular e caipira". (SOSACI, 2003).[24] O Manifesto do Saci declara que:

> A cultura popular é um elemento essencial à identidade de um povo. As tentativas insidiosas de apagar do imaginário do povo brasileiro sua cultura, seus mitos, suas lendas, representam a tentativa de destruir a identidade do nosso país. A história de todas as culturas até hoje existentes é a história de opressores e oprimidos. Hoje, como ontem, o Saci apoia, em qualquer lugar e em qualquer tempo, qualquer iniciativa no sentido de contestar a arrogância, a prepotência e a destruição de que é portadora a indústria cultural do império.[25]

No Dia do Saci e na semana que antecede a festa, ocorrem na cidade, palestras, oficinas, contação de histórias, corridas (com uma perna só), a *Sacicleta* (passeio ciclístico com seus participantes também usando uma só perna para conduzir a bicicleta) entre outras atividades. Nessa ocasião, São Luiz do Paraitinga recebe mais de cinco mil turistas.

Os luizenses têm orgulho de sua origem, de sua cultura e a participação na Festa do Saci e Seus Amigos é maciça, assim como nas dezenas de festividades que ocorrem no município, atraindo centenas de turistas, que fazem São Luiz do Paraitinga ser chamada de: "Cidade das Mil Festas", visto seu extenso calendário festivo/cultural. O Quadro 3, que segue, mostra o calendário das festividades do município.

As festividades do ano começam com a Folia de Reis, no mês de janeiro, com diferentes grupos percorrendo a zona rural e cantando o nascimento de Jesus. Esses grupos se reúnem, então, no Centro Histórico da cidade, no chamado Encontro de Reis.

---

24 Estatuto da Associação Sosaci. Disponível em: <http://www.sosaci.org/oi-nois-aqui.htm>. Acesso em: 15 fev. 2017.

25 Manifesto do Saci. Disponível em: <http://www.sosaci.org/oi-nois-aqui.htm>. Acesso em: 15 fev. 2017.

## Quadro 3 – Calendário cultural de São Luiz do Paraitinga, 2017

| |
|---|
| ***Janeiro***<br>06 e 07 – Festa de Reis (Bairro Santa Cruz)<br>18 e 19 e 26 – 28º Festival de Marchinhas |
| ***Fevereiro***<br>02 – Carnatuçaba<br>08 a 12 – 33º Carnaval de Marchinhas "Retalhos de Chita" |
| ***Março***<br>25 a 31 – Celebrações da Semana Santa e Páscoa |
| ***Abril***<br>01 – Festa de São Benedito (Bairro São Benedito) |
| ***Maio***<br>03 e 04 – Festival de Moda de Viola<br>08 – Aniversário da Cidade<br>10 a 19 – Festa do Divino Espírito Santo<br>30 – Corpus Christi |
| ***Junho***<br>01 e 02 – 10° Passeio Ciclístico e 6a Caminhada Ecológica ao Núcleo Santa Virgínia<br>07, 08 e 15 – Festa Junina "Arraiá do Chi Pul Pul"<br>21 a 30 – Festa de São Pedro de Catuçaba (Distrito de Catuçaba) |
| ***Julho***<br>02 a 28 – 13a Temporada de Inverno "Um Friuzinho Esquentadô"<br>14 – Big Biker<br>18 a 21 – 41a Romaria de Cavaleiros à Aparecida<br>29 – Festa de São Cristóvão |
| ***Agosto***<br>01 a 07 – Semana Oswaldo Cruz<br>02 a 04 – Festa da Cozinha Caipira<br>10 a 19 – Festa do Padroeiro – São Luís de Tolosa<br>23 a 25 – Encontro Gospel – "Uma nova história, Deus tem para São Luiz do Paraitinga"<br>31 – Início da Semana Elpídio dos Santos |
| ***Setembro***<br>01 a 03 – Semana Elpídio dos Santos<br>16 a 22 – Semana da Canção Brasileira<br>20 a 23 – Festa de Nossa Senhora das Mercês |
| ***Outubro***<br>14 – Projeto Resgatando a Inocência<br>21 – Festa de Nossa Senhora do Rosário<br>25 a 31 – 11a Festa do Saci e Seus Amigos |
| ***Novembro***<br>24 – Festa de Santa Cecília |
| ***Dezembro***<br>01 a 25/12 – Comemorações Natalinas<br>31/12 – Réveillon |

Fonte: Associação Comercial e Industrial de São Luiz do Paraitinga.

Acompanhando o calendário cristão, portanto sem data fixa, acontece o Carnaval e, alguns dias antes, o Festival de Marchinhas Carnavalescas. Renata Rendelucci Allucci (2015), no estudo "Carnaval de São Luiz do Paraitinga: conflito entre isolamento e abertura da cidade", destaca que:

> [...] o carnaval – hoje, a maior festa da cidade em número de turistas – é considerada a festa mais importante em São Luiz do Paraitinga. Atualmente, o público chega à incrível estimativa de mais de 40.000 pessoas por dia, na pacata cidade cuja população urbana é de pouco mais que um quinto desse número. (p. 30)

A cerimônia da Semana Santa e todos os eventos que a acompanham – Domingo de Ramos, Sexta-Feira da Paixão, Sábado de Aleluia e Páscoa – tem lugar de destaque e é muito admirada pelos luizenses e turistas. Na Sexta-feira Santa, além da missa, celebra-se a Adoração à Cruz, seguida pela encenação da Paixão de Cristo, na Praça Oswaldo Cruz. À noite, a população acompanha a tradicional Procissão do Enterro do Senhor Morto, ao som da Corporação Musical São Luiz de Tolosa, das matracas e do canto da Verônica. A grandiosidade do cortejo, as imagens, as ruas e as ladeiras com seus casarões, formam um cenário colonial e religioso que se assemelha a um teatro a céu aberto. No Sábado de Aleluia, a diversão é garantida com a malhação do boneco de Judas. A realização da missa da Ressurreição acontece no Domingo de Páscoa, complementada pela coroação de Nossa Senhora.

No mês de maio, quando se comemora o aniversário da cidade, São Luiz do Paraitinga tem uma programação festiva intensa, com a realização de muitos shows, principalmente de artistas locais e da região.

Seguindo o calendário cristão, 40 dias após a Páscoa acontece a Festa do Divino Espírito Santo, o evento religioso mais conhecido da cidade e que atrai milhares de turistas anualmente. As origens dessa festividade encontram-se na Alemanha medieval e chegaram ao Brasil por meio de imigrantes da França e de Portugal. Os registros mostram que a festa é realizada no município desde o início do século XIX.

Adriana de Oliveira Silva (2013), conta que as festividades ganharam outra dimensão quando os barões de café da região, no final do século XIX, começaram a bancar a festa. Naquele momento, o Divino passou a ser

> Uma festa promovida pela elite branca, da qual o povo e os escravos também participavam, especialmente por meio de suas danças e batuques, congadas, moçambiques, jongos, entre outras danças devocionais populares. Essa sequência de festas dentro da grande festa revela a religiosidade que permeia a relação dos homens com Deus, e também dos homens entre si, configurando uma tradição local. (p.25)

Atualmente, a organização da festa começa com a escolha de um festeiro que será o responsável pela elaboração do evento, o qual é preparado com a colaboração de centenas de voluntários. Os devotos participantes costumam portar bandeiras vermelhas com fitas coloridas e imagens de membros de suas respectivas famílias, a fim de pedir proteção e saúde para eles. A festa dura dez dias, começando na noite de uma sexta-feira, com novena e bênção às bandeiras.

Os principais acontecimentos são realizados nos finais de semana, incluindo o encontro das bandeiras, que termina no Império – casa ornamentada que se torna o centro das devoções populares durante a festa – , a distribuição do afogado – comida tradicional da festa – na tarde e noite de diferentes dias, e a Procissão do Divino, na qual os devotos são acompanhados pela banda musical do município durante as orações e a caminhada, que termina no centro da cidade.

No mês de junho, ocorrem as comemorações de Santo Antônio, São João e São Pedro no Arraial do "Chi-Pul Pul", cujo nome é a onomatopeia para o som dos fogos de artifício, bastante utilizados nessas festas. O Arraial é instalado no pátio interno do Mercado Municipal, preservando os costumes e a cultura caipira, relacionados às festividades juninas.

Dentre as festas oficiais em homenagem aos santos católicos, além dos relacionados às festas juninas, acontecem as festas de São Sebastião, São José, São Benedito, São Cristóvão, do padroeiro da cidade, São Luís

de Tolosa, de Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora das Mercês e de Santa Cecília, padroeira dos músicos. Para Nossa Senhora de Aparecida, há um evento especial: em 2017, ocorreu a 41a Romaria de Cavaleiros a Aparecida. Centenas de homens, mulheres e até crianças levam a imagem da Santa e a trazem de volta para a cidade, recebendo bênçãos das igrejas tanto da cidade de Aparecida quanto de São Luiz do Paraitinga.

No período do inverno, uma das etapas da *Big Biker*, considerada uma das maiores competições de *mountain bike* do país, ocorre em São Luiz do Paraitinga. Participantes de várias categorias, masculino e feminino, chegam à cidade, vindos de todas as partes do Brasil, para participar do desafio, num percurso de aproximadamente 90 km, com muitas subidas íngremes, misturadas com descidas, em meio à natureza exuberante. No final de semana da prova, a cidade fica repleta de atletas e turistas, com suas *bikes* coloridas e modernas. Competição, superação, adrenalina e alegria não faltam na etapa do *Big Biker* na terra das marchinhas.

Cabe, ainda, ressaltar que no calendário festivo/cultural da cidade, dois filhos ilustres de São Luiz do Paraitinga, o cientista Oswaldo Cruz e o músico e compositor Elpídio dos Santos, também são lembrados em semanas realizadas em suas homenagens, nas quais a música é a principal atração. Em 2009, as comemorações do centenário de nascimento de Elpídio dos Santos levaram para apresentações no coreto da cidade um grande número de artistas locais e nacionais, que tinham uma ligação anterior com o trabalho do músico luizense, ocasião em que foi gravado um DVD para comemorar a data.

A musicalidade integra a alma da cidade, também chamada, carinhosamente, de *Terra dos Músicos*. Um dos principais eventos culturais de São Luiz do Paraitinga, nesse campo, é a realização da Semana da Canção Brasileira. O evento representa um convite para luizenses e turistas refletirem sobre a música popular brasileira, por meio da difusão e entretenimento, contando com a apresentação de musicais, atividades de formação musical (oficinas), que atendem aos estudantes da rede pública de ensino da cidade, professores e também o público em geral, realização de palestras e debates, além de concursos que premiam o conjunto da obra de novos compositores. Todos os anos, a Semana da Canção atrai grandes nomes da Música Popular Brasileira e dela já participaram: Almir Sater, Zélia Duncan, Luiz Melodia, Zeca Baleiro, Geraldo Azevedo, Dominguinhos, Morais Moreira dentre outros.

Diante de tantas demonstrações da força da cultura local, das manifestações de bens culturais em São Luiz do Paraitinga, o IPHAN elaborou o Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC), com os seguintes objetivos:

a) realizar levantamento sistemático de bens culturais em vigência ou na memória dos moradores do município;
b) contribuir para a apreensão dos sentidos de identidade associados aos bens inventariados;
c) oferecer subsídios para uma intervenção social voltada à questão patrimonial;
d) sistematizar conhecimentos disponíveis acerca das expressões culturais existentes no município bem como sobre sua população;
e) reunir e produzir documentação acerca dos bens culturais inventariados;
f) indicar medidas de salvaguarda para os bens culturais inventariados.[26]

No referido documento, os bens culturais foram inventariados em segmentos: *Celebrações* - Festa do Divino, Procissões, malhação de Judas e o Carnaval; *Formas de Expressão* – Moçambiques, Congadas, Cavalhada, Bonecões (Maria Angu e João Paulino), Bandas e Fanfarras; *Modos de Fazer* - Culinária e artesanato em taboa e taquara; e *Lugares* - Centro Histórico e Mercado Municipal e Edifícios – as Igrejas da Matriz, do Rosário e Capela das Mercês.

26 MINISTÉRIO DA CULTURA. Brasil. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Patrimônio, Desenvolvimento e Cidadania. *Inventário Nacional de Referências Culturais - São Luiz do Paraitinga.* São Paulo: MinC/IPHAN, 2010. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/>. Acesso em: 14 fev. 2017, p. 66-67.

Depois da enchente de 2010, e com atuação mais próxima de técnicos ligados à conservação do patrimônio cultural em São Luiz do Paraitinga, registraram-se algumas ações para o entendimento da cidade como polo turístico: cursos de capacitação aos estudantes da rede pública, que atuaram como mediadores nas visitas aos locais que estavam sendo reconstruídos; criação de um espaço visando a divulgação de informações turísticas, o Centro Turístico e Cultural "Nelsinho Rodrigues". Por outro lado, a rede hoteleira e de serviços da cidade, que se restabelecia aos poucos, percebeu a necessidade de maior profissionalização nos serviços oferecidos e vem se empenhando para sua melhoria.

## De Cidade Estância Turística a Cidade Patrimônio Cultural Nacional

Como destacado, o primeiro reconhecimento de São Luiz do Paraitinga como patrimônio histórico ocorreu com o tombamento realizado pelo CONDEPHAAT, em 1982, e teve como referência e justificativa para tal ação a necessidade de manutenção da arquitetura brasileira característica do período cafeeiro.

Entretanto, conforme descreve Allucci (2015, p. 32), o interesse dos órgãos de preservação do patrimônio por São Luiz do Paraitinga teve início nos anos de 1950, quando o arquiteto Luís Saia esteve à frente da superintendência estadual do IPHAN-SP. À época, realizou-se um sistemático levantamento métrico e fotográfico das edificações antigas da cidade, resultando no tombamento, em 1956, da casa onde nasceu o sanitarista Dr. Oswaldo Cruz, pelo órgão federal. Porém, com o falecimento do arquiteto responsável, esses estudos não foram finalizados pelos que o sucederam, tendo como justificativa a falta de antiguidade, o pouco valor artístico, a falta de originalidade desse núcleo urbano.

Assim, é importante compreender como ocorreu o processo de tombamento do conjunto urbano de São Luiz do Paraitinga no contexto nacional, é preciso resgatar elementos da criação do próprio IPHAN, ainda que de forma resumida.

Segundo Lemos (2013, p. 27-29), a criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), atual IPHAN,[27] ocorreu em 1937, por meio do decreto lei nº 25, o qual normatizava as atividades de preservação do patrimônio histórico e artístico nacional, delimitando o direito de propriedade sobre bens tombados. Gustavo Capanema, Ministro da Educação e Saúde, entre 1934 e 1945, e Mário de Andrade, diretor do Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo, entre 1934 e 1937, estão entre os precursores do processo que culminou com a implantação do decreto de criação.

Integrava esse cenário o movimento modernista de 1922 que, dentre as muitas contribuições à construção de uma identidade nacional, também esteve diretamente ligado ao debate que trouxe a preservação do patrimônio para um lugar de destaque no Brasil.

Para José Reginaldo Gonçalves (2012) a iniciativa de vanguarda de muitos intelectuais brasileiros ao colocar o patrimônio entre os temas nacionais, deveu-se ao fato de os chamados de modernistas, que compartilhavam princípios nacionalistas e desejavam criar símbolos identitários para o país, sob a suposição de que ainda não existia uma identidade nacional e que era preciso criá-la:

> Os modernistas brasileiros, ao cultivarem o passado, tinham em vista a construção do futu- ro da nação. Recorriam ao passado como uma fonte de inspiração para o presente. Embora voltados para o passado, os patrimônios deveriam apontar para o futuro. Para os arquitetos modernistas, a arquitetura barroca brasileira era pensada como uma espécie de precursora da

27 O IPHAN sofreu alterações de nomenclatura ao longo do tempo, porém sem perder sua função de órgão de preservação do patrimônio cultural, a partir da década de 1990, mantém o nome de Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira. *O que é patrimônio histórico*. São Paulo: Brasiliense, 2013, p. 27-29).

> arquitetura brasileira moderna. O passado era acionado a serviço do presente, e, sobretudo, do futuro. ( p. 127)

No estudo "O Patrimônio em Processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil", Maria Cecília Londres Fonseca (1997), discute como se deu a criação do IPHAN e as formas como o órgão trabalhou ao longo dos anos, dividida em duas fases: Heroica e Moderna. A Fase Heroica, que abrange os períodos de 1937 a 1967, foi dominada pela direção de Rodrigo Melo Franco de Andrade, responsável por instituir uma política federal de preservação, que marcava a posição oficial do Estado na questão da salvaguarda da memória. A referida autora aponta que, nesta fase, se deu uma busca incansável por uma cultura e uma identidade "autenticamente brasileira", encontrada nos bens do período colonial, em especial as signatárias do barroco mineiro.

A eleição dos bens que deveriam ser listados não era embasada por estudos e pesquisas, mas sim pelas escolhas dos técnicos, não sendo necessário formular justificativas, prevalecendo as características estéticas, em que o caráter histórico era secundário. Fonseca (1997) também ressalta o Decreto-Lei n° 3.534 de 1946, que criou quatro distritos sedes do IPHAN, em Belo Horizonte, São Paulo, Salvador e Recife.

Posteriormente, a chamada Fase Moderna do órgão, teve início em 1967 e vai até o fim da década de 1980, com a saída de Rodrigo Andrade e a ascensão de Aloísio Magalhães, momento em que ocorrem grandes transformações nas ações do Instituto. O estudo de Fonseca (1997) identifica, de forma detalhada, o contexto cultural que favoreceu as transformações na postura do IPHAN, mostrando como diversas questões emergentes naquele momento começaram a entrar em conflito com as práticas até então adotadas de valorização dos monumentos vinculados à cultura do colonizador.

Essa fase foi marcada por uma nova política de tombamento, com maior ênfase para a salvaguarda de conjuntos urbanos, como uma resposta à crescente especulação imobiliária e à atividade turística. Assim, foi criada a ideia de ambiência a fim de possibilitar a inclusão de outros estilos arquitetônicos que anteriormente não eram aceitos, tentando manter a volumetria dos imóveis do entorno e dificultando a ação dos especuladores. (LEMOS, 1997) Na década de 1980, marcada pelo processo que levou ao fim a ditadura militar no Brasil, houve diferentes alterações nos aspectos ligados ao patrimônio cultural. Conforme Carlos Murilo Prado Santos (2006, p. 64), "os processos de tombamento eram debatidos e questionados por intelectuais e grupos sociais, que passaram a perguntar para que e para quem eram tombados edifícios ou monumentos e qual era a função social de um tombamento".

Posteriormente, o debate sobre a função social do patrimônio histórico e cultural, encontrou ressonância na Constituição Federal de 1988, que estabeleceu parâmetros para a implantação de uma política de patrimônio no Brasil, conforme definição do seu artigo 216:

> Constitui patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:
>
> I – as formas de expressão;
>
> II – os modos de criar, fazer e viver;
>
> III – as criações científicas, artísticas e tecnológicas;
>
> IV – as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;
>
> V – os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

> § 1º - O Poder Público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação. (BRASIL, 1988, p. 127)

Porém, ainda que a Constituição assegurasse mecanismos públicos de preservação do patrimônio, houve um real processo de desmantelamento durante o governo de Fernando Collor (1990-1992), quando houve a extinção do Ministério da Cultura (MinC) e do IPHAN, em 1990, e, em seu lugar foram criados dois órgãos: a Secretaria da Cultura e o Instituto Brasileiro de Patrimônio Cultural. Esse período, segundo o geógrafo Danilo Celso Pereira (2011, p. 9), "dá início ao que pode ser caracterizado como terceira fase do IPHAN".

Foi, nesse contexto de desmantelamento da área da cultura, que ocorreu a aprovação da Lei Rouanet, permitindo que projetos de incentivo à cultura recebessem patrocínio e doações de empresas e pessoas físicas, podendo estas virem a ter parte dos benefícios concedidos abatidos no Imposto de Renda. Esse fato, de certa forma, efetivou a cooptação da esfera da cultura pelo mercado, de maneira que apenas os projetos de grande visibilidade, portanto os que possuíam maior capacidade de gerar lucro e tivessem agentes financiadores, dando início a uma verdadeira "privatização" da cultura e do patrimônio, cabendo ao Estado apenas a aprovação das ações.

Pereira (2011, p 10-11) descreve que com o governo de Fernando Henrique Cardoso (1995-2002) teve início a quarta fase do IPHAN; o MinC foi recriado e o IPHAN, efetivado como uma entidade integrada à Administração Pública Federal, revigorando a atuação dos órgãos oficiais de cultura. Assim, a questão mais importante referente a essa nova fase da Instituição foi a institucionalização do patrimônio imaterial que possibilitou a redefinição das diretrizes de preservação no Brasil, conforme instituído pelo Decreto n° 3.551 de 2000, juntamente com o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI). Para isso, o referi- do Programa objetivou fomentar e estabelecer parcerias entre as instituições federais, estaduais, municipais, universidades, organizações não governamentais, agências de desenvolvimento e fomento ligadas à cultura, pesquisa e educação.

Em 2003, com a ascensão de Luís Inácio Lula da Silva à Presidência da República, e tendo à frente do MinC, Gilberto Gil, poucas mudanças ocorreram na estrutura do MinC e do IPHAN. Mesmo assim, vale registrar as alterações significativas nas políticas de ambos, principalmente quanto ao direcionamento dos recursos por meio dos Pontos de Cultura e no estabelecimento das prioridades. Para Daniel Santos (2016, p. 51), os chamados "Pontos Culturais", fizeram chegar até os artistas populares as condições de destacarem-se no cenário cultural do país, o que não ocorria com as políticas culturais anteriores, restritivas, com interesse comercial e ações concentradas na Região Sudeste.

As mudanças mais significativas desse contexto referem-se ao início de uma política de reconstituição dos quadros administrativos e técnicos do Órgão. Por meio de concursos públicos, novos quadros são incluídos ao corpo técnico e administrativo, revitalizando suas ações em relação às políticas de patrimônio, com uma maior disposição para o diálogo com a sociedade e pela busca por mais representatividade do patrimônio nacional. Pereira (2011, p. 12) destaca que "essa política de reformulação dos profissionais da IPHAN, caracteriza-se como a quinta fase do Instituto".

Ainda nesse período ocorreu a aprovação do Regimento Interno do Instituto, que estabelecia as competências do Órgão, em termos das ações de proteção, fiscalização, estudos e pesquisas, no tocante ao patrimônio cultural brasileiro. São, também, estabelecidas as ações de rotina do Órgão, como vistorias, visitas técnicas e fiscalizações, análises de processos e aprovação de projetos, emissão de autorizações, notificações e embargos, acompanhamento da execução de intervenções, bem como a adoção de medidas legais no caso de danos aos bens tombados.

Em 2007, inserido nessa conjuntura política, houve a reabertura de estudos acerca da possibilidade de realização de novos tombamentos no estado de São Paulo, destacando-se os conjuntos urbanos de Santos, Iguape e São Luiz do Paraitinga.

Em dezembro de 2009, Iguape foi declarada Patrimônio Cultural Nacional, constituindo-se no primeiro conjunto urbano tombado pelo poder público federal no estado de São Paulo. Tal tombamento integrou uma série de ações do Órgão no Vale do Ribeira, como o tombamento dos bens da Imigração Japonesa, estudo da Paisagem Cultural, inventário de referências culturais, ações de educação patrimonial e outras.

Por outro lado, diante da inundação de janeiro de 2010, que destruiu a maior parte do patrimônio material de São Luiz do Paraitinga, a população luizense em particular e a sociedade como um todo, passou a cobrar do IPHAN um posicionamento oficial na recuperação de todos os bens.

Em face de toda a destruição, era urgente pensar a cidade como um patrimônio, reafirmando o senti- do histórico e cultural da paisagem urbana em todo o seu conjunto. A primeira declaração da superinten- dente do IPHAN de São Paulo, Anna Beatriz Ayroza Galvão, no dia 5 de janeiro de 2010, já demonstrava esta preocupação:

> Estou me sentindo em uma cidade bombardeada, com grande parte do seu patrimônio destruído. Vamos precisar revisar o estudo que estava sendo feito para o tombamento nacional da cidade. Ainda é cedo para afirmar qualquer prazo ou situação.[28]

Ademais, é importante destacar que na esfera federal estava em andamento, junto ao Instituto, o processo de tombamento do Centro Histórico de São Luiz do Paraitinga. Em 2010, contudo, em razão da magnitude da inundação e suas consequências, o Órgão reelaborou o Dossiê São Luiz do Paraitinga,

> [...] estudo que avalia o significado histórico do plano urbano, as transformações e caráter da sua morfologia, como também da configuração tipológica das construções e dos espaços abertos, e a partir destes da pertinência do tombamento e da regulamentação da sua área de preservação. (BRASIL, 2009, p. 11)

Na apresentação do Dossiê, o IPHAN explicitou as motivações para o tombamento:

> Para nós, voltados à proteção do patrimônio cultural, é a cidade em seu conjunto que importa, tanto à luz do entendimento do desenho da cidade e sua arquitetura, seu desenvolvimento histórico, como em relação a definições, princípios e objetivos exarados em cartas e recomendações relativas ao patrimônio cultural, elaboradas em encontros patrocinados pela UNESCO, pela OEA e pelo International Council on Monuments and Sites (Icomos). Vale lembrar a Carta de Washington – UNESCO (EUA, 1987), centrada na questão da preservação das 'áreas urbanas históricas, grandes ou pequenas, incluindo cidades, vilas e centros ou bairros históricos, em conjunto com os seus ambientes naturais ou feitos pelo homem', sublinhando que, 'para além do seu papel como documentos históricos, estas áreas incorporam os valores das culturas urbanas tradicionais' (BRASIL, 2009, p. 20-21).

Enfim, depois de mais de sessenta anos após o início dos primeiros estudos referentes à relevância de São Luiz do Paraitinga como patrimônio cultural pelo IPHAN, seu reconhecimento como Patrimônio Cultural Nacional ocorreu em 10 de dezembro de 2010, em uma reunião do Conselho Consultivo do Instituto, no Palácio Gustavo Capanema, na cidade do Rio de Janeiro, com o acautelamento de mais de 450 imóveis numa área superior a 6,5 milhões de metros quadrados.

Quando da apresentação da quinta fotografia aos entrevistados deste estudo, uma vista panorâmica de São Luiz do Paraitinga na segunda metade do século XX, quando avaliações iniciais para o tombamento da cidade foram realizadas, as lembranças afloradas com a visualização da imagem mostraram o sentimento de

28 Entrevista coletiva à imprensa em sua primeira visita à cidade após a inundação. GAZETA DO POVO. Técnicos avaliam reconstrução de São Luiz do Paraitinga. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/tecnicos-avaliam-reconstrucao-de-sao-luiz-do-paraitinga-apai7mzkk48ap10uc1hvj86ry de Solange Spigliati>. Acesso em: 15 dez. 2016.

ser luizense de origem ou de coração e reforçaram o sentido de pertencimento à cidade que se tornou Patrimônio Cultural Nacional:

**Fotografia 5 – Vista panorâmica de São Luiz do Paraitinga (1950/1960)**

Fonte: Arquivo da Superintendência do IPHAN em São Paulo.

*Vejo essa fotografia e me sinto realizada, porque é a minha cidade querida! Vejo que é uma foto antiga, eu não era nascida, mas a gente olha a cidade e a primeira coisa que chama atenção é a Igreja Matriz que sempre foi linda, o orgulho pra todos nós luizenses, mesmo para aqueles que não nasceram aqui, mas adotaram São Luiz como a sua cidade* (Maria Letícia Donizete Galvão, 2015).

*Essa imagem é a São Luiz do passado, e que eu tenho tanto orgulho e muitas recordações. Cidade de gente com simplicidade, carroça, cavalo na praça, festa religiosa, latão de leite, caminhões com gente em cima, João Paulino e Maria Angu. Quando ameaçava de chuva já acabava a luz, sapos na rua... São essas coisas que eu me lembro da minha infância, desta São Luiz caipira de 50 anos atrás. Uma cidade que tem identidade cultural, que a gente tem orgulho de ter nascido e vivido aqui* (Luiz Alberto Polla Baptista, 2015).

*Essa imagem de São Luiz é do final dos anos de 1950 e começo dos anos de 1960, eu era garoto nesta época, mas consigo lembrar muitas coisas, essa casa aqui próxima da ponte era do meu bisavô. Olhando a fotografia, volto no tempo e sinceramente afirmo, tenho orgulho de ser luizense porque faço parte dessa cidade que tem uma identidade com a cultura caipira e que por toda a sua história passa agora a ser reconhecida como Patrimônio Cultural* (Judas Tadeu de Campos, 2016).

*Meu Deus, essa foto é a nossa São Luiz! É a antiga, a que temos guardado na memória. Esse prédio aqui era a cadeia, o meu pai trabalhou aqui, no prédio do Mercado Municipal. Veja o casario, a praça, a Igreja Matriz, a casa do seu Antoninho do bar. Essa casa no alto, não existe mais, agora é um sobrado que fizeram ali. Olha como o fundo dos quintais era, todinho cheio de pomar, cada luizense tinha o seu pomar. Veja como era barranco, tá vendo a água do rio*

*demorava a chegar e agora não, agora é uma rua. Essa foto nos mostra que este pequeno município, essa cidadezinha tem assim um chamarisco que o pessoal costuma dizer que quem bebeu da água da terrinha, pode saber que vai voltar. São Luiz do Paraitinga é muito importante por toda a sua história, suas tradições, o seu folclore que está um pouquinho esquecido, mas ser luizense São Luiz significa ter uma vida saudável, significa respirar ar puro, significa respirar cultura todos os dias. E tudo isso agora, faz parte do Patrimônio Cultural* (Rosa Maria Antunes, 2016).

Vale ressaltar que, em função do tombamento realizado pelo IPHAN, foi criado o Conselho do Patrimônio Histórico e Cultural de São Luiz do Paraitinga (CONDEPAC), órgão proposto no padrão dos demais Conselhos existentes no Brasil: trata-se de um órgão consultivo e normativo, estando em uma hierarquia inferior em relação aos Órgãos estadual e federal.

O CONDEPAC vem realizando um trabalho de estudos e de tombamento de bens localizados na zona rural do município, e teve como marco a Capela de São Vicente de Paula, localizada no Bairro do Alvarenga, no final de 2013.[29] Posteriormente, o Órgão municipal propôs o tombamento de dois bens imateriais, da cultura local: o Canto de Brão [30] (Tombado em 2013) e o Saber fazer artesanal da farinha de mandioca, do Bairro de Alvarenga.[31]

29 PREFEITURA MUNICIPAL DA ESTÂNCIA TURÍSTICA DE SÃO LUIZ DO PARAITINGA. Lei 1.651, de 29 de novembro de 2013 – Declara patrimônio material cultural a capela que tem como orago a capela de São Vicente de Paula, localizada na comunidade do Bairro do Alvarenga e dá outras providências. Prefeitura Municipal de São Luiz do Paraitinga, 2013.

30 Constituem as cantigas entoadas em atividade de mutirão para a execução de alguma tarefa na área rural. Cantadas em duplas, as cantigas são feitas por meio de uma linguagem improvisada e cheia de metáforas, na qual se canta um enigma que deve ser decifrado ao longo do dia de trabalho. É uma espécie de jogo cantado de adivinhação.

31 O Projeto Lei nº 27/2014 de 07 de maio de 2014, que dispõe sobre o tombamento como Patrimônio Cultural Imaterial o saber fazer artesanal da farinha de mandioca do Bairro de Alvarenga, encontra-se ainda em apreciação junto a Câmara Municipal de São Luiz do Paraitinga.

# Capítulo 3

# Memórias de uma Inundação: São Luiz do Paraitinga e a noite em que a cidade desapareceu

*O rio entrou sem pedir licença;*
*saiu sem dizer obrigado.*
Nena Santos[32]

## As chuvas de verão e as águas do rio Paraitinga

No final do ano de 2009, o Estado de São Paulo registrou índices de chuva acima dos normais, configurando uma época em que centenas de famílias, principalmente da capital paulista, tiveram de deixar suas casas devido às consequências trazidas pelo fenômeno meteorológico. Os institutos responsáveis pela previsão do tempo não esperavam por melhorias nesse período, e tornou-se corriqueiro enviar alertas às cidades que poderiam ter chuvas fortes. As cidades do Vale do Paraíba e do Litoral Norte também foram bastante atingidas pelas precipitações nos últimos meses daquele ano.

Conforme a Classificação Climática do Brasil, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), as regiões do Vale do Paraíba e Litoral Norte possuem um clima subquente (com média entre 15ºC e 18ºC em pelo menos 1 mês) e superúmido sem seca, o que também é descrito como Clima Tropical Atlântico, devido à grande influência da umidade vinda do Oceano Atlântico, aspecto que faz com que essa região tropical tenha precipitações concentradas no verão. A Figura 5 mostra tais condições

Por isso, não é de se estranhar, que durante a estação de verão, São Luiz do Paraitinga seja atingida por chuvas torrenciais, sendo comum que a elevação do nível do rio Paraitinga cubra as ruas mais baixas da cidade, e que os luizenses convivam com esse processo em relativa naturalidade. Todavia, nos três primeiros dias de dezembro daquele ano, as precipitações alcançaram a média esperada para um mês inteiro de verão.

32 Frase extraída do depoimento de SANTOS, Santos. *Memória luizense: a passagem do tempo em São Luiz do Paraitinga*. Julho de 2012. Vídeo realizado pela AMI São Luiz e Quatro Quatro Zero Produções; apoio do Ministério da Cultura e do Grupo Bandeirantes de Comunicação.

**Figura 5 – Classificação climática do Brasil**

Fonte: Mapas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas- IBGE.[33]

O pesquisador Pedro Frazatto Verde (2013), em sua dissertação de mestrado "Cidades históricas atingidas por tragédia ambiental: estudo de caso de São Luiz do Paraitinga (SP)", destacou o índice de precipitações pluviométricas diárias em dezembro de 2009 e na primeira semana de janeiro de 2010, medidas pela estação da Fundação Florestal do Vale do Paraíba, e ressalta em amarelo os dias mais chuvosos. O Quadro 4 sistematiza os índices de precipitação pluviométrica na Bacia do Paraitinga. Ademais, segundo ele:

> Em dezembro, no dia 4, choveu quase o equivalente às médias de novembro e dezembro somadas; no dia 8, choveu mais do que o esperado para o mês de novembro inteiro; e nos últimos cinco dias de 2009, com chuvas interruptas, o acumulado foi de 316,6 mm, quase duas vezes o esperado para o mesmo mês. Em janeiro, a precipitação do dia 1º, que desencadeou a enchente, choveu quase o esperado para o mês inteiro de janeiro. (p. 47)

33 Disponível em: <http://mapas.ibge.gov.br/tematicos>. Acesso em: 06 maio 2017.

**Quadro 4 – Precipitação pluviométrica na Bacia do Paraitinga (dezembro de 2009 e 1a semana de janeiro de 2010)**

| Precipitações diárias na Estação Pluviométrica em Dezembro de 2009 | | | |
|---|---|---|---|
| DIA | CHUVA (mm) | DIA | CHUVA (mm) |
| 01 | 8,6 | 17 | 30,8 |
| 02 | 22,8 | 18 | 41,8 |
| 03 | 30,8 | 19 | 15,8 |
| 04 | 290,8 | 20 | 0,2 |
| 05 | 20,4 | 21 | 0 |
| 06 | 1,6 | 22 | 0 |
| 07 | 6 | 23 | 0 |
| 08 | 123,4 | 24 | 1 |
| 09 | 36,2 | 25 | 0,2 |
| 10 | 8,2 | 26 | 3,8 |
| 11 | 13,4 | 27 | 42,4 |
| 12 | 0 | 28 | 58,2 |
| 13 | 30,6 | 29 | 65,2 |
| 14 | 1,8 | 30 | 73 |
| 15 | 0,2 | 31 | 77,8 |
| 16 | 6,8 | | |
| Total acumulado em Dezembro/2009 | | 1012,2 mm | |

| Precipitações diárias na Estação Pluviométrica na 1ª semana de Janeiro de 2010 | |
|---|---|
| DIA | CHUVA (mm) |
| 01 | 200,2 |
| 02 | 0 |
| 03 | 0,6 |
| 04 | 0,2 |
| 05 | 0,4 |
| 06 | 0,2 |
| 07 | 0 |

Fonte**:** VERDE, 2013, p. 46-47.

Ainda sobre esse fenômeno, conforme Guerra (2010, p. 40), a contínua precipitação provocou o aparecimento de pequenos deslizamentos em áreas de encosta, à margem esquerda do Rio Paraitinga. A alternativa emergencial, indicada pelos especialistas, consistiu em cobrir com lonas as trincas do solo a fim de evitar maiores infiltrações, para que, após o período de chuvas, fossem providenciadas obras com muros de arrimo e/ou contenções. Os deslizamentos confirmavam a saturação do solo como um dos fatores contribuintes para a enchente. A Prefeitura Municipal e a Defesa Civil monitoravam os problemas decorrentes do aumento do nível do rio que atingiu três metros de altura acima do normal.

A noite do réveillon de 31 de dezembro de 2009, embora chuvosa, não impediu que as festividades da "virada do ano" ocorressem normalmente, desde a missa de Ação de Graças na Igreja Matriz, até a apresentação de bandas tocando as marchinhas de carnaval no coreto da Praça Dr. Oswaldo Cruz, na madrugada. No entanto, ao rememorarem essa data, os depoimentos dos luizenses traduzem sentimentos de angústia, apreensão e medo quanto à continuidade da elevação das águas do rio Paraitinga:

> *Acho que não comentei, além de jornalista, também sou cantora e estava fazendo um show de réveillon. Pouco tempo depois que comecei a cantar, algumas pessoas deixaram o local, devido à chuva que caia naquela noite. Fiz o show e a chuva continuava caindo. Terminei a apresentação por volta da 1h30 minutos da madrugada e fui para minha casa. Ao chegar, à água já estava na porta da sala, o que nunca tinha acontecido, porque sempre que tem enchente, a água não passava do portão. Meu marido disse: vamos para a casa da minha mãe que é mais distante. Estávamos com a nossa filha bebezinha. Fomos pra lá, para nos garantir e porque a água nunca chegou até àquela altura. Lembro que ao sairmos, uma vizinha comentou: Meu Deus, mas não precisam exagerar, não vai acontecer nada*! (Tânia Maria Moradei Gouveia, 2015)

> *Por estar chovendo naquela noite, fui dormir mais cedo, por volta das 22h00. Tinha luz elétrica na cidade e estava uma aparente normalidade. Quando foi lá pelas 02h00 da madrugada, acordei com o zum zum zum de gente na rua de casa e pensei deve estar acontecendo alguma coisa aí na cidade. Resolvi sair na rua e por acaso a prefeita, a mesma de agora, estava passando atrás da Igreja e eu perguntei para ela: Ana está baixando a água? Ela respondeu: Não! Está subindo e chegando no primeiro degrau da Igreja Matriz*! (Judas Tadeu de Campos, 2016)

> *Naquela noite estava com meu marido na casa da minha mãe, onde tínhamos ido jantar e a chuva que caia tinha um barulho diferente, era uma chuva constante. Saímos da casa da minha mãe, logo depois da virada da meia noite e passamos pela Praça. O barulho na Praça, música, as pessoas conversando e o barulho da chuva, deu-me a sensação de que nessa noite o barulho era diferente. Quando chegamos em casa, comentei com o meu marido: nossa Zinho, a cidade está estranha! Senti um aperto no meu peito, tinha algo que estava diferente naquela passagem de ano, os fogos não tiveram o mesmo brilho dos anos anteriores e também não conseguimos assistir toda a queima, porque a chuva não deixou. A pousada estava lotada. Tínhamos combinado que o café da manhã seria servido mais tarde, porque os hospedes iam ficar na rua até o amanhecer. Para ajudar na organização do café, levantei cedo e fui arrumar as mesas. Um hospede que já estava acordado me alertou: a água está chegando perto do pneu daquele carro amarelo! Muito tranquila, respondi: vou avisar o dono do carro. Para nós aqui, a água chegar à beira do barranco e no fundo do quintal é normal. Quando o rapaz retirou o veículo, comentou: a água está subindo muito rápido! Voltei a olhar e vi que a água estava no meio do quintal e subia rapidamente, uns 70 centímetros por hora. Era muita água, em tão pouco tempo*! (Rosa Maria Antunes, 2016)

Na manhã do dia 1º de janeiro de 2010, o rio Paraitinga havia transbordado e atingido as vias que o margeiam, alagando os primeiros imóveis. Muitas pessoas já começavam a ajudar os vizinhos, cujas casas tinham sido afetadas. Uma prática comum é a de "erguerem os móveis" e deixá-los dentro da casa, pois em outros transbordamentos do rio as águas subiam e baixavam algumas horas depois. Desse modo, não houve grandes preocupações no primeiro momento, e deixar suas casas não era uma ideia presente.

Todavia, o pior ainda estava por vir. No decorrer da tarde, a água ultrapassou os quatro metros de altura e a, então prefeita, Ana Lúcia Bilard Sicherle decretou estado de calamidade pública. A ponte principal, que atravessa o Paraitinga, foi interditada pois havia preocupação com sua estrutura, e apenas era permitida a passagem de carros oficiais e pedestres quando fosse extremamente necessário. No final da tarde, as águas já ultrapassavam a altura da ponte, e a partir daí, a cidade ficou isolada.

Ao anoitecer, durante um breve período, as águas pararam de subir e o sentimento de esperança, baseado na experiência das enchentes anteriores, era de que o nível do rio começasse a baixar. Entretanto, não foi o que aconteceu. Já, no meio da noite as águas voltaram a subir rapidamente e invadiram os imóveis do centro da cidade, fragilizando a situação das edificações.

Conforme audiência pública posteriormente realizada por técnicos do Departamento de Águas e Energia Elétrica do Estado de São Paulo (DAEE), diversos fatores contribuíram para essa grande inundação: a saturação natural do solo, que dificultou a absorção do grande volume das chuvas dos últimos meses de 2009, e em particular as chuvas do final de ano; os índices elevados de chuvas, a montante da cidade, na Bacia do Rio Paraitinga; e o elevado índice de chuvas na Bacia do Rio do Chapéu, que deságua no Paraitinga, a jusante da cidade, que forma uma barragem natural à vazão das águas; degradação da mata ciliar ao longo de toda a Bacia, o que colaborou no processo de impermeabilização do solo e ocasionou o retardamento do processo de vazão natural ao longo de toda a Bacia Hidrográfica.[34]

Na primeira edição do Jornal da Reconstrução[35], publicada em março de 2010, a entrevista com o diretor do Núcleo Santa Virgínia do Parque Estadual da Serra do Mar, o engenheiro florestal Paulo Villani, forneceu um conjunto de informações em relação aos motivos da grande a inundação.

34 Informações do Departamento de Água e Energia Elétrica do Estado de São Paulo em audiência pública de 12 de março de 2010, realizada a pedido do Grupo de Atuação Especial de Defesa do Meio Ambiente - GAEMA/Regional do Vale do Paraíba. – DVD disponível no Centro da Reconstrução Sustentável de São Luiz do Paraitinga - CERESTA.

35 Disponível em: <http://www.saoluizdoparaitinga.sp.gov.br>.

> O engenheiro explica que nessa época do ano é comum vir da Amazônia um conjunto de nuvens muito carregadas de umidade, que após atravessar boa parte do Brasil, vão para o mar, passando por cima do Vale do Paraíba e da Serra da Bocaina, onde nasce o Rio Paraitinga. No entanto, entre os dias 30 e 31 de dezembro, na Baía de Ilha Grande, no sul do estado do Rio de Janeiro, onde estão as cidades de Angra dos Reis e Paraty, formou-se um ciclone que girava no sentido horário. Os ventos fortes impediram que um dos blocos de nuvens da corrente amazônica fosse para mar, e esse ficou estacionado sobre a região do Alto Paraíba, entre o Bairro do Chapéu Grande, em São Luiz do Paraitinga, e o distrito de Campos Novos, no município de Cunha. Com isso, se formou uma área de baixa pressão sobre esse bloco de nuvens, provocando a sua condensação, ou seja, o grande volume de chuvas que prejudicaram também aquelas cidades fluminenses. A de maior intensidade caiu nos rios Jacuí e Jacuizinho, em Cunha, que fazem parte da bacia do Paraitinga. Foi tanta a precipitação de água que na cidade de São Luiz o rio subiu cerca de 12 metros, provocando a maior tragédia da nossa história. (Jornal da Reconstrução, 2010, p. 1)

Ao mesmo tempo, segundo a análise, havia indicativos que as enchentes do Rio Paraitinga – que começaram a aumentar de intensidade a partir da década de 1960 –, têm causas mais remotas, que vão além do grande volume de chuvas e estão relacionadas principalmente às atividades econômicas praticadas na região ao longo dos últimos 150 anos:

> Uma delas é a compactação do solo, decorrente das pastagens que se formaram no município. Aproximadamente, 70% dos pastos na bacia do Rio Paraitinga são mal manejados, utilizando métodos primitivos para o trato do gado, com excesso de animais por hectare, pastagens degradadas e uso regular das queimadas, que têm como consequência o empobrecimento da terra. Com isso, ao longo do tempo, o solo ficou impermeável, impedindo a penetração das águas nas chuvas. Assim, todo volume das chuvas escoa pela superfície do terreno, levando junto os detritos e terras soltas para os riachos, ribeirões e, depois, para o Rio Paraitinga. O leito do rio, então, fica assoreado, isto é, cada vez mais raso e entulhado de detritos, facilitando o transbordamento das águas. É, em resumo, um processo perverso. Outro fator que ajudou a potencializar o desastre foi o de as florestas nativas cobrirem uma área muito restrita de cada um dos municípios que formam a bacia do Rio Paraitinga. No caso de São Luiz do Paraitinga, os números não explicam tudo, uma vez que, dos 21,6% de vegetação natural, 70% estão no Parque Estadual da Serra do Mar, onde existem 50% de mata nativa e 20% da chamada zona de amortecimento, que é um entorno de proteção às matas naturais. Portanto, quase todas estão na bacia do Rio Paraibuna, e não do Paraitinga. Nos 30% que sobram no restante do município, correspondente à bacia do Paraitinga, que vai de Catuçaba ao limite com Taubaté, existem apenas manchas de matas naturais, insuficientes para a proteção do rio – que ainda conta com pouca vegetação ciliar. (Jornal da Reconstrução, 2010, p. 1)

Para além das explicações dadas por diferentes técnicos, surgiram versões que atribuíam a inundação a uma espécie de castigo divino. O jornalista Rodrigo Pagnan, em matéria para o caderno Cotidiano do jornal Folha de São Paulo, em 2010, enfatizou o lado místico da catástrofe. Em sua reportagem, destacou que ao percorrer a cidade esteve com diversos moradores que tinham a mesma opinião: a enchente seria um aviso divino, como no caso de Sodoma e Gomorra, dizendo que "assim como as cidades bíblicas perdidas no pecado e também destruídas por decisão Divina, São Luiz do Paraitinga teria abandonado os ensinamentos de Deus e se perdido em festas mundanas". (Pagan, 2010)

Sob essa perspectiva, a inundação abria um espaço de ação para um discurso conservador, punitivo, em uma localidade na qual as instituições religiosas sempre tiveram presença marcante sobre a população. A fragilidade da comunidade luizense frente à inundação fez com que muitos se sentissem vulneráveis e dessem voz a explicações e justificativas das mais diversas e, até mesmo, absurdas para o ocorrido. Uma das versões rapidamente espalhadas e totalmente inverídicas residiu no fato de que o governo estadual impedira a vazão da represa de Paraibuna, que deságua o rio Paraitinga. Tal versão explicaria a inundação em São Luiz do Paraitinga, por meio do impedimento do curso natural do rio e para a proteção de municípios, como São José

dos Campos, que poderiam ser atingidos por um rompimento das barragens da represa localizada no município de Paraibuna. Essa versão foi mencionada por um dos entrevistados, o qual, porém, desconsidera tal justificativa e, como os demais entrevistados, atribui as causas da enchente a uma conjunção de fatores naturais:

> *Acredito que foi catástrofe, uma natural mesmo! Porque choveu muito, muito, muito! Choveu dezembro inteiro e como o rio não tinha como suportar o volume de água foi transbordando e invadindo toda a cidade*. (Maria Letícia Donizete Falcão, 2015)

> *Existiram várias versões para as causas da inundação. Vou falar o sobre aquela tenho convicção, mas é óbvio que não tem nada de científico. Assim de cara, vou descartar aquela que comentaram que houve estouro de represa aí para cima, porque não teve, não existiu! O que fica muito claro para mim é que São Luiz é uma cidade que está encravada no meio de muitas montanhas e naquela época choveu demais, choveu o semestre inteiro e quando chegou dezembro a chuva aumentou. Foi quando teve aquela chuva forte, que derrubou algumas pousadas em Angra dos Reis. Bem, se a gente olhar o mapa, a posição geográfica, São Luiz não está muito longe de Angra dos Reis, na verdade você tem aqui a Serra do Mar e obviamente toda aquela chuva que caiu e foi pro lado do mar, caiu lá pro lado de Angra e Paraty. A outra parte, que veio pro lado de cá, de alguma forma tinha que ser escoada pelos rios que tinham aqui. Pois bem, em São Luiz passam dois rios grandes que são o Paraibuna e o Paraitinga. O Paraitinga passa na cidade e o Paraibuna na zona rural, eles nascem ali em Cunha, Areias. O que aconteceu é que com o excesso de chuva jamais visto, a terra encharcada e a pouca absorção do solo, a água que vinha das partes mais altas tinha que correr. Então na minha maneira de pensar, foi um conjunto de fatores naturais que acontecem uma vez, a cada 300 anos e que realmente fez causar essa grande inundação.* (Luiz Alberto Polla Baptista, 2015)

> *A cidade foi construída na beira do rio né! Ela foi crescendo e com os bairros novos as enchentes aumentaram. Dizem que o bairro que se chama Verde Perto, construído perto do rio ajudou nisso, não sei como funciona essa engenharia, mas se comenta que a partir daí as enchentes foram maiores. Infelizmente a gente tem o rio e acho que sempre vamos passar por isso! Agora uma enchente desse porte realmente, ainda eu não parei para pensar e eu não paro de propósito, porque eu acho que eu não quero pensar nisso, porque pode acontecer outra né?* (Tânia Maria Moradei Gouveia, 2015).

> *O que nós temos de conhecimento é que houve uma tromba d'água no rio Jaqui. O rio Jaqui é um afluente do Paraitinga e uma parte desta água foi para Paraty e outra parte veio para cá. Lembra que Paraty teve uma pousada que foi atingida e onde morreram duas crianças? Então, pelas informações, foi a mesma água que a gente teve. Foi uma tromba d'água que se dividiu uma parte para Paraty e o restante para São Luiz, como o nosso rio já estava no seu limite o que veio completou, causando toda enchente*. (Rosa Maria Antunes, 2016)

Vale ainda destacar que embora não tenham ocorrido casos de vítimas fatais, nenhuma das inundações atingiu proporções como a enchente do réveillon do dia 1º de janeiro de 2010. Conforme destaca o geógrafo luizense Aziz Nacib Ab'Saber, "o fato de os cidadãos terem demorado a entender a gravidade da enchente provocou dramáticos problemas". (2010. p. 54)

A grande inundação deflagrou um novo processo na história da cidade: o dia em que a população luizense que morava nas margens esteve sob o extremo risco de morte e que o patrimônio histórico da cidade, preservado durante séculos, estava completamente submerso e em risco de se perder.

# A inundação da cidade e o resgate da população luizense

No avançar da noite e durante a madrugada do dia 02 de janeiro de 2010, o volume de água aumentou muito, atingindo o último degrau da Igreja Matriz. Significava, assim, que toda a parte baixa da cidade, onde se concentra a maioria dos prédios históricos, estava invadida pela água. O caos estava instalado, sobretudo porque muitas pessoas permaneceram no pavimento superior de imóveis, por exemplo, nos sobrados da Praça Dr. Oswaldo Cruz, acreditando que as águas baixariam. Mas, como não foi o que ocorreu, muitas pessoas ficaram isoladas, sem ter como deixar suas residências.

Foram momentos de tensão. Grande parte das construções, conforme já destacado, era feita de taipa de pilão, pau a pique e contava com alicerce construído com pedras irregulares. Naquela noite, o primeiro imóvel ruiu. De acordo com Moradei, "foi uma casa térrea de grande valor histórico situada na Rua Barão do Paraitinga". (2010, p. 114)

Como o nível do rio atingia a altura das redes de distribuição de energia, houve necessidade de desligá-las, interrompendo a comunicação; além disso, o abastecimento de água teve de ser suspenso, uma vez que o rio, também, já havia invadido a estação de tratamento da cidade. Os luizenses entrevistados recordaram aquela noite e a madrugada com sentimento de medo, desespero e tristeza: as águas do rio Paraitinga estavam destruindo a cidade e, com ela, as suas histórias e memórias:

> *Foi uma noite muito tensa, de medo e aflição. Não tinha luz, não tinha água, não tinha comida! Ou melhor, a luz era a da lua, a noite era de lua cheia. Tinha água da inundação, mas água de beber, não tinha! As águas do rio cobriram as ruas, os muros, as casas e muitos estrondos eram ouvidos, mas não tinha como saber de que prédios vinham*. (Carmem Nunes Siqueira, 2015)

> *Essa madrugada foi muito marcante porque a gente só via esse tipo de coisa pela televisão e nunca acha que vai acontecer com você e aí quando você se vê lá no meio do barro, no meio de tanta água, percebe que não tem saída. Estava com meu filho no colo, ele ficou a noite toda sem dormir, daí você olha e fica sem ter o que pensar, porque você não sabe a proporção da água que cobriu toda a cidade. A gente foi para o alto do Morro e não enxergava nada, só água e aí passa um monte de coisa pela cabeça, será que um dia a cidade vai voltar ao normal, será que vou continuar morando aqui, será que vou ter minha casa de volta ou não tenho mais casa, a partir de agora não tenho mais lugar onde ficar. Era muito desespero naquela hora.* (Maria Letícia Donizete Galvão, 2015)

> *Era inacreditável que de uma hora para outra a cidade começasse a encher de água né, porque não estava chovendo. Lembro-me de uma frase marcante que a minha esposa Marisa disse: tá caindo à cidade, tá caindo tudo, a cidade vai acabar. Ela estava comentando dos estalos, dos estrondos, da água que corria forte e continuava a subir.* (Luiz Alberto Polla Baptista, 2015)

> *Como comentei antes, na madrugada anterior tinha vindo com minha filhinha e meu marido pra casa da minha sogra. Já estávamos dormindo, quando acordamos com o movimento e os gritos das pessoas que estavam na rua. Abrimos a porta para saber o que estava acontecendo e uma vizinha avisou que a água tinha coberto toda a minha casa. Deixei meu marido com a bebezinha e fui correndo olhar nossa casa. Estava desesperada, pois todos comentavam que casa já tinha sido tomada pela água. Quando cheguei e vi o que tinha acontecido, foi impossível não chorar, era inacreditável, a água estava na altura do telhado, coisa que nunca tinha acontecido antes.* (Tânia Maria Moradei Gouveia, 2015).

No decorrer da madrugada, as águas do rio pararam de subir, mas a cidade já estava totalmente submersa. O rio Paraitinga tinha atingido o ápice da enchente, alcançando aproximadamente 12 metros acima do nível normal, algo inacreditável para a população luizense. Diante dessa realidade, os munícipes que ainda se encontravam retidos nos imóveis mais altos tiveram de se preparar para sair de suas residências, e o principal

meio era o resgate. No entanto, apesar de o Corpo de Bombeiros[36] navegar em botes motorizados, os luizenses afirmaram que os principais responsáveis pelo resgate da maioria da população foram os praticantes de *rafting*[37] que residem na cidade.

Em São Luiz do Paraitinga, esse esporte é praticado por atletas e turistas que encontram no *rafting* a maneira de aliviar a tensão provocada pela rotina do dia a dia. Porém, as fortes chuvas mudaram os planos, e os atletas, acostumados a levar os passageiros aficionados pela aventura, naqueles dias transportavam pessoas em risco de morte.

As técnicas usadas no *rafting* mostraram-se muito úteis para resgatar moradores isolados pelas águas. Por se tratar de uma prática coletiva, é preciso que o esportista tenha todo o conhecimento sobre a natureza e a região geográfica onde é praticado e treine regularmente para ter o domínio da embarcação sobre a correnteza. As equipes estavam em boa forma, enfrentaram os perigos porque conheciam bem o rio e toda a área no seu entorno, fatores fundamentais para o resgate de centenas de moradores.

O instrutor de *rafting* Hélio Alexandre de Souza, conhecido no município como "Helinho Dindon", contou que os resgates começaram no amanhecer do dia 1º primeiro janeiro, após as comemorações da noite de *réveillon* e avançaram por todo o dia e a madrugada do dia seguinte:

> *Recebi uma ligação às 07h00 da manhã, com um pedido de ajuda para levantar móveis das residências que já estavam sendo atingidas pelas águas. Às 09h30, indo tomar o café da ma- nhã, as pessoas estavam desesperadas, pois havia um senhor preso na Várzea dos Passarinhos, bairro mais baixo da cidade. Uma hora depois pediram ajuda para o segundo resgate, e assim foi sucessivamente durante todo o dia. Na madrugada, mal conseguíamos remar, já que o peso dos botes dobrava quando colocávamos quatro ou cinco resgatados nele, e puxávamos fios da rede telefônica para chegarmos ao destino. Passamos por vários apertos, num dos resgates, foi preciso serrar o portão de uma das casas para o bote se aproximar e depois retirarmos pelo telhado um morador que estava doente. Em outro ponto da cidade, crianças estavam receo- sas de subirem no bote. Parei um instante de remar e comecei a cantar: 'Quem me ensinou a nadar, quem me ensinou a nadar... Foi, foi marinheiro... Foi o peixinho do mar'. Funcionou, pois as crianças timidamente começaram a cantar, engrossaram o coro e foram embarcando no bote*. (Hélio Alexandre de Souza, 2016)

No processo de resgate da população pelas equipes de *rafting* e do Corpo de Bombeiros, muitas das embarcações desses oficiais acabaram tombando nas primeiras ações de salvamento, sobretudo porque desconheciam a dinâmica do rio. Tais ocorrências fizeram com que os próprios instrutores de *rafting* os resgatassem, o que levou um dos comandantes da operação ordenar que seus oficiais seguissem a recomendação de cada um dos instrutores, os quais passaram a acompanhar as embarcações, dando orientações sobre a dinâmica do rio e as melhores rotas a seguir.

As embarcações trazidas pelo Corpo de Bombeiros não eram adequadas às diferentes dinâmicas do rio Paraitinga, conforme o instrutor Hélio Alexandre de Souza, relatou:

> *Sem querer desmerecer o trabalho do Corpo de Bombeiros, mas os barcos que trouxeram não eram apropriados para o rio naquele momento, pois era muita correnteza. Toda a nossa equipe tinha o conhecimento de onde tinha pedra, onde estavam às casas, os fios da rede elétrica, as árvores. Em alguns pontos, sabíamos até onde podíamos chegar, devido à intensidade da correnteza. Os barcos do Corpo de Bombeiros, que eram barcos a motor foram importantes no resgate das pessoas dos bairros rurais*. (Hélio Alexandre de Souza, 2016)

---

36 Utilizando 12 embarcações, cerca de 80 homens do Corpo de Bombeiros foram destacados para trabalhar na cidade, a fim de localizar e resgatar a vítimas. A Polícia Militar também auxiliava nas buscas dos desabrigados com dois helicópteros.

37 *Rafting* – Prática de descida em corredeiras utilizando botes infláveis e equipamentos de segurança. Em 2009, duas empresas de *rafting* atuavam no município: a *Montana Rafting & Expedições* e a *Cia de Rafting.* Quando ocorreu a enchente, as empresas disponibilizaram os botes e cerca de 50 praticantes se responsabilizaram pelo resgate dos moradores.

Os saberes dos integrantes das equipes de *rafting* em relação aos lugares da cidade e a localização das residências de grande parte dos moradores, também contribuíram nos trabalhos de priorização dos resga- tes, sobretudo informando onde se localizavam as residências de pessoas com dificuldades de locomoção, em função das circunstâncias do desastre como, gestantes, idosos e pessoas enfermas. O relato que segue mostra tal situação

> *As equipes do Corpo de Bombeiros nos pediam informações quanto às casas que podiam ter pessoas idosas, doentes ou grávidas para atenderem mais rapidamente. Como conhece- mos muitos moradores da cidade, a gente passava as informações. Nesta casa logo em frente, tinha um senhor que fazia tratamento em casa, tratamento de hemodiálise.* (Hélio Alexandre de Souza, 2016)

O trabalho mostrou-se intenso e repetitivo para os quase 50 voluntários praticantes de *rafting* na cidade, que utilizaram 14 botes. Todo esse grupo de pessoas passou mais de 20 horas remando pelas áreas inundadas e se empenhando em salvar o maior número de pessoas: retiraram famílias, amigos, crianças e também animais de estimação, que foram colocados nos barcos e levados para os patamares mais altos da cidade.

> Os guias não mediram esforços para evitar uma tragédia maior. Resgataram de 900 a 1.1 mil pessoas em 22 horas de trabalho interruptos. Enquanto dois voluntários remavam o bote, dois instrutores socorriam os moradores. Em cada viagem salvavam até cinco pessoas. O trabalho envolveu dezenas de voluntários com muita força física. (Jornal da Reconstrução, 2010, p. 2)

Os três principais pontos para onde os resgatados podiam ser levados eram os bairros São Benedito, Santa Terezinha e Benfica, sendo que os dois primeiros não tiveram agravos nem pela inundação e nem por deslizamentos; e o último, foi parcialmente atingido. O bairro São Benedito está localizado no trecho entre o Centro Histórico de São Luiz do Paraitinga e a saída para a rodovia Nelson Ferreira Pinto, que liga o município à rodovia Oswaldo Cruz; o bairro Santa Terezinha fica próximo à entrada principal da cidade, popularmente conhecida como “trevo de Ubatuba”.

Toda a ação realizada pelos praticantes de *rafting* despertou a atenção dos luizenses que ficaram imensamente agradecidos pelo empenho de toda a equipe, não somente durante a inundação, mas também nos dias posteriores, pois colaboraram, também, com o transporte de água, alimentos, medicamentos e outros itens. Como grande parte da cidade estava ilhada, esses itens essenciais tiveram de ser transportados de um lado a outro do rio; imbuídos no resgate e no auxílio às necessidades de socorro da população, foram reconhecidos pela comunidade como heróis e chamados de “anjos do remo”.

Os luizenses entrevistados recordaram com emoção e gratidão por todo o trabalho e a ajuda prestada pelas equipes do *rafting* durante o período em que a cidade estava submersa:

> *Amigos e parentes do meu marido devem a vida ao socorro que o pessoal do rafting prestou! Sem eles a tragédia da cidade teria causado muitas vítimas. Com toda a inundação, não morreu ninguém. Eles são considerados heróis, os anjos do remo!* (Maria Letícia Donizete Galvão, 2015)

> *Muitos conseguiram retirar pequenos objetos de casa, algumas roupas, remédios, graças aos meninos do rafting. Lá do alto do Morro, podíamos avistar os botes passando, cheio de gente. Nos outros dias, era levando água e mantimento, um movimento intenso. Eles não tinham descanso. Trabalharam muitas horas*. (Carmem Nunes Siqueira, 2015)

> *Com a água na altura que estava não tinha outra maneira de sair sem o pessoal do rafting. Eles colocavam as pessoas nos barcos e levavam até os lugares mais altos, onde a água não tinha subido. Meus antigos vizinhos, que são idosos, foram levados por eles até o bairro de Santa Terezinha. São agradecidos a eles por terem salvado suas vidas.* (José de Arimatéia, 2016)

> *Penso que somente os bombeiros não conseguiriam retirar tanta gente. O trabalho do pessoal do rafting com seus botes foi a maior contribuição. Logo que as águas começaram a subir, eles foram ajudar a população que mora nas áreas baixas, lá perto do rio. Quando a água foi subindo, subindo, todo mundo foi sendo resgatado. Lembro que eles levavam até os bichos de estimação, cachorro, passarinho! Tiveram muita paciência com todos, com os idosos e também com as crianças*. (Judas Tadeu de Campos, 2016).

Ademais, vale mencionar que no cotidiano da cidade, antes da inundação, o conceito que a comunidade luizense tinha a respeito dos instrutores do *rafting* não condizia com a qualificação de "anjos", pois, nas palavras de alguns instrutores, eles eram chamados de "desocupados", visto que as atividades de seu trabalho estavam condicionadas à presença de turistas para a prática do esporte nos finais de semana e, nos demais dias, os instrutores apenas realizavam treinos no rio; não tinham um emprego formal.

> *Pratico rafting desde 1998. Se você for perguntar para qualquer outro instrutor na cidade, o pessoal vai dizer que a gente era vista como desocupado, porque durante a semana a gente não trabalhava, a gente ia pro rio treinar. A população da cidade não via o nosso trabalho como atividade digna. Depois da enchente nós ficamos conhecidos como anjos do remo ou anjos do rafting. Nós que sempre praticamos o rafting, só passamos a ter esse reconhecimento após a enchente.* (Hélio Alexandre de Souza, 2016)

Como forma de expressar a sua gratidão aos trabalhos prestados pelos instrutores do *rafting* durante a inundação e todo o processo de resgate dos luizenses, a Prefeitura Municipal de São Luiz do Paraitinga dedicou-lhes uma homenagem: a instalação de um monumento no alto do Morro do Cruzeiro, idealizada por estudantes de arquitetura da Pontifícia Universidade Católica de Valparaiso, no Chile, que integram um Programa Acadêmico denominado Travessias pela América.[38] A obra é uma instalação de 30 pilares de madeira com vitrais em formatos de onda, uma alusão aos instrutores resgatando a população.

## "O sino tocou e a torre veio abaixo": o desabamento da Igreja Matriz

No alvorecer do dia 02 de janeiro de 2010, era possível visualizar a extensão da inundação grande parte da cidade encontrava-se totalmente submersa. Do Mercado Municipal, somente se avistava os pontos mais altos do telhado, reconhecíveis pelo formato quadrado do prédio. Como a cidade estava sem acesso e sem comunicação, não se sabia o total de área inundada e muitas famílias não tinham notícias de parentes, o que gerava ainda mais preocupação. As torres de comunicação de aparelhos celulares, instaladas no bairro do Alto do Cruzeiro, pararam de funcionar e a Central de Telefonia fixa, localizada na área do Centro Histórico, estava submersa.

Naqueles primeiros momentos do amanhecer, não era possível mensurar os danos da inundação. A Prefeitura Municipal não tinha condições de se organizar, porque muitos de seus funcionários também tiveram suas casas atingidas pela enchente.

Todavia, enquanto não chegava socorro, a população luizense e muitos voluntários que se encontravam no município devido às festas de final de ano, passaram a organizar ações emergenciais: acomodação de pessoas e distribuição de alimentos e água. A Igreja do Rosário, por estar localizada num dos pontos mais elevados da cidade e não ter sido atingida pelas águas, mostrou-se o espaço ideal para a distribuição desses itens.

38 O Programa Acadêmico "Travessias pela América" da instituição chilena existe há mais de vinte anos e já realizou aproximadamente 150 viagens por toda a América Latina oferecendo projetos com essa característica. Disponível em: <http://www.arquitecturaucv.cl>. Acesso em: 16 maio 2017.

Nesse cenário de destruição, emergiu uma forte solidariedade entre os moradores e visitantes, pois a vivência da inundação suspendeu, por determinado tempo, as representações do lugar social; todos se tornaram iguais na situação de calamidade. Conversas informais com alguns luizenses explicitaram que a cidade se tornara uma só: quem morava em baixo, no Centro Histórico, teve de subir o morro do Alto do Cruzeiro, para ser abrigado por aqueles que historicamente estavam na periferia.

A respeito da população do Alto do Cruzeiro, Ab'Sáber (2010, p. 59) a destacou como "uma gente humilde que auxiliou os mais bem-aquinhoados do centro baixo da cidade". Nas entrevistas, foi possível rememorar o vivido pela população luizense, quanto às ações de socorro emergenciais prestadas aos desabrigados naquele amanhecer. O sentimento de apoio e solidariedade estava presente em diferentes situações:

> *Muitas famílias em que as casas não tinham sido atingidas estavam com os freezers e as geladeiras abastecidos para as festas de final de ano e com tanta gente desabrigada e sem comida, a população se mobilizou em distribuir os alimentos aos necessitados.* (Luiz Alberto Polla Baptista, 2015)

> *As filas organizadas pra pegarem comida foi praticamente a manhã inteira, como era muita gente a ser socorrida, começaram a anotar os nomes pra buscarem marmitex mais tarde. Lembro que faltava água e os donos de uma chácara no Bairro Benfica, onde existem minas d'água liberaram o acesso para a população. As pessoas faziam filas para tomarem banho na água da mina, e também levavam vasilhas e garrafões para carregarem água. Eram para o preparo de comida e também de outras necessidades.* (Elena Martha Kacharovsky, 2016)

> *O café da manhã naquele dia foi distribuído na Igreja do Rosário. Foi a D. Mércia que é proprietária do restaurante da Bica do Curió que mandou servir. Tinha muita gente na fila, não tinha rico, não tinha pobre, não tinha classe social, nem cor, nem credo, todo mundo na mesma fila, se quisesse comer*. (Rosa Maria Antunes, 2016)

> *Naquele momento, todos estavam nas mesmas condições, as pessoas de posse na cidade como os grandes comerciantes ou mesmo os turistas que não puderam sair, dependiam dos alimentos doados e muitos receberam roupas de cama e de vestuários oferecidas pelos moradores mais simples do Alto do Cruzeiro*. (Judas Tadeu de Campos, 2016)

Enquanto ocorriam essas ações, edificações continuavam a ruir na cidade. Conforme descreveu Moradei, "pouco sobrava da Escola Waldemar Rodrigues. O antigo clube, onde funcionava a Biblioteca Municipal, tinha desaparecido nas águas". (2010, p. 118)

Por volta das dez horas da manhã, enquanto os moradores ainda não tinham ideia de qual seria o destino de cada um deles, pois muitos dos atingidos portavam apenas as roupas do corpo e alguns pertences, ocorreu o evento mais exibido pela mídia em rede nacional: o desmoronamento da primeira torre (esquerda) da Igreja Matriz.

Durante a pesquisa de campo para a realização deste estudo foi possível constatar que a imagem da queda da Igreja era recorrente nos comentários das pessoas que vivenciaram a enchente. Ao mesmo tempo, como destacado no capítulo anterior, a edificação da Igreja Matriz, localizada na Praça Central da cidade, está intimamente ligada à memória e à identidade da população luizense. Para muitos representou uma perda irrecuperável e a sua destruição transformou-se em uma das imagens mais chocantes da inundação: quando o prédio ruiu, simbolicamente, estava em jogo algo muito maior do que o prédio de uma instituição religiosa: a força da edificação, de sua imagem.

Ao serem apresentados à sexta fotografia, com o registro do momento da queda da segunda torre, localizada à direita da Igreja Matriz, os entrevistados reviveram e compartilharam a dor e a comoção sentida naquela manhã e tarde do dia 02 de janeiro de 2010:

**Fotografia 6 – Momento da queda da segunda torre da Igreja Matriz**

Fonte: www.g.1.globo.com (Acesso em 25/07/2015).

*Olhar essa fotografia dá um aperto no peito, vem tudo na cabeça novamente, começa a passar tudo de novo, parece um filme. Tinha acabado de chegar no alto do Morro, não deu tempo de nem de virar, quando escutei que o sino tocou e a torre veio abaixo, diante dos meus olhos. Formou uma onda gigante que foi derrubando as casas na Praça, igual castelo de cartas de baralhos. Simplesmente não dava para acreditar. A Matriz é o símbolo da nossa cidade e você vê tudo caindo, você já começa a pensar na sua mãe, no seu pai, a minha mãe é muito religiosa.* (Maria Letícia Donizete Galvão, 2015)

*Assisti ao desabamento de uma distância de pouco mais de 200 metros. Vi a queda da primeira torre, depois a segunda torre. Essa foto parece ser da segunda torre. Depois do almoço, aconteceu a queda da Matriz como um todo. Foi tão marcante que até hoje, não esqueço os gritos de desespero das pessoas que estavam do meu lado. O sentimento de dor, de medo e a tristeza eram imensos naquela hora. A cidade estava desaparecendo!* (Luiz Alberto Polla Baptista, 2015)

*Essa foto me faz recordar o desespero das pessoas naquele dia e dos muitos luizenses que vieram até a porta de casa pedindo uma oração para monsenhor Tarcísio. Ficamos preocupados, o monsenhor estava muito doente e debilitado e não queríamos que ele ficasse sabendo do ocorrido com a Igreja, onde foi pároco por tantos anos... Para acalmar a população colocamos o Monsenhor numa grande cadeira e o levamos amparado até a janela. Ele abençoou a todos e disse que mesmo com Igreja alagada, ela deveria estar dentro do coração de cada luizense.* (Elena Martha Kacharovsky, 2016)

*Quem viu essa cena jamais vai esquecer! O desabamento das torres da Igreja Matriz foi uma cena que você assiste somente em filme. Da Igreja, ficou somente o altar e com tanto barro a água era amarela. Imagine que essa água passou por mangueiras, chiqueiros e tudo mais, e trouxe junto, tudo o que estava pela frente, até destruir a nossa Igreja.* (Rosa Maria Antunes, 2016)

> *Nossa! Lembro que nessa hora eu estava abrigado na garagem de casa, porque ela fica no ponto mais alto da rua e foi aonde a água não chegou. Estávamos todos assustados e com os olhos fixos na Igreja, esperando para ver se caia para cá ou para lá. A gente viu a torre cair e ficamos emudecidos, o som parecia uma implosão, e mais tarde foi à segunda torre, essa da foto. Logo em seguida, vimos os confessionários boiando como se fossem canoas. Uma tristeza sem fim!* (Judas Tadeu de Campos, 2016)

Com o desmoronamento da Igreja Matriz, símbolo concreto do poder religioso instituído em São Luiz do Paraitinga desde a sua fundação, a forma cristalizada de os luizenses conceberem a imagem e o objeto da imagem se abalou. Essa desestabilização quanto à forma de pensar da população fez com que buscassem uma solução para a questão que se impunha: a destruição do objeto concreto. Desse modo, conforme destacado por Leandro Roberto Neves, "para manter o simbolismo da igreja, uma das formas de substituição alegórica do objeto concreto foi a utilização de uma foto ampliada da mesma, nos espaços religiosos". (2013, p. 91)

Uma comunidade religiosa que estava acostumada a basear a sua fé na religiosidade "familial" precisava, agora, continuar realizando seus cultos, mesmo que desprovida de seu maior templo; e tal fato de maneira alguma se consistiria numa barreira, mesmo diante do momento da maior adversidade da história da cidade. Assim, as celebrações das missas passaram a ser realizadas, de modo improvisado, no Centro de Pastoral ou em eventos maiores, como a própria festa do Divino, quando o altar era montado em frente aos escombros da Igreja Matriz.

Foi possível constatar que o simbolismo da Igreja Matriz de São Luiz de Tolosa é tão forte e significativo para os luizenses que os primeiros investimentos públicos na reconstrução da cidade foram direcionados para a construção de sua nova edificação. É provável que a importância e a força da Igreja Matriz estejam relacionadas à origem das missões jesuítas no Brasil, as quais, por meio da catequização, disseminaram os valores do cristianismo, amalgamados às experiências de outros povos que aqui habitavam, formando um sincretismo religioso, aspecto que esteve presente no processo de povoamento de São Luiz do Paraitinga.

As notícias de destruição também chegavam de outros pontos da cidade, trazidas por pessoas que atravessavam pelos pastos e altos dos morros. Na cidade, a ausência da ponta da Capela das Mercês denunciava que a edificação também havia ruído! Muitos imóveis localizados no lado oposto do Centro Histórico, não apareciam, e estavam, provavelmente, arruinados sob as águas.

Diante desse triste cenário, restava somente a alternativa de pensar no que fazer. Os principais estabelecimentos comerciais da cidade foram atingidos; aos problemas de falta de água e de luz foram adicionadas preocupações com abrigo e alimentos. Diversos moradores da cidade ofereceram acomodações em suas residências, como forma de acolher aqueles que estavam desabrigados.

Um dos locais que se organizou para receber moradores desabrigados foi a chácara Nossa Senhora das Brotas, propriedade do casal de produtores rurais Hélio Ozório e Benedita Pereira, que abrigaram "56 pessoas, sendo que algumas delas ficaram alojadas por mais de duas semanas". (Guerra, 2010, p. 46) Ao mesmo tempo, as pousadas que não foram atingidas pelas águas, também acolheram os luizenses; outra parte da população recorreu à residência de amigos e familiares ou aos estabelecimentos que frequentavam, para ter um lugar fechado para dormir. O mesmo se deu na adaptação do o prédio da escola estadual Monsenhor Ignácio Gioia em abrigo para dezenas de pessoas nos primeiros meses após a inundação.

Considerando as necessidades emergenciais da população, a Prefeitura Municipal e a Defesa Civil emitiram comunicados solicitando doações, em particular alimentos e água, escassos na cidade. Em resposta às solicitações, imediatamente a Polícia Militar e a Câmara Municipal de Taubaté, além da Defesa Civil Estadual e inúmeros grupos e instituições de São Paulo e de outras regiões do país, se mobilizaram para arrecadar os itens básicos dos quais os luizenses necessitavam: água, mantimentos, roupas colchões e outros.

Posteriormente, foi reforçado o Decreto Municipal nº 01 de janeiro de 2010 de Calamidade Pública, pelos decretos de calamidade nas escalas estadual e federal. A partir daquele momento, uma nova fase na história e no cotidiano dos luizenses tinha início.

# O mapa da destruição e as diversas perdas

No amanhecer do terceiro dia, após a inundação, as águas do rio Paraitinga lentamente começavam a baixar e o cenário da destruição aos poucos surgia, com muito entulho e edificações ruídas, semelhante a um campo de guerra. Nesse cenário, foi registrada a chegada de carros e caminhões transportando as primeiras doações vindas de municípios vizinhos e o deslocamento massivo de efetivo das Forças Armadas.

É instrutivo mencionar que, na história da cidade, a Praça da Igreja Matriz foi palco de um cenário de guerra no período da Revolução de 1932, fato este que trouxe grandes mudanças no cotidiano da cidade, causando muitos prejuízos, transtornos e tristeza aos luizenses. A situação era tão crítica naquele momento que a população foi aconselhada a deixar a cidade; e muitos só retornaram meses depois.

Ao regressarem, as pessoas encontraram um ambiente desolador: "todas as casas haviam sido invadidas, os móveis estragados, os animais desaparecidos ou mortos, objetos roubados e muitos documentos, testemunhos da história do município, destruídos". (Campos, J., 2011, p. 41) Quase oitenta anos depois, a cidade relembrava o cenário dos tempos da revolução, com a chegada de soldados armados, que tomaram conta do município e estabeleceram uma nova ordem após a inundação.

Diante da dimensão da enchente, esse aparato era necessário, mas a presença de todo o contingente de policiamento fez surgir o primeiro grande desafio para os luizenses, que até aquele momento, no processo de reorganização emergencial da cidade, tinham assumidos decisões coletivas e pautadas no sentimento de comunidade.

A chegada das Forças Armadas trouxe um misto de sentimentos para a toda população: desconforto em razão da quantidade de soldados, das severas táticas de controle adotadas e do uso de armas que, aparentemente, simbolizavam segurança e proteção. Essa imensa arregimentação, jamais havia ocorrido na história da cidade. A título de exemplo, vale mostrar a mobilização que ocorreu, destacando a presença de lideranças que visitaram a cidade na primeira semana de janeiro de 2010:

- Governador do Estado de São Paulo, José Serra
- Secretário de Desenvolvimento do Estado de São Paulo, Geraldo Alckmin
- Ministro em exercício da Cultura do Governo Federal, Alfredo Manevy
- Senadores Aloysio Nunes Ferreira e Eduardo Suplicy
- Presidente da FIESP, Paulo Skaf
- Presidente do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, desembargador Antônio Carlos Viana Santos
- Prefeitos e lideranças políticas regionais das cidades de Taubaté, São José dos Campos, Caraguatatuba e outras
- Equipes de trabalhos de diferentes instituições: IPHAN, CONDEPHAAT, IPT, DAEE, USP, UNESP e UNICAMP

Vitor Marchesini (2014), em sua pesquisa de doutorado intitulada "Janeiro de 2010, São Luiz do Paraitinga/SP: lógicas de poder, discursos e práticas em torno de um desastre", ressaltou o controle que estabelecido pela força do Estado na demarcação de espaços, no que se refere aos locais de ocupação e desocupação, determinando quem seriam os beneficiários de alguma ajuda social mais direta. Diz ele:

> Tal como na maioria dos desastres, a chegada do efetivo de instâncias superiores de governo – estaduais e federais – para conduzir as ações oficiais de resgate ocorreu quando muitos dos salvamentos já haviam sido feitos pelos próprios luizenses e o cenário de crise já estava instalado, isto é, com o rio Paraitinga já transbordado. Com a chegada das instâncias superiores de governo para assumir a ação dos controles de resgate, o desastre passaria a ser oficialmente reconhecido, embora já viesse transcorrendo sem a validação pública das instâncias superiores

> e da difusão massiva dos meios de comunicação. Uma série de novos atores entrará em cena, reorganizando a lógica de poder, produzindo discursos e práticas. O desastre de São Luiz do Paraitinga seria produzido como realidade, como realidade administrável e passível de uma biopolítica. (p. 110)

Embora a presença das Forças Armadas nas ruas tenha causado impacto aos luizenses, ela teve um papel relevante nas orientações e procedimentos para o restabelecimento da ordem em meio ao caos, visando principalmente a segurança dos moradores e o atendimento das necessidades básicas. Foram estabelecidas diferentes frentes de trabalho, que desenvolveram ações emergenciais e iniciaram outras de planejamento e de aplicabilidade a médio e longo prazo. As equipes responsáveis por cada uma delas se reuniam todas as noites, na base de comando, realizando o balanço dos avanços alcançados no dia e definiam a tarefas para o próximo dia.

Informações disponibilizadas pela Assessoria de Planejamento da Prefeitura Municipal de São Luiz do Paraitinga à época indicavam as ações prioritárias das frentes de trabalho e também seus respectivos responsáveis, conforme as informações do Quadro 5, que mostra as atividades e os inúmeros voluntários envolvidos nas atividades de recuperação da cidade.

**Quadro 5 – Frentes de trabalho e ações emergenciais**

| Frente de Trabalho | Responsável |
|---|---|
| Recebimento e distribuição de alimentos e outras doações | Assessoria de Educação |
| Atendimento às famílias atingidas e aos abrigos temporários | Assessoria de Desenvolvimento e Promoção Social |
| Distribuição de medicamentos e atendimento médico | Assessoria da Saúde |
| Coordenação dos trabalhos das equipes da Prefeitura e atendimento às frentes da Polícia Militar, Corpo de Bombeiros, Defesa Civil do Estado | Assessoria Administrativa e Jurídica |
| Limpeza pública | Assessoria de Obras |
| Vistoria de imóveis | Diretoria de Obras e Defesa Civil |
| Liberação de estradas rurais | Assessoria de Obras e Assessoria de Agricultura |
| Casa de Apoio (base operacional que funcionou como Prefeitura) | Voluntários do Grupo Casarão |
| Voluntários na coordenação da limpeza e vistoria de imóveis | Engenheiros: Jairo B. Andrade, Antônio P. Melo e Sérgio de Almeida |
| Salvamento de pessoas e responsáveis pelo transporte de alimentos e medicamentos | Voluntários do *Rafting* e Corpo de Bombeiros |

Fonte: Centro de Reconstrução Sustentável de São Luiz do Paraitinga - CERESTA.[39]

Outra imagem selecionada e apresentada aos entrevistados deste estudo mostra, de forma panorâmica, o Centro Histórico de São Luiz do Paraitinga, no ápice da inundação, após o desmoronamento da Igreja Matriz, permitindo a visualização parcial da enchente. Os entrevistados, quando observaram a imagem, recordaram com tristeza os momentos de tensão e desespero que viveram naqueles primeiros dias do ano:

39 Disponível em: <www.saoluizdoparaitinga.sp.gov.br>. Acesso em: 30 jun. 2017.

**Fotografia 7 – Vista da inundação de São Luiz do Paraitinga (2010)**

Fonte: Jornal O Estado de São Paulo.[40]

*Ver essa foto é impossível não encher os olhos de lágrima. Era tudo muito triste e desolador, porque quando a gente olhou e viu tudo cheio d'água, assim como aparece na imagem, a gente achou que tinha perdido a nossa cidade, não achei que fosse continuar morando aqui, achei que nada mais fosse existir. Choro porque a dor desse dia vai ficar pra sempre!* (Maria Letícia Donizete Falcão, 2015)

*Meu Deus, o que dizer dessa foto! Ela mostra o tamanho da inundação, é a tragédia coberta. Veja o coreto, quase desapareceu impressionante, né! Olha a Igreja Matriz já totalmente destruída, aos pedaços, realmente é chocante, é de doer o coração, recordar aqueles dias.* (Elena Martha Kacharovsky, 2016)

*Ai, ai, meu Deus, quanta dor ao olhar essa imagem! A Igreja Matriz todinha caída, como entender uma coisa dessas? A Rua Barão do Paraitinga aqui, quase irreconhecível e essa outra é a Rua Monsenhor Ignácio Gióia, onde estava casarão dos Teixeira, tudo debaixo d'água. Na nossa memória é como uma ferida que sarou, mas a marca vai ficar eterna!* (Rosa Maria Antunes, 2016)

*Essa foto aqui traz dor e tristeza, talvez um dos dias mais tristes que a cidade viveu e que nenhum luizense vai esquecer. A minha casa é esta aqui, deixei a janela aberta porque se viesse uma onda d'água não ia arrebentar a janela, como realmente não arrebentou, mas a porta foi destruída, porque ficou fechada. Puxa vida, Deus me livre e nos proteja para que jamais possamos viver momentos como esses novamente!* (Judas Tadeu de Campos, 2016)

Entre os dias 04 e 05 de janeiro, o nível da água baixou consideravelmente permitindo uma visão geral do que havia ocorrido na cidade. As cores chamativas nas fachadas das residências, anteriormente uma marca de São Luiz do Paraitinga, deram lugar ao marrom monótono da lama que tomou conta de toda a paisagem urbana. As encostas dos morros mostravam grandes "feridas abertas", em razão dos deslizamentos de terra. Bairros nas margens do Rio Paraitinga, como a Várzea dos Passarinhos, estavam devastados, com grande quantidade de imóveis danificados. Situação de caos: sem água, sem energia, comunicação falha e vários prédios públicos destruídos, além dos estabelecimentos de serviços arruinados. As ruas estavam interditadas pelo amontoado de entulhos e lama, e no ar o forte mau cheiro predominava.

40 Disponível em: <http://blogs.estadao.com.br>. Acesso em: 30 jul. 2015.

A primeira avaliação da situação da cidade, formalizada por meio do documento de Avaliação de Danos (AVADAN), foi realizada pelo Sistema Nacional de Defesa Civil (SINDEC) e serviu de subsídio para o Decreto de Calamidade Pública em nível Federal, no qual foi constatada a seguinte condição: 5050 pessoas desalojadas e 95 pessoas desabrigadas, sendo a totalidade da população do município afetada direta ou indiretamente pela enchente.

Com relação aos danos apontados, segundo Moradei (2010):

> Foram 134 residências danificadas; 97 destruídas; 3 unidades públicas de saúde danificadas, sendo elas: o prédio administrativo da assessoria de saúde, o Centro de Saúde e uma Unidade do Programa de Saúde da Família (PSF); 3 unidades de ensino danificadas (2 de ensino fundamental e 1 infantil) e 1 unidade de ensino destruída; 3 prédios públicos (incluindo as Igrejas) destruídos; 225 estabelecimentos de comércio danificados e 1 indústria danificada. (p. 126)

Dentre os imóveis que desabaram no Centro Histórico, cinco deles tinham relevância na paisagem urbana local: além da Igreja Matriz de São Luiz de Tolosa, a Capela de Nossa Senhora das Mercês e o antigo Grupo Escolar, além de mais dois importantes casarões localizados no entorno da Praça. Uma fileira de casas localizadas na rua entre as margens do Rio Paraitinga e a Praça Oswaldo Cruz, foi inteiramente destruída, alterando consideravelmente a paisagem a sua volta. No mapeamento preliminar, elaborado pelo CONDEPHAAT, tem-se uma visão dos imóveis arruinados, conforme mostra a Figura 6.

Com a liberação do acesso à cidade, mesmo considerando que muitas casas estavam interditadas pela Defesa Civil, os luizenses começaram a retornar ao Centro Histórico para ver de perto o que havia acontecido. Desolados, não sabiam se checavam primeiro o que sobrara de suas casas ou as ruínas dos edifícios afetados durante a enchente. Várias construções históricas tinham desparecido, enquanto outras, mesmo com avarias consideráveis, resistiram à força das águas. De qualquer maneira, a avaria de cada construção era incalculável naquele momento, e toda a população partilhava a dor e a tristeza de ver a cidade, antes colorida e pacata, agora destruída e caótica.

**Figura 6 – Mapeamento dos imóveis destruídos pela inundação em São Luiz do Paraitinga (2010)**

Fonte: Secretaria de Estado da Cultura, CONDEPHAAT.[41]

41 Disponível em: <http://www.cultura.sp.gov.br/StaticFiles/SEC/Release/Mapa.jpeg>. Acesso em: 29 jul. 2017.

A imagem da oitava fotografia mostrada aos entrevistados, revela parcialmente o que se via no dia 04 de janeiro de 2010 em São Luiz do Paraitinga. No primeiro plano, pode ser visualizado o Coreto da Praça e o que restou da decoração das festas de final de ano; no segundo plano, residências parcialmente des- truídas. Os luizenses, quando visualizaram a imagem, expressaram diferentes sentimentos e recordaram o vivido naquele dia:

**Fotografia 8 – Coreto da Praça em São Luiz do Paraitinga (2010)**

Fonte: Acervo da Prefeitura Municipal de São Luiz do Paraitinga.[42]

> *Essa imagem da foto é muito triste, a Praça estava linda com a decoração do Natal, nunca tínhamos feito um presépio em tamanho grande! Olha como ficou, tudo destruído, olha a quantidade de lama, essa lama estava em todos os lugares da cidade e grudava na nossa roupa, era quase impossível caminhar pelas ruas. É muito sofrido lembrar esse momento*! (Carmem Nunes Siqueira, 2015)

> *Olhar essa foto me faz lembrar de todo o cenário de quando eu cheguei no Centro Histórico, na Praça, a cidade parecia que tinha sido bombardeada, era isso que a gente via para qualquer direção que olhávamos. Era muito entulho, muito lixo, destruição, lama, mau cheiro! Foi isso que a gente viu em toda a cidade, quando o exército liberou a entrada da população na cidade, cada um foi procurar a sua casa ou procurar as casas dos parentes.* (Luiz Alberto Polla Baptista, 2015)

> *Nossa, o Coreto da Praça! Quanta dor ao olhar essa foto, meu Deus! Engraçado que a gente tinha achado tão inovador o presépio daquele ano, foi um presépio diferente que quiseram fazer, com os personagens em tamanho gigante, como o João Paulino, a Maria Angu. No fundo aparece o Hotel do seu Cláudio, quase todo destruído. Triste né? Ao lado a casa da D. Irene e também a casa da D. Glória. Veja o latão de leite, sabe-se lá de onde terá vindo. A lama foi o que mais ficou na minha lembrança, até hoje ainda tem marcas em algumas casas da cidade. Acho que é pra gente nunca esquecer esse dia, e como esquecer?* (Rosa Maria Antunes, 2016)

Como era sabido que muitos prédios do Centro Histórico de São Luiz do Paraitinga, em particular, as igrejas, dispunham de objetos sacros de valor incalculável – imagens raras, peças banhadas a ouro; de

42 Disponível em: <http://www.saoluizdoparaitinga.sp.gov.br>. Acesso em: 09 maio 2015.

mármore e de grande significado simbólico para os luizenses –, a população tentou resgatá-los, ou o que havia sobrado deles, em meio aos escombros, protegendo-os de saques até a chegada de equipes técnicas dos órgãos competentes que pudessem salvaguardá-los.

Nas ruínas da Igreja Matriz, além do sino, foram retiradas peças que constituem autênticos sustentáculos da identidade luizense, como as imagens de São Luiz de Tolosa, de São Francisco do Bom Jesus e a do Cristo Crucificado, sendo que esta última possui forte simbolismo no devocionário popular luizense, sendo tradicionalmente exposta durante as cerimônias da Semana Santa.

Essas atitudes foram muito valorizadas pelos órgãos do patrimônio, em particular o IPHAN e influenciaram de maneira decisiva suas ações. Posteriormente, algumas dessas pessoas foram contratadas para dar continuidade às obras de salvamento e de reconstituição dos imóveis.

Um fato curioso, que vale ser destacado, refere-se à "cápsula do tempo" encontrada em meio aos escombros do edifício. O referido objeto consiste numa pequena caixa de madeira, medindo 40 cm x 25 cm e com 20 cm de altura, lacrada com cera, que continha reminiscências de uma época intacta, guardadas dentro do que sobrou da parede do altar-mor da Igreja Matriz, desde 1927.

O caso da Capela das Mercês não se mostrou diferente. Há registros de atitudes, como a do professor José Carlos Imparato, um apaixonado por São Luiz do Paraitinga, ativo frequentador e benfeitor da cidade, dono de uma casa histórica restaurada, aberta à visitação dos interessados, como os alunos das escolas públicas do município.

Em decorrência de sua especialização em arqueologia, comandou as ações mais imediatas relativas à Capela das Mercês, juntamente com voluntários da cidade. O trabalho liderado pelo doutor Imparato, com a colaboração de vários luizenses, antes da entrada dos técnicos do IPHAN, teve grande relevância, em razão de terem encontrado nos escombros da Capela a imagem de Nossa Senhora das Mercês que ficou reduzida a 92 fragmentos, além de outros elementos integrantes da edificação, depois restaurados e reincorporados à nova edificação.

Em outra imagem apresentada aos entrevistados, a nona fotografia, está o registro da destruição da Capela, da qual restou somente uma parede do edifício, envolvida por imensa pilha de escombros. As emoções dos luizenses e as lembranças da construção ruída, mais uma vez se mostraram marcadas por memórias de tristeza e lamento:

**Fotografia 9 – Ruínas da Capela Nossa Senhora das Mercês – São Luiz do Paraitinga**

Fonte: Arquivo da Superintendência do IPHAN em São Paulo.

*Nossa! Lembro que a Capelinha das Mercês destruída foi o primeiro prédio que vimos, pois entramos na cidade pela rua que chega direto a Capelinha, e foi com essa cena que deparamos. Estava com a minha cunhada e não acreditávamos no que estávamos vendo, foi impossível não chorar, parecia o fim de tudo. Conforme falei antes a Capelinha faz parte da minha infância.* (Maria Letícia Donizete Falcão, 2015)

*Essa cena eu vivi intensamente, até porque o nosso estabelecimento comercial está bem próximo e tinha que atravessar por aqui! Quando liberaram tinha uns caminhozinhos assim, exatamente como a imagem mostra. Quando passávamos, olhávamos o batente, o arco da porta que estava caído, e a gente começava a pensar e perguntar, será que toda essa destruição vai dar para recuperar?* (Luiz Alberto Polla Baptista, 2015)

*Ah! Essa imagem é o que restou da Capelinha. Veja que ficou só o arco, meu Deus, quanta tristeza essa foto revela, quanta gente chorou ao olhar para a sua destruição. Como é que pode! E uma coisa que a gente só veio entender bem mais tarde, o porquê que a Capelinha ruiu todinha. Porque era de barro, taipa de pilão, mas era só barro socado, então a água foi solapando tudo e a Capelinha veio abaixo* [...]. (Elena Martha Kacharovsky, 2016)

*Meu Deus, isso foi o que vimos da Capelinha das Mercês! Era inacreditável a total destruição. Graças ao trabalho incansável do Prof. Imparato que tem casa em São Luiz e de muitos moradores da cidade, é que foi possível recuperar e salvar muita coisa. Foi um movimento que começou a partir da comunidade, antes mesmo da chegada de técnicos do IPHAN. O salvamento da imagem de Nossa Senhora das Mercês que ficou totalmente destruída ocorreu pelo trabalho inicial de toda essa gente*. (Judas Tadeu de Campos, 2016)

Figuram igualmente tristes as lembranças da destruição do antigo Grupo Escolar, edificação, conforme destacado anteriormente, de grande relevância na memória afetiva de grande parte da população. No imóvel, construído de taipa de pilão, pau-a-pique e com grande quantidade de madeira (esquadrias, assoalho e forro), funcionava, nos últimos anos, a Biblioteca Municipal de São Luiz do Paraitinga.

Na décima imagem apresentada aos luizenses entrevistados, está o registro da destruição total do edifício, fato que inicialmente dificultou a sua identificação. Porém, ao observarem mais atentamente a fotografia, reconheceram as antigas janelas de sua fachada com frontão triangular:

**Fotografia 10 – Escombros do "Antigo Grupo Escolar" – São Luiz do Paraitinga**

Fonte: Arquivo da Superintendência do IPHAN em São Paulo.

> *Olhar essa foto fica difícil identificar inicialmente, devido à questão da sujeira nas ruas naqueles dias. Aqui a gente vê que não tinha sobrado nada! Para mim é a escola, o antigo Grupo Escolar, do lado da Igreja Matriz, as janelas são o que permite reconhecer o prédio. A destruição foi total, é olhar e falar, acabou não tem mais nada. Muito, muito triste!* (Luiz Alberto Polla Baptista, 2015)

> *Nossa Senhora, essa fotografia a gente olha e pensa: acabou, acabou tudo, está tudo no chão! Nem estava reconhecendo, está tudo em ruínas, nem lembrava, o quanto foi terrível. É o prédio da Biblioteca da cidade, o antigo Grupo Escolar. A gente fica tão perdida e quando vê a foto, nem consegue mais montar uma peça na outra, é terrível ver o Grupo assim, essa pilha de escombros.* (Tânia Maria Moradei Gouveia,2015)

> *Meu Deus, onde é isso? Nossa, é o prédio, é o prédio do antigo Grupo Escolar. Ah, lembra quando falei para você da quantidade de madeira nas construções? Olha, aqui, veja aqui a quantidade de madeira que tinha prédio do Grupo, os janelões ficaram quase todos inteiros, era madeira maciça que poderia ter sido recuperada*. (Rosa Maria Antunes, 2016)

> *Espera, não consigo reconhecer... Ah, é a escola, o antigo Grupo Escolar! Foi muito triste ver a sua destruição, primeiro as portas se romperam com a força das águas, os livros saíram boiando e depois as paredes e o telhado desabaram com a enchente. Onde foram parar essas janelas aqui, onde foi parar essa porta aqui? Porque caiu, mas não foi destruído, isso é coisa do tempo do Euclides da Cunha, o madeiramento todo do prédio foi enviado por ele... Quanta destruição, quanta tristeza!* (Judas Tadeu de Campos, 2016)

Nas conversas informais com os luizenses, foi possível observar descrições de diferentes lugares da cidade, mesmo nas áreas onde não havia antigos casarões, a destruição também era marcante, com desabamentos e imensas quantidades de entulhos. Inúmeros móveis, eletrodomésticos, objetos pessoais, automóveis foram encontrados espalhados pelas ruas, telhados ou no rio. Havia carros empilhados nos escombros ou pendurados nas árvores; muitos caixões das empresas funerárias foram vistos boiando ou soterrados na lama; e uma geladeira passou os primeiros dias de janeiro de 2010 sobre o telhado do Mercado Municipal.

Em relação à destruição ou danos aos demais prédios públicos da cidade, Guerra (2010) acrescenta:

> A prefeitura, ligada por dois prédios – sendo um casarão histórico do Centro e uma propriedade atual que margeia o rio – sofreu abalos na parte da frente do prédio. Nos fundos, a estrutura não sofreu abalos, e o prejuízo ficou em torno dos bens materiais, como computadores e documentos que estavam no local. A única escola da área urbana que ficou a salvo foi a escola monsenhor Ignácio Gioia, situada em um ponto fora de risco por enchente ou deslizamentos. Os dois postos de saúde da cidade foram atingidos, sendo que um deles foi totalmente destruído. O prédio que abriga o Fórum da comarca de São Luiz do Paraitinga e os cartórios da cidade também foi imensamente atingido. Do total de registros mantidos nos edifícios, 20% foram perdidos e os outros 80% dos documentos puderam ser recuperados manualmente e nos meses seguintes copiados e certificados digitalmente. (p. 61)

Vale destacarmos que a inundação, que cobriu a cidade e seus diversos prédios públicos, também atingiu a Vila de São Vicente de Paulo, importante instituição religiosa de São Luiz do Paraitinga, voltada ao amparo a idosos desde a década de 1930. Os 16 moradores da Instituição viram a água invadir as edificações rapidamente no dia 1° de janeiro e mal tiveram tempo de retirar os pertences de seus aposentos. Com o apoio dos grupos de resgate, deixaram a Vila e foram conduzidos às áreas de alojamento emergencial.

Nos dias posteriores, transferiram o grupo para a instituição "Casas Pias" de Taubaté, semelhante ao abrigo São Vicente de Paulo. Um detalhe na história recente da instituição luizense é que, antes da enchente, a Vila estava com 90% de uma reforma já concluída; com a inundação, perdeu-se a maior parte do trabalho, adiando por meses o retorno de seus antigos moradores.

As consequências da inundação também foram significativas na área rural de São Luiz do Paraitinga. Diversas pontes ruíram, dificultando o acesso às residências, e dezenas de famílias ficaram ilhadas por vários dias. Em entrevista ao Jornal da Reconstrução, em março de 2010, o diretor de Agricultura e Abastecimento da cidade, Donizete José Galhardo, explicou que os prejuízos na zona rural do município vinham ocorrendo desde o final de novembro e cresceram em decorrência da intensidade das chuvas a partir daquele período.

> Nessa época, contabilizamos aproximadamente 30 pontes quebradas. São pontes de diversos tamanhos, incluindo uma sobre o rio Paraitinga, na estrada do Rio Acima, com custo maior de manutenção. Foram mais de 50 deslizamentos, e também mais de 50 residências inundaram. Mas os problemas já vinham se agravando desde antes da virada do ano. Os bairros Santa Cruz e Bom Retiro passaram por três enchentes nos últimos meses de 2009, e a chuva incessante dificultava até mesmo o reparo emergencial das pontes da área. Muitas das famílias atingidas não puderam voltar tão cedo aos seus lares. Quem criava gado não perdeu os animais, pois os rebanhos foram conduzidos aos pontos mais altos das propriedades e sobreviveram. As principais perdas, além das casas inundadas, foram para os produtores de leite que não puderam transportá-lo, restando para eles, descartarem o produto estragado, e os cultivadores de milho que tiveram grandes áreas da lavoura afetadas com a intensa elevação das águas. Muitas propriedades com lavouras no município estarão improdutíveis por algum tempo. (p. 2)

As vistorias de avaliação dos imóveis atingidos – ação desenvolvida pela Defesa Civil em conjunto com a Diretoria de Obras da Prefeitura Municipal, acompanhada de técnicos do Instituto de Pesquisas Tecnológicas de São Paulo (IPT) e de engenheiros voluntários –, possibilitaram a identificação dos bairros mais atingidos no município. A respeito dessas atividades, Moradei (2010) descreve:

> A primeira vistoria considerava o risco maior e liberava ou não o imóvel para limpeza. Posteriormente, era realizada uma segunda vistoria mais detalhada e que verificava a condição estrutural do imóvel. Foram realizadas por volta de 800 vistorias. A partir desses procedimentos foram elencados os bairros mais afetados: Centro, Várzea dos Passarinhos, Benfica e Alto do Cruzeiro (devido aos escorregamentos). (p.133)

De acordo com as informações de Moradei (2010), a área Central apresentou 18 imóveis arruinados e 65 imóveis parcialmente danificados, os demais foram liberados para limpeza e reocupação. Na Várzea dos Passarinhos, um dos bairros mais atingidos, ocorreram 113 avaliações: 8 imóveis destruídos; 11 muito danificados; 17 parcialmente danificados; 77 conservados. (p. 134)

No Bairro Benfica, próximo ao campo de futebol, foram contabilizados 3 imóveis destruídos; além de um conjunto de 17 de casas, situadas em frente ao Cemitério Municipal, interditado em razão de um solapamento de encosta que causou abalo na estrutura das edificações. O Bairro Alto do Cruzeiro, apesar de não ter sido atingido pela enchente, sofreu os efeitos das chuvas que provocaram instabilidade em várias áreas. Além disso, foram realizadas vistorias em mais de 100 imóveis, as quais resultaram em inúmeras interdições.

Somado a todos esses danos coletivos, e não menos importante, é preciso considerar as perdas individuais da maioria da população, os diferentes objetos – documentos, vestuários, livros, fotografias, móveis – que traduzem e expressam a identidade e a história pessoal de cada morador, ainda que seja impossível estimar o que cada um perdeu, tendo em vista que: tal ação representa uma dimensão imensurável de significados, tanto no aspecto material quanto afetivo.

Todavia, na busca de uma aproximação a essa realidade, buscou-se, nas entrevistas realizadas, colher informações no tocante às perdas individuais. Os relatos revelaram que os objetos perdidos mais significativos estavam relacionados à memória afetiva dos entrevistados: fotografias, documentos de família, troféus, coleções particulares, móveis e outros:

> *Nós perdemos tudo! A gente ergueu as coisas no forro da casa, achando que a água ia chegar até um metro dentro dela, não imaginávamos mais que isso, mas a enchente cobriu a minha casa*

*inteira e as coisas que ficaram no forro a água levou tudo, até a casa nós perdemos! A nossa casa estava num terreno que agora é considerado de risco, antes não era. Com a proporção da enchente, teve uma rachadura muito grande na parede da sala e a defesa civil interditou, dois dias depois, a casa caiu! Perdi todas as fotografias do meu casamento e do batizado do meu filho, os documentos, a gente tirou um novo, mas aquelas fotos nunca mais!* (Maria Letícia Donizete Falcão, 2015)

*Sinto pela perda das fotografias da minha infância, eram fotos com meus avós. Tinha também os troféus que conquistei nos festivais de marchinhas de São Luiz. Os meus livros da faculdade, as fotos com os amigos do curso. Tudo foi perdido, acho que foi uma perda que vai fazer muita falta, afinal era uma parte da minha história, né!* (Tânia Maria Moradei Gouveia, 2015)

*Na minha casa, perdi todos os móveis, perdi livros, coleções de moedas e cédulas antigas e documentos importantes. Talvez o mais importante deles, foi o que ganhei de um pesquisador de Taubaté, era a cópia de uma carta do Conselho Municipal da Cidade pedindo verbas para o Governo da Província de São Paulo ajudar na construção da Igreja Matriz aqui em São Luiz, uma carta assinada por várias autoridades da época. Sinto uma tristeza imensa ao lembrar tudo o que perdi com a inundação.* (Judas Tadeu de Campos, 2016)

*Minha casa era numa parte da pousada, então o que a gente perdeu foi muita coisa! A gente tinha 16 suítes e só conseguimos até agora organizar 10, 6 ainda estão paradas né, porque tem que fazer as reformas dos banheiros. Perdemos toda a rouparia da pousada, lençóis, toalhas, travesseiros, perdemos 72 colchões novos, de qualidade! Na parte da minha casa, o que mais senti, foram os móveis de quarto que eram antigos e o meu oratório que ganhei quando fiz a primeira comunhão* [...]. (Rosa Maria Antunes, 2016)

É preciso considerar e ressaltar que grande parte da população luizense teve sua história de vida civil destruída, com a perda dos seus documentos pessoais, além de fotos e objetos de memória. Aqueles que não foram diretamente atingidos pela inundação acabaram sendo afetados de diversas maneiras: no apoio aos familiares atingidos, à empresa onde trabalhavam, porque muitas delas paralisaram por causa da destruição ou tiveram seu funcionamento comprometido, entre outras situações de mesma ordem.

As perguntas feitas pelos luizenses eram: Como seria possível reconstruir tudo? Como a cidade sobreviveria nos primeiros dias sem farmácia, padaria ou supermercado? Quanto tempo levaria para ter tudo funcionando, se é que teriam tudo de volta? Como buscar os sentidos da memória, da identidade, da história, do pertencimento e da autoestima de quem via tudo destruído à sua volta?

Houve consenso, em face de toda destruição, que o calendário letivo das escolas seria alterado, pela necessidade de reconstrução de alguns prédios escolares, e que a cidade, abalada economicamente, teria um grande desafio ao iniciar o ano sem seu tradicional carnaval de marchinhas: não existia estrutura para receber os milhares de turistas que buscavam para a cidade participar da folia dos diferentes blocos carnavalescos. A economia, sempre restrita em um município pequeno como São Luiz do Paraitinga, ficaria, agora, sem sua maior fonte de renda anual, justamente no ano em que mais precisaria de recursos financeiros! Os dados do orçamento da Prefeitura Municipal para o ano de 2010 projetavam a arrecadação de R$ 22.100.000,00[43], e as estimativas do IPT apontavam em mais de cinco vezes o prejuízo causado pela enchente, sem levar em conta danos relativos à agricultura, meio ambiente, estruturas, infraestrutura e perdas no comércio.[44] Conforme o estudo realizado por Corsi, Azevedo e Gramani (2012), os prejuízos da cidade foram no mínimo de R$ 103,63 milhões, não sendo considerados os danos com o turismo e danos pessoais dos moradores.

43 PREFEITURA MUNICIPAL DA ESTÂNCIA TURÍSTICA DE SÃO LUIZ DO PARAITINGA. Orçamentos Anuais – Arrecadação. Disponível em: <http://www.saoluizdoparaitinga.sp.gov.br>. Acesso em: 31 jul. 2017.

44 Disponível em: <http://www.ipt.br/institucional/campanhas/18.htm>. Acesso: 31 jul. 2017.

> Somente no setor de habitação e do patrimônio as perdas foram de 35% do total geral da cidade, atingindo as cifras de R$ 35.240 milhões. O setor de energia elétrica teve uma perda total de R$ 2,132 milhões, enquanto que os serviços de água e esgoto perderam uns R$ 27 milhões. Nos setores de saúde, transporte, comércio e indústrias, as perdas e danos foram estimados, respectivamente, de R$ 450 mil, R$ 24,848 milhões, e R$ 2,5 milhões. (Corsi, Azevedo e Gramani, 2012)

O IPHAN estimou que para a restauração de parte do conjunto arquitetônico da cidade seriam necessários aproximadamente R$ 15 milhões. No quadro que segue, está presente o resumo das principais obras do Órgão em São Luiz do Paraitinga:

**Quadro 6 – Obras do IPHAN em São Luiz do Paraitinga**

| Obras (Exercício de 2010) | Valores (R$) |
|---|---|
| Salvamento dos remanescentes das igrejas Matriz e Mercês, trabalhos de limpeza e escoramento de 20 imóveis públicos e privados | 2.850.000,00 |
| Projeto museológico do Memorial da Reconstrução na Casa Oswaldo Cruz | 190.000,00 |
| Festa popular – celebração do tombamento nacional | 60.500,00 |
| Vídeo-documentário sobre a história da cidade | 6.500,00 |
| **Total 2010** | **4.107.350,00** |
| **Obras (Exercício de 2011)** | **Valores (R$)** |
| Restauro da Igreja do Rosário | 2.427.210,45 |
| Reconstrução da Igreja das Mercês | 1.300.000,000 |
| Projeto Executivo do Cine Éden (arquitetura e engenharia) | 14.500,00 |
| Reconstrução dos imóveis privados no Centro Histórico | 533.149,08 |
| Projeto de Paisagismo do bosque da Casa de Oswaldo Cruz | 54.500,00 |
| Obra de Paisagismo do bosque da Casa de Oswaldo Cruz | 250.000,000 |
| Custos administrativos do convênio com o Instituto Elpídio dos Santos | 270.000,000 |
| Restauro da cápsula do tempo | 48.347,000 |
| Oficina de informática para educação patrimonial | 6.125,000 |
| Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) do patrimônio imaterial | 78.900,00 |
| **Total 2011** | **9.887.226, 68** |

Fonte: Jornal da Reconstrução, n. 14, janeiro de 2011.

Diante dos valores apontados, a cidade e sua Prefeitura Municipal não tinham a mínima capacidade de organização autônoma. Logo, a gestão do município de São Luiz do Paraitinga ficou na dependência da ajuda externa e de diversas instâncias. Essa ajuda veio de diferentes lugares e, além do poder público estadual e federal e de muitos agentes externos que se mobilizaram, havia o desejo dos luizenses de terem tudo de volta, de preferência da mesma forma, como a memória de cada uma havia registrado e com todo o seu sentido de pertencimento.

No estudo, "O divino retorno", José Rogério Lopes (2012) aponta que a enchente e suas consequências geraram uma série surpreendente de manifestações solidárias, desde

> [...] visitações de apoio de personalidades midiáticas até a realização de vários shows ou eventos promovidos por instituições, artistas e jogadores de futebol, visando arrecadar fundos para a reconstrução da cidade ou o atendimento das pessoas e famílias mais atingidas. (p. 346)

Como exemplo dessas ações, vale mencionar: a visita do ex-jogador Zico; o show *Paraitinga Corpo e Alma*, realizado no Memorial da América Latina, em São Paulo, com participação de Tom Zé, cuja renda se reverteu na compra de instrumentos para os músicos da cidade; a realização do 25º Festival de Marchinhas, com apoio financeiro e institucional do SESC-SP, e outros.

Em relação à ajuda do poder público, os anúncios começaram a acontecer nas primeiras semanas do ano de 2010. Em visita à cidade, no dia 06 de janeiro, o governador do estado de São Paulo, José Serra (PSDB), informou a liberação de recursos para a limpeza da cidade, estudos de impactos no patrimônio arquitetônico e ambiental, reformas e aquisição de equipamentos às diferentes instituições prestadoras de atendimento à saúde local e comprometimento total com o processo de reconstrução imediata da cidade. (Pagan, 2010)

É oportuno destacarmos que os mandatários do Governo Estadual e da Prefeitura Municipal pertenciam ao mesmo partido político e, nessa situação, a cooperação era imprescindível naqueles primeiros momentos da reconstrução de São Luiz do Paraitinga. O Poder Judiciário paulista, a partir da catástrofe, destinou a aplicação de receitas judiciárias aos projetos de reconstrução da cidade, chegando a aproximadamente R$ 200 mil em arrecadação, ainda no ano de 2010. (TJSP, 2010)

O Governo Federal se fez representar pelo ministro da Cultura em exercício, Alfredo Manevy, o qual chegou a São Luiz do Paraitinga no dia 12 de janeiro de 2010. Na sua visita, o ministro anunciou grandes auxílios e aparato para a reconstrução. Acelerou o decreto nacional de calamidade pública para que a cidade pudesse ter celeridade em projetos e contratos e comunicou a liberação imediata de R$ 10 milhões para a salvaguarda do patrimônio histórico. (Rico, 2010) Especificamente, contemplou-se a seleção de materiais reconstruíveis, escoramentos emergenciais, salvamentos de acervos documentais e bens imóveis, envio de técnicos do IPHAN para atuarem na cidade, com destaque para o salvamento dos escombros da Igreja Matriz São Luiz de Tolosa e da Capela das Mercês e seus projetos de reconstrução.

Vale mencionar que, embora nos discursos oficiais não se explicitassem as disputas de poder presen- tes nas ações dos governos federal e estadual, as preocupações em demarcarem espaço na cena do desas- tre eram notórias:

> Um desastre pode ser considerado um laboratório sociológico capaz de fornecer uma gama de situações, interações, discursos e práticas que, ao serem analisados, permitem apreender uma série de *jogos de poder* que perpassam as relações dos agentes. [...] Se para alguns, o desastre é sinônimo de perda, para outros, ele é seu antônimo, embora a *oportunidade* passe despercebida se nosso olhar sobre o acontecimento crítico se concentra sobre os discursos dos agentes que tomam conta do palco [...] das palavras e silêncios dos dramas alheios. (Marchezini, 2014, p. 97). Grifos do autor

Dessa forma, é possível verificar que todo o empenho de ajuda estatal, mais que representar uma ação de valorização do patrimônio cultural, carregava, conjuntamente, como pano de fundo, uma grande disputa

política em ano eleitoral: 2010 foi ano de eleições, e o principal pré-candidato de oposição ao governo federal era o governador do Estado de São Paulo, José Serra. Assim, toda a força simbólica que representava a reconstrução de São Luiz do Paraitinga, haja vista o impacto midiático que a catástrofe havia proporcionado, passou a ser direcionada para que a ação estatal pudesse ser efetiva e de sucesso.

Como anteriormente mencionado, a prefeitura municipal de São Luiz do Paraitinga era também comandada pelo PSDB, e a prefeita Ana Lúcia Bilard Sicherle, tinha proximidade com o governo estadual, comandado pelo mesmo partido, situação que permitia o atendimento, de modo rápido, às muitas demandas, contribuindo para que esta espécie de "vitrine" de gestão fosse consolidada e pudesse ser um fator importante de sucesso como propaganda na eleição que se aproximava.

O insucesso, com certeza, seria também trunfo para o principal adversário, já que o governo federal era comandado pelo Partido dos Trabalhadores (PT), que tentava também agir naquele cenário de crise e mostrar sua capacidade de solução de problemas.

Em depoimento que consta na tese do historiador João Rafael C. C. dos Santos (2015), "A cultura como protagonista do processo de reconstrução da cidade de São Luiz do Paraitinga/SP", a Secretária do Planejamento, no município, naquele período, Cristiane de Paiva Bittencourt, descreve essa disputa política e a função de conciliadora que a gestão municipal assumiu no embate:

> O ano de 2010 era de disputa eleitoral, sendo o Governador Serra pré-candidato à Presidência do Brasil. Este fato gerou algumas situações de desconforto, mas que precisavam convergir para o objetivo de reconstrução da cidade. A divergência não era somente política, mas ideológica também, em especial quando se tratava de algum tema relacionado às técnicas de reconstrução do Patrimônio Histórico, onde a cidade tombada pelo CONDEPHAAT agora teria que conviver com o tombamento provisório do IPHAN. Podemos dizer que houve uma administração da divergência política e ideológica, destacando-se o papel do Município, representado pela Prefeitura e pelos atores da comunidade, que passaram a opinar e participar dos fóruns realizados e nas audiências públicas realizadas na Praça. O povo de São Luiz, que também estava representado ideologicamente na equipe da prefeitura, administrou estes desconfortos. Acho que foi um momento de muito aprendizado e valorização da cultura e do protagonismo local, perante os órgãos de Estado e técnicos de grande renome que vieram nos ajudar neste processo. (p. 169)

Para enfrentar e contornar o embate, assim como os inúmeros problemas causados com a inundação, foi necessário estabelecer diretrizes que encaminhassem o futuro desenvolvimento do município de forma ordenada, criteriosa e com parâmetros bem estabelecidos. Dessa forma, ainda em meio aos escombros e entulhos da cidade destruída, na Praça Oswaldo Cruz, foi sancionado, no dia de 07 de janeiro de 2010, o Plano Diretor de São Luiz do Paraitinga.[45] Vale observar que o projeto de Lei do Plano Diretor do Município, fora, anteriormente, aprovado pela Câmara Municipal no dia 15 de dezembro de 2009, e ironicamente dezesseis dias depois ocorreu a grande inundação da cidade.

Com o Plano Diretor sancionado, abriu-se o caminho para uma ação mais rápida do poder público, algo urgente naquele momento. Se a própria comunidade, nos primeiros dias, assumiu o controle da cidade, a partir da tradição de suas práticas culturais que geravam solidariedade e sentimento coletivo de mobilização, não era possível imaginar que somente isso pudesse resolver todos os problemas da cidade.

É oportuno destacar que a elaboração do Plano Diretor do Município teve caráter participativo, com discussões que ocorreram entre os anos 2006 e 2009 junto a um Grupo de profissionais, coordenado pelo professor Dr. José Xaides de Sampaio Alves, da Faculdade de Arquitetura da Universidade Estadual Paulista

45 PREFEITURA MUNICIPAL DA ESTÂNCIA TURÍSTICA DE SÃO LUIZ DO PARATINGA. Lei Complementar 1347. Criação do Plano Diretor Participativo. Departamento de Planejamento. São Luiz do Paraitinga, 7 de janeiro de 2010. Disponível em: <http://www.saoluizdoparaitinga.sp.gov.br>. Acesso em: 31 jul. 2017.

(Unesp), campus de Bauru. No artigo, “Planejamento e gestão municipal participativa: bases conceituais e metodológicas da pesquisa e extensão universitária”, o pesquisador explica:

> O Projeto do Plano Diretor teve como grande desafio, conseguir a inserção da população local, pensar o município ou a cidade ‘para todos’. Assim, com a participação da população, que pode se manifestar nos fóruns técnicos e nas audiências públicas realizadas na área urbana e na área rural, dos técnicos, dos cientistas, dos urbanistas e dos planejadores, foi elaborada uma proposta arrojada para as diretrizes do planejamento rural e urbano de São Luiz do Paraitinga. (Alves, 2011, p. 107)

Ao analisar o Plano Diretor do Município, Moradei (2010) identificou pontos relevantes, tais como:

> O enfrentamento das questões urbanas e ambientais do município; o estabelecimento da Zona de Preservação Arquitetônica, Urbanística e Paisagística (Z.P.A.U.P.), que tem a fun- ção social de preservação dos edifícios de valor histórico e cultural, o conjunto urbanístico por eles formado e a paisagem natural e construída do entorno desse conjunto urbanístico; a valorização do setor rural do município, incentivando a formação das agrovilas; o desenvolvimento econômico do município a partir do turismo cultural; e a definição do macrozoneamento urbano. (p.138)

Posteriormente, à sanção do Plano Diretor, considerando o macrozoneamento urbano disponível e a existência de áreas definidas como Zonas Especiais de Interesse Social (ZEIS), foi decretado como de utilidade aquela área mais próxima de infraestrutura e equipamentos urbanos para a construção de moradias destinada às famílias que não poderiam retornar aos seus imóveis de origem, em razão de terem sido danificados ou destruídos durante a inundação.

Também foi incluído no Plano Diretor, pela Lei Municipal Nº 1.458/2010, questões voltadas à vulnerabilidade de desastres naturais, isto é, as áreas suscetíveis de ocorrência de deslizamentos de grande impacto, inundações bruscas e processos geológicos ou hidrológicos correlatos. [46]

As primeiras semanas até os meses que se seguiram à inundação foram de grande mobilização, sensibilidade e solidariedade em toda a cidade. Diferentes reuniões ocorriam com a população luizense e os órgãos envolvidos no processo de reconstrução, muitas delas tratavam de assuntos pertinentes ao evento: assessorias para a recuperação do patrimônio, danos nas encostas do Rio Paraitinga, auxílio aos desabrigados, situação das casas populares e outros.

Nesse contexto, firmou-se uma importante parceria entre a Prefeitura Municipal e a UNESP, propiciando o retorno do grupo que havia participado da elaboração do Plano Diretor Municipal a São Luiz do Paraitinga após a inundação. Nesse contexto, houve a organização de um grande projeto de apoio à reconstrução da cidade, que envolveu diferentes Departamentos da Instituição.

A seguir, com foco no objeto de pesquisa deste estudo - as memórias da população luizense no contexto da reconstrução e do renascimento da cidade, foram analisadas as ações de solidariedade que marcaram o processo de reconstrução do município, as instituições criadas pela comunidade luizense em colaboração com os trabalhos de recuperação e as atuações do IPHAN e do CONDEPHAAT, protagonistas nos trabalhos de restauros e edificações das novas construções na cidade. No fechamento da reflexão, destaca-se o panorama da Cidade Patrimônio Cultural reconstruída.

46 PREFEITURA MUNICIPAL DA ESTÂNCIA TURÍSTICA DE SÃO LUIZ DO PARATINGA. Lei Complementar 1458. Revisão do Plano Diretor Participativo. Departamento de Planejamento. São Luiz do Paraitinga, 2011. Disponível em: <http://www.saoluizdoparaitinga.sp.gov.br>. Acesso: 31 jul. 2017.

# Capítulo 4

# Memórias do Renascer de uma Cidade: São Luiz do Paraitinga após o verão de 2010

*A cidade não é feita* [...] *das relações entre as medidas de seu espaço e os acontecimentos do passado* [...] *A cidade se embebe como uma esponja dessa onda que reflui das recordações e se dilata.* [...] *Mas a cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas dos para-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras.*

Italo Calvino, 1990

## Solidariedade: o sentimento que move o renascer da cidade

Dentre as diversas experiências que marcaram a maior inundação causada pela cheia do Rio Paraitinga, uma delas teve grande relevância no renascer da cidade: o fortalecimento do sentimento de solidariedade presente na população de São Luiz do Paraitinga.

Conforme destacado, as ações de solidariedade começaram com os resgates dos luizenses pelas equipes de *rafting*, e, posteriormente, com a distribuição de alimentos e acomodação aos desabrigados. Todavia, a partir das solicitações de doações da Prefeitura Municipal e da Defesa Civil e a chegada dos primeiros donativos, a cidade se viu totalmente envolvida em um mutirão de responsabilidade recíproca.

Como o nível da água ainda não havia normalizado e a Prefeitura não dispunha de um local adequado para armazenar os produtos doados, os luizenses se ofereceram para estocar os produtos recebidos, e centenas de voluntários – moradores ou não – se prontificaram a ajudar na organização e distribuição dos itens. Toda a atividade caracterizou-se por uma força-tarefa composta por Defesa Civil, Exército, Corpo de Bombeiros, Cruz Vermelha, Polícia Militar e prefeituras vizinhas.

Além de São Luiz do Paraitinga, municípios vizinhos, como Aparecida, Guaratinguetá, Ubatuba, Cruzeiro, Canas e Caçapava também tiveram problemas com enchentes e deslizamentos e receberam grandes quantidades de donativos. Os dados do Quadro 7 mostram o rol dos materiais enviados por diferentes instituições para o auxílio dos muitos desabrigados no Vale Paraíba Paulista:

**Quadro 7 – Levantamento dos materiais enviados para auxiliar as vítimas no Vale do Paraíba Paraíba Paulista**

| Organização | Materiais Enviados | Quantidade |
|---|---|---|
| Cruz Vermelha | Cestas básicas, alimentos de fácil preparo, itens de higiene e limpeza, medicamentos e materiais de primeiros socorros. | 15 toneladas. |
| SABESP | Água potável. | 92.000 litros. |
| Polícia Militar/SP | Água potável, Alimentos não perecíveis, Colchões, Produtos de limpeza e higiene pessoal, Leite, Peças de roupa. | 54.800 litros, 21.300 toneladas, 295 unidades, 11.000 unidades, 2.500 litros, 340.000 unidades. |
| Defesa Civil/SP | Cestas básicas;<br>Cobertores;<br>Colchões;<br>Lençóis. | 1.480 unidades;<br>355 unidades;<br>1.880 unidades;<br>630 unidades. |
| Grupo Pão de Açúcar | Cestas básicas. | 1.500 unidades. |

Fonte: Kawasaki, 2012, p. 1-11.

Nos dias posteriores, e com maior divulgação na mídia, São Luiz do Paraitinga teve uma sobrecarga de arrecadações e os coordenadores dos grupos de voluntários, juntamente com a Prefeitura, escolheram o ginásio poliesportivo como o local definitivo para os donativos enviados, em razão de o edifício se localizar em uma área mais elevada e ter sido menos atingido pelas águas.

Ao mesmo tempo, os cozinheiros da cidade que trabalham nas diferentes festas que ocorrem no município, organizaram uma cozinha coletiva e solidária nas dependências da Igreja do Rosário e as refeições e alimentos, ali processados, eram distribuídos de porta em porta, em cada residência recoberta pela lama, e também aos que estavam nos alojamentos improvisados, como na escola Monsenhor Ignácio Gióia, na Casa da Criança Maria de Nazaré e na Pousada Caravelas.

Apesar de toda essa ação solidária por parte da população e de a cidade ter recebido milhares de donativos – água, roupas, sapatos, móveis, materiais de limpeza, cestas básicas, medicamentos, materiais de primeiros socorros –, alguns dos entrevistados alegaram que não houve uma logística eficiente quanto à distribuição desses donativos.

Os relatos destacaram que a distribuição das doações se deu de forma desorganizada, beneficiando, em alguns casos, pessoas que não foram atingidas; ou, então, não auxiliando todos os atingidos, conforme suas necessidades emergenciais:

> *São Luiz recebeu muita coisa! Recebeu doações em dinheiro, recebeu doações em móveis, eletrodomésticos, roupas, sapatos e comida, mas eu acho que a faltou uma logística bem preparada para fazer a distribuição e isso levou a perda de muita coisa. Perdeu-se alimento porque o alimento tem prazo, perdeu-se roupa porque não tinha um galpão adequado para armazenar e muita coisa que a gente não sabe onde foi parar. Nós não tivemos ajuda de ninguém, porque alegaram que a gente era comércio e que não teríamos direito a nada, embora sendo do comércio, nós também perdemos tudo!* (Carmem Nunes Siqueira, 2015)

> *Houve muitas doações, mas teve muita gente que se aproveitou disso e chegou muito pouco para a gente, pra minha família que perdeu tudo! Lembro que quando eu estava no abrigo da escola, chegou um caminhão de doação com cobertores. O pessoal que comandava a distribuição não deixou descarregar na escola, disseram que já tinha muita coisa lá, mas não tinha, pois tinha gente precisando e, aí, a gente não sabe até hoje para onde foi toda aquela doação. Sei que teve muitas doações, teve muita ajuda, isso não posso negar, mas que o chegou mesmo em nossas mãos, foi quase nada!* (Maria Letícia Donizete Falcão, 2015)

*A cidade recebeu muita coisa, não vou dizer se era coisa boa ou coisa ruim, o que percebi é que muita coisa chegava de vários locais, do governo apoiando, das empresas apoiando, as pessoas apoiando. O momento era de ajudar e ser solidário, então as pessoas daqui como eu, estavam se mobilizando para tentar cada qual de uma maneira trazer algum tipo de ajuda para cá, né! Em São José, na paróquia, a gente montou uma base onde as doações eram recebidas e depois eu trazia de carro, eu tinha uma caminhonete, mas para organizar tudo que era doado, foi muito trabalho. Então essa coisa da doação, ela é muito interessante, tem um lado muito bacana que as pessoas doam, mas tem uma dificuldade, uma complexidade logística grande até para a gente receber, por incrível que pareça, imagina se vier uma fábrica e falar que vai dar um milhão de litros de leite ou você pega aquilo e vende para alguém pegar o dinheiro ou vai perder então nem toda doação é possível de ser utilizada, por incrível que pareça e isso eu aprendi naquela época.* (Luiz Alberto Polla Baptista, 2015)

*São Luiz ficou abarrotada, com tantas doações! A capacidade de solidariedade foi impressionante! A solidariedade ela vem de onde você não imagina, né! Vem do meio do mato, vem de pobre, vem de rico, você não pode imaginar o que uma tragédia faz com as pessoas. Pessoas que têm sensibilidade e que têm sentimento fazem um esforço extraordinário para ajudar quem elas nem conhecem e a gente viveu e sentiu isso!* (Elena Martha Kacharovsky, 2016)

O sentimento de solidariedade foi também registrado no mutirão de limpeza que ocorreu em toda a cidade, tão logo as águas baixaram. A rapidez na desobstrução das casas, dos estabelecimentos comerciais e das ruas mostrou-se determinante para que, junto com a destruição, não viessem as doenças. Paralelamente, à ação de limpeza das ruas, a equipe de Vigilância Sanitária atuou na vacinação (contra tétano e difteria) e na orientação do uso de equipamentos e de como realizar a desinfecção das residências e dos estabelecimentos comerciais.

No atendimento pós-enchente, comprovaram-se apenas cinco casos de leptospirose. O trabalho de remoção dos entulhos nas ruas de São Luiz do Paraitinga ocorreu graças ao empenho dos funcionários do município, da comunidade e de dezenas de voluntários.

> Cerca de 100 pessoas trabalharam diariamente na desobstrução das vias e na destinação do entulho. Escombros das casas e dos locais de comércio, móveis e utensílios, eletrodomésticos, madeira, tijolo e alimentos formavam enormes montanhas de lixo. As primeiras ações de limpeza foram realizadas nos açougues e supermercados, que armazenavam quantidades importantes de produtos perecíveis. Profissionais da Vigilância Sanitária acompanharam de perto esse trabalho de manipulação, transporte e descarte de alimentos estragados, impróprios para o consumo. (Jornal da Reconstrução , 2010, p. 4)

São Luiz do Paraitinga foi, dessa forma, totalmente envolvida por uma centena de pás, caçambas, caminhões, retroescavadeiras. Significativa contribuição veio das Prefeituras das cidades vizinhas, que enviaram seus veículos e equipamentos para o auxílio nos serviços de limpeza; utilizaram-se máquinas retroescavadeiras e caminhões para a retirada do entulho e caminhões-pipa para lavar as ruas. Sem essa ajuda, não teria sido possível executar esse trabalho de forma tão rápida.

A enorme quantidade de lixo foi transportada para uma área às margens da Rodovia Nelson Ferreira Pinto, que liga São Luiz ao município de Lagoinha, que depois era levada para o aterro sanitário da cidade de Tremembé, uma vez que o mesmo atendia às normas sanitárias e ambientais, situação diferente de São Luiz do Paraitinga que não comportava o volume dos escombros e entulhos que eram retirados da área atingida.

Conforme descreve Moradei (2010),

> [...] cada rua passou por limpeza de três a quatro vezes. Isso se deu porque a equipe limpava uma vez e as pessoas, que entravam em suas casas, jogavam todo o entulho na rua novamente. Isso se repetiu até que todos os imóveis que tivessem condições estruturais de reocupação estivessem desimpedidos (p. 128).

Nas entrevistas realizadas, os luizenses recordaram os primeiros dias e as semanas posteriores à inundação e ressaltaram a contribuição recebida por parte dos municípios vizinhos, dos voluntários que chegavam à cidade para colaborarem nos trabalhos de limpeza:

> *Acho que os primeiros dias foram os piores que passei em minha vida, pois como falei antes, tinha perdido tudo, minha casa, minhas coisas... Fiquei com a minha família alojada na escola Monsenhor Ignácio Gióia e foi muito difícil, porque na escola não tinha estrutura para muita gente, então a gente passou muita dificuldade até conseguir ajuda. Recebíamos o apoio de todos que estavam trabalhando pra recuperar a cidade, mas não desejo pra ninguém essa experiência, não gosto de lembrar aqueles dias* [...]. (Maria Letícia Donizete Galvão, 2015)

> *As primeiras semanas de janeiro foram de muito trabalho, a minha família e a da minha esposa não é pequena, então nos dividimos para começar a limpeza das casas. Trabalhávamos até o fim do dia quando ainda tinha sol, a energia na cidade ainda estava comprometida, o abastecimento de água também demorou pra normalizar. Era muito serviço pra fazer, toda família e mais pessoas se ajudando, gente que nem conhecíamos, eram os voluntários* [...]. (Luiz Alberto Polla Baptista, 2015)

> *Olha, se não fosse ajuda de fora, São Luiz não existiria mais! Teve muita colaboração, todas as cidades se mobilizaram, inclusive cidades que não eram daqui da região, emprestando maquinários. Tiveram também grupos de voluntários, associações, grupos de amigos que ajudavam na limpeza das casas, isso sem falar do Exército, da Cruz Vermelha, da Defesa Civil Estadual. Realmente, foi uma ajuda assim inestimável, sem essa ajuda São Luiz não conseguiria se reerguer ou pelo menos se reerguer da forma como está agora.* (Benito Euclides Campos, 2015)

> *Hoje, dá até para sorrir um pouquinho né! Mas, os primeiros dias e as semanas que se seguiram foram de muita limpeza, muita faxina. A gente recebeu ajuda de muita gente, estudantes de São Paulo que vinham de ônibus, desciam aqui na rodoviária e vinham passando pela cidade com botas de borracha na mão, vassoura, rodo, pano, pá de lixo, sacos de lixo, muitos deles com água, iogurte e suco porque a gente não tinha onde tomar. Eu me lembro muito bem disso, eles passavam, batiam na porta e diziam: tá precisando de alguma coisa, tá precisando de ajuda? E a gente dizia que sim. E eles então deixavam aqui com a gente três, quatro pessoas para ajudar, vinham e ajudavam durante o dia e, a tarde, iam embora. Foram muitos os voluntários, estudantes, grupos religiosos, que se organizaram e vieram ajudar São Luiz. Toda essa ajuda durou aproximadamente uns três meses*. (Rosa Maria Antunes, 2016)

De acordo com o Relatório de Sustentabilidade da empresa ELEKTRO[47], 91% dos consumidores afetados pela enchente. Houve uma grande mobilização de eletricistas, técnicos, analistas, parceiros, gestores e toda a diretoria da empresa para que o fornecimento de energia pudesse ser restabelecido com segurança e agilidade. Foram enviados mais de 130 colaboradores de outras regiões para que atuassem na manutenção e reconstrução das redes de distribuição; um gerador foi instalado na Praça Dr. Oswaldo Cruz para proporcionar iluminação e ajudar na recuperação e segurança do Centro Histórico. E, no dia 5 de janeiro, o fornecimento foi normalizado para 70% dos consumidores, e dois dias depois, os serviços voltaram ao normal em toda a cidade. (ELEKTRO, 2011, p 52-53).

A limpeza imediata da cidade possibilitou a avaliação das estações de água e esgoto. O restabelecimento da distribuição de água ficou a cargo da Secretaria de Saneamento, por meio da SABESP; foram necessárias obras de recuperação da Estação de Tratamento de Água (ETA), que ficou submersa na enchente, substituição de hidrômetros, reparos de vazamentos, remanejamento de redes e estação elevatórias.

Como as estações de tratamento de esgoto também foram atingidas, houve a necessidade de obras e serviços de regularização da Estação de Tratamento de Esgoto (ETE), com reparo nas redes coletoras e nas estações elevatórias, ações que receberam investimentos superiores a R$ 6 milhões, segundo informações da Casa Civil do Estado de São Paulo. (Moradei, 2010, p. 130)

47 A Companhia de Energia Elétrica que atendia São Luiz do Paraitinga, por ocasião da enchente de 2010 era a Eletro Eletricidade e Serviços S/A que, atualmente, é conhecida por Neoenergia Elektro.

Uma ação significativa para a recuperação da cidade, e em particular da vida da população luizense, foi a instalação de um posto móvel do Poupatempo, na Avenida Celestino Campos Coelho, que começou a funcionar na primeira semana de janeiro de 2010. A unidade instalada contribuiu para que os moradores retirassem a segunda via dos diferentes documentos perdidos durante a enchente.

Nesse sentido, destaca-se, também, o auxílio prestado pela Associação dos Registradores de Pessoas Naturais do Estado de São Paulo (ARPEN/SP) ao Cartório de Registro Civil de São Luiz do Paraitinga, na recuperação e restauração de seus registros. Foram instalados postos móveis de agências bancárias - Banco do Brasil, Banco Santander e Caixa Econômica Federal – e, embora esta última não tenha uma agência em São Luiz do Paraitinga, foi montada uma unidade móvel para facilitar o acesso ao Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS) para aqueles que dele pudessem precisar desses recursos.

É possível afirmar, sem sombras de dúvidas, que a inundação de 2010 do rio Paraitinga representou um verdadeiro "divisor de águas" na vida dos moradores e, ao mesmo tempo, colocou um desafio para a comunidade, que se mostrou altamente traumático, porque diversas vidas estiveram em risco. Tal cenário fez com que as pessoas tivessem de se reinventar para superarem dificuldades antes inimagináveis e, ainda, em situação de profunda adversidade econômica local.

Além disso, o evento climático propiciou o surgimento de uma consciência mais clara de que, muitas vezes, a principal riqueza não advém dos meios econômicos ou dos círculos de poder político, e que a principal riqueza de São Luiz do Paraitinga não era nem mesmo o patrimônio arquitetônico que fora muito atingido.

Esse processo de conscientização mostrou que há uma riqueza muito grande no dia a dia da comunidade, em seu modo de ver o mundo, em seu maior patrimônio, que era imaterial, que nem mesmo os luizenses poderiam imaginar, e, superado o desamparo, a dor, a tristeza daqueles primeiros momentos, seria mais fácil superar os dias futuros.

Entretanto, como era de se imaginar, a superação dos problemas não se mostrou um caminho assim tão simples: muitas foram as dificuldades enfrentadas pela comunidade luizense e também pelos administradores do município no processo de reconstrução de São Luiz do Paraitinga.

A enchente que destruiu a cidade colocou a prefeita no meio de uma tragédia que parecia não ter fim. Nas primeiras semanas de janeiro, a Prefeitura funcionou em uma instalação montada na Praça Oswaldo e, ali, não havia infraestrutura alguma, visto que os arquivos da administração tinham sido destruídos pelas águas. Na segunda edição do Jornal da Reconstrução, março de 2010, a prefeita Ana Lúcia Bilard Sicherle descreveu as dificuldades vividas nos primeiros dias e semanas do mês de janeiro e ressaltou o espírito guerreiro do povo luizense:

> Antes da enchente, a cidade estava no pique, à economia crescia, todos iam bem. Estávamos que nem pé de jabuticaba, todo mundo grudado. Aí veio um desastre e chacoalhou todo mundo. No primeiro momento, foi um desespero, uma sensação de estar sozinha, sem comunicação e sabendo que haviam pessoas isoladas, em dificuldades. Os funcionários da Prefeitura estiveram mais unidos. Muitos deles também perderam tudo, mas não pensaram apenas em si: continuaram trabalhando e só depois foram ver os seus próprios problemas. Nas primeiras semanas, as pessoas estavam confusas e precisavam desabafar com uma autoridade. Elas vinham a nós para falar sobre tudo, e só de estarmos perto já podíamos ajudá-las resolvendo alguma coisa. O maior problema será conseguir os recursos para que a cidade volte a funcionar em todos os seus segmentos, girando a roda da economia. Se esses recursos não vierem a tempo para um município que teve tantos prejuízos, me preocupa como vamos superar tudo isso. Nosso povo é guerreiro! Cada um ajudando à sua maneira, vamos reconstruir a cidade. Minha preocupação é que as pessoas tenham paciência, porque não dá para mudar tudo de um dia para o outro. (Jornal da Reconstrução, 2010, p. 3)

Embora desnorteada com toda a destruição, a população luizense não se deixou intimidar e, mesmo com a ausência de duas das igrejas da cidade, foi realizada a primeira missa do ano na manhã do dia 07 janeiro,

em frente à Igreja do Rosário, ocasião em que agradeceram aos conterrâneos e aos voluntários, ressaltando o valor da solidariedade naquele momento delicado pelo qual passavam.

Segundo Guerra (2010, p. 6), findado aquele ato religioso, que se caracterizava como o recomeço da cidade, os luizenses dividiram o tempo entre limpar suas casas, sair em busca de alimentos, conseguir o básico de produtos de higiene pessoal e participar das primeiras audiências públicas que começaram a ocorrer na cidade, com objetivo de levantar dúvidas e esclarecer a população nas diferentes questões que envolveriam a reconstrução de São Luiz do Paraitinga.

## Criação da AMI, do CERESTA e do Jornal da Reconstrução: a participação da população luizense na reconstrução da cidade

Considerando a experiência bem-sucedida de participação da comunidade luizense na elaboração do Plano Diretor Municipal, a Prefeitura de São Luiz do Paraitinga adotou o sistema de audiências públicas durante o período de reconstrução da cidade. Essas audiências públicas contribuíram para explicar e imprimir transparência ao processo de recuperação da cidade, além de incorporar e fortalecer o papel da população para que se tornasse protagonista no renascimento do município. Foram realizadas as seguintes audiências públicas:

- 1a Audiência Pública: *Exposição do Diagnóstico de Risco – áreas de deslizamento – Bairro do Alto do Cruzeiro*, realizada no dia 02 de março de 2011, na Praça do Bairro Alto do Cruzeiro, teve a participação da Prefeitura Municipal e de representantes do IPT.
- 2a Audiência Pública: *Exposição do Diagnóstico de Risco – áreas de inundação – Centro Histórico*, ocorreu em 23 de março de 2010, na Praça do Mercado Municipal, com a presença de representantes do IPT, da Defesa Civil do Estado e da Prefeitura Municipal.
- 3a Audiência Pública: *Soluções para as inundações de São Luiz do Paraitinga*, realizada no dia 08 de abril de 2010, na Praça Dr. Oswaldo Cruz, tratou do projeto de construção do muro de encosta no Centro Histórico e foi organizada pelo DAEE e pela Prefeitura Municipal.
- 4a Audiência Pública: *Reconstrução do Patrimônio Histórico*, com a participação do CONDEPHAAT, IPHAN e Prefeitura Municipal, realizada na data de 09 de abril de 2010, tratou de questões referentes ao patrimônio histórico e cultural da cidade, expondo e explicando o que estava sendo realizado e o que ainda haveria de ocorrer com os imóveis tombados.
- 5a Audiência Pública: *Causas e Soluções para as Enchentes de São Luiz do Paraitinga*, realizada no dia 12 abril de 2010, organizada pelo Ministério Público Estadual (MPE), contou com a participação do DAEE, representantes da USP e da Prefeitura Municipal, e tratou das enchentes no município, das causas e dos possíveis mecanismos de prevenção.
- 6a Audiência Pública: *Projetos de Restauro da Igreja do Rosário, Salvamento das Ruínas da Igreja Matriz e da Capela das Mercês, Reconstrução da Capela das Mercês e da Igreja Matriz*, ocorreu diante das ruínas da Igreja Matriz São Luiz de Tolosa, no dia 1º de outubro de 2010, teve a participação das seguintes entidades: IPHAN, CONDEPHAAT, Prefeitura Municipal, Mitra Diocesana de Taubaté e Instituto Elpídio dos Santos (IES).

É oportuno destacar que a prática das audiências populares, como as adotadas pela Prefeitura Municipal de São Luiz do Paraitinga, na reconstrução da cidade, constitui um dos maiores legados para novas políticas públicas em processos de gestão de reconstrução de patrimônio.

No estudo "Restauração: diálogos entre teoria e prática no Brasil nas experiências do IPHAN", a historiadora Claudia dos Reis Cunha (2010) ressaltou a importância do diálogo, no tocante a essa questão, discutindo justamente o descompasso do principal órgão de preservação, o IPHAN, que se caracteriza pela evolução no conceito de patrimônio em sua história, e, ao mesmo tempo, mantém uma relação, algumas vezes, distante das realidades nas quais os patrimônios estão envolvidos.

> O reconhecimento de um bem com valor cultural traz consigo o compromisso de sua manutenção e perpetuação para gerações futuras, disponibilizando técnicas e conhecimentos acerca deste para a preservação da sua memória. O conceito atual de bem patrimonial como bem cultural amplia seu campo e consequentemente o rol de objetos a serem estudados, portanto, mais do que nunca os diálogos e discussões sobre como agir e intervir deve existir. (p. 132)

Paralelamente, à participação da sociedade local nas audiências públicas foram realizadas outras ações para que a comunidade luizense interviesse na reconstrução do município, e, institucionalmente, foram criados alguns órgãos para atuarem na reestruturação da cidade, tanto física quanto emocionalmente. Um deles, a Associação dos Amigos para a Reconstrução e Preservação do Patrimônio Histórico e Cultural de São Luiz do Paraitinga (AMI São Luiz) – entidade de caráter cultural e sem fins lucrativos e econômicos, integrada por moradores que desejavam participar ativamente da reconstrução da cidade.

Assim, a AMI São Luiz surgiu com objetivos semelhantes aos do IES tradicional órgão, fundado em 2001, com o propósito de atuar nas áreas musical e educacional, tendo realizado diversos projetos de valorização tanto da obra do compositor luizense que lhe dá nome como da cultura da cidade. A experiência e credibilidade dessa organização foram fundamentais para que, posteriormente, assumisse uma posição de relevância no processo de reconstrução, visto que estava apta a receber repasse de verbas nos convênios do BNDES e IPHAN para obras de bens públicos, como a reforma da Casa Oswaldo Cruz, a edificação da Capela das Mercês, além da execução de uma sede definitiva para o Instituto, que se transformou em memorial da reconstrução.

A diretoria da AMI São Luiz, que começou a atuar a partir de 10 de janeiro de 2010, foi composta por um grupo de dez luizenses, que por meio de arrecadações obtidas de empresas e pessoas físicas, conseguiu atuar reformando imóveis particulares e imóveis de entidades de interesse coletivo, como a Vila de São Vicente de Paulo e a Sala de Ensaios da Corporação Musical São Luiz de Tolosa.

Em 2011, a entidade realizou a reedição de duas publicações sobre a história do município: o livro "São Luiz do Paraitinga (Usos e Costumes)", do pesquisador Mário Aguiar, e um número comemorativo do jornal "O Luizense", publicado em 1921. Ambas as publicações tiveram o patrocínio da Companhia Suzano de Papel e Celulose e apoio do MinC, e contou com os subsídios da Lei Rouanet de Incentivo à Cultura.

Em 2012, foi realizado o Projeto Memória Luizense, que resultou no DVD "Memória Luizense: a passagem do tempo em São Luiz do Paraitinga", em parceria com a Quatro Quatro Zero Produções e apoio do MinC e do Grupo Bandeirantes de Comunicações. Outra ação importante desenvolvida durante o período da recuperação da cidade de São Luiz do Paraitinga foi com a criação do Centro de Recuperação Sustentável (CERESTA), inaugurado às vésperas de o município completar 241 anos de sua fundação, no dia 07 de maio de 2010, em um dos sobrados da Praça Dr. Oswaldo Cruz.

O CERESTA surgiu da necessidade de um espaço para abrigar e proporcionar infraestrutura aos vários grupos de trabalho e órgãos – das diferentes instâncias administrativas municipal, estadual e federal – envolvidos com o processo de reconstrução. Assim, logo após a inauguração, o espaço físico da entidade foi utilizado pelos seguintes órgãos: Defesa Civil do Estado, IPT, a Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano (CDHU), Secretaria do Governo do Estado para a Reconstrução, técnicos da Unidade de Preservação do Patrimônio Histórico (UPPH), CONDEPHAAT, técnicos do IPHAN e do IES, além do Departamento de Planejamento da Prefeitura Municipal.

A trajetória para que o órgão se constituísse e se instalasse foi descrita pela secretária do Planejamento no Município, Cristiane de Paiva Bittencourt (2015), naquele período:

> Os primeiros dias de intervenção do Estado eram de dar atendimento aos desabrigados, restabelecer alguma forma de gestão da crise que, em especial teve na pessoa tranquila, estratégica do então Secretário de Estado de Defesa Civil Coronel Kita, uma importante liderança. Passados alguns dias e, na primeira reunião com a imprensa entre Governo Federal, Estadual e Municipal para expor os primeiros relatórios de danos ao patrimônio arquitetônico, sugeri a criação de um Grupo de Gestão para integrar as ações da crise. Logo após essa reunião, decretamos no Município a formação de dois grandes grupos de intervenção emergencial – Conselho Emergencial do Patrimônio Histórico e Conselho Emergencial de Planejamento e Desenvolvimento. Estes dois Conselhos reuniram os Representantes dos diversos atores da crise. Destacamos no Conselho Emergencial do patrimônio a presença do IPHAN, do CONDEPHAAT, das Instituições locais ligadas à cultura como AMI--SLP e Instituto Elpídio dos Santos, Prefeitura e Universidades; e, no Conselho de Planejamento, Prefeitura, Universidades (USP, UNESP e UNITAU), e representantes das Instituições que fizeram parte do Grupo Gestor de Elaboração do Plano Diretor. A experiência de criação do CERESTA, hoje me parece uma cultura já aprendida com a elaboração do Plano Diretor. O CERESTA passaria a ser o ator local de coordenação/mediação da reconstrução. Era o local da Prefeitura e dos moradores se colocarem perante os vários parceiros que vinham colaborar com a reconstrução. Além de abrigar os órgãos de Estado, também tinha um espaço para discussão dos conselhos. Muitos debates técnicos e estratégicos foram realizados nas salas do CERESTA. Nossa proposta de criação do CERESTA – Centro de Reconstrução Sustentável de São Luiz do Paraitinga foi agraciada com a sigla criada pelo Dr. Xaides Sampaio e pela inauguração prestigiada com o grupo de seresta da Cidade Musical. (p.175)

O depoimento acima, da secretária municipal, apresenta alguns aspectos importantes em relação à contribuição do CERESTA no processo de reconstrução. Antes da inundação existiam no município somente três Conselhos: Conselho Municipal de Saúde, Conselho Municipal de Educação e o Conselho Municipal da Merenda. Posteriormente, após a enchente, foram criados outros sete Conselhos, assim definidos: Conselho Gestor do Patrimônio Cultural, Conselho Gestor de Emergência de Planejamento e Reconstrução, Conselho Municipal para Fundo Municipal de Turismo (FUMTUR), Conselho Gestor do Fundo de Habitação de Interesse Social, Conselho Municipal de Planejamento, Desenvolvimento e Gestão Estratégica, Conselho Municipal de Defesa do Meio Ambiente e Conselho Municipal do Idoso.

Assim, o CERESTA deve ser visto como um espaço de discussão entre os envolvidos no processo de reconstrução, e também de atendimento à população, tendo funcionado como um canal de comunicação sobre todos os assuntos pertinentes à reestruturação da cidade. Em 2011, acolheu o Banco do Povo, o Instituto de Terras de São Paulo (ITESP) e os Departamentos de Planejamento, Obras, Cultura, Turismo e Comunicação da Prefeitura Municipal.

Vale destacar que o próprio nome criado, CERESTA, remete a um dos principais aspectos da cultura luizense. Considerada a *Terra dos Músicos*, é marcante em sua identidade a referência à tradicional seresta realizada frequentemente na cidade. Dessa forma, a denominação constituiu um atrativo que aproximou a comunidade daquele propósito que se buscava.

Dentre as diversas atividades desenvolvidas pelo CERESTA, duas tiveram grande repercussão no cotidiano da cidade e no processo de reconstrução de São Luiz do Paraitinga: a criação do Jornal da Reconstrução e o Projeto Canteiro Aberto.

O Jornal da Reconstrução foi criado, sobretudo, para acolher assuntos diversos relacionados ao cotidiano e à cultura luizense, visando facilitar à comunidade o entendimento do que se passava na cidade. O jornal, editado pelo jornalista e morador da cidade Luiz Egypto de Cerqueira, conseguiu articular a redação com um projeto de extensão universitária do Departamento de Comunicação Social da Universidade de Taubaté (UNITAU) e, dessa forma, contava com a colaboração voluntária de alunos de jornalismo. Ao mesmo tempo, foi criado um vínculo entre o jornal e a Câmara de Desenvolvimento Socioeconômico de São Luiz do Paraitinga.

O referido periódico, de circulação quinzenal, teve vigência entre o período de março de 2010 a março de 2011, com dezoito números editados.[48] As pautas abordavam as ações de reconstrução que estavam por acontecer nos próximos meses e enfatizavam aspectos centrais da realidade local: a reconstrução da Igreja Matriz, as inundações do rio Paraitinga, a retomada do comércio e do turismo, o patrimônio cultural, a construção das casas populares, entre outros. Havia, também, espaço para a divulgação do calendário festivo de São Luiz do Paraitinga, convidando os luizenses para as festas e comemorações que, timidamente, voltavam a ocupar as ruas da cidade.

Como a principal atividade econômica do município estava, e ainda está, ligada ao turismo, a grande preocupação pós-impacto da inundação era como atrair novamente os turistas a cidade. Como as ruínas da Igreja Matriz passaram a ser palco de visitações de interessados e curiosos que acompanhavam o processo de resgate de cada peça do local, o CERESTA criou o Projeto Canteiro Aberto.

O Projeto objetivava dinamizar a economia local a partir do incentivo ao acompanhamento e realização de visitas técnicas às obras e ações de reconstrução e salvamento do patrimônio arquitetônico, de conten- ção de encostas, proteção das moradias e outras. O Projeto Canteiro Aberto abriu as novas portas da Igreja Matriz para o público em geral, mas principalmente aos acadêmicos de diferentes cursos e instituições, que puderam ver a aplicação naquele local, de muito do que lhes era dito nas salas de aula. (Jornal da Recons- trução , 2010, p.3)

Nas entrevistas realizadas, os luizenses apontaram as atuações e contribuições da AMI e do CERESTA para o processo de reconstrução da cidade. Destacaram que a presença de estudantes e profissionais de diversas áreas eram frequentes em São Luiz do Paraitinga, em particular pelos projetos criados pelo CERESTA. Relataram, ainda, que o Centro, pouco a pouco também se transformou em um novo espaço de "arquivo documental da cidade", em razão dos vários documentos produzidos pelos diversos órgãos que ali trabalhavam e pela atitude de muitas pessoas que passaram a encaminhar à instituição seus acervos particulares – documentos ou trabalhos relacionados à cidade – como uma maneira de participarem, de forma mais direta, das atividades de reconstrução do município:

> *Estive mais próximo do CERESTA pelas audiências públicas que eles faziam. O casarão onde o Centro funcionou, estava sempre cheio de gente que trabalhava para reconstruir São Luiz. Era um lugar que sempre tinha alguma reunião e muitos luizenses estavam por lá, querendo ajudar, muita gente trazia foto antiga da cidade ou outros documentos pra mostrar como a cidade era e os engenheiros saberem como a gente queria a cidade novamente. Da AMI, não sei dizer nada, sei apenas que ajudaram a reconstruir o asilo dos velhinhos, o São Vicente.* (Luiz Alberto Polla Baptista, 2015)

> *A AMI fez um trabalho especial, que foi recuperar várias residências onde os proprietários não teriam a mínima condição de reconstruir. O CERESTA representou uma reunião de órgãos oficiais municipal, estadual e federal na reconstrução de São Luiz. Isso ajudou para que as ações de trabalho fossem mais rápidas. Criaram alguns projetos naquele momento, teve o Jornal da Reconstrução e outro, acho que era Canteiro Aberto, que atraiu muitos estudantes pra São Luiz, a cidade tinha estudante a semana toda, eram alunos que vinham de Taubaté e outras cidades.* (Benito Euclides Campos, 2015)

> *Tanto a AMI quanto o CERESTA fizeram um trabalho que foi para reconstruir a cidade, cada uma das entidades tinha um objetivo e um grupo de pessoas diferentes que ajudavam né! Sei que na AMI o pessoal era de São Luiz mesmo, mas no CERESTA tinha todo um pessoal de fora, gente das Universidades, do IPHAN do CONDEPHHAAT. No CERESTA teve o projeto do Jornal da Reconstrução, você sabe né! Quando o Jornal estava pra sair, toda a população aguardava, era importante pra todos nós saber como a cidade estava se recuperando*. (Tânia Maria Moradei Gouveia, 2015)

48 Cf.: Anexos.

*A AMI foi criada logo depois da enchente e teve o apoio de uma pessoa ilustre daqui da cidade, uma desembargadora, casada com um professor da PUC de São Paulo. Quando da criação da ONG, ela ajudou muito com donativos de produtos e também com as campanhas de ajuda financeira. Contribuiu em São Paulo para conseguir muitas coisas que faltavam naquele momento. Com os donativos que receberam, apoiaram a reforma do asilo de São Vicente e a construção muitas casas de moradores que perderam tudo e não tinham condições financeiras. Soube também que ajudaram na reconstrução da Sala de Ensaios do Coral Musical São Luiz de Tolosa e com a reedição de livros que contam a história da cidade. Acho que o trabalho deles ajudou e fortaleceu a cidade renascer... O CERESTA, eu acredito que foi o grupo da reconstrução, porque envolvia pessoas do IPHAN, do CONDEPHAAT, da Prefeitura, da USP, UNESP. No Centro teve um grupo responsável pela e criação e publicação do Jornal da Reconstrução, esse jornal facilitou a população a acompanhar tudo o que acontecia na cidade*. (Judas Tadeu de Campos, 2016)

*A AMI é um grupo particular, eles ajudaram a partir das verbas que conseguiram arrecadar, não sei dizer o valor da arrecadação, mas fizeram trabalhos pela cidade e pela nossa cultura. Tem livros e a edição de um antigo jornal que conseguiram reeditar. Um exemplo que acho importante foi à reconstrução capelinha da Nossa Senhora dos Prazeres, antes São Luiz tinha o nome ligado a essa Santa. A capelinha fica nessa rua aqui, quando você vem do posto de gasolina para cá, é pequenininha azul... Do trabalho do CERESTA, não sei dizer muita coisa, sei que teve importância porque facilitou as audiências públicas que tiveram na cidade e aos poucos virou um arquivo documental da cidade. Tudo o que acontecia nas audiências e nas obras de construções, os documentos ficavam no Centro*. (Rosa Maria Antunes, 2016)

O CERESTA funcionou até meados de 2013, quando a restauração do prédio sede da Prefeitura Municipal ficou pronta e os Departamentos de Planejamento e de Obras do Município foram transferidos para o novo edifício. Os Departamentos de Cultura, Turismo e Comunicação passaram a atuar no prédio do Centro Turístico Cultural, o qual teve o restauro concluído em 2012. Conforme descreve Moradei (2010),

> [...] julgou-se que não havia mais necessidade de manter um Centro que reunisse todos os envolvidos na reconstrução. Os documentos produzidos, nessa época, ficaram com seus respectivos departamentos, em sua maior parte com o Departamento de Planejamento Prefeitura de São Luiz do Paraitinga. (p. 145)

## O CONDEPHAAT e o IPHAN: a ação dos órgãos do patrimônio no processo de restauração e reconstrução dos imóveis

Toda a recuperação do patrimônio histórico arquitetônico de São Luiz do Paraitinga constituiu a maior das preocupações, após a inundação, e se mostrou como o grande desafio para o renascimento da cidade. Desde os primeiros dias, quando a população foi autorizada a acessar o Centro Histórico, a comunidade luizense fez um grande apelo pela reconstrução de prédios ligados à identidade da cidade, as construções históricas representativas da cultura local como as Igrejas, o antigo Grupo Escolar, a Praça Central e outros.

A ação inicial deste movimento ocorreu com a chegada ao município de técnicos de diversas secretarias estaduais e ministérios federais, em um trabalho de salvamento do patrimônio local, da interdição de outros em risco de desabamento e da criação de um movimento de rápida ação na criação dos projetos de reconstrução, em processo constantemente supervisionado pelos órgãos de preservação de patrimônio, destacadamente o CONDEPHAAT e o IPHAN.

A edição do jornal O Estado de São Paulo, de 06 de janeiro de 2010, registrou as primeiras impressões da presidente do CONDEPHAAT, Rovena Negreiros: “Pareceu campo de guerra, nunca havia visto dano assim ao patrimônio histórico”. Na mesma entrevista, a superintendente do IPHAN/SP, Anna Beatriz Ayrosa

Galvão declarou sua desolação: “Estou me sentindo como se estivesse vendo uma cidade bombardeada”. (Faria , 2010, p. 29)

Posteriormente a essa primeira visita dos órgãos de defesa do patrimônio e do reconhecimento da condição dos imóveis, foram estabelecidas as ações iniciais que marcariam a recuperação da cidade. Como primeiro trabalho, ocorreu o escoramento emergencial dos imóveis parcialmente danificados, ação que tornou possível obter informações mais criteriosas da dimensão dos danos. Os serviços de escoramento foram realizados com material (eucalipto) doado e por voluntários e funcionários da Prefeitura, que estiveram sob a supervisão de engenheiros e técnicos, de ambos os órgãos patrimoniais, encaminhados a São Luiz do Paraitinga.

Em dia 12 de janeiro de 2010, nas dependências da Pousada Primavera, que não havia sido afetada pela inundação, foi realizada uma reunião com a presença do Secretário de Estado da Cultura, João Sayad; da presidente do CONDEPHAAT, Rovena Negreiros; do presidente do IPHAN, Luiz Fernando de Almeida; da prefeita de São Luiz do Paraitinga, Ana Lúcia Bilard Sicherle, além de secretários municipais e professores da USP, UNESP e UNITAU. Nessa reunião, foi definido que os trabalhos de reconstrução deveriam começar pelas duas Igrejas destruídas, em função da importância patrimonial e da referência afetiva que representavam à população luizense, fato que contribuiria para a recuperação da vida social na cidade.

A fim de guiar o processo de reconstrução, era necessário, inicialmente, considerar as Resoluções do CONDEPHAAT, a de tombamento Resolução SC-55/82, anteriormente citada, e a complementar, a Resolução SC-3, de 23 de fevereiro de 2010, o Tombamento do IPHAN de 2010, sem desconsiderar as recomendações internacionais, expressas nas Cartas de Patrimônio, para conferir legitimidade a todas as atividades do trabalho. A Resolução Complementar àquela de Tombamento de 2010 (SC-3 de 2010), dispõe sobre as diretrizes específicas para reconstrução e reformas dos imóveis atingidos pela inundação, orienta a utilização de técnicas e materiais resistentes a possíveis futuras inundações, indicando que as edificações com grau de proteção GP1 e GP2 e perda estrutural igual ou superior a 50% devem ser recompostas com alvenaria estrutural.

Nas intervenções realizadas nas edificações parcialmente arruinadas, com menos de 50% de perda estrutural, a Resolução orienta que a restauração deveria, preferencialmente, utilizar as mesmas técnicas construtivas dos remanescentes. Também destaca que se considerem as dimensões das paredes originais, a recomposição das fachadas de acordo com seus elementos decorativos e materiais originais, além do respeito à volumetria e aos telhados. [49]

No que se refere ao tombamento pelo IPHAN, não há registro de normativa específica, porém, trata-se de um tombamento paisagístico, cujos limites extrapolam os estabelecidos pelo CONDEPHAAT na Resolução de Tombamento (SC-55/82) voltada para a relação estabelecida entre os imóveis e as medidas das quadras, quanto ao seu aspecto exterior, e, principalmente, no tocante às elevações frontais, incluindo os panos de cobertura, a volumetria.

Em relação às Cartas Patrimoniais, que são documentos com diretrizes gerais, derivadas de organismos internacionais, cujo caráter é indicativo ou, no máximo, prescritivo, tais como: Organização das Nações Unidas (ONU); Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO); Conselho Internacional de Museus (ICOM); Centro Internacional para o Estudo da Preservação e Restauração de Bens Culturais (ICCROM); Conselho Internacional de Monumentos e Sítios (ICOMOS).

De acordo com Rosio Fernández Baca Salcedo (2007, p. 26) “as Cartas Patrimoniais têm como intuito uniformizar os discursos do cuidado ao bem cultural”. Nesse sentido, a Carta de Veneza, de 1964, representa o principal documento orientador das intervenções em imóveis de interesse cultural. Em seu 3º artigo sugere

49 SÃO PAULO. Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo. Brasil. Resolução SC - 3, de 23 de fevereiro de *2010*. Em complemento à Resolução SC-55/82, dispondo sobre as diretrizes para intervenções em bens tombados pelo Condephaat na cidade de São Luiz do Paraitinga, a fim de fazer frente aos danos causados por inundações ocorridas em janeiro de 2010. Disponível em: <http://www.cultura.sp.gov.br>. Acesso em: 30 jun. 2017.

que “a conservação e a restauração de monumentos visam à salvaguarda tanto da obra de arte quanto do testemunho histórico”, e, a fim de garantir a sobrevivência do monumento, a restauração é aceita.

A Carta, no artigo 10, sugere que quando

> [...] as técnicas tradicionais se revelaram inadequadas, a consolidação do monumento pode ser assegurada com o emprego de todas as técnicas modernas de conservação e construção cuja eficácia tenha sido demonstrada por dados científicos e comprovada pela experiência. [50]

No caso de São Luiz do Paraitinga as técnicas de pau a pique e de taipa apiloada se mostraram totalmente vulneráveis a eventos extremos de inundação, as novas edificações foram recompostas com mate- riais resistentes.

A Carta de Nairóbi, de 1976, por sua vez, dispõe sobre as recomendações relativas à salvaguarda dos conjuntos históricos e sua função na vida contemporânea. Um dos seus princípios gerais destaca que:

> [...] cada conjunto histórico ou tradicional e sua ambiência deveriam ser considerados em sua globalidade, como um todo coerente, cujo equilíbrio e um caráter específico dependem da síntese dos elementos que o compõem e que compreendem tanto as atividades humanas quanto as construções, a estrutura espacial e as zonas circundantes. Desta maneira, todos os elementos válidos, incluindo as atividades humanas, desde as mais modestas, têm, em relação ao conjunto, uma significação que é preciso respeitar. [51]

Desse modo, as reconstruções que deveriam ser realizadas em São Luiz do Paraitinga precisavam ser pensadas em conjunto e não como reconstruções de imóveis isolados. Deveriam, ainda, levar em consideração a relação dos luizenses com o conjunto urbano em sua totalidade, visto que este se configurava como lugar de vida e suporte da identidade local.

A Carta de Burra, de 1980, estabelece, em seu artigo 17, que a “reconstrução deve ser efetivada quando constituir condição *sine qua non* de sobrevivência de um bem cuja integridade tenha sido comprometida”, e ressalta, em seu artigo 19, que “a reconstrução deve limitar-se à reprodução de substâncias cujas características são conhecidas graças ao testemunho material e/ou documental”.[52] Em São Luiz do Paraitinga a reconstrução dos imóveis foi aceita, pois houve inúmeros levantamentos métricos e arquitetônicos dos imóveis tombados pelos órgãos de preservação.

Por fim, a Carta de Nara, de 1994, que dispõe sobre autenticidade do patrimônio, nos planos de conservação e restauração do bem cultural, no artigo 15 afirma:

> [...] dependendo da natureza do patrimônio cultural, do seu contexto cultural, e da sua evolução através do tempo, os julgamentos de autenticidade podem estar ligados ao valor de uma grande variedade de fontes de informação. Entre os aspectos destas fontes, podem estar incluídos a forma e o desenho, os materiais e a substância, o uso e a função, as tradições e as técnicas, a localização e o enquadramento, o espírito e o sentimento, bem como outros fatores internos e externos. O uso destas fontes permite a elaboração das específicas dimensões artística, histórica, social e científica do patrimônio cultural que está a ser examinado.[53]

---

50 IPHAN. *Carta de Veneza*. Disponível em: <www.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Veneza%201964.pdf>. Acesso em: 05 ago. 2017.

51 IPHAN. *Carta de Nairóbi*. Disponível em: <www.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/.../Recomendacao%20de%20Nairobi%201976.pdf>. Acesso em: 05 ago. 2017.

52 IPHAN. *Carta de Burra*. Disponível em: <www.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Burra%201980.pdf>. Acesso em: 05 ago. 2017.

53 IPHAN. *Carta de Nara*. Disponível em: <www.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/.../Conferencia%20de%20Nara%201994.pdf>. Acesso em: 05 ago. 2017.

Ademais, no texto da Carta, e no referido artigo, há destaque para aspectos relacionados ao uso, à função, às tradições, ao espírito e ao sentimento como fatores responsáveis para conferir autenticidade dos bens, elementos que estão presentes e atestam a legitimidade do patrimônio de São Luiz do Paraitinga.

Contempladas as questões de legitimidade para o processo de recuperação, restauração e reconstrução da cidade, foi preciso, e até mesmo inevitável, estabelecer um planejamento em conjunto entre o CONDEPHAAT, o IPHAN e a Prefeitura Municipal. Porém, nesse momento, ficou clara a cisão entre as esferas federal estadual e municipal. A Prefeitura Municipal, por ser a esfera mais frágil, aparentemente não conseguia impor a sua posição perante o governo federal e o estadual; mas, por questões políticas partidárias, conforme apontado, celebrou uma com a esfera estadual.

Essa aparente rivalidade entre as esferas federal e estadual se manifestou em diferentes momentos, sendo que a maior polêmica, na qual a situação foi explicitada, tocou à reconstrução da Igreja Matriz São Luiz de Tolosa, o principal símbolo dentre as obras que foram reconstruídas, cuja nova edificação proporcionaria grande visibilidade.

Para manter a comunicação com os luizenses mais próxima e, ao mesmo tempo, exercendo a função de conciliadora de gestão entre as esferas estadual e federal, a municipalidade adotou a prática de "audiências públicas", como mencionado. Na audiência de 09 de abril de 2010, com a participação do CONDEPHAAT, IPHAN e a Prefeitura Municipal, foram esclarecidas as responsabilidades de cada órgão quanto aos trabalhos que deveriam ser realizados, além das dúvidas da comunidade a respeito do patrimônio.

Sob a responsabilidade do CONDEPHAAT e da Secretaria Estadual da Cultura estavam as obras de restauração e reconstrução das seguintes edificações: restauração completa do Mercado Municipal, recuperação do Prédio da Prefeitura Municipal, reconstrução do antigo Grupo Escolar e reconstrução da Igreja Matriz São Luiz de Tolosa.

O prédio do Mercado Municipal tornou-se o primeiro edifício a ser restaurado em São Luiz do Paraitinga e, nas obras de restauração, voluntários luizenses colocaram a mão na lixa e na lata de tinta para renovar a centenária construção, cartão postal da cidade. Todas as características da construção original foram respeitadas, inclusive nos materiais utilizados. O Mercadão voltou a movimentar o comércio, reabrindo ao público na segunda quinzena de julho de 2010.

Quanto à sede da Prefeitura Municipal, cujo prédio foi parcialmente arruinado, o processo de recuperação foi finalizado no início de 2013. Nele foram respeitadas, para restauração do edifício, suas características originais, incluindo técnicas e materiais referentes à época, sendo também adotados elementos modernos apenas em suas estruturas, como forma de garantir que a estabilidade do imóvel aos possíveis novos sinistros. A sua fachada, a sua volumetria e as divisões internas foram conservadas.

Ainda em relação à atuação do CONDEPHAAT no processo de reconstrução, cabe destacar o convênio firmado entre a UPPH e a Fundação para a Pesquisa Ambiental (FUPAM), com a finalidade de suprir a demanda por projetos de restauro ou reconstrução de todos imóveis tombados afetados pela inundação.

Quanto à presença da esfera federal, por meio do IPHAN e indicada para a elaboração na estimativa dos custos das obras de restauração do conjunto arquitetônico da cidade, foram realizadas as seguintes obras: salvamento dos remanescentes da Igreja Matriz e da Capela das Mercês, bem como a reconstrução da própria Capela, restauração da Igreja do Rosário e do Memorial da Casa Oswaldo Cruz e outros projetos.

Nas ações e obras para o salvamento dos remanescentes das Igrejas, o IPHAN teve a assessoria de uma equipe técnica vinda de Goiás, que possuía experiência em catástrofes de áreas tombadas, como a enchente em Goiás Velho, ocorrida na virada de 2001 para 2002, menos de um mês após a cidade receber o título de Patrimônio Histórico da Humanidade pela UNESCO.

Em São Luiz do Paraitinga, a equipe trabalhou de forma muito próxima da comunidade. Moradei (2010) descreve que houve palestras em diversas ruas e bairros, por meio de "vídeo chamado *Dilúvio Vermelho*, do cineasta Pedro Diniz, que retrata a tragédia e a recuperação em Goiás; e, também, um vídeo com depoimentos de moradores de Goiás dando força à comunidade luizense". (p.168)

Para executar os serviços, foi estabelecido um contrato com a empresa goiana Biapó Construtora, que fora a responsável pelo salvamento e pela reconstrução da Igreja Matriz da cidade de Goiás Velho, na inundação entre os anos de 2001-2002. Em relato, disponível no site oficial da construtora, o engenheiro Adriano Dias descreve o processo realizado em São Luiz do Paraitinga:

> Para a recuperação, foi preciso limpar todos os escombros, peneirar o barro das paredes de taipa que ficaram no chão e tentar encontrar o maior número de peças possíveis, desde o forro de madeira pintado à mão, até castiçais, imagens, santos e objetos de todos os tipos. Para isso, foi construído um galpão na rua lateral da igreja Matriz, onde se montou um arquivo de peças, elas eram limpas, catalogadas, protegidas adequadamente e ordenadas em prateleiras. Nesse canteiro aberto, foi exposto tudo o que se conseguiu recuperar, virou uma exposição artística e acabou atraindo turistas de todo Brasil. O trabalho envolveu uma equipe de sete restauradores, três deles moradores da própria cidade, que receberam qualificação técnica. Além disso, outros 30 operários limparam e abriram espaço para que a recuperação do patrimônio fosse possível. Foram recuperadas dezessete imagens de santos, a maioria pertencente à igreja Matriz. Uma caixa branca de madeira foi encontrada nos escombros de uma parede da igreja Matriz. O objeto guardava recortes de jornais e fotos de determinadas épocas, uma tradição de antigos intelectuais para preservar a memória de seu tempo para próximas gerações. A caixa continha um verdadeiro diário do ano de 1927, quando a igreja Matriz passou por uma reforma para sua ampliação. Depois de oito meses, com imagens recuperadas, limpeza feita, restauro de objetos e santos concluído, chegava ao fim um trabalho que realimentava a esperança de vidas que estavam sendo refeitas. [54]

No caso da Capela das Mercês, os procedimentos se mostraram semelhantes. Em entrevista concedida à historiadora Renata Rendelucci Allucci (2013), para a pesquisa "Apontamentos sobre memória e patrimônio a partir da reconstrução da Capela das Mercês em São Luiz do Paraitinga", Leonardo Falangola, assessor do IPHAN-SP e coordenador das ações do Órgão na reconstrução da cidade, descreveu a mobilização da comunidade luizense para salvar o patrimônio, o papel do IPHAN na valorização da colaboração recebida da população e o sentimento de pertencimento desta em relação ao patrimônio:

> Eu vou dar um depoimento muito focado na Capela das Mercês. Fui escolhido para coordenar as ações do IPHAN em São Luiz do Paraitinga. Eu coordenava o gerenciamento de projetos. Não era um técnico voltado às restaurações. Não era eu o responsável, mas eu gerenciava toda a ação do IPHAN lá. Então, assim que chegamos lá, o que nos impressionou foi a mobilização da comunidade para salvar os remanescentes da Capela das Mercês... [...] O envolvimento da sociedade de São Luiz de Paraitinga em tudo que aconteceu, a partir do dia da tragédia, é algo que eu, particularmente, não tinha visto em outros lugares. Mas a iniciativa de envolver as comunidades é uma postura que o IPHAN vem adotando, já, há algum tempo... [...] Todo dia quando a obra estava parada, com toda segurança, capacete, em horários programados, a empresa abria para pessoas que queriam visitar a obra. Havia uma pessoa instruída para falar um pouco do que estava sendo feito, andar pela obra, para as pessoas saberem em cada passo o que estava acontecendo. E era uma coisa de mão dupla, não era uma coisa só do IPHAN e da empresa. Muitas das imagens que nós achamos foram localizadas em função da participação da sociedade. Que a gente não sabia onde tinha imagem, onde deixava de ter. O cidadão chegava e dizia: 'Aqui ficava a imagem X. Então é possível que ela esteja embaixo desses escombros.' Então a gente concentrava esforços naquele local até achar os pedaços da imagem, para que pudesse ser restaurada. Era tudo uma coisa de mão dupla. A gente abria para a sociedade e a sociedade nos ajudava a ajudá-los, apontando algumas coisas: 'Aqui era assim. Aqui era assado. Por favor, ajude achar tal coisa.' O IPHAN entende que essa mão dupla é fundamental. Nós não somos uma ilha detentora de um saber. O IPHAN não é detentor de um saber que os outros não têm. Nós somos uma instância pública, que temos um saber, somos a casa de

54 Relato no site oficial da construtora: *BIAPÓ*. Portfólio: São Luiz do Paraitinga. Disponível em: <http://biapo.com.br/site/portfolio/sao-luiz-do-paraitinga/>. Acesso em: 29 jul. 2017.

um saber, mas esse saber extrapola nossos muros. Existem outros saberes que estão fora dos nossos muros, que são importantes para a nossa ação. Sem sociedade a gente não existiria. A gente existe para a sociedade. Então essa relação é fundamental. (p. 33)

Para as demais obras que estiveram sob a responsabilidade do IPHAN, por meio de convênios, foram eleitos parceiros para colaborarem no processo de reconstrução, com destaque para duas instituições civis locais: o IES e a recém-criada AMI São Luiz.

Os convênios firmados entre o IPHAN e as instituições favoreceram o repasse de verbas para a restauração integral da Igreja do Rosário, único templo católico do Centro Histórico que não fora atingido pelas águas do Rio Paraitinga, mas que se encontrava em péssimo estado de conservação. É importante salientar que, embora esta edificação não possuísse qualquer valor artístico, em razão de ser uma construção em estilo neogótico, totalmente destoante do conjunto arquitetônico da cidade, foi considerada de extrema importância para a salvaguarda das memórias locais, fortemente católica e que passou pelo drama de perder seus principais templos religiosos.

Em 2012, a construtora paulista Incorplan Engenharia iniciou o restauro da Igreja, processo que durou 18 meses. Além de solucionar problemas com infiltrações, foram restaurados o piso tabuado de madeira maciça, as esquadrias, as pinturas decorativas, os murais, os vitrais e o piso em ladrilho hidráulico. O evento de inauguração e reabertura da Igreja do Rosário ocorreu no dia 05 de outubro de 2013.

Também por meio das parcerias, ocorreu a restauração completa de outro bem relevante no conjunto arquitetônico de São Luiz do Paraitinga - a Casa Dr. Oswaldo Cruz. O imóvel, de 1834, um exemplo da arquitetura, da cultura e da economia cafeeira no Vale do Paraíba, guardava as características da época. Assim, o restauro teve reparos na parede da fachada, que apresentava infiltrações, o beiral do telhado e os detalhes decorativos. A parte interna da construção de 300 metros quadrados contou com reforma na hidráulica e na elétrica, além da restauração nas portas e janelas. Tombado pelo IPHAN, em 1956, e pelo CONDEPHAAT, em 1973, o patrimônio foi reinaugurado no dia 15 de setembro de 2014.

Embora as reconstruções feitas pelos órgãos patrimoniais tenham sido finalizadas e entregues à população, nas entrevistas realizadas com os luizenses é perceptível o descontentamento com os rumos desse processo. As críticas são gerais, tanto ao CONDEPHAAT como ao IPHAN, e tocaram nos seguintes pontos: burocracia dos órgãos; questões políticas entre as instituições; materiais utilizados; qualidade dos serviços oferecidos; e distanciamento dos mesmos após a entrega das obras. Os depoimentos revelaram tais aspectos:

*Respondendo sua pergunta em relação às ações do CONDEPHAAT e do IPHAN eu acho que eles fazem um papel bacana de criar requisitos, leis, e exigir que as pessoas preservem o patrimônio, essa é a parte boa da história, mas eles deixaram a desejar nas ações pela cidade, em particular pelo excesso de burocracia né, na falta de disponibilidade, é difícil de encontrar esses órgãos, escritórios, pessoas para ajudar e uma questão mais prática de subsídio. Veja um exemplo, uma pessoa que tem um casarão, mas ela consegue comprovar que está desempregada, ou que ela vive de salário mínimo ou mesmo é aposentada, como que ela vai restaurar um casarão? Muitas das pessoas aqui em São Luiz não têm os recursos para poder fazer uma manutenção, ou a restauração do nível que esses órgãos exigem. Tem casos na cidade que até hoje os donos dos imóveis, não conseguiram refazer suas casas, pois o CONDEPHAAT criou muitas dificuldades para os donos fazerem as reformas e a briga foi parar na justiça.* (Luiz Alberto Polla Baptista, 2015)

*Antes da enchente, a gente nem sabia onde esses órgãos estavam e depois da enchente, o IPHAN entrou forte aqui para ajudar na reconstrução. Teve muita verba, muito dinheiro, muitos prédios públicos voltaram rapidamente e a gente percebeu a presença do IPHAN, uma presença até preponderante, talvez, porque é um órgão federal. O CONDEPHAAT ajudou na reconstrução da Igreja Matriz, pois na época o Governador do Estado era o José Serra que estava saindo candidato a Presidente e queria mostrar presença, tanto que veio na cidade duas vezes e fez CONDEPHAAT se mexer e fazer as construções. Passado a enchente, o CONDEPHAAT*

*voltou a ser o CONDEPHAAT, aquele órgão burocrático que não ajuda e que só está ali para falar e criar dificuldade. O IPHAN depois da inauguração da Capela das Mercês, eu acho que desapareceu daqui, porque eles tinham até um escritório aqui e já não tem mais!* (Benito Euclides Campos, 2015

*Os engenheiros e arquitetos responsáveis pelas obras do IPHAN e do CONDEPHAAT que fizeram a maior parte dos projetos de reconstrução das casas, exigiam que fosse tudo igual como era antes da enchente. Eles só autorizaram a fazer reparos no fundo da minha casa e a autorização levou mais de dois anos para ser liberada. Na questão dos edifícios reconstruídos, chama a atenção o prédio da escola, o antigo Grupo Escolar, aquilo lá é uma aberração! As paredes estão fora da linha da calçada, fizeram uma garagem, antes não existia garagem, tiraram o calçamento de pedra que tinha ali e aí o CONDEPHAAT autorizou e o IPHAN não fez absolutamente nada!* (Tânia Maria Moradei Gouveia, 2015)

*Parece que o IPHAN ajudou mais com os financiamentos do que o CONDEPHAAT. O IPHAN financiou toda a parte de resgate do que tinha sobrado dentro da Matriz, financiou a reconstrução da Igreja das Mercês e também a reforma da Igreja do Rosário, enfim é um Órgão do Governo Federal e mandou muito dinheiro pra cá. O CONDEPHAAT se limitou a dar orientações técnicas. O que o IPHAN fez de muito significativo, foi o apressamento do processo de tombamento da cidade, isso foi fundamental para São Luiz do Paraitinga receber verbas e poder entrar em programas de reconstrução. Acho que o papel do CONDEPHAAT foi mais limitado, dava as orientações técnicas*. (Judas Tadeu de Campos, 2016)

*Triste! Muito triste! Fizeram às reformas, as construções, algumas sem consultar ninguém. Vou citar alguns exemplos: sabe onde é a biblioteca hoje? Aquele prédio tem uma história, aliás, tinha né porque ele caiu todinho ali era o antigo Grupo Escolar, a maioria da população estudou ali, o prédio era maravilhoso de uma arquitetura única. E eles fizeram aquilo que fizeram lá, não tem porta, tem um portão e a janela era de isopor, quando a população descobriu que era de isopor pintado com tinta cinza, cada um que passava lá arrancava um pedacinho e mandava o recado que era para todo mundo ver que nós não estávamos satisfeito com aquilo. Depois o que fizeram, pegaram chapa de alumínio ou de aço e revestiram o isopor, mas as janelas de cima ainda são de isopor. Como é que pode um Órgão do Patrimônio, tão importante vir aqui e fazer uma coisa dessas? Porque não deixou a fachada, pelo menos a fachada que tinha a porta principal que dava acesso ao prédio e era todinha de madeira. Outra coisa é a Capela Nossa Senhora das Mercês, foi restaurada fizeram lá tudo direitinho, mas você vai lá agora e você percebe que foi uma restauração, penso eu, que era para durar muitos anos, depois de cinco anos tchau, tem cupim, a madeira que tinha no teto com o emblema da Ordem de Nossa Senhora das Mercês ainda está lá amontoado no chão e ninguém mais apareceu, nem IPHAN nem CONDEPHAAT... [...] E outra coisa também, as portas e o assoalho da Capela, foram feitos de madeira verde, agora amadeira secou, precisa calafetar e a gente não consegue se comunicar com o IPHAN*. (Rosa Maria Antunes, 2016)

Resgatar o patrimônio atingido não consistia simplesmente em restaurar ou reconstruir as edificações que haviam sido danificados ou as que ruíram: a inundação obrigou o repensar a cidade como um todo, com necessidades de planejamento e de infraestrutura. Nesse contexto, houve a implantação do novo Conjunto Habitacional, Monsenhor Tarcísio Castro Moura, em terreno cedido pela Prefeitura Municipal de São Luiz do Paraitinga à CDHU, responsável pela obra, em conformidade à determinação daquele espaço como área de interesse social, como especificado no Plano Diretor. A inundação acelerou a edificação das novas casas populares, cuja construção estava prevista somente para o final daquela década.

Duas empresas estiveram envolvidas nas obras: a Terracom, responsável pela pavimentação e pelas fundações, e a Royal do Brasil Technologies, para a edificação das moradias. Foram construídas 151 casas populares, sendo 45 casas térreas e 106 sobrados geminados, agrupados em blocos de seis unidades e com vista para a Serra do Mar. O método adotado consistiu em estrutura pré-moldada, com paredes ocas de PVC que são encaixadas e depois preenchidas com concreto. As portas, as janelas, o forro e o telhado são agregados à estrutura pronta.

As residências contavam com placas de aquecedor solar, piso cerâmico, muros de divisa entre os lotes, sistemas individuais de água e energia e coleta de esgoto. (Jornal da Reconstrução, 2010, p. 4) De acordo com Moradei (2010, p.145), "o conjunto recebeu, além da infraestrutura básica, ruas e calçadas pavimentadas, áreas de lazer com equipamentos e arborização. Muitas das melhorias como essas não são encontradas em bairros já antigos de São Luiz do Paraitinga".

O Conjunto Habitacional, Monsenhor Tarcísio Castro Moura, foi entregue à população em setembro de 2010, nove meses após a inundação, e pode ser considerada uma das maiores construções responsáveis pela mudança na paisagem urbana de São Luiz do Paraitinga, visto que o novo bairro surgiu onde, antes, havia apenas morros recobertos por pastagens.

## "O Sino da Matriz voltou a tocar, a cidade voltou a existir!"

O processo de reconstrução teve início com os trabalhos de limpeza da cidade, o restabelecimento dos serviços básicos, como o fornecimento de energia elétrica e água, até chegar aos monumentos e, com eles, emergiu o debate sobre a questão do patrimônio e as nuances próprias de uma reconstrução. De certa forma, a reconstrução e a restauração dos edifícios históricos, e da cidade como um todo, significavam a reestruturação e retomada da vida de cada cidadão.

Diferentemente do que ocorre em outros Centros Históricos, em São Luiz, o conjunto tombado representava um centro vivo: o núcleo econômico, comercial e social, além de acomodar grande parte das famílias luizenses. Ademais, abrigava as referências da cidade definidas como prioritárias na reconstrução, como a Igreja Matriz, a Capela das Mercês e também o antigo Grupo Escolar – a população queria de volta seus bens e suas referências o mais breve possível.

Dentre os primeiros espaços públicos recuperados e entregues à comunidade, estava a Praça Central, um espaço funcional, socioafetivo e político administrativo para todos os luizenses. A décima primeira imagem mostrada aos entrevistados, com uma vista parcial da Praça e do coreto com a nova pintura e iluminação, despertou emoções que traduziam a importância daquele espaço para a cidade que começava a renascer, e em particular ressaltava as cores das construções que foram sendo restabelecidas: as cores constituem uma característica marcante em São Luiz do Paraitinga:

**Fotografia 11 – Coreto da Praça pós a Reconstrução**

Fonte: Acervo da Prefeitura Municipal de São Luiz do Paraitinga.[55]

55 Disponível em: <http://www.saoluizdoparaitinga.sp.gov.br>. Acesso em: 09 maio 2015.

> *Veja esta foto, São Luiz voltava a brilhar! Com a Praça recuperada a gente sabia que toda a cidade teria novamente vida e alegria, veja o colorido, são cores que sempre existiram nas casas e em especial no coreto... É São Luiz de novo, renascendo em cada reconstrução!* (Maria Letícia Donizete Falcão, 2015)

> *É a Praça reconstruída, colorida, novinha! É aqui o local aonde as pessoas vão se encontrar e fazer o social. Com a Praça entregue aos luizenses, a população confiava e esperava que logo a cidade voltaria a ser a São Luiz de muitas festas... A Praça continua essencialmente a mesma coisa, um ponto de fomento da nossa cultura porque o carnaval acontece aqui, as festas acontecem aqui, então essa continua sendo a nossa Praça!* (Luiz Alberto Polla Baptista, 2015)

> *A Praça e o coreto novinho pintado, nem dá para imaginar que passamos por toda a inundação, veja aquela foto da Praça no momento que entramos na cidade em janeiro de 2010. Esta Praça nova representa o recomeçar de São Luiz do Paraitinga... Quando tudo foi destruído minha filha era um bebê e agora ela já tem quase oito anos, venho com ela sempre passear na Praça [...].* (Tânia Maria Moradei Gouveia,2015)

> *A Praça e o coreto! Foi o renascer de São Luiz depois da inundação, quando a cidade começava a receber as primeiras às obras da reconstrução. Posso dizer que essa imagem representava o sentimento que tínhamos de que teríamos a nossa querida São Luiz do Paraitinga novamente, com suas cores vibrantes nas paredes das casas e construções, uma característica marcante em toda a nossa cidade*. (Judas Tadeu de Campos, 2016)

Posteriormente, o primeiro prédio histórico totalmente reconstruído e entregue à comunidade luizense foi a Capela das Mercês. Como já destacado, a reconstrução da edificação religiosa ficou sob a responsabilidade do IPHAN. O projeto de restauração e reconstrução elaborado contou com estudos e avaliações das ruínas do edifício; levantamentos métricos e fotográficos das peças salvas da inundação e dos escombros, como os elementos de cobertura, portas, janelas, pisos, forros, imagens sacras e pormenores decorativos.

O Memorial Descritivo de Reconstituição da Capela das Mercês, elaborado pelo IPHAN, detalhou as ações previstas para a reconstituição da Capela das Mercês:

> O partido adotado, para evitar a mera reconstrução histórica, parte do princípio da preservação dos remanescentes dos muros de taipa de pilão, que ocorrem em todo o perímetro do edifício, com cerca de um metro de altura, bem como no reaproveitamento de todo o madeiramento de portas e janelas, estruturas de forros, guarda-corpos, balaustradas, coberturas, beirais, telhas, elementos decorativos etc., os quais depois de revisados ou restaurados serão repostos em seus locais de origem. Os elementos faltantes serão refeitos, obedecendo às dimensões, formatos e 'desenhos' originais. As alvenarias das paredes faltantes serão refeitas em tijolos de barro cozido, que desde meados do século XIX, foram sucessores naturais do antigo sistema construtivo em taipa de pilão. Para evitar que estas alvenarias descarreguem seu peso e o das coberturas sobre as frágeis paredes de taipa remanescentes, será introduzido um sistema estrutural em concreto armado, formado por brocas, 'pilaretes' e baldrame, acima das taipas. As paredes de alvenaria de tijolos serão autoportantes, encimadas por cinta de amarração de concreto em seu respaldo. Externamente, as alvenarias de taipa ou de tijolos serão revestidas e caiadas. Internamente, as paredes de taipa serão aparentes na nave e Capela-mor, protegidas por vidro temperado. As de tijolos também serão revestidas e caiadas. Os pisos da nave, Capela-mor, coro e corredor de acesso ao púlpito serão entabuados. Os demais pisos serão revestidos com lajotas de barro cozido. (IPHAN, 2010c, p. 2)

Com os dados disponíveis que atestavam que a Capela mantinha suas características originais, houve a decisão para realizar a reconstrução desse patrimônio tal como antes da destruição. Nesse sentido, é possível afirmas que a reconstrução idêntica à anterior se deveu ao grande significado desse bem tombado para toda a população luizense. Após a licitação feita pelo IPHAN, em dezembro de 2010, imediatamente as obras foram

iniciadas visando entregar a Capela reconstruída na festa de Nossa Senhora das Mercês do ano seguinte, data celebrada no dia 24 de setembro.

Um fato curioso, que vale destacar, diz respeito à existência reconhecida de um túmulo que ficava sob a escada que dava acesso ao coro. Porém, durante os trabalhos de reconstrução, nenhum esqueleto foi encontrado no lugar correspondente à sepultura. Apesar disso, o IPHAN decidiu reproduzir o túmulo tal e qual ele sempre existira, mesmo considerando a inexistência de restos de alguma ossatura.

Com um custo aproximado de R$ 1.300 milhão e nove meses depois do início das obras, a Capela das Mercês estava reconstruída e foi entregue aos luizenses em festividades na data de 25 de setembro de 2011, momento que contou com a presença da então Ministra da Cultura, Ana de Hollanda, e do então Presidente do IPHAN, Luiz Fernando Almeida. (Faria, 2011)

Na ocasião da pesquisa de campo para este estudo, foi realizada uma visita à referida Capela, momento em que foi possível conhecer seu interior, a ala lateral, os painéis expostos, que contam o histórico da edificação e detalham o processo de reconstrução. Internamente, a reconstrução deixava claro o que é original e o que foi reconstruído. Outra ação de recuperação tocou à imagem de Nossa Senhora das Mercês, a qual, como já apontado, se quebrou em 92 pedaços, e, graças ao delicado trabalho de limpeza e salvamento, pôde ser restaurada, voltando a ocupar o altar da Capela.

Dessa maneira, a nova edificação passou a ter marcas da história da cidade e da própria comunidade, visto que a inundação permaneceu ali presente e visível nos bens integrados que foram restaurados e reincorporados. Ou seja, são marcas que não se apagam. Vale destacar, todavia, que a parte externa da Capela não contou com qualquer indicação da reconstrução, fato esse que pode levar ao equívoco de ser confundida com o edifício original.

À apresentação da décima segunda fotografia aos luizenses entrevistados, na qual estava a Capela de Nossa Senhora das Mercês, reconstruída com a mesma volumetria e os mesmos detalhes do prédio anterior, como o sino, a cruz e os degraus de pedra na entrada da porta, os sentimentos que afloraram com a visualização da imagem demonstraram todo o imensurável apreço e significado que a construção possui na memória da comunidade e a sua importância para o renascimento de São Luiz do Paraitinga:

**Fotografia 12 – Vista externa da Capela Nossa Senhora das Mercês reconstruída**

Fonte: Acervo Pessoal de Juliana Sartori (janeiro de 2014).

*Nossa que imagem singela! A Capelinha das Mercês novinha veja não é linda? Fico emocionada novamente, com essa foto... Essa Capelinha tem história porque tudo o que acontece em termos das comemorações religiosas em São Luiz, começa por ela e depois vai para a Igreja Matriz. Ela está toda iluminada, foi depois da inundação e da reconstrução que a cidade passou a colocar essa iluminação, são para as festas de final de ano... Ver essa fotografia me dá uma sensação de superação, de um novo tempo, eu fico muito feliz, muito feliz mesmo!* (Maria Letícia Donizete Falcão, 2015)

*É a nossa Capelinha reconstruída e agora enfeitada com as luzes! As luzes são colocadas para as festas de Natal e Ano Novo, antes da inundação não ficava iluminado... Ela fica linda a noite quando as luzes estão ligadas, lembra presépio, a nossa religiosidade e a fé de todo o povo luizense... É uma beleza!* (Carmem Nunes Siqueira, 2015)

*Essa é a nova Capela das Mercês, para mim essa Igreja é um marco! Vejo a Capela como um marco muito mais forte e histórico, do que a Igreja Matriz, talvez por toda a sua antiguidade e agora totalmente reconstruída, mas quero dizer que vivência da Igreja Matriz me toca mais, porque eu vivi muito mais, e na Capelinha muito menos. Reconheço a importância da Capela para história de São Luiz, acho a Capelinha lindíssima e agora mais ainda com a cidade sendo reconstruída*. (Luiz Alberto Polla Baptista, 2015)

*Ah! A Capelinha, eles fizeram direitinha. Bacana! A gente olha para esta fotografia e fica pensando que a cidade estava renascendo, o nosso patrimônio estava sendo recuperado depois de tanta destruição! [...] A Capelinha é um símbolo da fé, da religiosidade para o povo luizense [...].* (Judas Tadeu de Campos, 2016)

*Ah, a Capelinha das Mercês todinha iluminada para o final de ano, bonita né? Essa iluminação assim no contorno dela foi uma proposta da Elektro... É como um incentivo para a nossa população fortalecer a fé e a esperança para ter a nossa São Luiz reconstruída. Ver essa foto me faz recordar da sua reinauguração, esse pátio fervia de gente, era como a vida estivesse renascendo e teve festa o tempo todo, apresentação da dança de fita, da dança do balaio, da dança da lata, teve cantiga e em seguida a celebração e a benção do novo prédio, foi tudo muito bonito!* (Rosa Maria Antunes, 2016)

Daniel Santos (2016, p. 109) mostrou que na mesma data de entrega da nova Capela das Mercês ao luizenses, o então presidente do IPHAN, Luiz Fernando Almeida, anunciava o início das obras da Igreja Matriz, e completando aproximadamente um ano após a realização da audiência pública que tratou dos projetos de restauro e reconstrução, a proposta final do novo edifício tinha sido definitivamente aprovada pelo Órgão em consonância com o CONDEPHAAT.

É importante reiterar que fazia parte das prioridades na reconstrução da cidade, e, como tal, presente nas as ações iniciais, o processo de limpeza e salvamento dos remanescentes da edificação. Essas ações, sob a gestão do IPHAN, e posteriormente pelas diretrizes da Resolução Complementar (SC-3 de 2010) do CONDEPHAAT, contribuíram para que o projeto de reconstrução fosse elaborado.

Em relação às orientações contidas na Resolução SC-3, para o projeto da nova edificação, revelou-se relevante a seguinte orientação:

> O projeto de reconstrução da Igreja Matriz poderá considerar três possibilidades: solução contemporânea, reprodução do edifício arruinado, recuperação de solução estilística original, segundo registro documentado. Em qualquer das alternativas, é exigida a consolidação dos remanescentes da edificação tombada e sua adequada identificação. Também é indicado o reaproveitamento dos materiais remanescentes, resgatados da seleção dos escombros. Recomenda-se que as opções apresentadas sejam objeto de consulta pública à comunidade de São Luiz do Paraitinga, com a sugestão de que a Mitra Diocesana incumba-se da realização dessa consulta. [56]

56 SÃO PAULO. Secretaria da Cultura 2010, p. 06.

Desse modo, na realização da Audiência Pública do dia 01 de outubro de 2010, já citada, a população luizense conheceu o projeto de reconstrução da Igreja Matriz, o qual contou com a maciça participação popular e teve a sua mesa constituída por representantes do IPHAN, Anna Beatriz Ayrosa Galvão; do CONDEPHAAT, professor Carlos Faggin; da Diocese de Taubaté, cônego Geraldo; da arquiteta Lívia Vierno; do IES, Maria Regina dos Santos; e da Construtora Biapó, engenheiro Adriano Carvalho.

Naquela ocasião, foram apresentadas diretrizes centrais para a reconstrução, com destaque para a utilização de tecnologia contemporânea, baseada no uso do concreto, mas com o maior aproveitamento possível dos signos originais, como a manutenção de alguns escombros em consonância com uma igreja nova que atendesse a acessibilidade e melhor aproveitamento do espaço interior, considerando as necessidades da atualidade. Posteriormente, o projeto executivo final foi apresentado no Centro Pastoral, com exposição de maquete física e de um vídeo com imagens ilustrativas da Igreja Matriz.

Para a Mitra Diocesana, o grande desafio para a reconstrução da Igreja Matriz de São Luiz de Tolosa residiu em conseguir chegar a um consenso quanto ao estilo da nova Igreja.

> Para uns, principalmente peritos e historiadores, reconstruir a original, tal como era, seria falsear a história. Para esses, o certo seria fazer um novo templo, com arquitetura contemporânea, que atendesse as necessidades atuais. Outros opinavam que era preciso reconstruir a anterior, erguer uma réplica da igreja que foi destruída pela enchente. Segundo essa opinião, tratava-se de levantar a autoestima do povo luizense, de recuperar um elemento essencial de sua cultura. O debate durou mais de um ano. Por fim, venceu a vontade dos paroquianos e dos cidadãos luizenses, incluindo não católicos, todos favoráveis à réplica da original. (Dias, 2014, p. 5-6)

As obras da reconstrução da Igreja Matriz tiveram seu início em 2 de setembro de 2011, e a empresa executora da edificação, a CONCREJATO (Serviços Técnicos de Engenharia do Rio de Janeiro), cujos engenheiros responsáveis eram Ronaldo Ritti Dias, Ioannnes Salvieiros Neto e Maria Soukef Nasser. A empresa realizou um trabalho de educação patrimonial com os operários envolvidos, para reforçar o cuidado, o comprometimento e a valorização do próprio trabalho. Essa atitude deve ser ressaltada, pois o conhecimento, por parte dos trabalhadores da construção civil, da importância da obra que estavam realizando contribuiu para que se tornassem aliados do processo de preservação. Além disso, muitos dos operários que trabalharam na reconstrução eram moradores de São Luiz do Paraitinga.

Foram realizadas as seguintes ações: consolidação da taipa remanescente (aproximadamente 15%); utilização de estrutura metálica; alvenaria de tijolos com reaproveitamento dos remanescentes (313.000 tijolos recuperados, 90% do total); consolidação e restauração dos altares de mármore (90% passíveis de restauração); esquadrias (20% passíveis de restauração) e o restante, conforme registros e moldes; recomposição do piso de ladrilho hidráulico (60% são passíveis de reutilização); montagem e restauração do forro, que teve peças separadas no salvamento (75% foram passíveis de restauração); cobertura em telha cerâmica, tipo francesa; adaptação para acessibilidade em um dos corredores laterais; e inclusão de sistema de combate a incêndio. (Moradei, 2010, p. 184)

Vale ressaltar que toda a realização da obra não ocorreu de forma rápida e simples como a descrição acima pode ter sugerido. Dentre as muitas as dificuldades enfrentadas na sua execução, a principal, foi a necessidade de o processo ser pautado por um critério em consonância a regras e normas – fundamentais para a efetiva preservação do patrimônio brasileiro – associado aos anseios da comunidade luizense face à significação de tal patrimônio.

Mesmo tendo sido considerada a obra prioritária no processo de reconstrução da cidade e de ter recebido forte empenho do poder público para sua realização, as obras da Igreja Matriz sofreram com problemas que são comuns na maioria das construções públicas em nosso país: o atraso na entrega da obra e o aumento do orçamento inicial.

Um fato interessante, que, por diversas vezes, interrompeu atividades de trabalho e gerou atrasos, foram as descobertas de várias ossaturas no subsolo do edifício. A busca de identificação, sempre acompanhada dos trâmites legais de procedimentos, envolvendo perícia e o trabalho de investigação policial, comprometeram muitos dias de trabalho.

Por outro lado, o orçamento inicial da obra que era de R$ 13.119.787,36, foi, posteriormente, suplementado em R$ 3.998.000,00, totalizando R$ 17.117.787,36. A dotação veio da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo, e segundo a própria Diocese de Taubaté, foram designados gestores do fundo o Cônego Geraldo Carlos da Silva e Lílian Mansur, ambos da Fundação Dom José Antônio do Couto, responsável por gerir as finanças da Diocese de Taubaté, que, dessa forma, pôde firmar o convênio diretamente com o poder público. (Santos, D., 2016, p. 115)

O cronograma, que visava a inauguração para o ano de 2013, só foi concluído em meados de 2014. A inauguração da Igreja Matriz ocorreu às nove da manhã do dia 16 de maio de 2014, com uma cerimônia em que estiveram presentes diversas autoridades, assim como os trabalhadores da obra. Na manhã seguinte, foi celebrada a primeira missa na nova Igreja Matriz de São Luiz de Tolosa; com a celebração da eucaristia era inaugurado, de forma religiosa, o novo templo. Expectativas, sorrisos, lágrimas e alegria foram os sentimentos que permearam o ato católico daquele dia entre todos os luizenses.

> 'Um milagre de São Luiz', dizia o povo, emocionado, vendo os sacerdotes de volta ao altar, celebrando a primeira Missa depois de quatro anos sem missa na Igreja Matriz de São Luís de Tolosa. Às 10h do sábado, 17, Dom Carmo, acompanhado por muitos padres da Diocese, entre eles, o Pe. Álvaro Mantovani (Pe. Tequinho), atual pároco, entrou solenemente, em procissão, pelo corredor central da nova Igreja Matriz. O bispo, durante a celebração, consagrou o altar e abençoou o novo sacrário e a nova igreja. O povo de São Luiz do Paraitinga, depois dessa celebração, tem de novo o seu tradicional templo, para celebrar sua devoção ao Divino Espírito Santo e entoar hinos ao seu padroeiro, São Luíz de Tolosa. Deus seja louvado! (Dias, 2014, p 8-9)

A entrega da nova Igreja Matriz aos luizenses representou a recomposição da mais importante construção do cenário urbano que São Luiz do Paraitinga perdera durante a inundação de janeiro de 2010, concretizando a devolução, a toda a comunidade, de um dos maiores símbolos de sua identidade.

Na apresentação da décima terceira imagem aos entrevistados, com a Igreja Matriz de São Luiz de Tolosa reconstruída e com destaque para as suas estátuas na fachada, seus vitrais coloridos e sua grande escadaria de acesso, diferentes foram as interações. Ao visualizarem a imagem, memórias são verbalizadas, com uma mescla de sentimentos de afeto e gratidão, os quais nos dão uma pequena dimensão do quanto este templo religioso representava para toda comunidade luizense.

**Fotografia 13 – Fachada da Igreja Matriz de São Luiz de Tolosa reconstruída**

Fonte: Acervo da Prefeitura Municipal de São Luiz do Paraitinga.[57]

57 Disponível em: <http://www.saoluizdoparaitinga.sp.gov.br>. Acesso em: 09 maio 2015.

*É a Igreja Matriz nova! Quando eu soube que a Igreja ia ser reinaugurada nem consegui dormir naquela noite... Porque assim como eu, toda a cidade, a nossa gente, queria entrar no prédio novo e queria ver se tinha ficado igualzinha como antes da destruição... Mas, não só ficou igual, como ficou melhor ainda, ficou linda! A gente entra lá e nem consegue acreditar tudo o que aconteceu e dá uma alegria imensa de saber que tá tudo de volta. É realmente uma benção!* (Maria Letícia Donizete Falcão, 2015)

*Olho para esta fotografia e vejo um resgate do símbolo máximo e que é referência para toda a comunidade luizense. Olho para a Igreja Matriz e não vejo muita diferença do que é hoje do que era no passado. Talvez você tenha percebido, eu não tenho muito essa questão, pode ser uma questão pessoal, eu não faço distinção, talvez até porque o físico ajuda a criar uma referência, mas na verdade para mim o que está vivo é a essência, a memória, a cultura... Então independente se a construção antiga era de taipa e agora reconstruída com outro material, o que é importante para mim é o seguinte, o símbolo máximo de referência da cidade e para todos nós luizenses, ele está lá, tá intacto, tá bacana. A entrega da Igreja Matriz ajudou imensamente a recuperar o orgulho de toda a nossa gente!* (Luiz Alberto Polla Baptista, 2015)

*É a nossa Igreja reconstruída, como é linda essa imagem! Sempre que vejo uma fotografia da Matriz como essa, fico emocionada, pois tem muita gente que morreu, antes da Igreja ficar pronta. Olho pra imagem e lembro aquele sábado que teve a missa de inauguração, na cidade o clima era festa, foi uma missa emocionante e quando o sino da Matriz voltou a tocar, a cidade voltou a existir! A felicidade estava visível no rosto de todos nós luizenses naquela manhã, um momento pra nunca mais esquecer* [...]. (Elena Martha Kacharovsky, 2016)

*A nova Igreja Matriz! Essa fotografia mostra não somente uma Igreja que foi reconstruída, ela nos faz lembrar toda a história da nossa gente, nossa identidade cultural, festeira, religiosa... É uma satisfação imensa ter esse símbolo da cidade reerguido Essa imagem, é a imagem da reconstrução psicológica de todo o povo de São Luiz!* (Judas Tadeu de Campos, 2016)

*Ah, essa é a nova Matriz! Ao olhar pra essa fotografia a gente tem uma mistura de sentimentos, dor, tristeza, alegria, felicidade... Na memória da gente passa tudo novamente, tudo o que a nossa gente sofreu... Mas, vamos esquecer a dor e a tristeza que vivemos com a destruição de São Luiz. Tem umas coisas que a gente tem que se desligar virar a página... Vejo a imagem e olho que superamos tudo ou talvez quase tudo, pois ainda tem algumas coisas na cidade pra terminar. A imagem da Igreja Matriz reconstruída reforça a crença de somos uma comunidade guerreira e um povo que recebeu uma graça Divina ao ter a nossa cidade renascida* [...]. *(*Rosa Maria Antunes, 2016)

Vale observar que a prática de solução compartilhada adotada com a comunidade no processo de reconstrução de São Luiz do Paraitinga nem sempre representou uma regra que se cumpriu essa situação pode ser constatada na reconstrução do antigo "Grupo Escolar", edifício que foi, praticamente, todo destruído com a inundação e que, nos últimos, anos abrigava a Biblioteca Municipal da cidade.

Conforme anteriormente destacado, o projeto de reconstrução ficou sob a responsabilidade do CONDEPHAAT, e sua execução, com a Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo. Como o prédio do antigo "Grupo Escolar" representava um ícone que portava memórias, havia grande expectativa no processo de reedificação por parte da comunidade, sobretudo em relação ao resgate destas lembranças, como ocorreu com a Capela Nossa Senhora das Mercês e a Igreja Matriz. Todavia, a partir do momento em que as obras começaram, houve uma decisão polêmica: a derrubada da única parede do edifício que não sucumbira à enchente. Moradei (2010, p. 194) destaca que no projeto de reconstrução "não foi prevista a manutenção dos remanescentes dessa construção e devido às necessidades da cidade, optou-se pela alteração do programa para uma nova Biblioteca".

O projeto aprovado pelo CONDEPHAAT previa a construção de um prédio moderno nos moldes da Biblioteca de São Paulo, um conceito de convite à leitura, com espaços fluídos e multifuncionais, extrapolando o uso biblioteca em si, incluindo auditório, salas para oficinas e exposições e uma sala de leitura livre e informatizada. (Santos, D., 2016, p. 110)

> Na reconstrução, foram utilizados materiais atuais, como concreto armado e esquadrias metálicas. Para os pisos foram definidos: piso de cimento queimado no pavimento térreo e piso de assoalho no pavimento superior. A cobertura foi executada em estrutura metálica com telhas cerâmicas. Na fachada, apesar de o órgão autor do projeto defender que a proposta considera a manutenção da volumetria, a massa construída e o ritmo de aberturas, evidenciam-se alterações no ritmo e supressão de algumas aberturas, como a antiga porta principal. Tais modificações foram justificadas pela alteração no programa e melhor aproveitamento do espaço bem como do novo tipo de tecnologia empregada. (Moradei, 2010, p. 196)

Ao final da obra, que custou ao governo estadual R$ 2.150.000,00,[58] havia na população luizense uma sensação de frustração tendo em vista que o novo edifício guardava pouca relação com o antigo prédio: preencheram o vazio do terreno e recompuseram o espaço, mas sem nenhum remanescente do antigo "Grupo Escolar" A própria inauguração do prédio acabou sendo adiada por diversas vezes. Pronto desde meados de 2013, com mais de dois mil livros doados pela Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, só foi entregue à população no dia 02 de janeiro de 2015.

A décima quarta fotografia apresentada aos entrevistados mostrava a fachada da nova Biblioteca "Nelson Ferreira Pinto", construída no local do antigo "Grupo Escolar". Diante a visualização da imagem, foram manifestadas rejeições e críticas em relação à proposta de execução, por não ter sido explicada à população e, também, por sua fachada diferir do original, principalmente em relação à ausência da porta principal que existia no prédio anterior, bem como quanto às substituições das antigas janelas de madeira, uma característica marcante do edifício, por requadros que foram feitos por EPS e, posteriormente, substituídos por metálicos:

**Fotografia 14 – Nova Biblioteca Pública no local do antigo "Grupo Escolar"**

Fonte: Acervo da Prefeitura Municipal de São Luiz do Paraitinga.[59]

58 TOMAZELA, José Maria. Biblioteca ajuda a recompor centro histórico de São Luiz do Paraitinga. In: *O Estado de São Paulo*, 18 de dezembro de 2014. Disponível em: <são-paulo.estadao.com.br>. Acesso em: 10 set. 2017.

59 Disponível em: <http://www.saoluizdoparaitinga.sp.gov.br>. Acesso em: 09 maio 2015.

*Ao olhar para essa fotografia vem na lembrança e o sentimento de que todo mundo ficou revoltado, o prédio era para ficar como o anterior, o antigo 'Grupo Escolar', com suas grandes janelas de madeira maciça! Fizeram tudo diferente, colocaram tudo de isopor, depois quando a população luizense começou a criticar, fizeram outro revestimento nas janelas, mas não resolveu muita coisa, a frustração de todos é grande.* (Carmem Nunes Siqueira, 2015)

*Olho pra essa foto aqui e não me vejo aqui estudando, como comentei na foto anterior, parece que tudo foi apagado, eu não me vejo aqui estudando e aprendendo a ser gente. Naquela foto anterior sim, essa não, não faço nem questão de valorizar essa reconstrução, ela não resgata a memória de todos que estudaram no antigo 'Grupo Escolar'* [...] *Uma grande discrepância comparada à reconstrução das Igrejas! (*Luiz Alberto Polla Baptista, 2015)

*É muito difícil aceitar esse novo prédio, principalmente para os luizenses que estudaram no antigo 'Grupo Escolar'* [...] *A sensação é de que não existe mais as nossas lembranças do tempo de escola! Destruíram a fachada do prédio, veja que não tem porta por onde entrar! A nossa população precisava ter sido consultada. Acho que somente o público mais jovem frequenta essa Biblioteca.* (Tânia Maria Moradei Gouveia, 2015)

*Veja essa foto e observe no que transformaram o nosso antigo "Grupo Escolar", ficou uma coisa feia, eu acho, feia, muito feia! Onde colocaram as grandes janelas de madeira que comentei há pouco? Colocaram essas janelas que o pessoal quebrava porque descobriram que o contorno dela era de isopor, era uma forma de protesto contra a construção. Agora elas estão revestidas com uma espécie de chapa de aço, ou alguma coisa assim, mas dizem que estas de cima ainda são de isopor... Nunca estive no prédio, não consigo aceitar essa transformação, acho muito triste, diante de todo o significado que o 'Grupo Escolar' possuía para todos os luizenses.* (Rosa Maria Antunes, 2016)

*Essa fotografia é uma piada né? O dia que eu recebi o convite para inauguração que falava situada na Rua Conego Costa Bueno, 03 eu coloquei no Facebook aquela letra de música 'era uma casa muita engraçada não tinha porta não tinha nada'* [...]. *Quase ninguém compareceu na inauguração, como aceitar essa construção, a nossa população não foi consultada, não fizeram uma única reunião para apresentarem o Projeto de reconstrução.* (Judas Tadeu de Campos,2016)

Os depoimentos acima registrados, explicitam que não foram consideradas as características singulares e representativas da edificação; ou seja, do antigo "Grupo Escolar" para a comunidade, como no caso da manutenção de remanescentes e da porta principal; e menos ainda a inclusão dos luizenses para tratarem da definição do projeto que propôs uma solução diferente ao anterior — que ruiu na enchente — o que acarretou essa rejeição e bloqueio da população com o edifício.

Após mais de uma década da sua inauguração, vale perguntar se ainda é possível a realização de debates com a população luizense na perspectiva de compreender e ajustar as escolhas adotadas para a reconstrução da edificação e, até mesmo, para corrigir falhas de comunicação, com o objetivo de tornar a nova Biblioteca um espaço para uso efetivo, com o resgate de sua relevância na história de São Luiz do Paraitinga.

Nas atividades de pesquisa de campo, quando das visitas a São Luiz do Paraitinga, nas conversas informais com os luizenses, foi possível constatar que o processo de reconstrução da cidade parecia ainda estar aberto ou por concluir e, nesse sentido, as consequências são bem claras. Os principais bens que foram tombados e que sofreram avarias, em particular, as Igrejas e os prédios institucionais, foram reconstruídos.

Porém, diversos imóveis privados e ainda se encontravam em ruínas ou interditados. A fachada do casario, localizado na Praça Oswaldo Cruz, permanecia está abandonada e a maior parte dos imóveis estava no chão. Proprietários dos imóveis que ruíram – na lateral da Praça Oswaldo Cruz – possuem recursos para realizar a reconstrução, mas seus objetivos estão esbarrando na morosidade dos órgãos patrimoniais responsáveis, que vêm dificultando a aprovação das reconstruções propostas.

Desse modo, com a reconstrução ainda em processo, será preciso mais algum tempo para que a maioria da população possa perceber, na prática, o que exatamente isso significa. Ainda será preciso aguardar mais tempo para analisar o alcance das audiências públicas nas decisões futuras da cidade, se elas continuarão acontecendo e se terão o mesmo apelo e adesão agora que a enchente vai sendo, cada vez mais, um momento histórico.

Contudo, não será preciso, esperar tempo algum para afirmar que as decisões políticas abrangem bem mais do que os interesses puramente históricos, culturais e da comunidade e que, em algum momento, elas pesarão sobre as regras de tombamento às quais São Luiz do Paraitinga foi incorporada.

As iniciativas em contar sobre a memória, em buscar fazer da história um dos alicerces da reconstrução, demonstram muito sobre as razões que fazem a cidade e a população luizense, sete anos após a enchente, época em que este estudo foi realizado, ter orgulho do que já foi reconstruído. A apresentação da décima quinta imagem aos entrevistados, que mostra uma vista panorâmica de São Luiz Paraitinga nos dias atuais, com a sua nova iluminação pública, suscitou esse orgulho.

**Fotografia 15 – Vista parcial de São Luiz do Paraitinga após a reconstrução**

Fonte: ELEKTRO.[60]

> *Veja é a nossa: São Luiz do Paraitinga renascida! Essa imagem representa a superação de toda a tragédia, que a cidade e os luizenses viveram em 2010. As dificuldades na maior parte foram superadas, o maior exemplo aparece na foto, a nossa Igreja Matriz reconstruída, mas a foto não revela a força da nossa gente para ter São Luiz novamente, com as nossas festas tradicionais e também outras que surgiram após a reconstrução, como a Festa da Cozinha Caipira, onde você saboreia o que tem de melhor na comida luizense!* (Carmem Nunes Siqueira, 2015)

> *Essa é a nossa pequena cidade. A cidade de São Luiz do Paraitinga que a gente tem orgulho de viver, exatamente isso, muito orgulho! A nossa cultura caipira, que parece estar mais forte depois da reconstrução [...] Você olha foto e sabe que ficou uma marca é óbvio, mas no meu modo de pensar a inundação causou a destruição material, o imaterial, a água não levou, ficou, e tá com*

60 Disponível em: <https://ri.elektro.com.br>. Acesso em: 09 maio 2015.

*a gente, tá com o sentimento de ser caipira, o nosso jeito de falar, a nossa música, as nossas festas, o nosso carnaval, isso tá aí e reafirmo a água não levou e se vier outra enchente não vai levar né, pois aprendemos a renascer* [...]. (Luiz Alberto Polla Baptista, 2015)

*Acredito que a inundação trouxe grandes ensinamentos, acho que a população luizense está mais conscienciosa em relação a vários aspectos, a força em termos políticos que o nosso povo teve em muitos momentos da reconstrução, o respeito maior ao meio ambiente, a valorização da nossa cultura e patrimônio... Afinal para São Luiz renascer, muito dinheiro foi investido aqui e ver essa foto da minha cidadezinha em pé, é maravilhoso! A gente conseguiu né! Agora precisamos continuar unidos, pois tem muita coisa bonita sendo projetada pra cidade, a Festa do Divino deste ano está prometendo ser a mais bonita de todos os tempos* [...]. (Benito Euclides Campos, 2015)

*Nossa que coincidência, tenho essa foto no meu Facebook! Ela mostra o quanto São Luiz está bonita depois de tudo o que vivemos. A Igreja Matriz é a nossa referência de que a cidade conseguiu ser reconstruída, falta muito pouco para tudo estar de volta... Alguns luizenses aguardam a liberação dos órgãos do Governo para fazerem as últimas reconstruções* [...]. (Tânia Maria Moradei Gouveia, 2015)

*São Luiz é uma cidade linda! Depois da reconstrução os turistas começaram a chamar São Luiz de cidade presépio. Veja essa fotografia, você olha lá longe e as casinhas vão subindo o morro e dá a impressão de que são bem pequeninas, o apelido é bastante apropriado, né! Integro um grupo de luizenses que vem lutando após a reconstrução, para resgatar antigas danças folclóricas na cidade e também junto da Festa do Divino criar o Império permanente. Porque na Festa do Divino é construído o Império, que constitui uma sala de oração e onde a Festa começa. A partir dali vem à novena, todas as outras celebrações e as pessoas visitam esse local, fazendo promessa e cumprindo promessa. Para as pessoas que não podem vir na data da Festa, poderiam com a criação projeto, virem em outro momento, pois a sala ficaria permanente. Ganham os devotos, ganha a cidade com o turismo!* (Rosa Maria Antunes, 2016)

Os depoimentos acima permitem um melhor entendimento de como os espaços urbanos se transfor- mam ou se renovam através dos tempos e, de modo particular, como São Luiz do Paraitinga renasceu após a inundação de 2010. Seria ingênuo afirmar que a reconstrução da cidade está próxima de ser concluída não só no âmbito material, mas também no campo das emoções, no aspecto psicológico de sua comunidade e com certeza a cidade aparecerá mais vezes na mídia nos próximos anos, visto os inúmeros projetos que ainda estão por acontecer.

Os luizenses demonstram que a nova estrutura da cidade não apagou sua história e que, como em qualquer época de nossas vidas, as novas linhas e páginas a ser escritas em relação à história da cidade serão acompanhadas, muitas vezes, por lágrimas e risos. Mas sempre de maneira viva. Afinal, São Luiz do Paraitinga renasceu!

# Conclusão

*A memória traduz registro de espaços, experiências, imagens, representações.*
*Plena de substância social, é bordado de múltiplos fios e incontáveis cores,*
*que expressa a trama da existência, revelada por ênfases, lapsos e omissões.*
Lucília de Almeida Neves Delgado, 2010

Este estudo, de caráter interdisciplinar, qualitativo e exploratório, teve por objetivo identificar e analisar memórias da população luizense, referentes à grande enchente que se abateu sobre a cidade de São Luiz do Paraitinga, na noite do réveillon de janeiro de 2010, e que se tornou um marco na história da cidade trazendo profundas mudanças para toda a comunidade. Evento relevante não apenas para os luizenses, mas lembrando também que a cidade de São Luiz, embora pequenina, tem grande representatividade no cenário nacional, em razão de preservar sua cultura popular caipira, em especial por fazer parte dos mais significativos conjuntos de fachadas remanescentes do planejamento ilustrado do país, tombados nos âmbitos nacional e estadual, e seriamente danificados com a inundação.

Desde o início do trabalho, o estudo teve como proposta metodológica no desenvolvimento da pesquisa a utilização da História Oral, metodologia que conta com a memória como fonte principal de informação e permite a adoção de abordagens históricas de características diferenciadas. Embora a História Oral não trabalhe especificamente com uma memória social ou coletiva, é preciso reconhecer que as memórias individuais são construídas a partir de vivências a que os sujeitos experimentam no curso de suas vidas e inseridos em grupos sociais. A manifestação da memória individual decorre de sua inserção em campos significados de domínio coletivo e, no ato de lembrar, tomamos por referência os "quadros sociais" de Maurice Halbwachs (2006).

Vinculadas a esta metodologia, foram utilizadas fontes fotográficas como acionadoras de lembranças individuais e coletivas sobre a cidade, em particular do evento da inundação e posteriormente da própria reconstrução de São Luiz do Paraitinga. No que se refere a essa vinculação, é oportuno destacar que o interesse provocado pelas imagens se configurou inquestionável. Durante as entrevistas não só os entrevistados deixaram-se levar pelas realidades fotográficas, como familiares e amigos próximos vieram acompanhar a conversa porque também queriam ver e comentar as imagens. O fotógrafo e historiador Boris Kossoy (2009) já classificara esse exercício como fascinante para os pesquisadores, e tomando emprestado o termo cunhado pelo autor fica claro esse fascínio: *a trama fotográfica* atinge, potencialmente, a todos.

Dessa forma, a investigação, centrada nas narrativas orais dos luizenses que compartilharam suas memórias, permitiu guiar a pesquisa por diferentes temporalidades: desde a São Luiz do Paraitinga que surge como parte de uma política de ocupação da Capitania de São Paulo no século XVII; passando pela cidade destruída por uma inundação no primeiro dia do ano de 2010, e que se tornou Patrimônio Cultural; até, por fim, a cidade renascida dos dias atuais. Considerando tais temporalidades, foram traçadas algumas conclusões referentes aos principais aspectos que tratamos na realização de nosso estudo.

Primeiramente, vale ressaltar que as memórias reveladas evidenciaram que a história do município de São Luiz do Paraitinga sempre esteve marcada pela importância da participação popular. De forte identidade comunitária, foi percebido que a sociedade luizense se organizou dentro de uma tríade que envolve história, memória e identidade. Quando a inundação aconteceu, esses elementos foram rapidamente acionados, e a população começou a se organizar autonomamente por meio desse forte elo que os une numa dimensão de grande comunidade.

Logo nos primeiros momentos da catástrofe todos se identificavam a partir de um objetivo comum: lutar pela defesa do patrimônio cultural daquele lugar. Essa realidade foi constatada quando as águas do rio baixaram e os luizenses adentraram a cidade e procuraram imediatamente resgatar, das ruínas dos principais símbolos da cidade, a Capela das Mercês e a Igreja Matriz, os objetos sacros de grande valor afetivo para a toda a população.

Para a população luizense, a memória, particularmente a da inundação e seus impactos, tornou-se um alicerce para sustentar e reforçar uma identidade e as relações na comunidade. A memória guarda representações, formas, conceitos, emoções, por isso é viva. Não deve ser diminuída por ter esse caráter. Ao contrário: deve se constituir como ferramenta de genuíno referencial à história de cada um/a e à história de uma cidade, principalmente quando se passa por significativos eventos críticos de caráter coletivo, como o ocorrido em São Luiz do Paraitinga.

No que tange ao patrimônio histórico, o mote que alavancou e atraiu a atenção de todos para São Luiz do Paraitinga no momento da enchente, a gestão pública do patrimônio cultural não estava presente na realidade no município, Mas, ao ser tombada pelo IPHAN em 2010, o debate em torno do patrimônio histórico, da preservação e da reconstrução dos bens materiais e imateriais passou por uma reinvenção do patrimônio.

As decisões de devolver aos luizenses suas referências de identidade e de memória, particularmente no caso da Igreja Matriz, foram amplamente debatidas na cidade, considerando-se tanto o patrimônio existente quanto o que existe de reinvenção do patrimônio na vida das pessoas que com ele convivem. Diante de toda reflexão com os vários e importantes atores envolvidos no processo de reconstrução, São Luiz do Paraitinga tornou-se referencial no que tange aos múltiplos aspectos que envolvem a questão do patrimônio no País. As reflexões e decisões expressavam muito do que havia de simbólico, de identidade, de pertencimento nas decisões sobre o futuro da cidade histórica destruída/reconstruída.

À época deste estudo, próximo de completar oito anos da grande "enchente do réveillon de 2010", São Luiz do Paraitinga retornou, gradativamente, ao seu cotidiano típico interiorano. Porém, é certo que deixa como lição e aprendizado de todo o processo aqui estudado. Nessa direção, é relevante destacar que se as iniciativas de preservação do patrimônio cultural não começarem pelas pessoas que vivenciam situações como as do contexto em questão, será impossível atingir resultados satisfatórios. É preciso que essa prática saia da teoria das ações governamentais e privilegie a mediação com as comunidades locais, prática que se configura como um conceito fundamental dos gestores públicos.

Os agentes envolvidos na organização da reconstrução de São Luiz do Paraitinga conseguiram atingir esse estágio em muitos momentos, e, reside aí um dos maiores legados desse processo. Todavia, é primordial — diante de todas as considerações e apontamentos que feitos ao longo deste trabalho — que haja um projeto de educação patrimonial para que a comunidade local possa cuidar, preservar e decidir sobre seu

patrimônio particular e, principalmente, opinar — de forma consciente — sobre o conjunto histórico, sem dar margem a embates como os ocorridos durante o seu processo reconstrução.

Por fim, é possível afirmar que a grande "enchente do réveillon de 2010", representou um divisor de águas para o município, e apesar de ter sido uma catástrofe, que transformou a cidade em um campo de guerra onde os luizenses viveram momentos de caos, também despertou o município para novas possibilidades, pois trouxe chances de muitas melhorias.

São Luiz do Paraitinga pode ser apenas mais um estudo de caso, academicamente falando. No entanto, pode ser considerado também um objeto para diferentes tipos de estudos, porque se antes da enchente de 2010 já era um campo de trabalho para muitos pesquisadores, depois, a cidade passou a ser uma referência na análise de um novo sentido que vem sendo dado aos estudos sobre patrimônio histórico, identidade e memória e em particular dos luizenses.

E a história daquela cidade, nascida por meio de um planejamento urbano, fruto da política de Portugal, por volta de 1769, que considerava que as novas vilas tinham de cuidar de seu embelezamento, cuidou em tornar-se bela: *um* patrimônio urbanístico dos luizenses.

# Referências


AB'SÁBER, Aziz Nacib. *O encarceramento de pequenas cidades por eucaliptais*. São Paulo: Beca, 2010.

AB'SÁBER, Aziz Nacib. O domínio dos "mares de morros". In: *Geomorfologia*, n. 2, São Paulo: IG-USP, 1966.

ACHARD, Pierre (Org). *O Papel da Memória*. Campinas: Pontes, 2015.

ALBERTI, Verena. *Manual de História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2013.

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org). *Fontes históricas.* São Paulo: Contexto, 2005.

ALLUCCI, Renta Rendelucci. *Apontamentos sobre memória e patrimônio a partir da reconstrução da Capela das Mercês em São Luiz do Paraitinga*. 2013. Monografia (Especialização em MBA Bens Culturais: Cultura, Economia e Gestão) – Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2013.

ALLUCCI, Renata Rendelucci. *Carnaval de São Luiz do Paraitinga*: Conflito entre isolamento e abertura da cidade. 2015. 138 f. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, 2015.

ALMEIDA, Jaime. *Foliões:* festas em São Luís do Paraitinga na passagem do século: 1885-1915 (Tomos I e II). 1987. 455 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1987.

ALVES, José Xaides de Sampaio. Planejamento e gestão municipal participativa: bases conceituais e metodológicas da pesquisa e extensão universitária. In: BIZELLI, José Luís; ALVES, José Xaides de Sampaio (Orgs). *Gestão em momentos de crise*: programa UNESP para o desenvolvimento sustentável de São Luiz do Paraitinga. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

ASSUMPÇÃO Rodrigo Vitorino. *A formação das identidades urbanas em São Luiz do Paraitinga e Bananal:* patrimônio arquitetônico e religioso. 2008. 131 f. Dissertação (Mestrado em Urbanismo) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

AVELINO, Yvone Dias et al. (Org). *No laboratório das palavras.* História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – Coletânea de documentos (1979-1985). Fortaleza: SOCER, 2015.

AZEVEDO, Paulo de Campos. *Paraitinga no meu tempo.* São Paulo: Sangirardi, 1986.

BARROS, José D'Assunção. *O campo da história* – Especialidades e Abordagens. Petrópolis: Vozes, 2004.

BENINCASA, Wladimir. *Fazendas Paulistas: arquitetura rural no ciclo cafeeiro*. 2007. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2007.

BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e técnica, arte e política*: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERGSON, Henri. *Matéria ememória:* ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BONI, Paulo César (Org). *Fotografia:* múltiplos olhares. Londrina: Midiograf. 2011.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade:* lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória.* Ensaios de Psicologia Social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A Partilha da Vida.* São Paulo: Cabral Editora, 1995.

BRASIL. Constituição Federal 1988. Brasília, DF: Senado Federal; Centro Gráfico, 1988.

BRUNO, Fabiana. *Fotobiografia:* por uma metodologia da estética em antropologia. 2009. 351 f. Tese (Doutorado em Multimeios) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis.* São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CAMPOS, Judas Tadeu de. *A Imperial São Luiz do Paraitinga:* história, educação e cultura. Taubaté: Unitau, 2011.

CAMPOS, Maria Christina de Souza. Associação da fotografia aos relatos orais na reconstituição histórico-sociológica da memória familiar. In: LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo (Org). *Reflexões sobre a Pesquisa Sociológica.* São Paulo: Ceru, 1992.

CANDAU, Joël. *Memória e identidade.* São Paulo: Contexto, 2012.

CANDIDO, Antônio. *Os parceiros do rio Bonito:* estudo sobre o caipira paulista e a transformação de seus meios de vida. São Paulo: Duas Cidades, 2003.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Org). *Novos domínios da história.* Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

CARDOSO, Maria Francisca Thereza Cavalcanti. Organização e reorganização no vale do Paraíba do Sul: uma análise geográfica até 1940. In: *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro: IBGE, 1991.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. Histórias de vida dos judeus refugiados do nazi-fascismo. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom (Org). *(Re)Introduzindo a história oral no Brasil.* São Paulo: Xamã, 1996.

CHARTIER, Roger. *À Beira da Falésia:* a História entre certezas e inquietudes. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

CHAUVEAU, Agnes (Org). *Questões para a história do presente.* Bauru: Edusc, 1999.

CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio.* São Paulo: Unesp, 2001.

COLLIER JR, John. *Antropologia visual:* a fotografia como método de pesquisa. São Paulo: EPU, 1973.

CONINCK, Lara Cristina Merlini. *São Luiz do Paraitinga:* História, Cultura e Educação. Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2014.

CORREIA, José Eduardo Horta. Vila Real de Santo António, um exemplo de urbanismo iluminista. In: CORREA, António Bonnet (Org). *Urbanismo e historia urbana en el mundo hispano:* segundo simposio. Madri: Universidad Complutense de Madrid, v.2, 1985.

CORSI Cristina Alessandra; AZEVEDO Paulo Brito Moreira de; GRAMANI Marcelo Fischer. Valoração de Danos Decorrente da Inundação em São Luiz do Paraitinga. In: *Revista de Gestão Ambiental e Sustentabilidade*, São Paulo: Universidade Nove de Julho, v. 1, n. 2, 2012. Disponível em: <http://www.revistageas.org.br>. Acesso em: 02 set. 2017.

CUNHA, Cláudia dos Reis. *Restauração*: diálogos entre teoria e prática no Brasil nas experiências do IPHAN. 2010. 171 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *História Oral*: memória, tempo, identidades, Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

DEAN, Warren. *A ferro e fogo.* A história da devastação da Mata Atlântica brasileira. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

DEL OLMO, Maria José Acedo. *Vila, vida e mercado:* São Luiz do Paraitinga, 1800-1820. 2000. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP, 2000.

DIAS, Sílvio (Pe). Igreja Matriz ressurge na paisagem de São Luiz do Paraitinga. In: *O Lábaro*, Taubaté, ano CV, ed. 2130, jun. 2014, p. 05-06. Disponível em: <http://dt7.com.br/igreja-matriz-ressurge-na-paisagem-de-sao-luiz-do--paraitinga/>. Acesso em: 05 set. 2017.

ELEKTRO. *Relatório de Sustentabilidade 2010*. Publicado em 28/03/2011. Disponível em: <https://ri.elektro.com.br>. Acesso em: 30 jun. 2017.

FARIA, João Carlos. Paraitinga põe de pé a Capela das Mercês. In: *O Estado de São Paulo*, 15 de setembro de 2011. Disponível em: <sãopaulo.estadao.com.br/noticias>. Acesso em: 25 jul. 2017.

FARIA, João Carlos. Paraitinga perde ¼ do tombados. In: *O Estado de São Paulo*, 06 de abril de 2010. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/pagina/#!/20100106-42449-nac-29-cid-c4-not>. Acesso em: 20 abr. 2017.

FENTRESS, James; WICKHAM, Chris. *Memória Social.* Lisboa: Teorema, 1992.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História, tempo presente e história oral. In: *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 5, jul./dez. 2002, p. 324-325. Disponível em: <http://www.revistatopoi.org/numeros_anteriores/topoi05/topoi5a13.pdf>. Acesso em: 28 jan. 2015.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Coords). *Usos e abusos da história oral.* Rio de Janeiro: FGV, 1998.

FONSECA, Maria Cecília Londres. *O patrimônio em processo:* trajetória da política federal de preservação no Brasil. Rio de Janeiro: UFRJ; IPHAN, 1997.

FREUND, Gisele. *La fotografia como documento social*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1976.

FUNARI, Pedro Paulo; PINSKY, Jaime. *Turismo e patrimônio cultural*. São Paulo: Contexto, 2003.

GAZETA DO POVO. Técnicos avaliam reconstrução de São Luiz do Paraitinga. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/tecnicos-avaliam-reconstrucao-de-sao-luiz-do-paraitinga-apai7mzkk48ap10u-c1hvj86ry de Solange Spigliati>. Acesso em: 15 dez. 2016.

GONÇALVES, Bruno Simões. *Na travessia da modernidade:* imaginação poética e resistência na memória de caipira em São Luís do Paraitinga. 2007. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. As transformações do patrimônio: da retórica da perda à reconstrução permanente. In: TAMASO, Izabela Maria; LIMA FILHO, Manuel Ferreira (Org). *Antropologia e patrimônio cultural*: trajetórias e conceitos. Brasília: Associação Brasileira de Antropologia, 2012.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Resolução SC -3 de 23 de fevereiro de 2010 - Em complemento à Resolução SC-55/82, dispondo sobre as diretrizes para intervenções em bens tombados pelo Condephaat na cidade de São Luiz do Paraitinga. *Diário Oficial do Estado de São Paulo*, de 23/02/2010.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Lei Estadual nº 11.197 – Transforma em Estância Turística do Estado de São Paulo o Município de São Luiz do Paraitinga. São Paulo: *Diário Oficial do Estado de São Paulo*, de 05/07/2002.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Resolução SC-55/82 – Dispõe sobre o Tombamento de São Luiz do Paraitinga. São Paulo: *Diário Oficial do Estado de São Paulo*, de 28/05/1982.

GUERRA, Felipe. *O renascimento de São Luiz do Paraitinga.* 2010. 144 f. Projeto Experimental (Graduação em Comunicação Social) – Universidade de Taubaté, Taubaté, 2010.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. *Da diáspora:* identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

HOFFMANN, Maria Luísa. *Guardião de imagens*: "memórias fotográficas" e a relação de pertencimento de um pioneiro com Londrina. 2010. 114 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade de Londri- na, Londrina, 2010.

IKEDA, Alberto Tsuyoshi; PELLEGRINI FILHO, Américo. *Celebrações populares*: do sagrado ao profano. São Paulo: Cenpec, 2008.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Dossiê São Luiz do Paraitinga.* São Paulo: MinC; IPHAN, 2010a.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Inventário Nacional de Referências Culturais - São Luiz do Paraitinga.* São Paulo: MinC; IPHAN, 2010b.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Patrimônio, Desenvolvimento e Cidadania.* São Paulo: MinC; IPHAN, 2009.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Reconstrução da Capela das Mercês em São Luiz do Paraitinga.* São Paulo: MinC; IPHAN, 2010c.

IPHAN. *Carta de Veneza.* Disponível em: <www.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Veneza%201964.pdf>. Acesso em: 05 ago. 2017.

IPHAN. *Carta de Nairóbi.* Disponível em: <www.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/.../Recomendacao%20de%20Nairobi%201976.pdf>. Acesso em: 05 ago. 2017.

IPHAN. *Carta de Nara*. Disponível em: <www.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/.../Conferencia%20de%20Nara%20 1994.pdf>. Acesso em: 05 ago. 2017.

IPHAN l. *Carta de Burra.* Disponível em: <www.iphan.gov.br/ uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Burra%20 1980.pdf>. Acesso em: 05 ago. 2017.

JORNAL DA RECONSTRUÇÃO. *As preocupações da prefeita.* Ano I, nº 2, 2a quinzena de março de 2010.

JORNAL DA RECONSTRUÇÃO. *As novas casas populares.* Ano I, n. 2, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2a quinzena, março de 2010.

JORNAL DA RECONSTRUÇÃO. *Arquitetura da Fé*. Ano I, n. 3, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1a quinzena, abril de 2010.

JORNAL DA RECONSTRUÇÃO. *Audiências públicas mobilizam moradores.* Ano I, n. 4, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2a quinzena, abril de 2010.

JORNAL DA RECONSTRUÇÃO. *Casa Oswaldo Cruz deve ser restaurada*. Ano I, n. 5, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1a quinzena, maio de 2010.

JORNAL DA RECONSTRUÇÃO. *Cenário histórico livre da poluição visual.* Ano I, n. 11, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1a quinzena, novembro de 2010.

JORNAL DA RECONSTRUÇÃO. *Cidade em festa, você está convidado*. Ano I, n. 12, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1a quinzena, dezembro de 2010.

JORNAL DA RECONSTRUÇÃO. *Como tudo aconteceu*. Ano I, n. I, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1a quinzena, março de 2010.

JORNAL DA RECONSTRUÇÃO. *Desabrigados recebem 151 novas residências*. Ano I, nº 10, 2a quinzena de outubro de 2010.

JORNAL DA RECONSTRUÇÃO. *Dez milhões para reconstruir uma cidade.* Ano I, n. 14, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1a quinzena, janeiro de 2011.

JORNAL DA RECONSTRUÇÃO. *Eis o novo patrimônio cultural brasileiro*. Ano I, n. 13, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2a quinzena, dezembro de 2010.

JORNAL DA RECONSTRUÇÃO. *Fehidro libera R$ 770 mil para corrigir e reflorestar toda a bacia do Rio Chapéu.* Ano I, n. 10, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2a quinzena, outubro de 2010.

JORNAL DA RECONSTRUÇÃO. *Luizense tem show na praça em janeiro*. Ano I, n. 15, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2a quinzena, janeiro de 2011.

JORNAL DA RECONSTRUÇÃO. *Morro do Cruzeiro e os riscos anunciados.* Ano I, n. 6, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2a quinzena, maio de 2010.

JORNAL DA RECONSTRUÇÃO. *Muro de contenção, tema de discussão*. Ano I, n. 18, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1a quinzena, março de 2011.

JORNAL DA RECONSTRUÇÃO. *Nosso carnaval, trinta anos de pura alegria*. Ano I, n. 17, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2a quinzena, fevereiro de 2011.

JORNAL DA RECONSTRUÇÃO. *O mutirão da limpeza*. Ano I, nº 1, 1a quinzena de março de 2010.

JORNAL DA RECONSTRUÇÃO. *Os caminhos da zona rural.* Ano I, nº 04, 2a quinzena de abril de 2010.

JORNAL DA RECONSTRUÇÃO. *Para cidade conviver com o rio*. Ano I, n. 9, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2a quinzena, junho de 2010.

JORNAL DA RECONSTRUÇÃO. *São Luiz no PAC das Cidades Históricas*. Ano I, n. 8, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2a quinzena, junho de 2010.

JORNAL DA RECONSTRUÇÃO. *Tecnologia com respeito à tradição.* Ano I, n. 7, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1a quinzena, junho de 2010.

JORNAL DA RECONSTRUÇÃO. *Trabalho de herói ninguém esquece*. Ano I, nº 12, 1a quinzena de dezembro de 2010.

JORNAL DA RECONSTRUÇÃO. *Turistas ganham centro de informações.* Ano I, n. 16, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1a quinzena, fevereiro de 2011.

KNAUSS, Paulo. A Cidade Como Sentimento: história e memória de um acontecimento na sociedade contemporânea – O Incêndio do Gran Circus Norte-Americano em Niterói, 1961. In: *Revista Brasileira de História.* São Paulo, v. 27, n. 53, 2007.

KAWASAKI, Bruno, C. et al. Logística de resposta a desastres: o caso das chuvas no Vale do Paraíba Paulista em janeiro de 2010. In: XXXII Encontro Nacional de Engenharia de Produção. 2012, Bento Gonçalves. *Anais*... Bento Gonçalves: ENGEP, RS, 2012.

KESSEL, Zilda. *Memória e memória coletiva*. Disponível em: <http://www.museudapessoa.net/public/editor/mem%-C3%B3ria_e_mem%C3%B3ria_coletiva.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2017.

KRAUSE, Gustavo Bernardo. A arte de escrever com luz: memória, fotografia e ficção. In: *Figuraciones Teoria y Crítica de Arte*, Buenos Aires, v. 1 e 2, n. 1, 2003.

KOSSOY, Boris. *Realidade e ficções na trama fotográfica.* São Paulo: Ateliê, 2009.

KOSSOY, Boris. Fotografia e Memória: reconstituição por meio da fotografia. In: SAMAIN, Etienne (Org). *O Fotográfico.* São Paulo: Hucitec, 2005.

KOSSOY, Boris. *Fotografia e história*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. História Oral: muitas dúvidas, poucas certezas e uma proposta. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom (Org). *(Re)introduzindo a história oral no Brasil.* São Paulo: Xamã, 1996.

LEFEBVRE Henri. *O Direito a Cidade.* São Paulo: Moraes, 1991.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Unicamp, 1996.

LEIMIG, Laura. Eles não deveriam estar aqui. In: *Revista Isto É*. São Paulo: Editora Três, ed. 2096, 08/01/2010.

LEITE, Miriam Moreira. *Retratos de família*. São Paulo: Edusp, 2001.

LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira. *Arquitetura paulista:* história das moradias anteriores ao ecletismo trazido pelo café. São Paulo: Edusp, 1999.

LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira. *O que é patrimônio histórico*. São Paulo: Brasiliense, 2013.

LOBATO, Monteiro. *Cidades mortas*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

LOPES, José Rogério. O divino retorno: uma abordagem fenomenológica de fluxos identitários entre a religião e a cultura. In: *Etnográfica*, v. 16, n. 2, 2012. Disponível em: <http://journals.openedition.org/etnografica/1526>. Acesso em: 05 jul. 2017.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. Reflexividade e relacionismo como questões epistemológicas na pesquisa empírica em Comunicação. In: BRAGA, José Luiz; LOPES, Maria Immacolata Vassalo de; MARTINO, Luiz Cláudio (Orgs). *Pesquisa empírica em Comunicação.* São Paulo: Paulus, 2010.

LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. In: *Projeto História*. São Paulo, n. 17, 1998. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/11110/8154>. Acesso em: 06 jun. 2017.

LUZ, Rogério Ribeiro. *São Luiz do Paraitinga:* o último reduto caipira. São Paulo: BH Gráfica e Editora, 2004.

MARCHEZINI, Victor. *Janeiro de 2010, São Luiz do Paraitinga/SP:* lógicas de poder, discursos e práticas em torno de um desastre. 2014. 235 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2014.

MARQUES, Adhemar Martins (Org). *História do tempo presente*. São Paulo: Contexto, 2003.

MARTINS, José de Souza. *Sociologia da fotografia e da imagem.* São Paulo: Contexto, 2008.

MATTEDI, Marcos Antônio. *As enchentes como tragédias anunciadas:* impactos da problemática ambiental nas situações de emergência em Santa Catarina. 1999. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

MINISTÉRIO DA CULTURA. Brasil. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Patrimônio, Desenvolvimento e Cidadania. Brasil, 2009. Dossiê São Luiz do Paraitinga. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/baixaFcdAnexo.do?id=1332?>. Acesso em: 14 fev. 2017.

MINISTÉRIO DA CULTURA. Brasil. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Patrimônio, Desenvolvimento e Cidadania. Inventário Nacional de Referências Culturais - São Luiz do Paraitinga. São Paulo: MinC/IPHAN, 2010. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/>. Acesso em: 14 fev. 2017.

MONTEIRO, Allan Rodrigo Arantes. *Povoamento e formação da paisagem em São Luiz do Paraitinga*. 2012. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

MONTEIRO, Charles. História, fotografia e cidade: reflexões teórico-metodológicas sobre o campo da pesquisa. In: *MÉTIS: História e Cultura*. Universidade de Caxias do Sul, v. 5, n. 9, 2006, p. 11-23.

MONTERO, Paula. Reflexões sobre uma antropologia das sociedades complexas. In: *Revista de Antropologia*, n. 34, 1991.

MORADEI, Natalia dos Santos. *A grande enchente de São Luiz do Paraitinga – 2010*. 2016. 221 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura – área de concentração: Paisagem e Ambiente) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

MOREIRA NETO, Pedro Ribeiro. *Fotografia e histórias de vida:* famílias caipiras do Alto do Vale do Paraíba. 2002. 409 f. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

MULLER, Nice Lecocq. *O fato urbano na Bacia do Paraíba do Sul.* Rio de Janeiro: Fundação IBGE, 1969.

NERY, Rosa Maria de Andrade. *São Luiz do Paraitinga* – Reduto de Gente Bandeirante. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2014.

NEVES, Leandro Roberto. *Além da superfície*: A Produção das Trincheiras Espaciais Simbólicas. 2013. 192 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: *Projeto História.* São Paulo: PUC-SP, n. 10, 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763>. Acesso em: 08 abr. 2017.

NOVAES, Sylvia Caiuby. O uso da imagem na Antropologia. In: SAMAIN, Etienne (Org). *O fotográfico*. São Paulo: Hucitec, 2005.

OMEGNA, Nelson. *A Cidade Colonial*. Brasília: Ebrasa, 1971.

PAGAN, Rogério. Para morador, enchente foi um "castigo de Deus". In: *Folha de S. Paulo.* São Luiz do Paraitinga, 07/01/2010. Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1701201017.htm>. Acesso em: 09 jul. 2017.

PAGAN, Rogério. Em São Luiz do Paraitinga, Serra cobra rapidez de órgãos do patrimônio. *In: Folha de S.Paulo.* São Luiz do Paraitinga, 07/01/2010. Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u675929.shtml>. Acesso em: 09 jul. 2017.

PENNA, Rejane Silva. *Fontes orais e historiografia:* avanços e perspectivas. Porto Alegre: Edipucrs, 2005.

PEREIRA, Danilo Celso. Gestão Patrimonial no Brasil: o caso de São Luiz do Paraitinga. In: *Revista Geográfica de América Central.* San José, v. 2, n. 47E, 2011.

PETRONE, Pasquale. A região de São Luiz do Paraitinga. In: *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro: IBGE, v. 1, 1959.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. *In: Projeto História*, São Paulo: PUC-SP, n. 14, 1997. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11233/8240>. Acesso em: 08 jul. 2017.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na História Oral. In: *Projeto História*, São Paulo: PUC-SP, n. 15, 1997. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11215>. Acesso em: 08 jul. 2017.

PRADO JÚNIOR, Caio. *História econômica do Brasil.* São Paulo: Brasiliense, 1988.

PRADO, José, Benedito. *Taubaté*: cidade, educação, cultura e ciência. São Paulo: Noovha América, 2005.

PREFEITURA Municipal da Estância Turística de São Luiz do Paraitinga. Lei 1.651 de 29 de novembro de 2013 – Declara patrimônio material cultural a capela que tem como orago a capela de São Vicente de Paula, localizada na comunidade do Bairro do Alvarenga e dá outras providências. Prefeitura Municipal de São Luiz do Paraitinga, 2013.

PREFEITURA Municipal da Estância Turística de São Luiz do Paraitinga. Lei 10.652 de 29 de novembro de 2013 – Dispõe sobre o tombamento imaterial do Canto de Brão e dá outras providências. Prefeitura Municipal de São Luiz do Paraitinga, 2013.

PREFEITURA Municipal da Estância Turística de São Luiz do Paraitinga. Lei 1.466 de 31 de agosto de 2011 - Dispõe sobre a criação do Conselho do Patrimônio Histórico e Cultural de São Luiz do Paraitinga e dá outras providências. Prefeitura Municipal de São Luiz do Paraitinga, 2011.

PREFEITURA Municipal da Estância Turística de São Luiz do Paraitinga. Lei Complementar 1458. Revisão do Plano Diretor Participativo. Prefeitura Municipal de São Luiz do Paraitinga, 2011. Disponível em: <http://www.saoluizdoparaitinga.sp.gov.br>. Acesso: 31 jul. 2017.

PREFEITURA Municipal da Estância Turística de São Luiz do Paraitinga. Lei Complementar 1347. Criação do Plano Diretor Participativo. Prefeitura Municipal de São Luiz do Paraitinga, 2010. Disponível em: <http://www.saoluizdoparaitinga.sp.gov.br>. Acesso em: 31 jul. 2017.

PREFEITURA MUNICIPAL DA ESTÂNCIA Turística de São Luiz do Paraitinga. Orçamentos Anuais – Arrecadação. Disponível em: <http://www.saoluizdoparaitinga.sp.gov.br>. Acesso em: 31 jul. 2017.

RICO, Bruno. Ministério da Cultura libera R$10 mi para reconstrução de São Luiz do Paraitinga. In: *IG São Paulo.* São Luiz do Paraitinga, 12/01/2010. Disponível em: <http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil>. Acesso em: 09 jul. 2017.

ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta (Coords). *Usos e abusos de história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

SAIA, Luís; TRINDADE, Jaelson Bitran. *São Luís do Paraitinga.* São Paulo: CONDEPHAAT, Publicação n. 2, 1977.

SALCEDO, Rosio Fernández Baca. *A reabilitação da residência nos centros históricos da América Latina:* Cusco e Ouro Preto. São Paulo: Unesp, 2007.

SAMAIN, Etienne. *Fotografia e história.* São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

SAMAIN, Etienne. *O fotográfico*. São Paulo: Hucitec, 1998.

SAMUEL, Raphael. História local e história oral. In: *Revista Brasileira de História*, São Paulo: Anpuh; Marco Zero, v. 9, n. 19, set. 1989/ fev. 1990. Disponível em: <http://www.anpuh.org/revistabrasileira/view?ID_REVISTA_BRASILEIRA=22>. Acesso em: 05 abr. 2017.

SAMUEL, Raphael. Teatros da memória. In: *Projeto História.* São Paulo: PUC-SP, n. 14, 1997. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11234>. Acesso em: 11 jun. 2017.

SANTAELLA, Lucia. *Como eu ensino* - Leitura de Imagens. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

SANTOS, Carlos Murilo Prado. *A modernização do passado:* a reconstrução e a refuncionalização do patrimô- nio cultural de São Luiz do Paraitinga. 2015. 306 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

SANTOS, Carlos Murilo Prado. *O reencantamento das cidades:* tempo e espaço na memória do patrimônio cultural de São Luiz do Paraitinga/SP. 2006. 266 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

SANTOS, Daniel Messias dos. *Os Sentidos da Patrimonialização no Processo de Reconstrução de São Luiz do Paraitinga.* 2016. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais) – Universidade de Taubaté, Taubaté, 2016.

SANTOS, João Rafael Coelho Cursino. *A cultura como protagonista do processo de reconstrução da cidade de São Luiz do Paraitinga*. 2015. 424 f. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

SANTOS, João Rafael Coelho Cursino dos. *A festa do Divino de São Luiz do Paraitinga*: o desafio da cultura popular na contemporaneidade. 2008. 210 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

SANTOS, Milton. *A Urbanização Brasileira.* São Paulo: Edusp, 2008.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. *Memória coletiva e teoria social.* São Paulo: Annablume, 2003.

SÃO PAULO, Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo. Brasil. Resolução SC - 3, de 23 de fevereiro de 2010. Em complemento à Resolução SC-55/82, dispondo sobre as diretrizes para intervenções em bens tombados pelo Condephaat na cidade de São Luiz do Paraitinga, a fim de fazer frente aos danos causados por inundações ocorridas em janeiro de 2010. Disponível em: <http://www.cultura.sp.gov.br>. Acesso em: 30 jun. 2017.

SARAMAGO, José. Palavras para uma cidade. In: *Companhia das Letras*. O Caderno – Texto escrito em 15 de setembro de 2008. Disponível em <http://www.companhiadasletras.com.br/trecho.php?codigo=12845>. Acesso em: 29 jul. 2017.

SCIFONI, Simoni; RIBEIRO, Wagner Costa. Preservar: Por que e para quem? In: *Revista Patrimônio e Memória.* Assis: UNESP; CEDAP, v. 2, n. 2, 2006.

SILVA, Adriana de Oliveira. *Caminhos do Divino*: festa e cultura popular em São Luiz do Paraitinga e Lagoinha. São Paulo: Melhoramentos, 2013.

SILVA, André Luiz da. *A convivência da cultura popular:* um estudo sobre pluralidade de domínios, danças devocionais e a ação dos mestres no Vale do Paraíba. 2011. 256 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP, São Paulo, 2011.

SILVA, Degiovani Lopes da; VIEIRA, Maria Alice Ferreira do Amaral. *Sem rabo e sem chifre:* a evolução do carnaval das marchinhas na terra de Juca Teles do Sertão das Cotias. São Paulo: Edição do Autor, 2012.

SILVA, Fabiana Felix do Amaral. *Identidade cultural, culturas subalternas e patrimônio arquitetônico:* a experiência de São Luiz do Paraitinga. 2006. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

SILVA, Fernando Fernandes. *As cidades brasileiras e o patrimônio cultural da humanidade.* São Paulo: Edusp, 2012.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org). *Identidade e diferença:* a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

SONTAG, Susan. *Sobre fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

TOMAZELA, José Maria. Biblioteca ajuda a recompor centro histórico de São Luiz do Paraitinga. In: *O Estado de São Paulo*, 18 de dezembro de 2014. Disponível em: <são-paulo.estadao.com.br>. Acesso em: 10 set. 2017.

TEIXEIRA, Juliana de Oliveira. *A proposta metodológica da fotografia como disparadora do gatilho da memória:* aplicação à história de Telêmaco Borba – PR (1950-1969). 2013. Dissertação (Mestrado em Comunicação Visual) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.

TEIXEIRA, Manuel Correia. A Praça nas Morfologias Urbanas Brasileiras. Trabalho apresentado em 52º Congresso Internacional de Americanistas. Florianópolis, 2006. *Anais*... A Arquitectura na Cidade nas Américas. Diálogos Contemporâneos entre o Local e o Global, Florianópolis, 2006.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

TOJI, Simone. Patrimônio Imaterial: marcos, referências, políticas públicas e alguns dilemas. In: *Revista Patrimônio e Memória.* Assis: UNESP, v. 5, n. 2, 2009.

TRIBUNAL de Justiça de São Paulo. Assessoria de Imprensa. Disponível em: <http://tj-sp.jusbrasil.com.br/noticias/2458756/tjsp-inaugura-forum-100-digital-em-sao-luiz-do-paraitinga>. Acesso em: 10 jul. 2017.

TRIVIÑOS, Augusto Nibaldo S. *Introdução à pesquisa em Ciências Sociais.* A pesquisa qualitativa em Educação. São Paulo: Atlas, 2011.

TUAN, Yi-Fu. *Paisagens do medo.* São Paulo: UNESP, 2005.

TUAN, Yi-fu. *Topofilia:* um estudo da percepção, atitudes e valores no meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.

VERDE, Pedro Frazatto. *Cidades históricas atingidas por tragédia ambiental:* estudo de caso de São Luiz do Paraitinga (SP). 2013. 103 f. Dissertação (Mestrado em Urbanismo) – Pontifícia Universidade Católica de Campi- nas, Campinas, 2013.

## Sítios Consultados

www.adorosaoluizdoparaitinga.com.br

www.cidadao.sp.gov.br

www.correio.com.br

www.cpdoc.fgv.br

www.estadao.com.br

www.fsp.com.br

www.iphan.gov.br

www.museudapessoa.net

www.ovale.com.br

www.paraitinga.com.br

www.portallagoinhas.com.br

www.saoluizdoparaitinga.sp.gov.br

www.valeparaibano.com.br

www.vnews.com.br

# Anexos

## Anexo A – **Declaração de Cessão**

Eu_____RG_____, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, gravada em _____/____/____para o Sr. Celso Diniz Nobre, RG. 36.031.304-8, discente da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP usá-la integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data. Da mesma forma autorizo a terceiros a ouvi-la e transcrevê-la, ficando vinculado o controle da mesma ao referido senhor que tem a sua guarda. Abdicando direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente que terá minha firma reconhecida em cartório.

São Luiz do Paraitinga,

_____

jornal da Reconstrução

Ano 1 | nº 9 | São Luiz do Paraitinga | 2ª quinzena / Junho de 2010

# Para a cidade conviver com o rio

Entre os projetos para a reconstrução e melhoria da infraestrutura de São Luiz de Paraitinga destaca-se o plano de urbanização, arquitetura e paisagismo coordenado pelo arquiteto José Xaides de Sampaio Alves, professor da Unesp. Com apoio de uma turma de 12 alunos bolsistas, ele formulou uma proposta com base no conceito de "cidade permeável", que visa fazer com que a zona urbana conviva de forma harmônica com o Rio Paraitinga, precavendo-se de desastres futuros [*ver artigo na pág. 2*].

O plano contempla a construção de equipamentos públicos que, além de servirem à população, ajudem no caso de ocorrência de uma enchente tão grave quanto a do início deste ano. As novas edificações são agora pensadas para ajudar a diminuir a força das águas que naturalmente correm para o Centro Histórico, quando das enchentes, redirecionando seu fluxo para o leito do rio.

**Escola e passeio público**

O projeto prevê que um desses equipamentos, a Escola de Música, será construída onde ficava a Biblioteca Municipal, no meio de um quarteirão quase todo destruído. Os danos foram mais graves nessa área porque foi exatamente ali que passou o fluxo mais forte da correnteza, durante a enchente.

A Escola de Música deverá ser um centro de ensino e apresentações culturais, com auditório de 250 lugares e anfiteatro para 300 pessoas. Terá também uma espécie de "varanda musical", voltada para a Praça da Matriz, para shows e apresentações diversas. Ali também estará o Projeto Guri, o bem-sucedido programa de ensino da música para jovens e crianças.

Além da sua importância funcional, a construção poderá servir de anteparo e fazer as vezes de um dique, refreando a força e a velocidade da água. Já o anfiteatro, com uma curvatura estratégica, redirecionará o rio para fora do Centro Histórico, no caso de outro acidente.

O conjunto será integrado a uma Via de Parque, também prevista no projeto, que se estenderá por toda a margem do rio, paralela à Rua do Carvalho. Será uma área de lazer, propícia a caminhadas, pescaria e até mesmo como ponto para rafting urbano e de bóia-cross. Segundo o professor Xaides, integrar o rio ao cotidiano dos moradores é uma das intenções do projeto.

**Centro de Educação**

Outro equipamento público previsto é o Centro de Educação Socioambiental, Lazer, História e Esporte, a ser construído no local onde está o pátio de veículos da Prefeitura. Esta será uma área multiuso. Deverá ter programas culturais, como um museu de história natural; e de educação, esporte e lazer, como sala de ginástica, quadras e pista de skate abertos ao público. O plano é que ali se ministrem cursos de capacitação e oficinas culturais. De acordo com Xaides, há previsão de uma galeria para comercialização de produtos locais e de área para um heliponto.

Está nos planos construir uma grande passarela sobre o Rio Paraitinga, acima do nível atingido pela última enchente, interligando a área à saída principal da cidade e ao terminal rodoviário. Esse complexo, no caso de um novo transbordamento, servirá de abrigo para população, pois foi planejado para facilitar a saída das pessoas da cidade por meio de botes, pela passarela elevada e por helicópteros. A edificação da passarela, assim como a Escola de Música, servirá para redirecionar o fluxo da água para o leito do rio, facilitar o escoamento e proteger a cidade da força da correnteza e dos grandes objetos trazidos por ela.

Os planos do professor ainda prevêem a construção de um teleférico, para facilitar o acesso ao Morro do Cruzeiro e estimular que o local cumpra sua vocação de mirante da cidade, tornando-se mais um atrativo turístico.

**Praça de eventos**

Outra providência prevista no projeto é a nova localização do terminal rodoviário, transferido para uma área maior, à direita do Ginásio Poliesportivo, integrada a uma Praça do Carnaval e ao próprio ginásio. A ideia é criar um local propício para acolher os visitantes durante os períodos festivos e desafogar o Centro Histórico. O ginásio contará com um palco retrátil voltado para a Praça do Carnaval – um espaço privilegiado para a realização de shows.

O projeto básico já está pronto, o que não significa dizer que será logo executado. O professor Xaides informa que agora está se discutindo, junto à Prefeitura e aos Conselhos Municipais, a viabilidade e a urgência de cada uma dessas obras. Esse processo deverá ocorrer de forma participativa, para que a comunidade luizense opine e aponte suas prioridades. Para apoiar a realização do empreendimento, a Unesp está pesquisando fontes de financiamento e de incentivos públicos, no Brasil e no exterior. O argumento maior é a importância histórica e arquitetônica da cidade e sua condição no pós-enchente.

O plano de urbanização elaborado pela equipe da Unesp também pretende recuperar as Áreas de Preservação Permanente (APP). Para isso, será formatado um projeto paisagístico a ser aplicado na urbanização da cidade, valorizando espécimes da mata nativa. Prevê ainda um diagnóstico do sistema de habitação da cidade, pesquisando moradias sustentáveis que causem menos impactos nos terrenos e se harmonizem com a arquitetura característica do município. Também estão nos planos a construção de um portal para pedestres na futura praça do Residencial Casinha Branca, construído pelo CDHU, e, finalmente, a reforma do Cemitério Municipal.

foto: José Xaides

*Maquete da nova praça: as construções junto à margem do rio (à dir.) são previstas para funcionar como um dique contra a força das águas*

Reprodução

*Estudos produzidos para a área onde hoje está o terminal rodoviário têm o objetivo de criar um novo espaço de convivência e desafogar o Centro Histórico durante as grandes festas da cidade*

Reprodução

## Editorial

### *JR*, fase 1

*"O jornalismo é o exercício diário da inteligência e a prática cotidiana do caráter." [**Cláudio Abramo**, 1923-1987]*

Com esta edição, encerra-se a primeira fase do *Jornal da Reconstrução*. A existência deste jornal foi possível graças ao empenho de distintos atores envolvidos na revitalização de São Luiz do Paraitinga. Houve uma mobilização intensa, é fato, mas convém não esquecer que o processo apenas começou, deve levar alguns (espera-se) poucos anos e haverá de exigir ainda mais energias da comunidade – poder público e sociedade civil incluídos. Este jornal pretendeu registrar os primeiros seis meses desse trabalho, produzindo informação baseada em fatos e em fontes fidedignas. A equipe do *JR* entende que o direito à informação é um dos direitos básicos da cidadania, e por isso preocupou-se, sobretudo, em fazer jornalismo de interesse público.

A circulação dessas nove edições não teria sido possível sem o apoio da Universidade de Taubaté, por intermédio do Departamento de Comunicação Social, que proveu as condições de produção das pautas, da arte e da diagramação. Nossos repórteres são alunos do último ano do curso de Jornalismo e se deslocaram a São Luiz em transporte cedido pelo Poder Legislativo taubateano. Foram também decisivos o apoio institucional da Universidade Estadual Paulista (Unesp), o profissionalismo da Imprensa Oficial, responsável pela impressão e entrega da edição nos prazos acordados, e a presteza dos funcionários da Prefeitura em atender à reportagem do *JR*. Mas o fundamental foi você, para quem este jornal foi feito.


## Expediente

**Editor:** Luiz Egypto de Cerqueira (MTb 10.848)
**Secretária de redação:** Ângela Loures
**Chefe de reportagem:** Judas Tadeu de Campos
**Arte e diagramação:** Renata Maria Monteiro
**Alunos voluntários:** Maria Clara de Carvalho, Felipe Guerra, Pedro Funchal (reportagem); Vanessa Cunha (reportagem e diagramação)
**Colaboradores:** Chinica Medeiros, José Xaides de Sampaio Alves, Larissa Costa, Nana Vieira, Natália Moradei
**Apoio:** Câmara Municipal de Taubaté

O *Jornal da Reconstrução* é um projeto de extensão do Dept° de Comunicação Social da UNITAU e órgão informativo da Câmara de Desenvolvimento Socioeconômico de São Luiz do Paraitinga.
**Fale conosco:** jornaldareconstrucao@gmail.com

Jornalista Responsável: Ângela Loures
MTB 173/01/87v DRT-MS

Tiragem: 2.000 exemplares

# Planos para adiante

*Luiz Egypto (*)*

O desastre de janeiro, tirante o trauma que deixou no patrimônio e na alma luizenses, serviu para escancarar duas evidências. A primeira delas é a absoluta dependência de recursos públicos para enfrentar as necessidades do processo de reconstrução. Nada de novo, já era assim antes; este é um município pobre, sua arrecadação é pífia. A segunda tem a ver com o futuro: o que será de São Luiz do Paraitinga depois de encerrada a etapa de recuperação, tocada com um volume de recursos nunca antes visto por aqui?

A cidade desejada é um lugar melhor para viver, que seja sustentável, preserve sua identidade cultural e saiba educar suas crianças. Mas, como criar riquezas? O motor da economia do lugar há que ser, prioritariamente, o turismo? Há riscos de sedução por ideias tão delirantes quanto as que propõem o turismo de massa como forma de renascimento econômico do município?

São Luiz do Paraitinga não suporta multidões: tem infraestrutura frágil, embora seus encantos sejam superlativos. Sua vocação é para o turismo seletivo, constante e rentável. E o maior desafio para sua revitalização econômica é a atração de indústrias limpas. Engenharia de software, por exemplo. Um lugar agradável como este, servido por boas estradas e a 170 km de uma capital saturada e poluída, pode muito bem abrigar centros de programação de excelência, ligados à indústria da informática e à internet. Como pressuposto natural e imprescindível, um amplo programa de inclusão digital com foco na educação e na universalização de conexões em banda larga.

Impossível? Duvide.

*(*) Jornalista*

# O futuro do município

*Judas Tadeu de Campos (*)*

Na década de 1940, o Prêmio Nobel de Economia Friedrich Hayek disse uma frase que ficou famosa: "O principal é a economia, o resto é conseqüência".

Em 1920, São Luiz tinha uma produção agrícola e diversificada: arroz, milho, feijão, batata, mandioca, algodão, cana de açúcar, fumo, café, abacate, manga, pêra, laranja e banana. Esses alimentos eram, em grande parte, destinados ao abastecimento de cidades do Vale do Paraíba que estavam se industrializando ou ainda presas à decadente monocultura do café. Depois, veio a pecuária. Em 1960, dezenas de caminhões transportavam a produção leiteira para três usinas de processamento. Somente a usina local da Vigor recebia em torno de 780 mil litros mensais. A partir da década seguinte, o leite também foi diminuindo.

E agora, o que São Luiz produz? Do que vive a nossa economia? O que os 700 quilômetros de estradas vicinais transportam? Pelo jeito, muito pouco, pois mesmo com o incremento trazido pelo turismo, o que se percebe é que nosso comércio depende, basicamente, de uma clientela formada por funcionários públicos, trabalhadores braçais e aposentados. Quase todos vivendo de baixa e média renda. Por isso, o título deste texto poderia ser invertido: "Nosso município tem futuro?"

O futuro de São Luiz vai depender principalmente do que a nossa zona rural voltar a produzir. E para a reativação da economia agropastoril do município será preciso que se busque ajuda de agências de reconhecida competência, como a Embrapa, o Instituto Agronômico de Campinas e a Escola Superior de Agricultura da USP, em Piracicaba. Só pondo em prática as orientações técnicas dadas por instituições como essas, os bairros rurais poderão reativar nossa economia e se tornar um fator de um desenvolvimento sustentável.

Em outras palavras, o pensamento de Hayek continua atual.

*(*) Jornalista*

foto: Nana Vieira

*Parte do Centro Histórico, em imagem tomada de 2005: a Matriz será reerguida e a igreja do Rosário, recuperada*

# A cidade permeável

*José Xaides de Sampaio Alves (*)*

Os consistentes debates sobre hidrologia, meio ambiente, habitação social e patrimônio cultural, travados em diversos fóruns em São Luiz do Paraitinga, revelam como a administração municipal e a comunidade estão ampliando os espaços permeáveis à democratização do processo de gestão. É uma prática que vem do processo de discussão e aprovação do Plano Diretor Participativo do município.

De outra parte, a crise provocada pelas águas evidenciou o surgimento de novas oportunidades e mostrou como as permeabilidades técnicas e sociais podem filtrar conhecimentos que contribuam para a reconstrução sustentável do município

**Problemas e soluções**

As causas da violência – e a forma como as águas atingiram e destruíram parte do patrimônio material de São Luiz do Paraitinga – estão sendo estudadas por especialistas, mas já se projetam no conjunto de obras e ações articulados de forma a amenizar e controlar as ocorrências futuras, como o apontado pelos professores Aziz Ab'Saber e Kokei Uehara.

Com parâmetros científicos e o desejo de preservar os bens tombados da cidade, desenvolvemos o conceito de "Cidade Permeável" para os trabalhos de urbanismo, paisagismo e arquitetura realizados na área urbana tombada. Seu princípio é aceitar os fatos e propor soluções para que o Centro Histórico possa conviver com o rio e resistir tecnicamente a eventuais episódios tão graves quanto o de janeiro.

Será preciso cuidar para que o Rio Paraitinga estrague menos a cidade em seus momentos de fúria. Por isso, estão em discussão medidas ambientais de longo prazo, como a recuperação de matas nativas e ciliares, trabalhos emergenciais de contenção de encostas, correção da geomorfologia do rio, desassoreamento, rompimento de bloqueios de rochas, além de obras de engenharia "rio acima" e "rio abaixo".

**Novo e antigo**

A idéia desenvolvida para os projetos de arquitetura que estamos trabalhando é que estes sejam concebidos considerando o conceito de "permeabilidade", isto é, a possibilidade de convivência sazonal com novas enchentes.

O conceito de "Cidade Permeável" contempla o novo e o antigo. Busca a preservação da obras antigas e determina a concepção e execução das ações subsequentes de arquitetura, urbanismo e paisagismo. Seu intuito é contribuir para o fortalecimento da identidade de São Luiz do Paraitinga, e valorizá-la ainda mais no contexto brasileiro e internacional.

*(*) Professor da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Unesp – Bauru*

# Por onde respira a zona rural

A maior parte da área rural de São Luiz do Paraitinga já está com um aspecto melhor do que o observado no início do ano, quando pontes quebraram e houve queda de barrancos em diversos pontos. Em maio, o agricultor Benedito Pires dos Santos, conhecido como Dito Anacleto, do bairro do Bom Retiro, dizia que as condições das estradas já eram melhores do que nos meses anteriores, apesar das dificuldades para os veículos de maior porte. Sua família está entre os mais tradicionais produtores do município Ele mora a 12 quilômetros da cidade.

"Eu produzo de 80 a 100 litros de leite diariamente, e um caminhão vem buscar o produto. Na época da enchente ficamos isolados, e tivemos que improvisar para transportar o leite. Perdemos muito", disse. "Agora a estrada está um pouco melhor, mas qualquer chuva ainda prejudica bastante a passagem de veículos aqui."

**Feito e a fazer**

No final de junho a situação já era bem diferente. O filho de Benedito, Edson Pires dos Santos, planta verduras em uma propriedade próxima à residência do seu pai. Ele recolhe diariamente seus produtos e assegura que estão bem diferentes as condições das estradas que usa. Segundo ele, "a estrada está ótima agora: arrumaram as pontes e os problemas das encostas caindo. Melhor que isso, só se asfaltarem o trecho".

De acordo com Donizete José Galhardo, diretor de Agricultura e Abastecimento do município, a previsão é que até setembro 160 km de estradas rurais que tiveram problemas estejam em boas condições de tráfego. "Recuperamos 80 km de estradas em um primeiro serviço, e agora recuperaremos mais 79 km com um convênio federal. A Prefeitura já tem os equipamentos necessários para fazer as obras, que estão sendo realizadas sob a supervisão da Codasp (Companhia de Desenvolvimento Agrícola de São Paulo) e da Defesa Civil", informou. "Outros 100 km estão necessitando do mesmo tipo de serviço, e é o que estamos realizando neste momento."

São Luiz do Paraitinga tem 550 km de estradas rurais mapeados e estima-se que há outros 150 km não reconhecidos. As primeiras obras de recuperação priorizaram cerca de 260 km de estradas vicinais do município.

foto: Thiago Gustavo

*As estradas vicinais são decisivas para a reativação econômica da zona rural*

# Áreas de convivência

Muitos dos problemas de São Luiz do Paraitinga, agora destacados pela superexposição da cidade devido à catástrofe causada pela enchente do início do ano, são consequência de décadas de ausência de planejamento urbano e da devida fiscalização por parte da administração pública.

Um exemplo fácil de ser reconhecido é a situação de alguns núcleos urbanos constituídos de maneira irregular, em áreas de risco ou sem infraestrutura adequada. Muitos deles não apresentam as características prescritas em lei. A legislação prevê, por exemplo, a existência de áreas de convivência – como praças, parques e quadras esportivas.

Quando do loteamento de um terreno, devem ser reservadas áreas destinadas a fins públicos, assim como a infraestrutura básica de redes de água, esgoto, ruas e calçadas. A administração pública deve prover os equipamentos de interesse social, como escolas, creches, postos de saúde e áreas de convivência.

De acordo com a lei federal nº 6.766/79 (conhecida como "Lei do Uso do Solo Urbano), "os loteamentos, as áreas destinadas a sistemas de circulação, a implantação de equipamento urbano e comunitário, bem como a espaços livres de uso público, serão proporcionais à densidade de ocupação prevista pelo plano diretor ou aprovada por lei municipal para a zona em que se situem".

Não é isso que a realidade mostra. O bairro de São Benedito, por exemplo, não tem qualquer área destinada para fins públicos, por ter sido ocupado de forma irregular. Já o Alto do Cruzeiro, a Várzea dos Passarinhos e o bairro das Casas Populares (junto à rua onde fica o Cemitério Municipal) apresentam poucas áreas de convivência, que estão subutilizadas e sem atrativos para os moradores.

**Execução antecipada**

Outro bairro em situação complicada é o Santa Terezinha, resultado do loteamento de um terreno particular. A área foi dividida e os lotes vendidos, mas os proprietários da área não construíram a infraestrutura básica necessária, impedindo que os serviços públicos fossem realizados.

A arquiteta Natália Moradei, da assessoria de Planejamento da Prefeitura Municipal, informa que existem projetos específicos para a Várzea dos Passarinhos, como a recuperação da mata ciliar nos fundos dos lotes. E o bairro das Casas Populares, segundo ela, terá sua pracinha transformada em uma sala multiuso – para cursos, eventos culturais e reuniões da comunidade. Sobre o bairro Santa Terezinha, Natália afirma que a Prefeitura está realizando as obras para que, no futuro, equipamentos destinados ao bem estar dos moradores possam ser ali instalados.

O Plano Diretor do município prevê centros de convivência dotados de núcleos esportivos, culturais e recreativos. Este documento, aprovado em dezembro do ano passado, foi elaborado para ser desenvolvido no decorrer de dez anos. No entanto, segundo Natália, o aporte de verbas estaduais e federais em função do desastre havido na cidade pode fazer com que os projetos de infraestrutura sejam executados bem antes do previsto. Mas, por enquanto, são apenas projetos.

## fique ligado

**IPT avalia ponte principal**

A prefeita Ana Lúcia Bilard recebeu, em 22 de junho, relatório técnico do Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT) sobre a condição estrutural da ponte de concreto que cruza o Rio Paraitinga. Localizada na Av. Celestino Campos Coelho, nas proximidades da Praça Oswaldo Cruz, é bastante utilizada por veículos e pedestres que circulam no centro da cidade. Construída na década de 1930, a ponte apresenta infiltrações, trincas, rachaduras, corrosões e desalinhamentos, agravados com a enchente. A avaliação técnica mostra que os danos não apresentam riscos imediatos, porém as obras sugeridas devem ser feitas o mais rápido possível para evitar o agravamento do problema. O relatório aponta a necessidade de reparos nas armaduras de aço, além da reconcretagem e instalação de sistema de drenagem contra infiltrações. O documento indica como as obras devem ser executadas.

**Obra de contenção**

Começaram as obras de contenção na rua marginal ao Rio Paraitinga, na área tombada de São Luiz (*foto à direita*). Com a enchente, parte do calçamento cedeu. Para impedir novos deslizamentos, teve início o escoramento da área usando gabiões – segundo o dicionário *Aulete*, "estrutura flexível feita de tela de arame com que se resvestem taludes, canais, estradas (...) para protegê-los da erosão". São mais de 50 homens trabalhando em ritmo acelerado para que tudo esteja pronto em 90 dias. "Trabalhamos até nos fins de semana para cumprir o prazo", diz o mestre de obras Justino Pereira. Além da contenção de 3 mil metros lineares, será feito o recapeamento da via e a construção de calçadas.

foto: Chinica Medeiros

**Paisagismo**

Em 21 de junho houve uma reunião para tratar da arborização urbana das futuras novas entradas da cidade. A prefeita Ana Lúcia Bilard (abaixo, no fundo, à dir.) recebeu a engenheira agrônoma Eliana Maria Rangel de Almeida, do Instituto Florestal (a seu lado, ao centro), acompanhada da engenheira agrônoma Alcinéa Guimarães de Castro (atrás, à esq.), além de representantes da Coordenadoria de Biodiversidade e Recursos Naturais (CBRN) da Secretaria do Meio Ambiente: na fila da frente (da dir. para a esq.), Lilian Marcondes Braga (engenheira agrônoma), Cláudia Sato (bióloga) e Denise Cubas de Morais Prado (engenheira agrônoma).

foto: Natália Moraide

**Quadras esportivas**

São Luiz do Paraitinga está próximo de realizar uma das metas do Plano Municipal da Educação. Trata-se da construção de novas quadras poliesportivas, destinadas às atividades de lazer. Na zona rural serão construídas duas quadras e outras duas receberão cobertura. Na área urbana, será feita a revitalização do espaço localizado junto ao terminal rodoviário e a reforma Ginásio Poliesportivo.

A EMEF Joaquim Ribeiro de Almeida, no Bairro dos Caetanos, já está com a obra em andamento. A construção da quadras na EMEF Cassiana dos Santos Moreira, no Bairro dos Alvarengas e na EMEF João Gonçalves dos Santos, no São Sebastião, devem começar em julho.

# Quem batizou as ruas do centro

As principais ruas do Centro Histórico de São Luiz do Paraitinga, que homenageiam datas e pessoas consideradas importantes para o desenvolvimento do município, tiveram, antigamente, outros nomes. A seguir, um passeio por elas.

**Rua do Carvalho.** A mais antiga da cidade. Ali ficava a residência do fundador, o sargento-mor Manoel Antônio de Carvalho – daí a denominação dessa via. Em sua casa reunia-se o Conselho (equivalente à atual Câmara Municipal), antes de ser construída a primeira cadeia. A rua sempre teve essa denominação.

**Praça Dr. Oswaldo Cruz.** É a praça da Matriz. Desde 1928 homenageia a importante personalidade nascida em São Luiz. Além de higienista, Oswaldo Gonçalves Cruz foi o introdutor da ciência experimental no Brasil e eleito membro da Academia Brasileira de Letras, em 1913. Antigamente era chamada simplesmente de Pátio. Depois da construção da igreja, em 1840, passou a ser conhecida como Largo da Matriz.

**Rua Barão do Paraitinga.** O título era de Manoel Jacintho Domingues de Castro. Ele nasceu em São Luiz, em 3 de julho de 1810. Era um dos chefes políticos mais respeitados na Província de São Paulo e o único representante da nobreza imperial no município. Foi deputado estadual e agraciado com o título nobiliárquico por D. Pedro II. Por sua iniciativa, fundou-se na cidade, em 15 de dezembro de 1878, o Instituto Literário Luizense, onde se reuniam poetas, músicos e a parcela mais intelectualizada da elite local. Ficava no prédio onde hoje funciona a Prefeitura e tinha uma biblioteca com cerca de 2.000 volumes. O Barão do Paraitinga faleceu em sua cidade natal em 30 de novembro de 1887.

**Rua Coronel Domingues de Castro.** Filho do Barão do Paraitinga e também chamado Manoel Jacintho, foi deputado estadual, representando o Vale do Paraíba (que, à época, era chamado de "Norte de São Paulo"). Ele foi o autor do projeto de lei que criou os grupos escolares (agrupamento de escolas) em São Paulo. Por sua influência o Grupo Escolar Cel. Domingues de Castro foi o primeiro a ser instalado no Estado, em 30 de novembro de 1895. Antes, a rua foi chamada de Rua da Ponte, uma vez que havia uma ponte de madeira no exato local onde hoje existe a passarela; depois, Rua das Mercês e, a partir de 1859, Rua Direita, até 1905, quando, após a morte do coronel, recebeu o nome atual.

**Rua 31 de Março.** Recebeu esse nome em comemoração ao dia 31 de março de 1773, quando a povoação foi elevada à categoria de Vila, que lhe dava o direito a ter paróquia, Conselho (ou câmara) Municipal e pelourinho – este, uma pedra que representava a presença do poder do rei de Portugal. Servia também para punir os rebeldes, que eram ali amarrados. Depois da Independência, foi usada para castigar escravos. Até 1917, a pedra estava incólume, encimada por duas argolas. Naquele ano, para marcar o 13 de maio, Dia da Abolição, um negro de nome Egídio destruiu a peça a marretadas. Parte da pedra ainda está no local. Essa rua foi chamada de Rua da Cadeia e, depois denominada Rua D. Pedro II.

**Praça Euclides Vaz de Campos.** Major da Guarda Nacional, fazendeiro, farmacêutico e político, faleceu em 1957. Antigamente era chamada de Largo da Forca, pois ali ficava a primeira cadeia do município, onde também funcionava, no andar superior, o Conselho Municipal. Esse prédio ruiu durante a grande enchente ocorrida em 1864. Depois, chamou-se Largo da União.

**Rua Monsenhor Ignácio Gioia.** Homenagem ao padre italiano que foi vigário da paróquia de 1912 a 1961. Embora fizesse parte da nobreza italiana, em São Luiz viveu uma vida espartana, não acumulando qualquer bem material nos quase 50 anos de seu paroquiato. Desde a fundação da vila até meados do século 20, o local se chamou Rua do Rosário, pois em 1767 já existia ali uma igreja com essa invocação. Este primitivo templo foi destruído em 1915, para a construção da atual igreja do Rosário, inaugurada em 1921.

**Rua Cônego Costa Bueno.** João Antônio da Costa Bueno foi vigário em São Luiz em duas ocasiões. Ainda como padre, no período de 1891 a 1894, ele construiu a segunda torre a igreja Matriz; na outra fase de seu paroquiato, de 1898 a 1900, já possuia o título de cônego do cabido diocesano.

**Rua Floresta.** Ali começava a antiga estrada para Ubatuba, por onde passavam as tropas que levavam para o porto cerca de um terço de todo café produzido na Província de São Paulo. Subia o Alto do Cruzeiro (que até 1885 era chamado de Morro de São Sebastião, pois lá existia uma capela dedicada a esse santo), e a estrada continuava pelo atual Bairro dos Pimentas. Era em grande parte calçada com pedras irregulares, como as que até hoje pavimentam esta rua. Sempre teve esse nome.

**Rua Coronel Manoel Bento.** Também da família Domingues de Castro, era bacharel e foi o comandante da 3ª Cia. da Guarda Nacional em São Luiz do Paraitinga, que abrangia também as vilas de Lagoinha e Natividade da Serra. Esta rua é a mais recente entre as que compõem o núcleo histórico da cidade, por isso até hoje é conhecida popularmente como Rua Nova. Foi aberta por volta de 1870 e recebeu o nome oficial de Rua dos Fazendeiros.

# Sem saúde, sem descendentes

Há nove meses não nasce uma criança em São Luiz do Paraitinga. O problema não está relacionado com a fertilidade dos moradores, mas à falta de condições da Santa Casa de Misericórdia em oferecer atendimento médico a gestantes. A orientação dada pelos médicos é que as pacientes se dirijam a hospitais de Taubaté, Pindamonhangaba ou Aparecida para terem seus filhos.

Dispondo de trinta leitos, duas ambulâncias e uma sala radiológica precária, a Santa Casa enfrenta o que centenas de hospitais brasileiros conhecem bem – receita apertada para cobrir todos os gastos. Como entidade filantrópica, parte da renda da unidade vem da Prefeitura Municipal, a outra parcela é concedida pelo Estado e pelo Sistema Único de Saúde (SUS). A administração municipal também é responsável pela compra de soro e outros materiais.

A gestão da Santa Casa é feita pelo provedor Alfredo Nocera Filho. Com 45 funcionários, entre enfermeiros, atendentes e dois médicos que se revezam para prestar atendimento à população, a unidade não foi contemplada no plano de ajuda emergencial oferecido pelo governo do Estado de São Paulo, no início do ano.

Para Paulo Rogério da Silva, administrador da entidade, mesmo com tantas deficiências, a Santa Casa ainda consegue atender os pacientes com problemas de saúde menos graves. "O ideal seria se o hospital pudesse atender a todos os casos, sem precisar encaminhar as pessoas para hospitais de outras cidades", diz.

Foto: Clínica Medeiros

*Entrada principal da Santa Casa: há mais de um século prestando serviços de saúde à população*

**Centenária**

O primeiro prédio da Santa Casa de Misericórdia de São Luiz do Paraitinga ficava na Rua Benfica. Foi construído por iniciativa da Irmandade da Misericórdia Nossa Senhora da Conceição. Os fundadores dessa instituição, instalada em 1873, foram o vigário da paróquia, cônego Benjamim de Toledo Mello, o juiz municipal João Cândido Rodrigues de Andrade, seu primeiro provedor, e o médico Bento Gonçalves Cruz – pai do cientista Oswaldo Gonçalves Cruz –, o primeiro diretor clínico.

O prédio atual foi construído em 1900, por iniciativa da família Domingues de Castro, então uma das mais importantes da cidade. Até a década de 1970, a Santa Casa foi mantida pela Irmandade da Misericórdia e, na maior parte do período, dirigida pelos vigários da paróquia.

**Situação atual**

O *JR* acompanhou os trabalhos na Santa Casa na tarde de uma sexta-feira, 18 de junho. Não havia demora entre o cadastramento na recepção e a entrada dos pacientes para o atendimento médico. Mas foi registrado a chegada de uma ambulância transportando um cadeirante. Não havia enfermeiros para auxiliar na locomoção do paciente e o próprio motorista do veículo foi quem tomou essa providência.

"O atendimento não é adequado, precisa melhorar muito", diz Maria de Almeida, moradora da cidade, enquanto aguardava ser recebida pelo médico. Outro paciente, Edson José de Paula Andrade, afirma que não dá para criar expectativas quanto ao atendimento de saúde da cidade. "Quem tem doenças mais graves deve procurar os hospitais mais preparados; aqui só os casos simples", disse.

No hospital é possível realizar exames laboratoriais que não dependam de equipamentos modernos.

# Anexo C – Jornal da Reconstrução, ano 1, número 13, dezembro de 2010

## Eis o novo patrimônio cultural brasileiro

O ano de 2010 será um marco na história de São Luiz do Paraitinga. Por decisão do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), a cidade passou a ser patrimônio cultural do País. A decisão, tomada pelo Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural, também beneficiou os centros históricos de Paracatu (MG) e Natal (RN), a Igreja Positivista (RJ), o conjunto paisagístico da cidade de Cáceres (MT), o conjunto arquitetônico e urbanístico da Serra da Piedade (MG), peças do Patrimônio Naval e a Festa de Sant'Anna, em Caicó (RN).

Agora que São Luiz faz parte do patrimônio cultural do País, "seus bens ficam protegidos, por lei, contra demolição ou destruição das características que justificaram seu tombamento. A área no entorno também fica sujeita ao controle estatal, com o objetivo de preservar o ambiente e impedir que novos elementos obstruam ou reduzam sua visibilidade", explica Luiz Fernando de Almeida, presidente do Iphan.

O tombamento é um passo importante no esforço de preservação do local empreendido pelo Ministério da Cultura (MinC), que, após a enchente do início do ano, repassou R$ 9 milhões para a cidade.

"É uma cidade que tem um generoso patrimônio, ameaçado no início do ano pelas enchentes. O ministério se sensibilizou e conseguimos arrecadar no Governo Federal R$ 10 milhões, sendo R$ 9 milhões do Ministério da Cultura e R$ 1 milhão do BNDES. O Iphan tem cuidado de São Luiz do Paraitinga, no sentido da recuperação desses bens", salienta o ministro da Cultura, Juca Ferreira. "O Conselho e o Iphan estão de parabéns por terem reconhecido a riqueza e a importância cultural da cidade", completou.

GEVALDO CARVALHO

*A Igreja Nossa Senhora do Rosário foi a única que resistiu à grande enchente que inundou a cidade há um ano*

No início do ano, logo após a histórica enchente que causou prejuízo estimado em R$ 100 milhões, o Governo Federal repassou R$ 10 milhões para o escoramento de imóveis, a limpeza dos terrenos, o restauro dos santos e a preparação do Inventário Nacional de Referências Culturais. "Agora, com o tombamento, os recursos serão empregados na reconstrução da Capela das Mercês, no restauro da Igreja do Rosário, na recuperação e no projeto paisagístico da Casa Oswaldo Cruz e na compra de um imóvel na Praça Matriz, para abrigar a Casa do Patrimônio", explica Almeida.

### Tombamento

O dossiê de tombamento estava finalizado desde 2009, mas precisou ser atualizado após a enchente do início do ano. Entre os valores apontados no estudo, estão as características arquitetônicas e o traçado urbano singular dos períodos colonial e imperial.

O documento aprovado prevê a proteção de mais de 450 imóveis, numa área superior a 6,5 milhões de metros quadrados. Em 2011, o Iphan planeja comprar um imóvel para implantação de uma Casa do Patrimônio no centro histórico de São Luiz do Paraitinga. Será um centro de referência em preservação de todo o Vale do Paraíba, onde haverá um escritório técnico do Iphan. "A proposta da Casa do Patrimônio é de aproximação do instituto com a população local. Será um espaço para realização de atividades educativas e culturais, como oficinas, seminários, palestras, conversas, orientação técnica, exposições e eventos em geral, com o objetivo de aproximar a população e o Iphan", explica Leonardo Falangola, coordenador das ações emergenciais do Iphan em São Luiz do Paraitinga.

O tombamento abrange também a preservação visual do entorno. Em meio às montanhas da Serra do Mar, a importância do município histórico de pouco mais de 10 mil habitantes é também devido à sua paisagem natural. O entorno compreende o "mar de morros" que envolve a cidade, formando assim uma moldura verde que valoriza o conjunto arquitetônico. A área total de preservação visual ultrapassa 6,5 milhões de m².

### O que é tombar

A cidade foi tombada. O que isso significa?

Na prática, todos os imóveis de São Luiz do Paraitinga passam a ficar sob a tutela dos governos federal, estadual e municipal. Isso quer dizer que nenhum imóvel pode ser derrubado ou reformado sem a autorização oficial do Poder Público. Os proprietários, porém, mantêm os seus direitos de posse sobre o imóvel e podem até vendê-lo, se isso for do seu interesse (obrigando-se apenas a dar primazia ao Poder Público). E, em contrapartida, têm direito a benefícios fiscais.

### O que é um processo de tombamento

O patrimônio material protegido pelo Iphan, com base em legislações específicas, é composto por um conjunto de bens culturais classificados segundo sua natureza nos quatro Livros do Tombo: arqueológico, paisagístico e etnográfico; histórico; belas-artes; e das artes aplicadas. Eles estão divididos em bens imóveis – como os núcleos urbanos, sítios arqueológicos e paisagísticos – e bens individuais; e móveis como coleções arqueológicas, acervos museológicos, documentais, bibliográficos, arquivísticos, videográficos, fotográficos e cinematográficos.

O Arquivo também emite certidões para efeito de prova e inscreve os bens nos Livros do Tombo.

O tombamento é um ato administrativo realizado pelo Poder Público, nos níveis federal, estadual ou municipal. Os tombamentos federais são da responsabilidade do Iphan e começam pelo pedido de abertura do processo, por iniciativa de qualquer cidadão ou instituição pública. Tem como objetivo preservar bens de valor histórico, cultural, arquitetônico, ambiental e também de valor afetivo para a população, impedindo sua destruição e/ou descaracterização.

Pode ser aplicado aos bens móveis e imóveis, de interesse cultural ou ambiental. É o caso de fotografias, livros, mobiliários, utensílios, obras de arte, edifícios, ruas, praças, cidades, regiões, florestas, cascatas, etc. Somente é aplicado aos bens materiais de interesse para a preservação da memória coletiva.

Fonte: Iphan

## Editorial

### Presente de Natal

O que todo mundo esperava chegou como presente antecipado de Natal: São Luiz do Paraitinga ganhou a condição de patrimônio cultural brasileiro. O que isso significa? Na prática, a cidade passa a ter os seus bens materiais (no caso, o centro histórico e o seu entorno) preservados pelo Poder Público. A proteção significa que todos os bens (imóveis) receberão cuidados especiais dos governos federal, estadual e municipal. No caso de São Luiz, linhas de financiamento, para a restauração dos bens destruídos pela enchente, serão destinadas ao município. Além disso, o governo federal em parceria com a Prefeitura realizará cursos para melhoria da qualidade de vida e inserção social da comunidade local. Ganha a cidade, ganha a sociedade luizense.

Os proprietários dos imóveis podem ficar sossegados. O direito à propriedade permanece inalterado após o tombamento e o proprietário pode reformar ou restaurar o patrimônio desde que o projeto seja previamente aprovado. Por ter o bem tombado, o proprietário pode se candidatar a receber verbas oriundas de leis de incentivo à cultura ou, ainda, descontos nos impostos predial ou territorial. Em caso de venda, o Poder Público tem preferência sobre o imóvel.


## Expediente

**Jornalista responsável**
Almyr Gajardoni MTb 6.167

**Editor**
Tim Teixeira

**Editor-assistente**
Maria Lúcia Alamino

**Reportagem**
Claudeci Martins de Assis, Maria Lúcia Zanelli e Viviane Gomes dos Santos

**Revisão**
Dante Pascoal Corradini, Heleusa Angélica Teixeira, José Vieira de Aquino, Wilson Ryoji Imoto

**Edição de imagens**
Denise Campos

**Diagramação**
Márcio Caporrino Castanho

O Jornal da Reconstrução é um projeto de extensão do Departamento de Comunicação Social da Unitau e órgão informativo do Centro de Reconstrução Sustentável de São Luiz do Paraitinga, sob a coordenação da Prefeitura Municipal. Fale conosco: jornaldareconstrução@gmail.com

**Coordenadores**
Edson Wanderley Alves (Unitau); José Xaides de Sampaio Neves (Unesp-Bauru); Maurício Delamaro (Unesp-Guaratinguetá)

Tiragem: 2 mil exemplares

UNITAU unesp

produção e impressão

imprensaoficial


# Participe do Festival de Marchinhas

Até 7 de janeiro de 2011, o Departamento de Cultura e Turismo recebe inscrições de amadores e músicos profissionais interessados em participar da 26ª edição do Festival de Marchinhas Carnavalescas de São Luiz do Paraitinga. O júri do tradicional concurso da cidade divulgará as músicas finalistas no dia 12 de fevereiro.

O regulamento e a ficha de inscrição constam no *site* www.saoluizdoparaitinga.sp.gov.br/evento.htm. Cada participante poderá inscrever até duas composições inéditas. Deve apresentar cinco cópias da letra completa (com título e nome dos autores) e gravá-la na íntegra em CD ou fita cassete com identificação do título. O documento de cadastro e demais materiais devem ser enviados ao Departamento de Cultura pessoalmente ou pelo correio.

O júri será composto de artistas de renome nacional, como Suzana Salles, Chico César, Zeca Baleiro e Vanderléia. O diretor de Cultura, Benedito Filadelfo de Campos Netto, explica que a comissão avaliará melodia, letra, qualidade da apresentação e arranjo: "O festival é aberto a pessoas de qualquer lugar. No último festival, tivemos 95 inscrições, principalmente daqui, mas houve algumas de compositores do Vale do Paraíba, Grande São Paulo e até do Sul do País".

SERGIO COSTA

*No ano passado, o Festival de Marchinhas recebeu 95 inscrições*

Entre as inscritas, os jurados pré-selecionarão 20 composições, cujo resultado será divulgado a partir de 14 de janeiro no *site* da Prefeitura. Bandas contratadas executarão essas obras nos dias 4 e 5 de fevereiro. O júri escolherá as 10 músicas finalistas para a apresentação na semana seguinte, dia 12.

Os três primeiros lugares receberão troféu e prêmio em dinheiro: o primeiro lugar valerá R$ 2,5 mil; o segundo, R$ 1,5 mil; e o terceiro, R$ 800. Haverá ainda o reconhecimento do júri popular, com prêmio de R$ 500, e o de melhor intérprete, que receberá R$ 300.

XINICA MEDEIROS

*Festival em 2007: neste ano o 1º lugar vale prêmio de R$ 2,5 mil*

### Talento não tem idade

O carnaval de rua de São Luiz do Paraitinga foi retomado em 1981 com influência das festas do Rei Momo do Rio de Janeiro. Apesar da inspiração carioca, a cidade já tinha tradição de bandas musicais, que tocavam dobrado (gênero baseado em marchas militares).

A primeira edição do Festival de Marchinhas Carnavalescas de São Luiz do Paraitinga foi realizada em 1984, promovida pelo clube da cidade. Desde então, passados 25 anos, persiste o objetivo de revelar novos talentos, divulgar e preservar a marchinha, vertente musical de forte raiz na cidade.

Campos Netto é exemplo de que a veia musical pode ser descoberta precocemente. Ele e outros jovens, de 16, 17 anos, surgiram em 2001, quando se inscreveram no Festival de Marchinhas Carnavalescas e se surpreenderam com a conquista do segundo lugar. Criaram a Banda Estrambelhados para executar "marchinhas modernas" nas festas da cidade.

Na primeira edição do Festival de Marchinhas Carnavalestas, surgiram cerca de 20 músicas inéditas. Hoje, o acervo de São Luiz do Paraitinga computa 1,5 mil marchinhas.

### Serviço

O endereço para envio ou entrega de material é este: Prefeitura Municipal da Estância Turística de São Luiz do Paraitinga, 26º Festival de Marchinhas, Praça Oswaldo Cruz, 3, Centro, CEP: 12140-000.

## Notas

### Primeira creche

A Prefeitura comprou um terreno para construir a primeira creche na cidade. Localizada no bairro São Benedito, em frente ao novo conjunto da CDHU, a creche acolherá 200 crianças de zero a cinco anos. Com 2 mil metros quadrados, custou R$ 320 mil, possui uma casa pequena e pouco conservada. Cristina Póla Batista, assessora municipal de educação, diz que agora busca sugestões arquitetônicas para aproveitar bem a área disponível, obter soluções para adequar bem os ambientes e conseguir o máximo possível de área para lazer.

A creche deve ficar pronta em um ano, com investimentos de R$1,2 milhão. Se houver mais procura que vagas, a prioridade será dada a mães que trabalham e crianças em risco social.

### Capela das Mercês

O projeto de reconstrução da Capela das Mercês realizado pelo corpo técnico do Iphan foi aprovado, no dia 13 de dezembro, pelo Condephaat. Com a medida foi aberta a licitação para a execução do projeto. A empresa vencedora foi Arruda Associados Arquitetura e Urbanismo, de São Paulo. O orçamento para a restauração ficou em R$ 1,2 milhão. O prazo de entrega da igreja para a comunidade luizense é de 12 meses.

GENVALDO CARVALHO

*As ruinas da Capela das Mercês*

### Cores originais

A Suvinil doou 180 galões de tinta para a pintura dos prédios históricos de São Luiz do Paraitinga. O processo de pintura seguirá, à risca, as regras do Iphan e do Condephaat. A medida objetiva manter a cor original dos casarios, evitando assim a sua descaracterização.

### Sucesso da Feira

A Feira de Artesanato no Calçadão é um sucesso. Os turistas ficam encantados com a diversidade do artesanato local: peças em fuxico, barbante, colchas de retalho e, é claro, as famosas canecas com a imagem do Saci. Para a artesã Neide de Oliveira, a feira é uma maneira de mostrar tudo que é produzido no local. "Estou há oito anos em São Luiz do Paraitinga e, quando soube que havia vagas para montar a minha banquinha, fiz o cadastro para conseguir o alvará", explica. A feira funciona aos sábados (11 às 20 horas) e domingos (11 às 17 horas).

GENVALDO CARVALHO

*A Feira de artesanato no calçadão*

# Todo mundo atento: as chuvas estão aí

Com a chegada das chuvas, o principal alerta aos luizenses é ficarem atentos. A ordem é observar se há algo diferente em casa, terreno ou no entorno e procurar os técnicos da Defesa Civil, Prefeitura ou Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT). Os sinais de atenção mais preocupantes são trincas ou rachaduras na casa ou terreno, deslocamentos, escorregamentos ou insurgência de água (solo minado), informa Marcelo Fischer Gramani, geólogo e pesquisador do IPT. "Na dúvida, procure apoio técnico", orienta.

Outra recomendação de Gramani: antes de fazer qualquer intervenção (reforma, ampliação, escavação) na moradia, procurar orientação técnica para não colocar a segurança da família em risco. "Mudanças podem desestabilizar o local e trazer riscos. Mesmo após quase um ano da tragédia, os locais mais críticos ainda estão instáveis e precisam ser monitorados." Orienta-se, também, a só alugar imóveis fora das áreas de risco e de proteção ambiental.

A população receberá reforço de informações sobre como agir e quais medidas preventivas adotar com a *Operação Verão* que começa agora em dezembro e segue até março, lembra Marlon Robert Niglia, diretor do Departamento de Gerenciamento de Emergência da Coordenadoria Estadual de Defesa Civil. "Sabedora que as obras de desassoreamento do rio e de contenção de margens e encostas não estão finalizadas, a população deve ficar alerta."

SECRETARIA DE PLANEJAMENTO DA PREFEITURA DE SÃO LUIZ DE PARAITINGA

*A Secretaria de Planejamento mapeou os riscos e delimitou as ações a serem realizadas no Morro do Cruzeiro*

### Causas das enchentes

- Núcleo urbano concentrado na planície de inundação;
- Encostas com altura e declividade elevadas com solo pouco desenvolvido e vento chuvoso excessivo;
- Condições inadequadas de drenagem e saneamento;
- Aterro construído sem técnica adequada;
- Estrutura de moradia deficiente;
- Áreas sujeitas à inundação por conta de desmatamento e degradação do solo e ocupação de planícies (casas às margens do Paraitinga).

### Setores de risco

A Defesa Civil monitorará e fiscalizará as áreas de risco para minimizar possíveis danos causados pelas chuvas de verão, diz Niglia. Com o mapeamento feito pelo IPT, a Defesa Civil passou a conhecer os locais de risco e pode chegar mais rapidamente aos morros e áreas ribeirinhas, destaca Gramani. O controle se dará, também, por boletins meteorológicos acumulados do mês, grau de saturação do solo e boletins extras em períodos mais críticos, explica o pesquisador do IPT.

Os principais pontos do Relatório do IPT foram apresentados aos luizenses no seminário Planejamento Municipal e Áreas de Risco II – Vale do Paraíba. Aberto pelo procurador-geral de Justiça do Estado de São Paulo, Fernando Grella Vieira, o encontro teve a participação de dez promotores de Justiça, da prefeita Ana Lúcia Bilard Sicherle, de coordenadores da Defesa Civil, engenheiros e geólogos do IPT, dos representantes do Inpe, da CDHU e do Cepam, de arquitetos do Iphan e do Condephaat, entre outros.

Com 260 páginas, o documento mostra 31 setores sujeitos à inundação ou escorregamento e 818 moradias em risco. Cada setor tem sua ficha geológica e geotécnica (cartografia) e indica soluções de engenharia para eliminar o perigo e os procedimentos da Defesa Civil.

### Obras em andamento

O IPT classifica os riscos em quatro graus: muito alto, alto, médio e baixo. No grau mais elevado, estão Alto do Cruzeiro, Várzea dos Pássaros, Benfica e Casas Populares. De alto risco, está parte do Centro e Rua do Cruzeiro. Gramani frisa que os técnicos visitaram todos os locais e explicaram a situação aos moradores, além de entregar o relatório de vistoria à Prefeitura para a adoção das providências indicadas.

Por isso, nos locais de risco mais elevado os habitantes foram removidos e as obras necessárias estão em andamento. "A cidade conhece seus problemas, trabalha com os diagnósticos trazidos pelos órgãos competentes e faz intervenções para solucioná-los. Faz obras emergenciais quando o problema está instaurado e busca estratégicas para eventos críticos e está planejando o uso e ocupação do solo para haver equilíbrio ambiental", destaca Cristiane Bittencourt, coordenadora do Conselho de Planejamento da prefeitura.

"A atuação do Ministério Público tem sido muito intensa em Paraitinga e medidas cabíveis estão sendo tomadas para impedir novas enchentes e evitar que tragam danos tão caóticos", informa Paula Gizzi Pedroso, promotora de Justiça de São Luiz do Paraitinga.

### R$ 105 milhões

O promotor de Justiça de São Bento do Sapucaí, Ricardo Navarro Cabral, lembra que o Vale do Paraíba apresenta topográfica favorável a riscos, situação agravada pela ocupação rural e urbana equivocada. "Pelo cenário ambiental apontado pelo Inpe, Daee e IPT, a situação tende a piorar se não fizermos nada." A promotora cita a assinatura de Termos de Ajustamentos de Conduta (TAC) e reuniões com empresas e órgãos municipais, estaduais e federais para recompor 7 hectares de mata ciliar, congelar a ocupação irregular e realocar a população, assim como definir usos e ocupação de solo.

Balanço apresentado durante o seminário mostrou que o governo paulista já investiu mais de R$ 105 milhões em Paraitinga, reunindo esforços de dez secretarias para que a cidade volte à normalidade.

### Armadilha

O Rio Paraitinga tem 80 km de extensão, desnível de mil metros, morros altos e alongados, provocando cheias periódicas, de 2 a 4 metros acima do nível normal, em Paraitinga. A cheia histórica atingiu 11 metros.

MARCELO GRAMANI

*Todas as casas da cidade sujeitas a risco de desmoronamento já estão identificadas*

### Mapeamento do IPT

Danos trazidos pela grande enchente:

- 5.163 pessoas afetadas e uma morte;
- 437 imóveis dos séculos 18 e 19;
- 97 moradias destruídas;
- 134 casas, 6 edifícios públicos e 225 estabelecimentos comerciais danificados;
- 220 km de estradas e vias urbanas e 180 obras de engenharia (pontes, galerias) danificados;
- Prejuízo de R$ 141 milhões envolvendo infraestrutura, comércio e serviços, agricultura, pecuária e outros.

# Virada na Praça: música e muita alegria

Na terra em que a música é a alma do povo, a festa da virada do ano será celebrada com muita alegria e ritmos no calçadão e coreto Elpídio dos Santos da Praça Oswaldo Cruz. No dia 31, o primeiro *show* começará às 11 horas da manhã e o último só terminará depois das 3 horas da madrugada do Ano-Novo.

"São quase 24 horas de música sem interrupção. Ofereceremos a virada cultural, especial, ao luizense e ao turista, pois em 2010 não houve a celebração devido à chuva", informa o diretor de Cultura, Benedito Filadelfo de Campos Netto.

A programação está recheada. Entre os eventos, destaque para a banda Confrete – uma das referências do carnaval da cidade. Os dez músicos executam bateria, baixo, teclado, violão e cinco metais para interpretar, no estilo contemporâneo, canções de compositores da região. Entre eles, Elpídio dos Santos, Thar Ferreira, Galvão Frade, Marco Rio Branco. Na voz de Joana Santos, a banda, a partir das 14 horas, apresentará cerca de 40 músicas durante duas horas de *show*.

Às 17 horas, subirá ao palco Camilo Frade, novo talento de Paraitinga. Com apenas 13 anos, o menino-prodígio tem encantado as plateias. Foi notado aos 12, ao participar da Semana da Canção Brasileira do município. Seu repertório mescla música popular brasileira, incluindo composições de expoentes locais e outras de sua autoria.

MARCOS R. SANTOS

*Recebendo 2011: primeiras horas do Ano Novo serão celebradas na companhia de Tânia Moradei e sua banda*

**Agitar o público**

O pai, Álvaro José Frade, que acompanha a banda e toca violão, diz que a veia musical do filho vem da família. O menino compôs *Noite de São João* em parceria com Luana Pastorello e obteve o terceiro lugar no Festival de Música Junina 2010 de São Luiz do Paraitinga. Já se apresentou em eventos do Sesi (São José dos Campos, São Paulo) e festas de Paraitinga (Divino, São Luis Tolosa e carnaval). Na virada, a programação incluirá canções diversas, entre elas *Só Você* e *Eu* (Galvão Frade), *Pressentimento* (Elton Medeiros e Hermínio Bello de Carvalho) e *Capitu* (Luiz Tatit).

O grupo Quar'de Mata – banda de carnaval (marchinha) que leva nome de brincadeiras de Paraitinga com bola de gude – mostra seu trabalho às 23h30. Os irmãos Thar Ferreira e Marco Aurélio compõem as canções, cantam e reforçam a banda com a presença de músicos iniciantes ou amadores. Eles são rotativos e executam instrumentos de sopro, teclado, percussão e contrabaixo. Considerado "banda-escola informal", o grupo existe há 20 anos e já integrou de 15 a 20 jovens, revelações musicais. Marchinhas de Thar Ferreira e Marco Aurélio – como *Solte sua Linha*, *Morrer de Carnaval* e *Cai na Real* – prometem agitar o público na virada. Sem patrocínio até o momento, a banda está produzindo o disco *Deu na Creca*, com lançamento previsto para fevereiro de 2011.

As primeiras horas do Ano-Novo serão celebradas na companhia de Tânia Moradei e sua nova banda, que apresentarão as melhores marchinhas tocadas durante a festa de momo. Para esse *réveillon*, ela interpretará *Banzai* (Galvão Frade e Marco Rio Branco), *Sou Carnaval* (Galvão Frade) e outras.

ANGÉLICA DEL NERY

*O grupo Quar'de Mata vai subir ao palco às 23h30 do dia 31*

# Natal com sustentabilidade

São Luiz do Paraitinga terá um Natal diferenciado. A cidade, agora patrimônio nacional brasileiro, também investe em sustentabilidade.

As guirlandas e a árvore de Natal de 5 metros, espalhadas por toda a Praça Oswaldo Cruz, são feitas de material reciclável. "As garrafas *pet* foram recolhidas em toda a cidade. O pedido para a entrega das garrafas no Fundo de Solidariedade foi feito por meio de divulgação na Rádio Paraitinga. O pessoal colaborou e agora esse material se transformou em enfeite de Natal," explica Luíza Mitiko de Oliveira, presidente do Fundo de Solidariedade de São Luiz do Paraitinga. Segundo o *staff* da prefeita, em menos de um mês, foi recolhido todo o material necessário. Em 20 dias, os enfeites e a árvore de Natal estavam prontos.

O Natal luizense também é responsável socialmente. Mulheres da *Rede Cidadã* e voluntárias trabalharam na confecção dos enfeites natalinos.

GENIVALDO CARVALHO

*Guirlandas da Praça Oswaldo Cruz: também de material reciclável*

GENIVALDO CARVALHO

*Anjo do coreto: material reciclável*

O anjo que enfeita o coreto da praça é feito de material reciclável. As asas, por exemplo, são de papel-alumínio, reaproveitado das marmitas das refeições. "Todo o projeto foi executado com produtos do meu ateliê e da minha casa", diz o artista plástico Hélder dos Santos.

Não é a primeira vez que o Fundo de Solidariedade realiza Natal reciclável. "No ano passado, eu recebi o pedido da Prefeitura para fazer uma grande árvore cor-de-rosa em homenagem às mulheres da cidade. O resultado ficou excelente", finaliza Luiza.

GENIVALDO CARVALHO

*Luíza Mitiko: muitas garrafas pet*

## SOBRE O AUTOR

**Celso Diniz Nobre**

Doutor em História Social (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUCSP), Mestre em Geografia (Universidade de São Paulo - USP), Bacharel e Licenciado em Geografia (Universidade Estadual de Londrina - UEL). Pesquisador do Núcleo de Estudos de História Social da Cidade - NEHSC do Departamento de História da PUCSP. Experiências no Ensino Fundamental, Médio e Superior, com pesquisas nas áreas de Ensino (Educação de Jovens e Adultos / Educação e Trabalho), Geografia Agrária e História Oral (Memória, Cidade e Patrimônio).–

Orcid: 0000-0001-8677-9542

E-mail: cedinn@uol.com.br